

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Instituto de Psicologia**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**JACQUELINE CAVALCANTI CHAVES**

**CONTEXTUAIS E PRAGMÁTICOS: Os**  
**Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade**

**Rio de Janeiro**  
Dezembro de 2003

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Instituto de Psicologia**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**JACQUELINE CAVALCANTI CHAVES**

**CONTEXTUAIS E PRAGMÁTICOS: Os**  
**Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade**

Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do título  
de Doutor

Orientador:

**Lucia Rabello de Castro**

**Rio de Janeiro**  
Dezembro de 2003

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti

Contextuais e Pragmáticos: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade / Jacqueline Cavalcanti Chaves. – Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Psicologia, 2004.

x, 212 fls.

Tese (Doutorado em Psicologia Social e da Personalidade) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

Orientador: Lucia Rabello de Castro.

1. Amor. 2. Sexualidade. 3. Relacionamento amoroso. 4. Pós-modernidade. I. Título.

# **CONTEXTUAIS E PRAGMÁTICOS: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade**

Jacqueline Cavalcanti Chaves

Tese submetida ao corpo docente da Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lucia Rabello de Castro – Orientadora  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Lopes Besset  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Lila Lejarraga  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Amorim Garcia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Isabel Mendes de Almeida  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**Rio de Janeiro, Março de 2004.**

*Para minha mãe, por todo amor, pelo constante apoio e pelo exemplo de coragem e de generosidade.*

## Agradecimentos

Este trabalho é o resultado final de meu curso de doutorado o qual entendo como mais extenso e diverso do que o texto aqui apresentado. Ele faz parte de uma história marcada por inúmeras pessoas e acontecimentos, por percepções, questionamentos, *insights*, reflexões e construções de novas idéias, formas de amar e de viver. Escrever este "agradecimento" é resgatar um pouco desta história, nomear aqueles que ajudaram a construí-la. Gostaria de agradecer nominalmente a todos, porém isto não é possível por causa do espaço que esta relação ocuparia. Embora não possa dar nome a todos, ao longo destes quatro anos de doutorado, há pessoas que estiverem presentes mais intensamente e a elas quero agradecer em especial. Literalmente como em uma história, sigo a ordem da entrada em cena destes "personagens"...

À minha família, pelo ambiente de segurança, de estabilidade e de amor que me proporcionam e que me são fundamentais para ir adiante na vida. Especialmente à minha avó Maria Lucia, pelo seu constante carinho, e à minha prima Cecília que, inúmeras vezes, com paciência e rapidez me ajudou a resolver os "irritantes" e "assustadores" problemas da minha ferramenta de trabalho, meu computador.

Ao meu querido e muito grande amigo, Silvio de C. Andrade. Às minhas queridas e caras amigas, Heliana Tavares Attie, Carla Baggio de Carvalho, Liliane Secco, Adriana Gomes, Leila Ferreira e Thelma Lopes. Antes de tudo, agradeço a forte amizade. Cada um deles, em momentos, formas e intensidades diferentes, muito me ajudaram a ter forças, coragem, perseverança, *insights* e entusiasmo para levar a cabo este trabalho. Sou grata, ainda, pelo fato de terem me ajudado a respirar outros ares, explorar e usufruir outros ambientes, pensar em outras coisas diferentes de "doutorado" e "tese"!

A Lucia Rabello de Castro, por aceitar orientar minha pesquisa no Programa de Pós-Graduação e pela orientação propriamente dita. Mas, mais do que isto – o que já é bastante –, agradeço os convites feitos para trabalhar em sua pesquisa junto à sua equipe, escrever um artigo para seu livro e, mais recentemente, participar da comissão organizadora de um simpósio internacional sobre a juventude. Agradeço, ainda, a

confiança em mim depositada, e o exemplo de seriedade, de honestidade e de compromisso social no trabalho.

A Daniella C. de Oliveira e Jaileila de A. Menezes, companheiras de doutorado, amigas nascidas no ambiente acadêmico e crescidas no compartilhamento da vida. Ao longo destes quatro anos foram elas quem mais dividiram comigo as alegrias e as angústias sentidas com a construção da tese. Inúmeras vezes, foi graças ao apoio, ao estímulo e à escuta delas que consegui avançar em meu trabalho, sair da paralisia, amenizar o "peso" da escrita da tese e a solidão do trabalho. E mais, sou grata às conversas e aos encontros que me fizeram vislumbrar outros horizontes, fruir e rir. Agradeço especialmente a Jai que nos meses finais do curso de doutorado pacientemente me escutou e me incentivou a concluir este percurso e a ter esperança no porvir.

A Cristiana Carneiro, colega de doutorado, pela troca de idéias e de experiências, e pelas sugestões.

A Marta Rezende Cardoso, pelo convite para escrever um artigo para seu livro, e, principalmente, pelas inúmeras, longas e ótimas conversas.

À equipe de pesquisa da minha orientadora – Amana, Bruno, Camille, Carlos, Consuelo, Elaine, Helena, Heron, Renata e Sônia – com quem trabalhei ao longo de um ano e meio, compartilhei idéias, conhecimentos e, sobretudo, experiências de trabalho com jovens.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela bolsa de doutorado concedida.

A todos aqueles que me ajudaram a realizar a pesquisa de campo indicando jovens que eu pudesse entrevistar.

Finalmente, aos jovens entrevistados, pela disponibilidade para falar de suas crenças, práticas e expectativas amorosas. E, pelo estímulo que, sem terem consciência disto, deram-me fazendo com que eu acreditasse mais fortemente no meu trabalho e na necessidade de refletir sobre os relacionamentos amorosos, e renovasse o meu prazer em estudar este tema.

## Resumo

O objetivo deste trabalho é estudar os relacionamentos amorosos na pós-modernidade. Para tal fim, recorreu-se a uma bibliografia multidisciplinar e foi feita uma pesquisa de campo que consistiu em entrevistas realizadas com jovens cariocas de classe média, de 18 a 25 anos de idade. É apresentado um cenário social caracterizado, sobretudo, pela instabilidade e pela insegurança propiciados pela ênfase dada à flexibilidade, à pluralidade, ao tempo presente, à mudança e à liberdade individual entendida como viver como bem quiser e ter opções. Neste cenário, o convívio social é marcado tanto pela indiferença e apatia diante do outro, e solidão quanto pela solidariedade, empatia, e êxtase. As vivências afetivo-sexuais oscilam entre, de um lado, a superficialidade e a satisfação das sensações, e, de outro, a profundidade e a satisfação do sentimento formando um campo amoroso sincrético no qual, a princípio, é possível deslizar livremente. Esta alternância é facilitada pela ausência de regras e normas claras, fixas e rígidas que restrinjam as possibilidades de se ter satisfação sentimental e sexual. A regulamentação das relações amorosas e sexuais é feita pelo próprio indivíduo e o contrato que ajusta a convivência com o outro é flexível, pode ser alterado a qualquer momento, por qualquer uma das partes, em função das condições reais de vida de cada um deles, do contexto e da situação em que cada um está inserido. É necessário então se construir estratégias para se lidar com as diversas e próprias expectativas e necessidades, e para se negociar com o outro.

**Palavras-chave:** amor; sexualidade; relacionamento amoroso; pós-modernidade.



## Abstract

The objective of this work is the study of amorous relationships in post-modernity. We have for this purpose resorted to a multidisciplinary bibliography and carried out a fieldwork based on interviews with young *Carioca* middle-class people, in the 18 to 25 age group. It is presented a social setting characterized mainly by the instability and insecurity that results from the emphasis that is given to flexibility, to plurality, to the present time, to change and to individual freedom, meaning to live according to one's will and to have options. In this setting, social relationship is marked both by indifference and apathy before the other and by loneliness, as well as by solidarity, empathy and ecstasy. The affectionate-sexual experiences oscillate between, on the one hand, superficiality and the satisfaction of sensations and, on the other hand, the depth and satisfaction of the feeling, making a syncretic amorous field in which, in principle, it is possible to slide freely. This alternation is facilitated by the absence of clear, fixed and rigid rules and norms that will restrain the possibilities of getting sentimental and sexual satisfaction. The amorous and sexual relations are regulated by the individual himself and the contract adjusting the relationship with the other is flexible and can be changed at any moment, by any of the parts, according to the real life conditions of each one, and to the context and situation to which each one belongs. Thus, it is necessary to build strategies to deal with the different and proper expectations and needs, as well as to negotiate with the other.

**Keywords:** love; sexuality; amorous relationship; post-modernity.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	01
<b>I - PÓS-MODERNIDADE: A BUSCA DE FLEXIBILIDADE E</b>	
<b>PLURALIDADE .....</b>	<b>10</b>
I.1 - Descentralização do sujeito moderno e identidades múltiplas .....	25
I.2 - Presente perpétuo – perpétua mudança .....	33
I.3 - Uma concepção de liberdade cara à pós-modernidade .....	41
<b>II - AFETIVIDADES NA PÓS-MODERNIDADE .....</b>	<b>49</b>
II.1 - Ambigüidade: "Sim. Não. Depende" .....	51
II.2 - Desertificação de massa .....	59
II.3 - Circulação do sentimento .....	69
II.3.1 - "Estar – junto" .....	76
II.3.2 - Efervescência e fruição .....	82
<b>III - AMORES .....</b>	<b>87</b>
III.1 - Legado amoroso .....	94
III.1.1 - O ordenamento das práticas amorosas .....	111
III.2 - Relacionamentos amorosos na pós-modernidade .....	117
III.2.1 - Relações soltas .....	123
III.2.2 - Disjunção entre amor e sexualidade .....	129
<b>IV - PESQUISA DE CAMPO .....</b>	<b>136</b>
IV.1 - Constelação amorosa .....	152
IV.1.1 - Noção e elementos .....	156
IV.1.2 - Finalidade e valor .....	165
IV.2 - Práticas amorosas: superficialidade e profundidade .....	169
IV.2.1 - "Ficar com", ficar "ficando" e namorar .....	173
IV.2.2 - Experiência afetivo-sexual como divertimento .....	179

IV.3 - Estratégias de negociação .....	185
CONCLUSÕES .....	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	202
APÊNDICE: Os Jovens Entrevistados .....	210

## INTRODUÇÃO

A temática do amor já suscitou e continua a suscitar uma vasta produção artística e teórica, além de ser tema e acontecimento marcante na vida cotidiana de grande parte dos indivíduos. O modo como o amor é tratado e vivido varia de acordo com aquele que o aborda e com o momento religioso, histórico, político, social e cultural em que se vive. Afirmar isto é dizer que entendemos o amor não como algo natural, inerente ao ser, sentido e experimentado da mesma maneira por todos em qualquer lugar e período histórico. Muito pelo contrário, pensamos que a noção de amor é sempre construída e datada. Entendemos o amor como um sentimento que expressa uma crença emocional, isto é, paralelamente ao sentimento amoroso há crenças e julgamentos que fazem com que o amor possa vir a ser transformado. Essa mudança diz respeito tanto ao indivíduo quanto à sociedade em que ele está inserido. Isto significa que ela ocorre em função das expectativas e práticas amorosas e das necessidades dos indivíduos, bem como das condições sociais mais amplas. Assim, quando nos propomos a estudar os relacionamentos amorosos acreditamos ser necessário contextualizá-los, definir de onde e de que momento falamos. Mais do que uma contextualização em si, é preciso pensar a respeito do impacto de determinadas condições culturais, sociais e políticas sobre os relacionamentos.

Preocupados com este recorte, fazemos uma abordagem multidisciplinar; recorreremos a estudos das áreas da psicologia, da filosofia, da sociologia, da antropologia e da história para discutir o nosso tema. Como veremos ao longo do trabalho, para tentar compreender a complexidade da subjetividade e das relações humanas é preciso romper com o paradigma determinista que tem caracterizado as ciências humanas e restituir o diálogo entre as disciplinas. Buscar este diálogo está longe de ser uma tarefa fácil, no entanto acreditamos que se trata de um exercício profícuo porque possibilita a análise de um objeto através de múltiplos fatores que o determinam. Assim, trabalhando desta maneira temos a chance de aumentar os olhares e compreender mais amplamente o fenômeno amoroso. De qualquer modo, pensamos que é difícil exaurir tema tão complexo e vasto, que ao estudarmos os relacionamentos amorosos estaremos sempre falando de um determinado ponto de vista. Ademais, como a literatura que discute acerca da atualidade tem mostrado, o mundo contemporâneo tem

se tornado cada vez mais fragmentado e complexo em diversos setores, tais como o social, o geopolítico e o econômico, o que nos impele a falar, sobretudo, de facetas, de tendências e de movimentos mais dominantes do que exclusivos.

Estudar o amor é se debruçar sobre assunto que todos e qualquer um sempre terão algo a dizer, acrescentar, reparar, questionar ou duvidar posto que diz respeito à vida e à intimidade do indivíduo independentemente de sua formação acadêmica, área de trabalho, filiação institucional etc. Não acreditamos em verdades únicas nem em conclusões definitivas; não achamos possível, e talvez nem desejável, um distanciamento completo do objeto de estudo e uma neutralidade absoluta sobre aquilo que é investigado. Neste sentido procuramos estranhar o objeto/tema que nos é próximo e familiar, e sabemos que nossas afirmações podem e, muito provavelmente, devem vir a ser entendidas como parciais. O que pretendemos é trazer mais um olhar, uma leitura, uma interpretação sobre os relacionamentos amorosos, a qual nos ajude a compreender as relações afetivo-sexuais forjadas na atualidade. Cabe dizer aqui que há anos o tema dos relacionamentos amorosos vem sendo objeto de interesse e estudo da autora. Salientamos seu trabalho acerca do "ficar com" e seu artigo que reflete sobre os modos como o indivíduo lida com a ambivalência de sentimento na contemporaneidade<sup>1</sup>. Um interesse assim longo tem como razões o fascínio pelo tema e a compreensão de que através de sua análise é possível refletir sobre o sujeito e o contexto no qual ele está inserido, os elementos que compõem as relações amorosas bem como as relações humanas de maneira geral. Isto quer dizer que através da análise dos relacionamentos amorosos é possível vislumbrar mudanças que se façam necessárias para as relações íntimas e também para as relações sociais mais amplas. A presente pesquisa se inspira nos estudos anteriores quando retoma, amplia e aprofunda algumas idéias já abordadas, e leva adiante a discussão deste tema fazendo um novo recorte e construindo uma nova questão.

Por exemplo, no estudo acerca do "ficar com" o objetivo principal era o de definir este código de relacionamento investigando o seu significado e os seus usos,

---

<sup>1</sup> O trabalho sobre o "ficar com" se refere à Dissertação de Mestrado, orientada por Sérvulo Augusto Figueira, apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a qual foi transformado em livro, "Ficar Com" – Um Novo Código entre Jovens (1ª ed. Editora Revan, 1994 [3ª ed. 2001]). O artigo "Amor e ódio nos relacionamentos afetivos da contemporaneidade" foi escrito durante o curso de Doutorado e publicado no livro Adolescência: Reflexões Psicanalíticas, organizado por Marta Rezende Cardoso (Editora NAU / FAPERJ, 2001).

quem é o agente dessa ação, onde e como ela se dá, e mapeando o contexto cultural e social no qual ela ocorre. A partir daí, percebeu-se a tentativa do indivíduo de experimentar uma prática amorosa que lhe propicie prazer máximo e compromisso (com o outro) mínimo, dê alguma satisfação sem correr o risco, ou minimizando-o, de sofrer por causa de um abandono, uma rejeição ou frustração. Verificou-se também que ao mesmo tempo em que o indivíduo pratica o "ficar com" ele espera ter um relacionamento estável onde haja amizade, compromisso, respeito pelo outro, confiança, companheirismo e sinceridade. Ele deseja levar adiante uma relação com um outro, compartilhar o seu cotidiano, mas não suporta por muito tempo a rotina nem consegue abrir mão do prazer próprio. Espera ganhar de todos os lados e sem sacrificar qualquer uma de suas possibilidades. Uma pergunta que ficou em aberto nesse trabalho e que agora nos colocamos é: esse indivíduo que "fica com" e sonha com um relacionamento no qual os aspectos citados acima, entre outros, estejam presentes tem consciência da distância entre sua prática e sua expectativa? Se ele percebe esta discrepância, o que ela desencadeia nele? E como ele lida com ela?

De acordo com o que foi visto na pesquisa sobre o "ficar com", a princípio o indivíduo parece mais preocupado com a fruição, com a obtenção de um prazer de maneira fácil e imediata, ou seja, ele se volta mais para o ato do que o pensar reflexivo, sendo que, de modo geral, este ato não costuma se tornar objeto de reflexão. Entendemos que o pensar reflexivo demanda um esforço, um trabalho psíquico que talvez o indivíduo não esteja disposto ou não se sinta capaz de realizar. Ademais, devemos nos perguntar se a sociedade em que o indivíduo vive propicia ou estimula o pensamento reflexivo. Se olharmos para o ritmo de vida da atualidade, as inúmeras e diferentes demandas que são feitas a ele, as várias máquinas que executam diversas tarefas sem que se tenha muito trabalho – exceto a aprendizagem inicial de funções básicas –, e os bens e serviços oferecidos pela sociedade de consumo – a maioria deles pronta para ser facilmente consumida – constataremos que o indivíduo não tem sido muito habituado a pensar de modo reflexivo. E mais, que talvez junto à não reflexão ele seja estimulado a esquecer... Esquecer a História, as incongruências, os conflitos, o sofrimento. Substituir ou mascarar o que pode haver de mal-estar e de tristeza pelo consumo de aventuras turísticas, esportivas, afetivo-sexuais e químicas, consumo de bem-estar e de diversão.

Da mesma maneira que vimos surgir nos anos 80, em grandes centros urbanos brasileiros, o código de relacionamento "ficar com", perguntamo-nos se outras práticas afetivo-sexuais foram ou estão sendo forjadas na atualidade. Propomo-nos a pensar sobre os relacionamentos amorosos sob condições pós-modernas e uma de suas características é a pluralidade. Esta é propiciada pela expansão do consumismo; pelos avanços das tecnologias e da indústria cultural; pela flexibilização da geopolítica, da economia, das formas de produção, e das normas e regras que orientam e regulamentam a vida do indivíduo; e pela descentralização do sujeito moderno. A pluralidade coloca o indivíduo de frente a uma multiplicidade de identidades, valores, ideais, costumes e estilos de vida, a qual se por um lado pode fazer com que ele se sinta desorientado, por outro, lhe dá a sensação de ser livre, de ter uma enorme gama de opções a serem escolhidas. Neste contexto plural e flexível, diversas trocas simbólicas podem vir a ser feitas e facilitar a construção de novas expectativas e práticas amorosas. É preciso salientar também como a novidade, a vivência do novo e do inusitado é valorizada pelo indivíduo e enfatizada pela sociedade de consumo. Isto põe em marcha um movimento constante no sentido de se buscar sempre experiências novas e diferentes que proporcionem satisfação, de preferência, imediata. Resta-nos saber quais as estratégias utilizadas pelo indivíduo a fim de lidar com a heterogeneidade, como ele a metaboliza ou qual o sentido que ele dá a ela. De todo modo, pensamos que a pluralidade e a mudança freqüente fazem com que ele se depare a qualquer momento com a experiência da instabilidade e da incerteza e que isso pode fazer com que ele se sinta mais inseguro e vulnerável. As soluções ou saídas encontradas por ele talvez sejam, na maioria das vezes, precárias, contextuais e situacionais, isto é, deverão ser alteradas constantemente em função do contexto no qual ele está inserido e de suas necessidades, desejos, experiências e possibilidades reais na situação específica. A partir daí o indivíduo precisará aprender a negociar permanentemente.

Trata-se de uma negociação do indivíduo com os demais, e dele com ele mesmo, na qual ele terá de adiar ou modificar algumas expectativas a fim de atender aos seus interesses e às suas necessidades mais prementes ou suas possibilidades concretas. É possível que o arranjo realizado com os outros se torne tenso e conflituoso se cada um insistir em não abrir mão de algumas de suas oportunidades de obter prazer, se priorizar o tempo todo a própria liberdade e o bem-estar individual, se olhar com apatia e

indiferença para as necessidades e os desejos daqueles que estão a sua volta. Se assim o fizer corre o risco de contribuir para a construção de um ambiente social inosso, inóspito e desértico, no qual talvez ele acabe por se sentir sozinho e desamparado. No entanto, apesar de inúmeras vezes superinvestir na esfera privada da vida e desinvestir emocionalmente ou investir superficialmente no público, o indivíduo tem a expectativa de viver relações emocionais intensas. Isto nos leva a pensar na profundidade e na qualidade intensiva destas relações, bem como no tipo de satisfação que ele obtém nelas. Em um ambiente como aquele, supomos a existência de uma profundidade rasa e de uma intensidade emocional pontual, efêmera e hedonista. Esse modelo de profundidade e essa qualidade intensiva podem facilitar a flutuação do indivíduo por diversos grupos, o investimento dele em diferentes pessoas sem que, por exemplo, o abandono de uma delas venha a se tornar algo muito doloroso. A entrada e a saída naqueles grupos se fazem de modo mais espontâneo e guiadas por interesses específicos. Se por um lado o ambiente social pode se revelar desértico, por outro, devemos observar a rede que oferece ajuda, apoio e pertencimento ao indivíduo, mesmo sendo formada por meio de ajuntamentos pontuais, de relações mais temporárias e de composições cambiantes. Se em um momento ele se sente só e desamparado, em outro, ele vive situações de grande alegria, empatia e êxtase. Aí, mais uma vez, serão necessários negociações, mecanismos e estratégias que propiciem aos indivíduos o manejo da instabilidade e das mudanças freqüentes.

É a partir deste contexto mais amplo que investigamos os relacionamentos amorosos. Especificamente, nosso objetivo é analisar a maneira como certas características da pós-modernidade estruturam as vivências amorosas. Como questões de fundo, perguntamo-nos o que hoje se entende por amor, o valor dado a ele, o lugar que ele ocupa na vida de homens e mulheres, suas expectativas e práticas amorosas<sup>2</sup>. Acreditamos que o estudo sobre os relacionamentos amorosos pode nos ajudar a compreender as tensões, as satisfações e as frustrações que os indivíduos vivem em suas relações afetivo-sexuais sob condições pós-modernas, e a falar de algo que lhes é tão

---

<sup>2</sup> Apesar de tratarmos dos relacionamentos amorosos na/da pós-modernidade é preciso deixar claro que optamos por não investigar as relações amorosas virtuais, ou seja, aquelas intermediadas pelo uso do computador, da Internet, porque esta investigação implicaria no aprofundamento de discussões relacionadas às tecnologias, aos meios de comunicação, e levaria à construção de um outro trabalho. Embora saibamos da importância deste tema, escolhemos centrar nossa pesquisa nas práticas afetivo-sexuais vividas no mundo físico e deixar a questão dos amores virtuais para trabalhos futuros.



íntimo e que faz com que aproximações e ligações entre pessoas sejam feitas. Do mesmo modo, podemos vir a entender o que hoje alguns chamam de crise do amor e que nos parece se configurar não como crise, mas sim como transformação. Transformação que está em curso, na qual estamos todos imersos e que, por isso mesmo, faz-se mais difícil de analisar. Em suma, neste trabalho pensamos sobre o que é próprio ao indivíduo, diz respeito à subjetividade construída na pós-modernidade, e o que se refere à relação com o outro. Em um ambiente que por vezes se assemelha a um deserto apático, rompido por acontecimentos efêmeros e efervescentes, parece-nos ser bastante pertinente discutir as relações amorosas. Para tal, partimos da análise de uma série de trabalhos de áreas diversas até chegarmos à pesquisa de campo que consistiu de doze entrevistas realizadas com jovens de classe média, de 18 a 25 anos de idade, moradores da cidade do Rio de Janeiro. Embora o objetivo desta tese seja estudar os relacionamentos amorosos do indivíduo que vive sob condições pós-modernas, interessa-nos pensar, principalmente, sobre a perspectiva do jovem.

Ao estudarmos os relacionamentos amorosos certamente falamos de amor e de sexualidade, mas, como bem mostram, sobretudo, os historiadores, estes são dois objetos diferentes, embora estreitamente imbricados (Duby, 1991). Foi com o amor romântico que a sexualidade foi incluída na semântica do amor, que a integração de ambos se tornou possível, que o componente sexual passou a ser percebido como essencial para o código amoroso (Luhmann, 1991). Então, apesar de abordarmos tanto o amor quanto a sexualidade, apontarmos tanto para a satisfação sentimental quanto para a satisfação sexual, pretendemos enfatizar a questão amorosa, os *relacionamentos* amorosos. E mais, quando refletimos sobre o amor, seu significado e seu valor (importância do amor), as práticas e as expectativas amorosas, entendemos que a análise deste campo não deve se restringir às diferenças de gênero. Pensamos que homens e mulheres podem dar ao amor valor e significado distintos, construir expectativas diversas em relação a ele, vivenciar as práticas de maneiras também diferentes. No entanto, embora neste trabalho mostremos diferenças de gênero no que se refere às relações afetivo-sexuais, queremos ressaltar a multiplicidade presente em cada um dos indivíduos independentemente do gênero. Tanto homens quanto mulheres têm experiências, necessidades e expectativas diferentes frente ao relacionamento amoroso, as quais nos parecem ser transitórias, contextuais e situacionais.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro deles trazemos alguns aspectos da pós-modernidade que nos ajudam a mapear e problematizar o contexto mais amplo em que o indivíduo está inserido e as relações afetivo-sexuais se desenrolam. É preciso deixar claro que as reflexões que fazemos se referem, basicamente, à sociedade ocidental e que procuramos, sempre que possível e necessário, abordar a situação brasileira. Embora o trabalho seja sobre os relacionamentos amorosos na pós-modernidade, interessa-nos, mais especificamente, pensar sobre o caso brasileiro. Assim, por exemplo, é que fazemos referência à questão do sincretismo no Brasil. Do mesmo modo, quando tratamos do "ficar com" estamos falando de uma prática amorosa característica do país. Apesar de fazermos referência ao indivíduo que vive sob condições pós-modernas, nossas reflexões se guiam principalmente pelas vivências amorosas de homens e mulheres pertencentes às elites e classes médias brasileira. Isto ficará mais evidente no terceiro capítulo quando abordamos especificamente os amores, e no quarto capítulo onde expomos e discutimos as entrevistas realizadas com jovens cariocas de classe média. Iniciamos, no primeiro capítulo, com uma discussão sobre a pós-modernidade enfatizando dois aspectos que lhe são caros, a flexibilidade e a pluralidade, e que parecem ter um impacto profundo sobre os relacionamentos amorosos. Mostramos como o sujeito moderno foi descentralizado deslocando o indivíduo em relação a si mesmo e ao lugar que ele ocupa no mundo social e cultural, resultando em identidades múltiplas, abertas e inacabadas. Discutimos como o indivíduo vive orientado principalmente para o curto prazo, para um tempo presente que supostamente tem pouco ou nada a ver com o passado e o futuro. Por fim, ressaltamos a valorização que é feita da liberdade individual entendida como viver como bem quiser e ter opções.

No segundo capítulo, examinamos as afetividades que marcam o ambiente social e as relações que são construídas sob condições pós-modernas. Primeiramente refletimos sobre a noção de ambigüidade assinalando a possibilidade de um mesmo acontecimento ou ação ser visto e interpretado em mais de um sentido. Em seguida, trazendo a contribuição de autores mais críticos e céticos, e de outros mais otimistas, discutimos as relações sociais forjadas na atualidade e os afetos que as marcam. Assinalamos o hedonismo do presente que junto à valorização da liberdade individual, à indiferença e ao desprendimento emocional favorecem o processo de "desertificação de

massa" (Lipovetsky, 1983). Em um ambiente social que, por vezes, parece desértico e apático, pressupomos haver relações mais superficiais, afetos esmaecidos e intensidade emocional pontual, efêmera e hedonista. Após discutir a desertificação de massa, suas características e efeitos, enfatizamos uma outra faceta que também retrata nosso cenário social. Pensamos na errância como vetor de socialização, na multiplicação de encontros que pode ocorrer e fazer com que os sentimentos/investimentos do indivíduo circulem. A circulação do sentimento traz, ao mesmo tempo, um grande dinamismo para as relações afetivas e uma certa promiscuidade caracterizada por uma mistura desordenada. Para nos auxiliar a pensar sobre este ponto, examinamos o "estar-junto" (Maffesoli, 2000) e as situações de fruição e efervescência, chamando atenção para a empatia, a satisfação com o simples estar-junto, a alegria, a excitação, o prazer e o êxtase das ocasiões festivas e efervescentes.

Iniciamos o terceiro capítulo problematizando a questão do amor, mostrando a existência de diferentes noções de amor, as quais são construídas a partir de influências históricas, religiosas, culturais e sociais. Traçamos o legado amoroso da pós-modernidade a partir de uma discussão a respeito do amor romântico tentando encontrar elementos que ajudem a compreender o que hoje é chamado de amor. Reportamo-nos especificamente à situação brasileira para pensar sobre a ordenação – a regulamentação e o encadeamento – das práticas afetivo-sexuais. A partir deste traçado, discutimos os relacionamentos amorosos na pós-modernidade nos perguntando sobre o modo como eles são regulados e mantidos. Apresentamos o momento em que a heterogeneidade das relações amorosas e sexuais começou a ser aceita e estimulada por uma sociedade que se mostrava mais complacente com a diversidade e a plasticidade das relações. Por fim, sugerimos que a série de transformações sociais, políticas e culturais pela qual a sociedade da segunda metade do século XX passou propiciou a construção de "relações soltas", as quais podem ser experimentadas e usufruídas sem maiores conseqüências ou finalidades últimas a serem alcançadas, e a disjunção entre amor e sexualidade.

O quarto e último capítulo trata especificamente da pesquisa de campo realizada. Foram entrevistados doze jovens, seis moças e seis rapazes, de 18 a 25 anos de idade – no final do trabalho há um apêndice com a identificação do grupo entrevistado. Inicialmente descrevemos o modo como o trabalho de campo foi feito pontuando algumas questões importantes suscitadas pelos depoimentos e salientando as impressões

da entrevistadora/pesquisadora construídas tendo em vista a relação entrevistado-entrevistador. Em seguida, a partir da análise dos discursos, discutimos os relacionamentos amorosos através de diversos aspectos. Começamos retratando uma visão mais geral destes jovens acerca dos relacionamentos na atualidade. Buscamos, então, definir aquilo a que chamam de amor, analisar o sentido que as idéias de eternidade, exclusividade, reciprocidade e fidelidade têm para eles, bem como o que esperam da relação amorosa e o lugar que ela ocupa em suas vidas. Depois, voltamo-nos para as práticas amorosas e sexuais pensando sobre o grau de profundidade e a intensidade que as caracterizam, e a distinção entre sensação e sentimento. Na experimentação de práticas diversas, assinalamos o lugar em que o outro é colocado por estes jovens. Finalmente, apresentamos as estratégias utilizadas por eles a fim de negociarem o ajustamento da relação com o outro e, também, de lidarem com as próprias expectativas e necessidades que são contextuais e situacionais.

## **I - PÓS-MODERNIDADE: A BUSCA DE FLEXIBILIDADE E PLURALIDADE**

O interesse em escrever um capítulo sobre a pós-modernidade está em delinear o contexto social, cultural e político-econômico no qual os relacionamentos amorosos ocorrem discutindo alguns de seus elementos que entendemos ter impacto sobre as relações, as expectativas e práticas amorosas. Após delimitar o conceito de pós-modernidade e algumas de suas características, tais como a instalação de uma sociedade flexível e a ênfase no novo, discorreremos mais especificamente sobre três aspectos que se fazem presentes no momento atual: a descentralização do sujeito moderno e a construção de identidades múltiplas, a idéia de presente perpétuo e mudança constante, e a hiper-valorização da liberdade individual. Certamente teríamos muitas outras características ou aspectos que poderíamos analisar – o tema da pós-modernidade é muito vasto e traz questões pertinentes à reflexão acerca do contemporâneo – porém procuramos ressaltar os pontos que se aproximam e embasam mais o contexto no qual o tema deste trabalho se desenvolve. A partir de agora, então, iniciamos pela noção de pós-modernidade<sup>3</sup> ressaltando duas condições caras a ela, a flexibilidade e a pluralidade.

O termo pós-modernidade é, algumas vezes, usado como sinônimo de pós-modernismo, sociedade de informação, sociedade pós-industrial, sociedade de consumo ou, ainda, capitalismo tardio ou desorganizado. A existência deste conceito é controversa, assim como são conflitantes algumas de suas características. No entanto, conforme afirma Jameson (2000), na atualidade não é mais possível deixar de pensar

---

<sup>3</sup> Alguns autores, tais como, Lipovestky (1983), Jameson (1993, 2000) e Eagleton (1998) utilizam o termo "pós-modernismo", enquanto outros, como Bauman (1998, 1999a, 1999b) e Giddens (1991), usam "pós-modernidade" para pensar sobre o momento contemporâneo. Eagleton, embora considere útil a distinção entre pós-modernismo e pós-modernidade, adota a palavra "mais trivial" "pós-modernismo", abrangendo as duas coisas em função da sua estreita relação (p. 7). Giddens também distingue pós-modernismo de pós-modernidade, e discute a existência, ou não, de uma "fase de pós-modernidade" (pp. 51-54). Bauman, por sua vez, define de formas diferentes "modernidade" e "modernismo", e diz ser possível ver o modernismo como um "projeto" de pós-modernidade (pp. 209-300).

Entendemos que, assim como nós, todos esses autores estão preocupados com a análise dos elementos que caracterizam a atualidade nos âmbitos político-econômico, filosófico, artístico, social e individual. Para facilitar a fluência do texto, e tendo em vista que não pretendemos analisar a diferença entre pós-modernismo e pós-modernidade, utilizaremos o termo "pós-modernidade" já que, de modo geral, pós-modernismo é mais facilmente associado a um conceito estético, assim como o é modernismo.

sobre esta palavra<sup>4</sup>. Uma das primeiras questões relacionadas à pós-modernidade diz respeito à sua origem, e sua ruptura, ou não, com a modernidade<sup>5</sup>. Segundo Bauman (1999), a pós-modernidade não significa necessariamente o fim da modernidade ou de seus problemas e projetos humanos e sociais. Entendendo a modernidade como um período histórico da civilização ocidental, o autor afirma não ser possível demarcar fronteiras nítidas entre épocas e compreende a pós-modernidade como "a modernidade que atinge a maioridade, a modernidade olhando-se à distância e não de dentro (...)" (op. cit.: 288). Depreende-se daí a idéia não de uma ruptura radical entre diferentes períodos, mas sim o surgimento de uma nova época na qual problemas e projetos anteriores são reorganizados, re-significados ou abandonados paralelamente ao aparecimento de outros distintos destes. Em um dado momento o que se tem são combinações flexíveis e plurais de elementos da modernidade com outros da pós-modernidade. Como veremos neste trabalho, isto acontece, por exemplo, na definição dos papéis sexuais e das práticas amorosas.

O que há de novo na pós-modernidade é o nosso ponto de observação, a possibilidade de olhar para o rastro deixado pela modernidade e fazer uma análise de seus projetos. Com isso a pós-modernidade viabiliza uma reestruturação de alguns elementos presentes no período anterior fazendo com que traços secundários ocupem novos lugares, e características até então dominantes sejam colocadas em segundo plano (Jameson, 1993). Esta reestruturação permite a ocupação ou impulsiona o sujeito a diferentes posições, isto é, são possíveis novas configurações para a subjetividade na atualidade. Esta deve ser a aposta da pós-modernidade, um momento histórico que, embora marcado pela existência de inúmeras contradições, ou talvez exatamente por isto, pode vir a fazer com que o indivíduo reordene suas práticas individuais e sociais. Porém, não mais se vendo engessado por algumas das características da modernidade – tais como a busca da ordem, a valorização da razão e um certo equilíbrio na tensão existente entre "os imperativos de uma consciência individual e as exigências 'coletivas'

---

<sup>4</sup> Segundo Kumar (1997), a teoria da pós-modernidade, assim como as do pós-fordismo e da sociedade de informação, são as mais novas variedades da teoria pós-industrial. Para o autor, o fato de estas teorias serem criticadas e bombardeadas pode ser tomado como uma indicação de que elas têm algo a dizer a respeito da atualidade.

<sup>5</sup> Entendemos modernidade como um período histórico iniciado no século XVII na Europa Ocidental e modernismo como um movimento estético que começou no fim do século XIX.

das razões de Estado" (Mancebo, 2002: 102-103) mantido pelos Estados Nacionais –, o perigo existente é o de o indivíduo vir a se perder em uma desordem ou em uma pura heterogeneidade ou, ainda, estabelecer uma nova ordem na qual os interesses individuais suplantem constantemente e a todo custo aqueles mais direcionados ao coletivo, ao bem-estar de uma ampla e diversa maioria.

Conforme sustenta Eagleton (1998), a origem da pós-modernidade está vinculada à "mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova forma de capitalismo – para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural (...)" (p. 7). Segundo o autor, nesta nova forma de capitalismo a produção tradicional perde espaço para as indústrias de serviços, finanças e informação, assim como a política clássica de classes, para as "políticas de identidade" (ibidem). Este capitalismo pode ser designado por capitalismo financeiro, capitalismo monopolista de Estado, capitalismo desorganizado ou neoliberalismo (Mancebo, op. cit.: 105). A fase anterior a esta forma de capitalismo, o capitalismo organizado, teve início no final do século XIX e atingiu o seu auge nas primeiras décadas após a Segunda Guerra Mundial. Caracterizou-se pela concentração e centralização do capital, ampliação do mercado para novos horizontes e intervenção direta do Estado no sistema econômico na tentativa de minimizar o processo de acumulação de capital e ampliar o campo de direitos econômicos e sociais à maioria da população (ibidem). No que concerne à relação entre indivíduos e Estado, de um lado se teve a possibilidade de acesso a vivências de autonomia e liberdade, e de desenvolver novos projetos. De outro, na tentativa das instituições estatais viabilizarem o desenvolvimento social (relações de trabalho, seguridade, saúde, educação e habitação), assistiu-se ao aumento do peso burocrático e à vigilância controladora sobre os indivíduos, à imposição sobre estes do ciclo da produção e do consumo, e ao aprofundamento de um espaço urbano desagregador e atomizado (op. cit.: 106).

A forma de capitalismo subsequente a esta, o neoliberalismo, que marca a pós-modernidade teve início em torno do final da década de 60. Segundo Mancebo (op. cit.), essa etapa do capitalismo tem como princípio básico o mercado. As relações de mercado se pautam na competição e otimização, limitam a intervenção estatal e buscam tornar mais eficiente o próprio governo. Com o objetivo de diminuir os gastos estatais, o Estado neoliberal se assemelha a um Estado mínimo no qual competências e funções

antes assumidas pelo Estado-Providência (de Bem-Estar) são devolvidas à sociedade civil (op. cit.: 107). De acordo com Mancebo, o Estado neoliberal precisa contar com um "novo homem", "(...) com indivíduos que introjetem o valor mercantil e as relações mercantis como padrão dominante de interpretação do mundo (...)" (ibidem). Deste modo, as relações sociais e políticas devem ser estruturadas pela lógica do mercado, e a motivação dos indivíduos deve se pautar por um "utilitarismo individual" (ibidem). Sendo este mercado extremamente competitivo, o indivíduo se vê imerso em um universo que tem como slogans a competência, a eficácia e a eficiência. Isto significa que não basta a ele alcançar os resultados esperados, é preciso realizar isto no menor tempo e com o menor custo possível. Neste ambiente, altas doses de objetividade e pragmatismo são necessárias ao indivíduo para que ele possa responder às demandas que lhe são feitas. Ademais, a fim de não ser excluído do sistema de produção e consumo, o indivíduo se vê forçado a conquistar uma flexibilidade que lhe permita acompanhar o princípio de mercado. Para o bem ou para o mal, é possível vislumbrar três aspectos decorrentes desta nova forma de capitalismo que parecem interferir nas práticas e expectativas amorosas: 1) a desregulamentação, a flexibilização e a flutuação de regras e normas que passam a ser orientadas em função do mercado; 2) a responsabilização imposta sobre o indivíduo pelo seu próprio bem-estar assim como a ênfase dada à realização e supremacia dos interesses individuais; e, 3) a facilitação da construção de relações humanas essencialmente utilitaristas nas quais o outro é colocado no lugar de instrumento ou meio de acesso à auto-satisfação.

Retornando à questão da origem da pós-modernidade, além de ser vinculada ao surgimento desta nova forma de capitalismo e às conseqüências trazidas por ele, ela também é pensada a partir do modernismo e de suas características. De acordo com Lipovetsky (1983), o modernismo foi um movimento de revolta contra as normas e valores da sociedade burguesa, a qual valorizava o trabalho, a poupança, a moderação e o puritanismo. Os modernistas se inspiraram no romantismo e defenderam valores ligados à exaltação do eu, à autenticidade e ao prazer. A arte modernista deslocou fronteiras e promoveu uma ordem cultural apoiada na experimentação e na liberdade individual. Ela cultuou a novidade e a mudança, rompeu com a tradição, o academicismo e suas formas e regras. O ineditismo se tornou um imperativo categórico e com ele se impôs a invenção perpétua; com isso, cada obra produzida caminhou,



muito cedo, na direção do antigo. Durante o modernismo, buscou-se viver com o máximo de intensidade seguindo os próprios impulsos e a própria imaginação. Entendida não como um movimento estético, mas sim como uma nova fase da história, a pós-modernidade coloca em primeiro plano e exacerba algumas das características do modernismo tais como a ênfase no novo e a idéia de invenção perpétua que, com a velocidade dos avanços tecnológicos, muito rapidamente torna obsoleto algo que acaba de ser criado.

Foi no decorrer do movimento modernista, ajudado pelo surgimento do consumo de massa nos EUA, que cresceu uma cultura marcada, também, pelo hedonismo e pela fruição. Ainda segundo Lipovetsky, foi durante o modernismo que teve início um processo que, ao tornar a rigidez fluida e afirmar a idiossincrasia dos indivíduos, procura reorientar e reorganizar a vida social, bem como gerir de um novo modo os comportamentos daqueles. Este processo diz respeito à instalação de uma sociedade flexível e busca isto através de "(...) o mínimo possível de coação e o máximo possível de opções, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo, com o mínimo de constrangimento e o máximo de compreensão" (op. cit.: 8-9). A instalação de uma sociedade flexível ganhou mais força na pós-modernidade com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação, as quais contribuíram para o surgimento de um novo modelo de produção e consumo, o da especialização flexível. Neste modelo, o consumo cada vez mais especializado está articulado a maneiras mais flexíveis de produção. Assim, a produção de bens padronizados e em escala de massa passou a conviver com a produção de bens diferentes, feitos em pequenas quantidades e destinados a setores específicos do mercado. Novos produtos são gerados tão logo surjam novas idéias, "a produção é feita segundo o gosto do freguês, adaptada a desejos e necessidades muito específicos, em um estado de mudança constante" (Kumar, 1997: 56). Quanto mais o indivíduo for flexível e inconstante, desejar sempre algo novo e diferente, melhor será para manter em movimento ininterrupto este modelo de produção e consumo.

De acordo com Lipovetsky (op. cit.), a sedução é uma estratégia usada para tornar a sociedade mais flexível, isto é, a todo instante é oferecida ao indivíduo uma pluralidade de "sedutoras" opções para que ele possa fazer a sua escolha visando sua própria pessoa, seus interesses, suas necessidades e seu bem-estar. No entanto, entendemos que essa alardeada liberdade de escolha pode ser questionada posto que o

indivíduo escolhe algo entre aquilo que já foi determinado para ele – por exemplo, escolher assistir a um filme entre aqueles que os proprietários das salas de projeção escolheram, de antemão, colocar a sua disposição – ou ainda, é forçado a escolher uma coisa para não se ver excluído de seu grupo – por exemplo, um adolescente pertencente a um grupo de skatistas, no qual todos usam um tipo específico de tênis ou roupa, adota para si o mesmo estilo de se vestir. Se por um lado o fato de haver uma pluralidade de opções faz com que o indivíduo se sinta livre para escolher os itens, produtos, estilos ou instrumentos que irão compor a sua existência, e isto propicia uma sensação de bem-estar e felicidade, por outro, ele mascara o que há de coercitivo aí. O que parece mais visível na estratégia da sedução é a existência da pluralidade, da diversidade de opções e da crença em uma liberdade de escolha que faz acreditar na total autonomia e livre-arbítrio. A coerção, aquilo que organiza e orienta esta estratégia é, a princípio, invisível. A permanência e a ênfase em uma lógica individualista, voltada para o consumo, e o desinteresse e desinvestimento nos valores e finalidades sociais, apesar de reforçados, parecem ser menos perceptíveis.

A frágil ou pequena percepção que o indivíduo tem da pressão que lhe é feita, no sentido de se voltar para si e valorizar, acima de tudo, aquilo que diz respeito a sua própria vida, consumo e satisfação, mostra ser mais plausível se são levadas em conta algumas características da atualidade. A pós-modernidade generaliza o hedonismo, o processo de flexibilização da sociedade, o consumo e a exaltação do novo (Lipovetsky, 1983). A revolução do consumo, que se firmou após a Segunda Guerra Mundial, estimulou o indivíduo a buscar um melhor nível de vida, legitimou a sua procura por auto-realização e bombardeou-o com inúmeras imagens e informações. Da mesma forma que, orientada pelo princípio de mercado, a sociedade de consumo aumenta a esfera privada, ela contribui para a realização de uma meta da modernidade, a saber, o controle da sociedade, agora apoiado na responsabilização do indivíduo; responsabilidade pela própria saúde, prazer, realização, sustentação, enfim, pelo próprio bem-estar. Se por um lado a sociedade de consumo acentua as individualidades, por outro, ela homogeneiza aspirações, ideais, desejos e comportamentos. A homogeneização se dá, por exemplo, através da indústria cultural, de instrumentos tais como o rádio, a televisão, a imprensa e o cinema, os quais ultrapassam barreiras de classe social, penetram tanto em áreas urbanas quanto rurais, aparecem na vida

profissional, no lazer, nas atividades religiosas, esportivas, educacionais ou políticas. Como em um círculo vicioso, o indivíduo procura enfatizar suas idiossincrasias, criar modas, inovar, para logo em seguida ver o seu diferencial ser transformado no *dernier cri*, cooptado pelo mercado. De acordo com Jameson (2000):

(...) a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral: a urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidades (de roupas a aviões), com um ritmo de *turn over* cada vez maior, atribui uma posição e uma função estrutural cada vez mais essenciais à inovação estética e ao experimentalismo (p. 30).

Enquanto o modernismo surgiu como um movimento artístico revolucionário, de oposição à burguesia vitoriana e pós-vitoriana, que escandalizava a sua época por ser considerado imoral, subversivo, obscuro, feio e anti-social, a arte produzida na pós-modernidade já não escandaliza mais. Já não há mais regras e padrões fixos e rígidos, claramente definidos, para serem transgredidos. O que se pretende ofensivo é visto com complacência quando não, condizente com a cultura oficial. A produção artística que antes escandalizava, hoje foi canonizada, institucionalizada e levada para as salas de aula da academia (Jameson, 2000). Assim como no modernismo valorizou-se o novo e o ineditismo, na pós-modernidade também se busca a novidade, porém, é tarefa árdua ser original e criativo na cultura de massas ou, como define Morin (1990), na cultura industrial dominante no Oeste. Ao mesmo tempo em que o autor, por exemplo, pintor, escritor ou intelectual, precisa ser criador e original, ele deve responder à demanda do mercado e seu ritmo acelerado de produção. Na cultura de massas, o que há é um jogo constante, contraditório, entre as estruturas burocratizadas-padronizadas da indústria cultural e a exigência de originalidade do produto a ser oferecido (op. cit.: 25). A expectativa da invenção, novidade, criação convive com a obsolescência programada e os diversos dispositivos de reprodução, tais como a fotocopadora, o CD, o videocassete e o videoclipe com suas produções em série. No entanto, de acordo com Canclini (2000), no mundo da arte, apesar da crise teórica e prática da originalidade, da necessidade do artista de estar saindo constantemente da história da arte para estar nela, ainda é possível inovar, por exemplo, através da zombaria, da ironia e das reelaborações

lúdicas. Para o autor, "o campo cultural ainda pode ser um laboratório. Lugar onde se joga e se ensaia" (p. 113).

No que concerne à vida privada do indivíduo, a imagem de um laboratório também pode ser empregada. Em um espaço de experiências, podendo sentir uma mistura ou alternância de receios e êxtases, escassez e excesso, o indivíduo busca o novo, novas sensações e práticas. Seus atos, suas práticas amorosas ou de lazer, por exemplo, precisam ser mais intensas, no sentido de fortes e freqüentes, para que produzam nele alguma emoção ou sensação. Isto pode ser visto quando vemos crescer o número de praticantes ou interessados em esportes radicais ou, em algumas ocasiões, quando um jovem quer ter muitas e diversas experiências amorosas em um curto espaço de tempo. Talvez o contraponto para esta tendência seja os indivíduos que optam pelo afastamento do convívio social e preferem se abster de trocas afetivas e sexuais. O que une estes extremos de excesso e escassez é a possibilidade de se transitar de um lado para o outro com uma certa facilidade e rapidez ou, no mínimo, sem ter que dar muita explicação para esta mudança. Para Eagleton (1998):

(...) [a pós-modernidade] vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades. (p. 7)

O que Eagleton parece aí assinalar é o *pot-pourri* da cultura pós-moderna, assim como o faz Lipovetsky (1983) quando define a pós-modernidade como "sincrética, simultaneamente *cool* e *hard*, convivial e vazia (...)" (p. 109). O sincretismo é percebido quando fronteiras são quebradas ou transformadas em porosas e plásticas, conceitos, "desconstruídos", e disciplinas antes separadas, ligadas. Este estado sincrético que faz pensar em uma mistura e um convívio de crenças e práticas diversas comporta a noção de ambivalência<sup>6</sup> que, segundo Bauman (1999), foi tida como um inimigo a ser

---

<sup>6</sup> A noção de ambivalência é essencial e constante na obra de Bauman. Em *Modernidade e Ambivalência* (1999a), ele a define como "possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, é uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar" (p. 9). A ambivalência traz em si a contingência e com ela o sentimento de desconforto provocado pela desordem que dela surge.

Embora Bauman utilize principalmente a palavra "ambivalência", e aqui nós a reproduzamos, doravante empregaremos o termo "ambigüidade" – o qual também é usado por ele. Apesar de os significados de "ambivalência" e "ambigüidade" serem próximos, de alguns autores que se debruçam

aniquilado na modernidade. Para este autor, enquanto na modernidade a ordem era vista como uma tarefa a ser cumprida, na pós-modernidade predomina uma desordem provocada, entre outras razões, pela reivindicação de liberdade individual, onde cada um está mais voltado para a sua obtenção de sensações prazerosas, a despeito da organização ou bem-estar coletivo. A ambigüidade que outrora se tentou conter ou erradicar através da busca de ordem, razão e clareza, na atualidade deverá ser significada ou suportada, predominantemente, pelo próprio indivíduo. Para Lipovetsky (op. cit.), em uma época onde os antagonismos se tornaram flutuantes, "(...) é possível viver sem finalidade nem sentido, numa espécie de seqüência-flash" (p. 37). Podemos pensar na atualidade como um período que, marcado pela mudança, flexibilidade, ambigüidade e imprevisibilidade, favorece o sincretismo ou hibridismo.

Este período é caracterizado por inúmeras contradições que desencadeiam tanto processos de segregação quanto de hibridação nos âmbitos político, filosófico, cultural, religioso, social, individual, entre outros. A segregação é vista, por exemplo, no recrudescimento de fundamentalismos, na exacerbação do narcisismo e nas atitudes tomadas com relação às desigualdades sociais. No entanto, nesse mesmo mundo, há o convívio das culturas popular e culta, das medicinas científica e popular, e do moderno e tradicional. É verdade que nem sempre estas coexistências são pacíficas ou harmônicas ou isentas de conflitos e tumultos, muito pelo contrário, mas elas são possíveis em culturas sincréticas ou híbridas. Para Canclini (2000), que analisa as culturas híbridas dos tempos atuais, estas foram "geradas ou promovidas pelas novas tecnologias comunicacionais, pela reorganização do público e do privado no espaço urbano e pela desterritorialização dos processos simbólicos" (p. 29). Segundo o autor, as culturas latino-americanas foram e são muito marcadas pela hibridez, desde as suas formações – decorrentes do entrecruzamento de diferentes tradições – até a coexistência, hoje, de práticas políticas pré-modernas com correntes pós-modernas na arte ou na filosofia (pp. 24-25, 73-74). No que concerne à cultura brasileira, ela é o resultado da combinação de, principalmente, três culturas: a portuguesa, a indígena e a africana. De acordo com Boff (1995):

---

sobre a análise da atualidade usarem tanto um termo quanto o outro, preferimos "ambigüidade" por ela se aproximar mais das noções de pluralidade, incerteza e insegurança as quais são características da pós-modernidade.

No capítulo II abordaremos a noção de ambigüidade mais detalhadamente.

A formação histórica do povo brasileiro explica um traço especial, ainda que não exclusivo, da atual cultura do Brasil: a sua forte tendência para o sincretismo. O "brasileirismo" pode caracterizar-se através de uma capacidade particular pela arte combinatória, por uma arguta capacidade de misturar, de mesclar tudo (...) (p. 8).

Ao explicar o sincretismo afro-brasileiro, Boff esclarece que o encontro das religiões afro e o catolicismo, além de resultar em um sincretismo estratégico, pois os povos negros ao mesmo tempo em que preservavam sua religião fingiam abraçar a proposta cristã, produziu combinações espontâneas e criativas, nas quais havia liberdade de associação. Na atualidade, se por um lado se vêem instituições ou sistemas religiosos tentarem evitar o sincretismo como, por exemplo, faz o candomblé, por outro, encontram-se indivíduos dessas instituições que participam de diversos modos do sistema religioso (op. cit.: 51-53). Nas palavras de Boff, "quando estão na igreja, [os indivíduos] seguem o código católico, e quando estão no terreiro, o afro. Existe assim uma 'alternância de práticas' religiosas, à qual corresponde uma dupla ou tripla pertença religiosa" (p. 59). Entendemos que, de modo geral, o indivíduo que transita entre a igreja e o terreiro, que deseja praticar mais de uma religião ao mesmo tempo ou que muda de uma para outra o faz de maneira tranqüila, sem que esta alternância ou mudança lhe provoque conflitos. É o que mostra esta matéria da revista Veja (agosto, 2003) quando diz que os jovens brasileiros de hoje:

Definem sua religiosidade com liberdade e sincretismo. (...) Os teens sentem-se à vontade para experimentar. Eles acreditam em Cristo, nos orixás e até em duendes, tudo ao mesmo tempo. Sobra ainda espaço para a proliferação de crenças alternativas, cujo maior atrativo é o inusitado, como cura por cristais, invocação de anjos e bruxaria. (p. 28)

A crença em diferentes religiões, seitas e "entidades", e a alternância entre práticas religiosas e espirituais distintas apontam para a possibilidade de se ter simultaneamente mais de um credo, de buscar práticas que respondam mais apropriadamente às necessidades e aos interesses do presente. Estas podem ser usufruídas por aqueles que definem com menor rigidez ou com maior porosidade os

limites de um credo e outro, que são mais flexíveis e complacentes, que vêm como positivo a experimentação da diversidade.

No que se refere ao sincretismo no Brasil, além de vê-lo presente na religião, é possível pensar nele em, por exemplo, outros três campos: o familiar, o das práticas sociais e o sexual. De acordo com Figueira (1987), a família brasileira passou por um processo de modernização acelerado e caracterizado, em grande parte, pela passagem do ideal hierárquico – onde as categorias homem, mulher, pais e filhos são percebidas como intrinsecamente diferentes, apontando em direção à identidades posicionais – para o ideal igualitário, em que a identidade é idiossincrática, isto é, embora homem, mulher, pais e filhos se percebam diferentes pessoal e idiossincriticamente, eles se vêm como iguais já que são, antes de tudo, "indivíduos". Para o autor, em função da velocidade com que este processo se deu, novas identidades se sobrepuseram às antigas sem, necessariamente, alterá-las. Isto fez com que, a partir de um determinado momento, coexistissem mapas, ideais, normas e identidades contraditórias no sujeito, o que o autor chama de "desmapeamento" (op. cit.: 22). O desmapeamento pode provocar desorientação e conflito no sujeito e engendrar respostas no sentido de tentar solucioná-lo. Se no sincretismo religioso, conforme mencionamos, o entrecruzamento de diferentes crenças religiosas parece existir de modo, relativamente, harmônico, aqui o aspecto conflituoso se mostra mais presente e perturbador.

O Brasil tem sido um país marcado por múltiplos eixos ideológicos, uma diversidade de valores e práticas, onde convivem o tradicional e o moderno, o autoritarismo e a democracia, a hierarquia e a igualdade, como visto no interior de muitas famílias. Ao mesmo tempo em que o entrecruzamento destes diferentes códigos pode desencadear uma série de conflitos, permite, também, uma pluralidade de opções igualmente válidas. O "jeitinho brasileiro" é uma maneira através da qual o povo conseguiu lidar com sua vertente igualitária e seu viés hierárquico. E mais, esta é uma prática social que mostra como o *não* ou qualquer outro tipo de negativa não significa, necessariamente, um limite. O "jeitinho" revela a grande dificuldade do brasileiro em aceitar leis universais e o modo pelo qual ele consegue o que quer driblando a lei, sem entrar em confronto aberto com ela (Barbosa, 1992). Esta prática social brasileira sintetiza a multiplicidade de variantes ideológicas existentes no país, simboliza a

desordem institucional e exprime a cordialidade e o espírito conciliador, criativo e caloroso de seu povo (op. cit.: 137).

A cultura sexual brasileira é o terceiro campo no qual encontramos uma fusão ou mistura de elementos culturais diferentes, onde a coexistência entre a tradição e a modernidade faz com que surjam éticas duplas ou múltiplas que estruturam a vida cotidiana. De acordo com Parker (1991), para se pensar a experiência sexual no Brasil é preciso levar em conta a existência de múltiplos subsistemas com padrões recorrentes, embora díspares, conflitantes e, às vezes, contraditórios. Para o autor, as lógicas diversas, apesar de complementares, que se interpenetram e estruturam o universo sexual no Brasil são: "a ideologia do erótico, com sua ênfase nos corpos e prazeres, os discursos da sexualidade com seu foco na racionalização e na reprodução e o sistema hierárquico do gênero, com seu cálculo de atividade e passividade" (p. 245). Parker afirma que a ambigüidade é uma noção essencial para a compreensão do universo sexual brasileiro, pois assim como há uma celebração da sensualidade existe, também, talvez de modo mais velado e não da parte de todos, uma inquietação ou vergonha e indignação com os excessos do passado e as "grotescas e decadentes celebrações do presente" (p. 244). Entendemos que a ênfase posta pelo autor na noção de ambigüidade aponta para um sincretismo sexual no qual crenças e práticas se alternam tal como a vigência do machismo, principalmente entre os homens, e a exploração de práticas afetivo-sexuais plurais calcadas no puro prazer, na experimentação de sensações.

Ao pontuarmos alguns campos nos quais o sincretismo pode ser pensado, particularmente no Brasil, pretendemos chamar a atenção para a existência de contradições e ambigüidades, a prodigalidade de práticas sincréticas, e os contornos cambiantes e diversificados de ideais, crenças e normas. Se por um lado a mistura de diferentes elementos culturais pode facilitar uma alternância de práticas, como ocorre com as práticas religiosas, por outro, a coexistência de valores e ideais contraditórios pode fazer com que o indivíduo se sinta desorientado e com isso busque saídas para amenizar ou solucionar o conflito que esta desorientação provoca. Esse sentimento de desorientação e uma necessidade de estar freqüentemente mudando de projeto, expectativa ou crença surgem, muitas vezes, em decorrência das novas tecnologias. A velocidade com que a tecnologia avança e, paralelamente, a automação de inúmeros serviços, e a expansão da sociedade de consumo e da indústria cultural são fatores que



exigem do indivíduo uma rápida e pronta resposta. Nem sempre o indivíduo pode acompanhar o ritmo com que as mudanças se dão, seja porque ele não tem condições econômicas, por exemplo, para adquirir um novo computador ou uma versão mais atualizada para um antigo programa, seja porque ele ainda não teve tempo para aprender ou usufruir o seu bem adquirido, seja porque ele simplesmente não tem o desejo de avançar tão rapidamente. As transformações acarretadas pela tecnologia, pelo consumo e pela indústria cultural dizem respeito não somente às novas mercadorias disponíveis ao consumidor, mas, sobretudo, aos valores, ideais, crenças, expectativas e desejos construídos a partir desses novos objetos e do novo contexto político, econômico, social e cultural. A idéia de ter um computador mais veloz, por exemplo, pode representar uma forma de vida na qual as tarefas devem ser feitas de maneira mais rápida e eficiente, liberando tempo para que novos trabalhos sejam realizados ou novos bens e serviços possam ser adquiridos.

As tecnologias de reprodução possibilitam a desestruturação de imagens e contextos, quebra constante da cadeia de significados, interrupção da historicidade e reorganização diversa de acontecimentos e referências. Canclini (2000), ao analisar os dispositivos de reprodução, mostra como é possível "relativizar os fundamentalismos religiosos, políticos, nacionais, étnicos, artísticos, que absolutizam certos patrimônios e discriminam os demais" (p. 307), entretanto, o autor chama a atenção para o perigo de fazer da descontinuidade extrema um hábito perceptivo. Por exemplo, as fotocopiadoras propiciam o desencadernamento de livros e a sucessiva reencadernação de textos segundo as necessidades ou interesses do usuário. Deste modo, há mais liberdade no manejo de livros, mas também, indução para vínculos mais fluidos entre os autores ou entre os estudantes e o saber. Os videoclipes mesclam música, imagem e texto permitindo que o espectador se abandone ao ritmo e goze de visões efêmeras, descomprometidas com uma ordem cronológica ou coerente. Os vídeos *games* beneficiam relações intensas e esporádicas com objetos isolados; proporcionam, ainda, através do jogo, o fascínio de se poder travar batalhas com figuras poderosas sem correr o risco do confronto direto. Segundo Canclini (op. cit.), esse contexto está relacionado ao que o autor chama de "cultura *prêt-à-penser*", isto é, a possibilidade de "des-pensar" os acontecimentos históricos, de deixá-los de lado sem preocupação em entendê-los, e a percepção do mundo como uma "efervescência descontínua de imagens" (pp. 304-307).

Ao falar de uma cultura *prêt-à-penser*, Canclini chama a atenção para o desenvolvimento de uma cultura descomprometida com o encadeamento da história e com a clareza e compreensão dos fatos que a marcam, e, como consequência deste descompromisso, onde a memória histórica não tem muita valia. Além disso, fazendo uma paráfrase da expressão francesa "*prêt-à-porter*" o autor aponta para o crescimento de uma cultura na qual o esforço necessário ao ato de pensar é percebido como desnecessário quando as interpretações e os significados dos acontecimentos estão já dados, prontos para serem adquiridos e consumidos sem que haja um trabalho do indivíduo no sentido de construir um pensamento próprio. Tendo em vista uma cultura *prêt-à-penser*, o que parece ser mais importante é a ação imediata, a fruição do presente e o ajuntamento dos fatos segundo interesses particulares. Talvez isto ocorra deste modo porque o ato de pensar implica em uma parada necessária à reflexão e avaliação dos acontecimentos, de sentimentos, razões e idéias relacionadas a eles, ao comprometimento e cuidado com uma certa estrutura que está para além da vida privada do indivíduo ou de sua consciência imediata. Pensar faz com que o indivíduo tenha de se defrontar com certos aspectos da sua vida e da vida daqueles que estão ao seu redor, tais como aquilo que há de contraditório e conflituoso em si e na sociedade, e com as tensões e angústias que podem surgir. Aspectos com os quais, talvez, ele não esteja muito interessado em se deparar ou se sinta impotente para confrontar<sup>7</sup>.

A percepção apoiada constantemente na fragmentação e descontinuidade, e a rapidez com que as mudanças ocorrem pode provocar confusão, inquietação, incerteza e insegurança no indivíduo quando ele se sente desorientado diante de diferentes expectativas, ideais ou valores, ou quando ele se vê excluído da sociedade. A pressão que é feita pela sociedade de consumo sobre o indivíduo para que ele consuma mais e

---

<sup>7</sup> Um exemplo de situação diante da qual os indivíduos se sentem impotentes e paralisados é descrito por Chaves (2001c). Segundo a autora, em debates promovidos com crianças e adultos para se discutir as vivências de crianças e jovens na cidade, constatou-se que o sentimento de impotência, a paralisação, o afastamento e o isolamento são bastante comuns nos grupos com os quais se trabalhou. Há relatos de pais que não sabem como proteger seus filhos diante da violência presente no cotidiano de grandes cidades e que encontram como saída o isolamento ou fechamento destes em, por exemplo, condomínios e espaços de lazer fechados. Alguns pais falam de como seus filhos não tem amigos porque, na maior parte do tempo, estão brincando com seu computador e vídeo *game* ou vendo televisão, e de como eles não sabem o que fazer para mudar esta situação. Algumas crianças, por seu lado, reclamam de seus pais que não as deixam sair de casa, transitar pela cidade, ou que não escutam o que elas lhes falam. O que percebemos através do relato desses debates é que um fator contribuinte para a existência de uma cultura *prêt-à-penser* é a carência de espaços para que o diálogo e a reflexão ocorram, e, mais importante, a presença e disponibilidade de pessoas que escutem e dialoguem.

mais rapidamente estimula nele uma visão entusiasmada da novidade, mobilidade e ruptura constantes. Ao mesmo tempo em que há exaltação pelo novo, diferente e flexível, há também um grande ceticismo, principalmente da parte daqueles que se vêm excluídos do mercado de consumo, ou desorientados em função da perda de suas certezas e referências. De acordo com Giddens (1991), nunca, como agora, se viveram transformações tão profundas, dramáticas e abrangentes em seu impacto. As transformações são responsáveis por descontinuidades que, se não exclusivas da atualidade, são caracterizadas nesta fase por um ritmo de mudança extremo e em escala global. Para o autor, existe uma sensação de desorientação, pois o indivíduo não compreende o universo de eventos no qual ele foi apanhado, e os quais ele sente estar fora do seu controle. Se por um lado ele se sente vulnerável neste contexto de instabilidade e incerteza, por outro, ele crê poder desfrutar de autonomia e liberdade de escolha. Liberdade não somente para consumir produtos e serviços novos e diferentes, mas também para ser e viver como bem quiser, para deslizar entre diferentes identidades, mesmo que estas sejam contraditórias entre si.

A noção de descentralização do sujeito moderno que analisaremos a seguir aponta para a possibilidade de se construir múltiplas identidades, visto que a idéia de identidade integrada, unificada e coerente é contestada. No seu lugar há uma multiplicidade de possibilidades, as quais são definidas de forma frágil ou pouco clara, o que facilita o deslizamento do indivíduo. Além disso, diante da instalação de uma sociedade flexível que acompanha os movimentos do mercado, a identidade não pode mais ser vista como um projeto de vida a ser desenvolvido ao longo do tempo. Como veremos em seguida, com as transformações e mudanças constantes que ocorrem nos âmbitos político, geográfico, econômico, cultural e filosófico, o tempo presente e a auto-realização no aqui e agora se tornam mais prementes. Também essas mudanças favorecem e incentivam o movimento do indivíduo, o qual é estimulado a experimentar novas opções e sensações. O terceiro e último aspecto da pós-modernidade que abordaremos neste capítulo se refere a uma concepção pós-moderna de liberdade individual. O experimentalismo vivido pelo indivíduo visa, sobretudo, a busca da sua felicidade e a satisfação dos seus desejos, e isto se apóia na crença e na expectativa de ter opções e de poder viver livre de limitações externas. Assim veremos como a noção

de liberdade individual é hiper-inflacionada, às vezes em detrimento do direito e bem-estar do outro, e como ela acompanha as práticas e expectativas individuais.

### **I.1 - Descentralização do sujeito moderno e identidades múltiplas**

A noção de descentralização ou deslocamento do sujeito moderno diz respeito à perda de um sentido de si estável e remete à experiência da dúvida e da incerteza. As classificações e fronteiras que separavam grandes categorias, tais como classe, gênero, sexualidade, raça e nacionalidade, e davam ao sujeito uma localização sólida como indivíduo social estão sendo fragmentadas pelas mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais em curso. O conceito central de luta de classes é substituído pelos novos movimentos sociais das minorias e suas micropolíticas. A instalação de uma sociedade flexível abala a concepção de um sujeito uno e centrado. Não que possamos afirmar que algum dia existiu um sujeito centrado, harmônico, estável e acabado, entretanto esta foi uma das metas da modernidade, a fixação de um sujeito que expurgasse a contingência, ambigüidade e dúvida, e percorresse o seu trajeto de forma ordeira, racional e disciplinada. De acordo com Hall (2001), para se falar de descentralização do sujeito é preciso, antes de tudo, compreendê-lo como uma figura discursiva cuja concepção muda e tem uma história. Assim, a noção de sujeito moderno emergiu em um momento específico, e traçar a sua história é tarefa bastante difícil, como assinala Hall (op. cit.). Não pretendemos contar esta história, mas somente pontuar aquela noção a fim de assinalar como, na pós-modernidade, o sujeito é deslocado em relação a si mesmo e ao lugar que ele ocupa no mundo social e cultural.

Segundo Hall (op. cit.), a noção de sujeito moderno remete a uma série de reflexões e refinamentos sobre a concepção de indivíduo soberano que surgiu entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII. O indivíduo soberano diz respeito à libertação do indivíduo da ordem secular e divina das coisas, ao posicionamento do Homem no centro do universo, à capacidade que lhe foi conferida pelas revoluções científicas de investigar a Natureza, e à imagem do Homem como um ser racional (op. cit.: 26). Conforme apresenta Hall, René Descartes (1596-1650) formulou uma concepção de sujeito cara à modernidade. O "sujeito cartesiano" é o

"sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento" (op. cit.: 27). A identidade a ele atribuída é contínua e coesa, permanece sempre a mesma. À medida que as sociedades modernas se tornaram mais complexas, especialmente com a Revolução Industrial, o sujeito cartesiano, centrado no conhecimento e na razão, deixou de ser o centro do mundo e passou a ser definido e localizado a partir das grandes estruturas que sustentavam as sociedades. Ainda segundo Hall, surgiu daí uma outra concepção de sujeito, a de sujeito sociológico, o qual é engendrado na interação social e faz parte de uma sociedade cujo controle lhe escapa. De um lado, tem-se a formação de subjetividades a partir da participação dos sujeitos em relações sociais mais amplas ("internalização" do exterior), de outro, a sustentação dos processos e estruturas sociais através dos papéis desempenhados por aqueles ("externalização" do interior). A subjetividade assim forjada tem em vista uma "nítida demarcação entre os planos interno e externo da existência" (Almeida & Tracy, 2003: 111). O sujeito moderno que é descentralizado ou deslocado na pós-modernidade é entendido como uno, coeso, centrado, indivisível, "capaz de expressar a metafísica do dentro/fora", introspectivo e reflexivo (ibidem).

De acordo com Hall (op. cit.), no decorrer do século XX, particularmente na segunda metade, uma série de mudanças nos discursos do conhecimento provocaram um impacto sobre a noção de sujeito moderno, e sua conseqüente descentralização. A primeira delas se refere a reinterpretção do pensamento marxista, mais especificamente, da sua afirmação de que os "homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas" (op. cit.: 34). Isto significa dizer que os sujeitos não podem ser os "autores" da história posto que só podem agir com base em condições construídas por outros. Interpretado deste modo, o pensamento marxista tem no centro de seu sistema teórico as relações sociais e não uma noção abstrata de homem dotado de uma essência universal. A segunda mudança no pensamento ocidental do século XX diz respeito à descoberta do inconsciente por Sigmund Freud. Ao mostrar que existem processos psíquicos que funcionam de acordo com uma lógica própria, a qual não responde de acordo com a Razão, Freud rompeu com o conceito de sujeito cartesiano que tem uma identidade fixa e unificada. Jacques Lacan, posteriormente, mostrou como a imagem de um eu inteiro e unificado é construída gradualmente, na relação com o outro, e mantida com algum esforço. Seguindo a análise de Hall, o trabalho do lingüista

estrutural Ferdinand de Saussure contribuiu para que ocorresse uma descentralização do sujeito. Segundo ele, a língua preexiste a nós, é um sistema social e não individual. Os significados das palavras são construídos em relações de similaridade e diferença com outras palavras, assim "nós sabemos o que é a 'noite' porque ela *não* é o 'dia'" (op. cit.: 40). Analogamente, pode-se dizer que o sujeito sabe quem ele é em relação com o outro que ele não pode ser. Jacques Derrida, influenciado por Saussure, afirma que as palavras são "mutimoduladas", outros significados são sempre possíveis, embora o sujeito procure um fechamento, uma identidade para elas. Mesmo que ele tente criar mundos fixos e estáveis, significados suplementares, diferentes, sempre surgirão e subverterão sua tentativa.

O trabalho de Michel Foucault também contribuiu para o deslocamento do sujeito. Através do estudo dos poderes disciplinares e sua preocupação com o controle, primeiramente da espécie humana e de populações inteiras, depois, do indivíduo e de seu corpo, Foucault mostra como, embora o poder disciplinar venha de instituições coletivas, o sujeito individual é cada vez mais isolado, vigiado e individualizado. A quinta e última mudança citada por Hall como desencadeadora da descentralização do sujeito moderno e da fragmentação da identidade associada a ele é o feminismo, visto tanto como uma crítica teórica quanto um movimento social. O feminismo questionou a distinção entre o "dentro" e o "fora" assim como o "privado" e o "público"; criou uma discussão política e social sobre temas tais como a família, a sexualidade e a divisão doméstica do trabalho, e sobre a forma como os sujeitos são formados e produzidos, isto é, o feminismo "politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas)" (op. cit.: 45). Neste contexto não coube mais falar em uma mesma identidade, a "Humanidade", para homens e mulheres. As implicações conceituais e intelectuais produzidas pelos discursos feministas e pelos demais aqui citados como desencadeadores da descentralização do sujeito moderno não são aceitas por muitos e suscitam várias controvérsias, no entanto, hoje é difícil negar o modo como elas forjaram outras maneiras para se conceituar sujeito e pensar sobre a questão da identidade. De acordo com Hall, a descentralização resultou "(...) nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno" (p. 46). Um sujeito multifacetado, de quem se espera uma flexibilidade necessária para

acompanhar os movimentos e as discontinuidades de um ambiente em permanente e veloz mudança.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2001: 13)

A existência de identidades múltiplas, inacabadas e cambiantes inviabiliza a construção de um estilo pessoal, único e inconfundível, e engendra a prática, tão comum nos dias de hoje, do pastiche. O pastiche, assim como a paródia, é a imitação de certos maneirismos, estilos ou idiossincrasias. A diferença entre os dois é que, enquanto na paródia há por trás um sentimento de que existe uma norma, no pastiche, não há. Como houve, no mundo do capitalismo desorganizado, uma explosão e fragmentação de estilos e maneirismos particulares distintos, o pastiche perde a potência, torna-se uma imitação pela imitação, pura e simples, sem substância (Jameson, 1993, 2000). A construção de um estilo pessoal é dificultada pela existência de uma heterogeneidade estilística e discursiva sem fim, na qual as particularidades do eu são transformadas em mercadorias. "*Kits* de perfis-padrão" são produzidos no ritmo do mercado e disponibilizados para serem consumidos sempre que se desejar ou necessitar (Rolnik, 1997a: 20). São "*identidades prêt-à-porter*" que, quando consumidas como "*próteses de identidade*", têm um efeito de curta duração (op. cit.: 22), e talvez não suscitem qualquer processo de criação existencial. Isto significa que, como substitutos artificiais, elas podem ocupar provisoriamente um espaço vago sem deixar marcas e sem provocar naquele que os consome o esforço da autoconstrução. Em todo caso, são próteses bem aceitas por aqueles que procuram gravitar em alguma órbita do mercado ou que precisam preencher o vazio sentido pela falta de uma identidade fixa e estável ou que, interessados sempre pela novidade, experimentam a pluralidade oferecida descartando seguidamente cada uma das "*identidades*" sem muito problema ou comprometimento com qualquer uma delas.

A produção ininterrupta de bens e serviços, de estilos e modelos de ser, sentir, vestir, pensar, desejar e sonhar da sociedade de consumo, atrelada à interligação global

propiciada pelos sistemas de comunicação e o livre trânsito em escala mundial, ao menos para aqueles que têm condições econômicas, colocam o indivíduo em contato com uma diversidade inimaginável. Essa pluralidade de formas de vida, de identidades se torna facilmente desvinculada ou desalojada de histórias e locais fazendo com que a flutuação, isto é, o movimento do indivíduo por entre a diversidade e a sua experimentação, seja mais fácil e livre. No meio dessa multiplicidade há um hibridismo cultural que pode ser uma fonte criativa poderosa se, por exemplo, o que aparece são modos de vida que tragam bem-estar para os indivíduos e seus grupos, se são forjadas formas de se relacionar prazerosas e, ao mesmo tempo, preocupadas com o outro, se são geradas culturas mais apropriadas aos tempos atuais<sup>8</sup>. Porém, o hibridismo com a sua lógica flexível, indeterminação e relativismo tem também seus custos e perigos. Para Hall (2001), um perigo é o "ressurgimento do nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo" (p. 92) como reações frente ao hibridismo, reações estas que procuram restaurar uma coesão reconstruindo "identidades purificadas" (ibidem)<sup>9</sup>.

Outros perigos são fazer com que as culturas sigam uma única lógica, que a mistura seja tal que não se possa mais discernir seus contornos ou avaliar seus impactos, que a diversidade seja tamanha que não se possa fazer outra coisa a não ser flutuar livremente e incessantemente, e sem se preocupar com aqueles que não podem transitar da mesma forma, seja porque não lhes são dadas condições mínimas necessárias, seja porque esta não foi a sua escolha. Ademais, se pensarmos na multiplicidade de identidades possíveis na cultura híbrida devemos ter em mente que muitas podem e devem ser antagônicas e, assim sendo, empurrar o sujeito para direções diferentes, talvez o colocando um problema ou, no mínimo, uma questão: como assumir identidades múltiplas e contraditórias sem entrar em conflito, ou como resolver, negociar, dar algum sentido e direção para este conflito? Será possível para o sujeito

---

<sup>8</sup> No âmbito artístico, Canclini (2000) chama de artistas anfíbios, liminares, da ubiqüidade aqueles que conseguem articular os diferentes movimentos e códigos culturais. No entanto, o autor assinala o fato de que o projeto multidimensional dos artistas "choca-se com as tendências à reprodução estável dos mercados simbólicos" (p. 367), e que, apesar dos artistas quererem deslizar entre o culto, o popular e o massivo, e atuar em diversos cenários ao mesmo tempo, muito pouco disso já se conseguiu. Isto quer dizer que paralelamente à mistura de movimentos culturais distintos há, ainda, a manutenção de antigas referências mais estáveis e menos ambíguas.

<sup>9</sup> Podemos acrescentar aqui o ressurgimento do nacionalismo também, de modo geral, no mundo ocidental, e não somente na Europa Oriental como salienta Hall (op. cit.).



deslizar entre estas diferentes identidades sem conflito? Será possível ou desejável permanecer em um jogo de pura fruição? Pressupomos que talvez isto aconteça se ele está inserido em uma cultura *prêt-à-penser* que oferece os significados dos acontecimentos já prontos, as identidades, "*prêt-à-porter*" (Rolnik, 1997a), que enfatiza a fruição do presente e o descompromisso com o encadeamento das histórias vividas.

A permanência em um jogo de pura fruição talvez possa acontecer também se se faz do esquecimento estratégia para lidar com a multiplicidade de identidades. Para Bauman (1998), a identidade que se tem hoje é uma *identidade de palimpsesto*. Esta é construída através de uma série de esquecimentos, sobreposições e novos começos (op. cit.: 36). Segundo o autor, no mundo atual, esquecer é tão ou mais importante do que memorizar, é a chave para a contínua adaptação. Novas coisas e pessoas entram e saem da vida do indivíduo sem que isso tenha muita importância ou finalidade para ele. Atualmente, o problema da identidade é a sua instabilidade e insegurança, ou seja, é difícil se manter fiel a uma identidade durante muito tempo e é preciso não se prender firmemente a ela para que seja possível abandoná-la com facilidade caso isso seja necessário. Em um contexto onde os pontos de referência são sempre mutáveis, não são fidedignos e sólidos, os limites são porosos e as autoridades estão fragilizadas, parece ser mais difícil *construir* a própria identidade, ou melhor, uma identidade que lhe seja própria e não "prótese". Falar em uma identidade que seja própria não significa falar de uma identidade única, coesa, rígida, fixa, impermeável ou acabada, mas sim em um processo de autoconstrução que demanda tempo, esforço psíquico e mental.

Segundo Bauman (1998, 1999), na modernidade a identidade foi posta como *projeto de vida* e deveria ser construída passo a passo, com um planejamento em longo prazo e seguindo um esquema definido *a priori*. Para que essa construção seguisse tranqüilamente o seu caminho e chegasse ao seu fim era necessário, ou melhor, indispensável, um cenário de segurança, confiança e estabilidade que a modernidade se ocupou em tentar oferecer. A contrapartida do indivíduo deveria ser o seu esforço para levar adiante o seu projeto, o qual se inseria em um projeto maior que supunha a existência de um mundo perfeito, idêntico a si mesmo, harmônico e ordeiro. Para Bauman, a identidade como projeto de vida individual não é possível no cenário instável e incerto oferecido pela pós-modernidade. O mundo no qual a ação humana procura se inscrever e organizar tornou-se mais frágil e errático fazendo com que seja mais difícil o

planejamento e o investimento em um projeto para a vida inteira. Entendemos que Bauman nos mostra aqui a fragilidade e a efemeridade das identidades forjadas na pós-modernidade. Se isto pode fazer com que o indivíduo venha a se sentir desestabilizado e inseguro, pode também ser tomado como uma oportunidade para se criar novas formas de existência.

No âmbito desta análise sobre as identidades compostas atualmente, uma última discussão de caráter mais político se faz necessária para compreender o cenário no qual os indivíduos estão inseridos. Na atualidade percebemos um ceticismo, desencanto e desengajamento geral com a política, o desaparecimento ou enfraquecimento dos grandes esquemas histórico-filosóficos que forneciam ao indivíduo um enredo dominante, o qual o orientava através de um passado definitivo, conhecido, e um futuro capaz de ser previsto e trilhado. De acordo com Eagleton (1998), a idéia de um indivíduo capaz ou interessado em levar adiante uma ação transformadora, preocupada com questões mais abrangentes, tais como Estado, modo de produção e justiça econômica, é pouco a pouco implodida. A política da pós-modernidade é, acima de tudo, uma política de identidade, isto é, uma política voltada para a afirmação da identidade cultural daqueles pertencentes a grupos marginalizados, para a defesa das reivindicações de cada novo movimento social. Esta micro-política embora fragmentada não deixa de ser rica e salutar por dar voz às minorias e possibilitar a recuperação de um pouco das suas histórias e individualidades (op. cit.: 118-119).

Poderíamos supor que a política de identidade dá a oportunidade de se ter uma localização sólida como indivíduo social, e que isto traz um sentimento de estabilidade e pertencimento necessário para aqueles que não desejam ou não conseguem permanecer deslizando de um lugar para outro, experimentando múltiplas identidades. No entanto, os novos movimentos sociais parecem ser tão mutantes, fracionados e heterogêneos que talvez, aí também, seja difícil para o indivíduo se sentir seguro. Além disso, a própria manutenção ou fortalecimento do movimento é, muitas vezes, enfraquecida pela exaltação da individualidade de cada um, pelo predomínio da relação do indivíduo com ele próprio em detrimento da relação com o outro. Se inicialmente há uma solidariedade de micro-grupos, esta parece, com alguma facilidade, ser transformada em hiperinvestimento na individualidade. O contraditório é que se por um lado a política de identidade busca igualdade para todos os membros de um determinado movimento, por

exemplo, o homossexual, por outro, ela provoca uma fragmentação que aponta para a diferença. No caso do movimento homossexual, ele se subdivide em: gay, lésbico, transexual, bissexual, de travestis, de *drag queens* etc, além de cada um desses subgrupos ser associado ainda à raça, classe social, religião, nacionalidade, naturalidade etc. Cada uma destas subdivisões, marcadas por suas particularidades, constitui um novo grupo, um novo movimento social. O risco que se corre é de as subdivisões e as especificidades serem tantas e tão diversas que o "grupo" acaba sendo formado por um único indivíduo, ou de os grupos se centrarem em especificidades tais que acabam inviabilizando as suas inserções e organizações na sociedade como um todo. Por exemplo, grupos da classe trabalhadora, de mulheres e minorias étnicas são capazes de se orientar em base local de modo mais eficaz, no entanto, muitas vezes esses mesmos grupos são incapazes de se organizarem no espaço (Kumar, 1997: 197). E mais, por causa, em grande parte, da perda de vista do horizonte social mais amplo, quando esses grupos se reúnem para discutir questões coletivas o que norteia seus pensamentos e futuras ações é, geralmente, seu próprio ponto de vista, que se refere às necessidades, anseios e reivindicações do grupo em particular.

De qualquer modo, precisamos lembrar que o cenário oferecido pela pós-modernidade é fragmentado, instável e imprevisível, o que contribui para que o indivíduo tenha que lidar, freqüentemente, com a incerteza. As noções de Estado e Nação são esvaziadas e perdem o sentido ou a importância para o indivíduo. A família que outrora o ajudava a se sentir protegido, amparado, tendo um lugar e pessoas com quem conversar, trocar idéias e pedir ajuda, ela também, em inúmeros casos, fragmenta-se. Os membros da família se vêem presos a tantas funções e demandas que os fazem ter cada vez menos tempo disponível para os demais. Devemos, então, pensar que se por um lado o grupo ao qual o indivíduo faz parte pode se tornar cada vez menor e com mais especificidades, por outro, ele pode significar o novo lugar de pertencimento mais amplo, já que muitas vezes Estado, Nação e família perderam esta posição. O grupo propicia ao indivíduo uma experiência mais imediata, visível e concreta, ajuda-o a se sentir menos só, oferece algumas referências que contribuem para a orientação e organização de sua vida, *mesmo que temporariamente*. A idéia de uma experiência mais imediata e temporária, na qual a mudança é uma constante, remete-nos ao tópico que discutiremos a seguir.

## I.2 - Presente perpétuo – perpétua mudança

A descentralização do sujeito moderno diz respeito à perda de um sentido de si estável, a vivência de identidades múltiplas, e está relacionada a uma conjuntura política, econômica e cultural que valoriza a inovação constante, a experimentação, o imediatismo, o curto prazo, o contexto contemporâneo, que acredita em uma pouca significância da *longue durée*. A partir daí se torna difícil, quando não, indesejável porque emperra o fluxo do movimento e a mudança constante, a construção de planos a serem desenvolvidos em longo prazo. A possibilidade de estender o tempo a fim de alcançar um aperfeiçoamento é contrária a demanda de eficiência feita ao indivíduo na lógica de mercado. Isto é, não lhe é permitido despende muito tempo a fim de atingir uma determinada meta. Mais do que isso, muitas vezes, a idéia de aperfeiçoamento é desvinculada da noção de tempo diacrônico, como se para alcançar os objetivos estabelecidos não fosse necessário um tempo não-imediato, um trabalho que implica em esforço e enfrentamento de dificuldades, tais como aquelas impostas por certos imprevistos e por "erros" ou "falhas" em sua execução. Neste sentido, a *longue durée* é percebida como desidratante, ou seja, produz perda de oportunidades, atraso na realização de metas diversas, esmaecimento do prazer que é atrelado à novidade. É isto o que muitas vezes acontece quando, por exemplo, um jovem se vê diante de um projeto que lhe exige empenho, dedicação e horas de trabalho para poder atingi-lo. O tempo gasto nesta tarefa acaba por ser sentido como perda de tempo, investimento desnecessário ou arriscado, já que não há retorno garantido, enfadonho por não vir acompanhado de novidades. Em oposição a *longue durée* se tem o aqui-e-agora e a ênfase em um tempo sempre presente.

Segundo Jameson (1993), o indivíduo sob condições pós-modernas vive em um presente perpétuo e uma perpétua mudança, pois todo o sistema social foi perdendo, pouco a pouco, a capacidade de reter seu próprio passado fazendo com que o sentimento da história desaparecesse (p. 43). A "amnésia histórica" é, de acordo com Jameson, ajudada pelas mídias, as quais levam a um esgotamento das notícias. Entendemos que isso acontece devido à quantidade, variedade e velocidade com que elas são

transmitidas. Há um excesso informacional que põe em risco a potência/importância das notícias, a sua função de informar, a capacidade do sujeito de discerni-las e a possibilidade dele desencadear uma ação a partir da elaboração delas. Para Jameson, a função informacional da mídia acaba por se tornar a de "(...) nos ajudar a esquecer, a funcionar como os próprios agentes e mecanismos de nossa amnésia histórica" (ibidem). Vemos nesta afirmação de Jameson, além da possibilidade de a mídia facilitar o esquecimento da história, a oportunidade de uma mistura de fatos, de relações interessadas entre acontecimentos serem feitas, ou seja, de se produzir uma outra história que seja mais conveniente para aqueles que controlam os veículos de informação. O problema, pois, de esquecer a história é perder o poder de discriminar os acontecimentos, suas razões e suas conseqüências e com isso uma certa segurança e capacidade de gerenciar a vida e o destino de maneira apropriada e autônoma, em outras palavras, deixa-se de fazer uma apropriação sistemática do passado a qual ajuda a orientar o futuro.

A transmissão de uma gigantesca quantidade de diversas informações por múltiplos meios em alta velocidade pode provocar no sujeito que tem acesso a ela uma sensação de transbordamento, um sentimento de incapacidade de metabolizá-la. Diante do volume e da diversidade de informações que se acumulam rapidamente, corre-se o risco de não conseguir sequer selecionar aquilo que é do próprio interesse e, quando consegue escolher, de não compreender ou de não saber que destino dar a tudo o que foi selecionado. Por esta razão, é preciso afirmar que, em parte, é necessário ao indivíduo saber e poder rejeitar e esquecer informações que não lhe interessa, esquecer o que é supérfluo. É preciso que ele aprenda "a sutil arte da rejeição de informações" (Weinrich, 2001: 292), antes ainda, que ele saiba avaliar quais delas são realmente importantes para fazer o pensamento avançar, para ajudá-lo a entender a si e a sociedade na qual ele vive. Como afirma Weinrich em sua análise sobre o modo como os homens lidam com o esquecimento em suas vidas, "a memória tem sempre uma parte de razão, entretanto o esquecimento não está sempre errado" (op. cit.: 12). Diferentemente da conotação mais negativa que Jameson (1993) e Bauman (1998) – este último quando fala sobre a *identidade de palimpsesto* – dão ao esquecimento, Weinrich assinala que há nele uma positividade. Para Weinrich, em parte, o esquecimento pode ser tido como uma "arte" no sentido pré-moderno deste termo, isto é, arte entendida como "um objeto de saber

sujeito a regras e por isso mesmo bom de aprender, de uma certa complexidade, que pede considerável esforço e paciência para ser aprendido (...)" (p. 30). Ao acompanhar numerosas histórias nas quais diversos autores relatam os seus pensamentos acerca da memória e do esquecimento, o autor afirma que há um esquecimento necessário para o renascimento, que revivifica; são formas existenciais que precisam ser esquecidas para que outras possam ser construídas. O esquecimento pode ser "salvador", consolador, apaziguador do sofrimento do dia, "(...) por sorte ele também nos livra de recordar muitas desgraças, ajudando-nos a dormir bem de novo" (op. cit.: 133). Mais do que dormir novamente, algum esquecimento é necessário para que o indivíduo possa continuar a viver e agir. Por exemplo, como o autor mostra na obra do poeta Públio Ovídio Naso (43 a.C.-cerca de 17 d.C.), há uma "arte de amar" e, também, se preciso, uma arte de desaprender esse amor, de esquecer o amor (pp. 39-42). Muitas vezes se deve esquecer um amor para que outro possa ser vivido intensamente e inteiramente.

Retornando à idéia de Jameson (op. cit.) de presente perpétuo, dizemos que sem um senso claro de passado ou de futuro, o que resta é um presente sem profundidade e eterno, um tempo mais sincrônico do que diacrônico. Na atualidade, a idéia de um tempo linear onde passado, presente e futuro se encadeiam convive com a perspectiva de uma série de presentes perpétuos que faz com que o indivíduo enfatize e esteja voltado, principalmente, para o contexto e a situação. Nesta perspectiva os acontecimentos presentes se esgotam no próprio instante, permanecem como fatos soltos sem outro propósito que não o da vivência instantânea, enquanto isso, outros acontecimentos, novos, precisam ser inventados para substituir aqueles que já se esgotaram. Para Eagleton (1998), "(...) estamos o tempo todo perdendo nossas opções históricas pelo simples fato de abrimos novas" (p. 104). Podemos pensar em como o indivíduo vivendo em um eterno re-começo, abrindo sempre novas possibilidades, por exemplo, de identidade, estilo de vida ou forma de amar, ele corre o risco de se emaranhar nessa diversidade e acabar, paradoxalmente, reduzindo o seu horizonte de escolhas ou não conseguindo fazer uma escolha que lhe seja própria. E mais, sempre voltado para novas opções, ele prefere, muitas vezes, manter suas várias opções, no plural, do que vivenciá-las por um tempo mais longo ou de modo mais aprofundado.

O movimento em busca de novas opções e sensações, no menor tempo possível, é estimulado pela sociedade de consumo. Para que o fluxo do consumo corra de forma

apropriada, isto é, para que haja um consumo intenso, é preciso que o consumidor se satisfaça instantaneamente. Instantâneo no sentido de deixar o consumidor satisfeito com o bem ou serviço adquirido e, também, no sentido de que sua satisfação termine tão logo o bem ou serviço tenha sido comprado (Bauman, 1999b: 89-90). O tempo de satisfação do consumidor com aquilo que ele adquiriu pode ser reduzido se ele é do tipo que pode ser instigado com facilidade e que se desinteressa com rapidez, ou seja, quanto mais ele for impaciente, impetuoso e indócil melhor será para o mercado. O consumidor ideal é aquele que se excita mais com uma sensação nova, ainda não experimentada, do que com a aquisição do bem propriamente dito. O bom consumidor é aquele que quer ser seduzido e, tão logo usufrua a nova sensação/emoção, sente-se esvaziado e voraz por mais satisfação e movimento. O frenesi vem da novidade, mudança constante, promessa de viver algo inusitado, possibilidade de acumular mais e diferentes sensações.

Não se prender a um lugar, por mais agradável que a escala presente possa parecer. Não se ligar à vida a uma vocação apenas. Não jurar coerência e lealdade a nada ou a ninguém. Não *controlar* o futuro, mas *se recusar a empenhá-lo*: tomar cuidado para que as conseqüências do jogo não sobrevivam ao próprio jogo e para renunciar à responsabilidade pelo que produzam tais conseqüências. Proibir o passado de se relacionar com o presente. Em suma, cortar o presente nas duas extremidades, separar o presente da história. Abolir o tempo em qualquer outra forma que não a de um ajuntamento solto, ou uma seqüência arbitrária, de momentos presentes: aplanar o fluxo do tempo num *presente contínuo* (Bauman, 1998: 113).

Enquanto na modernidade homens e mulheres se empenhavam na construção de suas identidades e projetos de vida no desenrolar de um tempo linear, com anterioridade e posterioridade, na pós-modernidade eles estão preocupados principalmente com a realização de um projeto mais imediato, que possa ser alcançado em curto prazo, e que dê resultados e satisfação mais rapidamente. A idéia de um presente contínuo pode ser pensada como um encurtamento ou compressão do tempo que expõe o indivíduo a uma sensação freqüente de ter que correr contra o tempo, de estar perdendo tempo e de o tempo estar passando mais rápido. Deste modo, parece ser difícil para ele despende de algum tempo para alcançar uma meta ou planejar um investimento em longo prazo ou abrir mão de uma satisfação imediata em prol de uma realização futura. A compressão do tempo é provocada pelo avanço das tecnologias e da velocidade que elas alcançam;

pelo encurtamento do tempo no qual as máquinas são consideradas obsoletas; pelo ritmo de consumo esperado pelo mercado e pela pressão que é feita sobre o indivíduo; e, ainda, pela rapidez dos meios de comunicação e das inúmeras e diversas informações que são transmitidas. Esses fatores provocam uma aceleração no ritmo de vida, o qual é percebido, sobretudo, nas grandes cidades. O indivíduo vive em um ambiente extremamente competitivo que exige dele a realização de muitas e diferentes tarefas, tais como obtenção de qualificações cada vez mais altas e grau de conhecimento e atuação maior e mais vasto, em um espaço de tempo cada vez menor. Na economia de tempo necessária para fazer frente a essas atividades e demandas ele se sente pressionado a correr, e fatos rotineiros, como parar na rua para responder a pergunta de um desconhecido, acabam sendo percebidos como perda de tempo. A ação do indivíduo parece ser guiada pelos imperativos de eficácia, rapidez e satisfação, e qualquer coisa ou pessoa que se interponha nesse modo de funcionamento é visto muito facilmente como empecilho.

A aceleração da produção de bens, serviços e informações propicia o desenvolvimento econômico de cidades e países, além de viabilizar as suas inserções em um mercado global extremamente competitivo. No entanto, embora essa aceleração dê à sociedade um grande dinamismo, ela impele o indivíduo para uma situação de constante mudança, na qual ele terá que encontrar estratégias para poder viver e dar conta das discontinuidades que surgem ao longo de tantas variações. O esquecimento pode aqui ser tomado como uma dessas estratégias. Para o indivíduo se adaptar às mudanças, algumas delas contraditórias entre si, pode ser mais fácil se ele esquecer com rapidez as regras que dominavam anteriormente e se concentrar somente no presente. Por exemplo, um grupo político que, em determinado momento, era considerado concorrente ou inimigo passa a ser de interesse para uma pessoa e/ou empresa e ela, para ir ao encontro de seus novos objetivos, deixa de lado as desavenças ou diferenças que os separavam. Porém, permanece ainda uma pergunta que é: o que o indivíduo faz com o que ele deixa de lado? Será mesmo possível se dar o esquecimento? E como ele se processa? Um caminho possível para responder a estas questões e tentar entender o modo através do qual o indivíduo se adapta às mudanças é através do mecanismo de flutuação e do desprendimento ou do compromisso temporário. A fim de que o indivíduo possa ter movimento, mudar de um lado para outro facilmente, atender aos



seus interesses atuais é preciso que ele não se vincule com profundidade, que possa flutuar livremente entre posições, identidades ou grupos<sup>10</sup>.

Além das modificações que ocorrem na experiência do indivíduo com o tempo, algumas transformações espaciais também vem acontecendo e contribuem para a idéia de mudança constante. O processo de globalização ou "desterritorialização" enfraquece, ao menos por um lado porque por outro, leva a um fortalecimento de especificidades locais, a noção de fronteiras nacionais e provoca a interconexão do mundo que passa a ser visto como uma aldeia global. A metáfora da aldeia global faz pensar em uma comunidade mundial conectada pelos meios de comunicação e dominada por uma economia global centrada na reprodução do capital. Na aldeia global, além das mercadorias convencionais, circulam informações, entretenimentos e idéias que são consumidas também como mercadorias. A interconexão do mundo faz com que alterações políticas, sociais ou econômicas de um país ou bloco econômico repercute nas demais regiões provocando nos indivíduos uma sensação de maior instabilidade e vulnerabilidade, posto que se vêem imersos em um sistema diante do qual pouco ou nada se sentem podendo fazer. Assim como ocorre com o tempo, há também uma compressão ou encurtamento do espaço, no sentido de se ter a sensação de um mundo menor, no qual as distâncias são mais curtas e podem ser percorridas mais rapidamente<sup>11</sup>.

Nessa compressão do espaço também há uma sensação de vastidão, ou seja, se por um lado se percebe o mundo como sendo menor, por outro, ele é visto como ilimitado em suas possibilidades. Giddens (1991) ao analisar a separação, que ocorre na modernidade, entre tempo e espaço, faz uma distinção entre "lugar" e "espaço" e mostra o desenvolvimento de um "espaço vazio", o qual contribui para a percepção de um mundo ilimitado e sem fronteiras. Para o autor, lugar refere-se ao cenário físico da atividade social, está ligado à idéia de localidade, é delimitado e conhecido. O espaço é deslocado do lugar a partir do momento que vão sendo fomentadas relações sem que

---

<sup>10</sup> Voltaremos a este aspecto mais adiante, no capítulo II, quando abordarmos o tema da desertificação de massa.

<sup>11</sup> De fato, mais do que uma sensação, essa é uma experiência real para aqueles que podem ir de um lado ao outro do mundo em aviões velozes, ou permanecem conectados com qualquer parte do globo desde que haja telefone, fax ou rede de computadores, ou vivem situações específicas a uma região sem sair da sua própria cidade ou casa. Por exemplo, é possível comer comida japonesa, tailandesa ou francesa sem ter que pegar um avião e voar para estes países a fim de experimentar suas gastronomias.

haja a necessidade da presença física dos indivíduos, sem que haja uma interação face a face. Os locais passam a ser atravessados e, muitas vezes, estruturados por outras influências sociais, distantes, estranhas àqueles locais. Assim, o desenvolvimento de um espaço vazio está relacionado à possibilidade de se representar um espaço sem fazer referência a um local específico e sem que a vida social seja dominada pela presença física. As relações sociais que se davam em contextos locais de interação podem ser, então, reestruturadas por meio de inúmeras extensões ou variações de tempo-espaço. Giddens chama este processo de "desencaixe" e afirma que a condição crucial para ele ocorrer é a separação entre tempo e espaço. As restrições decorrentes de hábitos e práticas locais se enfraquecem com o desencaixe abrindo múltiplas oportunidades de mudança e de trocas simbólicas (op. cit.: 25-29). Pensamos que a reestruturação das relações sociais e as diversas trocas simbólicas promovidas pelas transformações espaciais propiciam o sincretismo. Isto significa dizer que se facilita a mistura, amplia-se a troca e/ou interferência de ideais, valores, crenças e hábitos entre culturas distintas.

Para finalizar a discussão deste tópico, remetemo-nos às duas metáforas da vida contemporânea definidas por Bauman (1998, 1999b), as quais nos lembram as idéias de presente perpétuo e de mobilidade, são elas o turista e o vagabundo. O turista é aquele que evita a fixação, pode estar em um lugar usufruindo o que ele lhe oferece e, ao mesmo tempo, não pertencer a este lugar e nem se importar com ele. O turista viaja guardando uma certa distância, aproxima-se, mas com cautela e uma lista de recomendações para não correr riscos. Os riscos a que se aventura são, na maioria das vezes, calculados e previamente programados; ele necessita manter o controle da situação e sempre que isso é ameaçado, ou o potencial de diversão acaba, ou possibilidades mais excitantes surgem em outros locais, ele volta a viajar. Liberdade, autonomia e independência são valores caros para ele. As relações que mantém com as pessoas dos lugares são epidérmicas, não há comprometimento do futuro nem compromisso com obrigações de longo prazo. O turista viaja sabendo que deixou para trás um lar e que sempre poderá voltar para ele caso isso seja preciso ou desejado. O lar é percebido como um lugar tranquilo onde é possível descansar das aventuras experimentadas. Ele é sentido como consolador e recompensador, porém, desde que permaneça como perspectiva. No momento em que o turista está de volta a sua casa, ela

passa a ser percebida como um empecilho ao movimento, uma prisão, pois o turista adquiriu o gosto pelos espaços mais abertos (Bauman, 1998: 114-117).

O vagabundo é a antítese do turista. Ele é obrigado a sair do lugar, diferentemente do turista que se movimenta, ao menos ele acredita nisso, por escolha. O vagabundo foi desenraizado por uma força que ele não conhece e contra a qual ele não se sente capaz de lutar. Ele é considerado refugio humano e, muitas vezes, dedica-se ao bem-estar do turista. Quando ele viaja é por não ter tido escolha, por não ter um lar onde possa descansar e ficar, e onde quer que chegue não é bem-vindo. O vagabundo é o alter ego do turista, o depósito para os medos não ditos, as culpas e autocensuras secretas, a sujeira dele. É vendo o vagabundo que o turista, amedrontado com a idéia de poder vir a ser igual a ele, agradece a Deus tê-lo feito turista (op. cit.: 117-120).

As metáforas do turista e do vagabundo, cada qual com suas especificidades, remetem-nos a noção de presente: o turista se preocupa com as experiências e sensações que o momento pode lhe oferecer, o vagabundo, com a sua sobrevivência cotidiana. Além do presente, a mudança e a mobilidade são outras constantes em suas vidas. O desejo e a possibilidade de o turista transitar, de maneira intermitente e livre, por diversos grupos lhe propicia o contato com múltiplas ofertas simbólicas e a experiência de uma vida fronteiriça. O vagabundo, quer queira quer não, é desalojado com frequência e, se não pode usufruir a diversidade que os lugares exhibe, pode sonhar com ela. O fluxo, às vezes um tanto aleatório e sem direção, de turistas e vagabundos favorece a instalação de contratos temporários, de comunidades abertas e frouxamente ligadas. A entrada e a saída nessas comunidades, ao menos para o turista, é algo relativamente fácil. O indivíduo, turista ou vagabundo, é chamado a gozar, no presente, aquilo a que tem acesso, e a valorizar os instantes que se tornam preciosos por sua fugacidade. A liberdade individual, tema que passaremos a discutir em seguida, é percebida como condição necessária para que isso ocorra. O turista se regozija por tê-la e se preocupa em preservá-la, o vagabundo, conforme descrito nesta metáfora<sup>12</sup>, espera um dia poder ter direito a ela.

---

<sup>12</sup> Enfatizamos aqui "conforme descrito nesta metáfora" pois no segundo capítulo abordaremos a noção de errância (errante, nômade, *vagabundo*) como algo positivo e que permite ao indivíduo uma liberdade de ir e vir, de fazer escolhas.

### **I.3 - Uma concepção de liberdade cara à pós-modernidade**

A flexibilidade, a pluralidade, a mudança e a mobilidade são elementos que interessam à pós-modernidade. Além destes, a liberdade ocupa, também, um lugar central na cultura pós-moderna. Mas a noção de liberdade individual enfatizada na atualidade é diversa daquela da modernidade. Primeiramente, o indivíduo ganhou liberdade e igualdade quando se viu liberto de vínculos políticos, agrários, corporativos e religiosos opressivos. Foi possível a ele ter liberdade de movimento em suas relações sociais, opor-se às desigualdades injustas que lhe eram imputadas no mundo feudal. De acordo com Mancebo (2002), este ideal de liberalismo do século XVIII deu ao indivíduo, portador de uma identidade coesa, delimitada e invariável ao longo do tempo, liberdade em relação ao coletivo, direito de escolha, liberdade de ação e participação. No século XIX, este ideal liberalista passou por modificações tais como a redefinição do Estado, suas relações com a sociedade civil e a transição do capitalismo concorrencial ao monopolista. Neste contexto, influenciado pelos ideais românticos, o indivíduo passou a enfatizar o seu autocrescimento e a tentar preservar a sua interioridade – a qual era valorizada – da vida competitiva que surgia nas grandes cidades que emergiam. Ainda segundo Mancebo (op. cit.), no decorrer do fim do século XIX e primeira metade do século seguinte, houve uma expansão de vivências de liberdade e de autonomia propiciadas pelo alargamento dos direitos sociais, no entanto, paralelamente, aumentou a vigilância controladora sobre os indivíduos a fim de possibilitar o desenvolvimento da sociedade de bem-estar. No capitalismo desorganizado da pós-modernidade, orientado pelo princípio de mercado competitivo, em um Estado mínimo, ocorre que "(...) o postulado liberal da liberdade encontra-se profundamente exacerbado no ideário neoliberal, a partir de suas teses em defesa de um Estado não-planificado, que possibilite aos indivíduos *uma conduta plenamente livre*" (op. cit.: 108)<sup>13</sup>. Há uma "hipertrofia da 'liberdade' individual" (ibidem) no sentido de haver uma ênfase na orientação do indivíduo em função do seu auto-interesse, do alcance de seus próprios objetivos independentemente daqueles alheios.

---

<sup>13</sup> Grifo nosso.

Mais especificamente, a concepção de liberdade individual que é valorizada na pós-modernidade e que ocupa lugar de destaque na vida de muitos indivíduos está relacionada a duas proposições: uma, viver como bem quiser e ser livre para transitar, e a outra, ter opções e ser livre para escolher. Terry Eagleton (1998) é um dos autores que discute criticamente a noção de liberdade relacionada à idéia de viver como bem se entende e livre de limitações externas. Para o autor, enquanto na modernidade a liberdade era refreada, ao menos em teoria, pelo respeito à autonomia dos demais, na pós-modernidade corre-se o risco de perdê-la posto que não necessariamente há esse respeito (op. cit.: 88). O indivíduo não parece muito preocupado em cercear as suas chances de realização e satisfação, por exemplo, profissional e financeira, em prol da sociedade mais ampla. Ele espera ter a sua liberdade e acredita, ou quer acreditar, que é possível viver sem depender de outros, ou que estes podem ser substituídos sempre que isto for conveniente ou necessário para ele. De acordo com Eagleton (op. cit.), em nome da pluralidade, a qual é percebida como sinônimo de liberdade, o indivíduo sacrifica qualquer verdade e identidade que lhes sejam próprias (p. 88). A fim de poder experimentar diversas formas de obtenção de prazer, de se sentir flexível, de pertencer a um grupo por ele valorizado, o indivíduo deixa de lado antigas referências identitárias, crenças e modelos, que até então norteavam as suas escolhas, para aderir a outros que lhe sejam mais convenientes, que se aproximem de seus anseios presentes, mesmo que temporariamente. Podemos observar isso, mais facilmente, entre jovens que transitam por diferentes "tribos" ou entre adultos que não querem ser identificados com o modelo tradicional de pai/mãe ou homem/mulher e aderem sempre aos novos modismos, estilos de vida, "identidades *prêt-à-porter*" (Rolnik, 1997) ditados pelos meios de comunicação.

Segundo Eagleton (op. cit.), na pós-modernidade a pluralidade é vista sempre como "um bem inequivocamente positivo" (p. 123). Assim, o fato de regras e normas se multiplicarem, colidirem e transformarem umas as outras, e de a autoridade normativa ser múltipla e cambiante são percebidos como bons para a sociedade. Entendemos que se por um lado este quadro tem a sua positividade, pois dá ao indivíduo dinamismo e flexibilidade necessários para se construir formas de vida mais condizentes com o momento atual, por outro, pode ter conseqüências negativas tais como o sentimento de estar à deriva e de insegurança diante da falta de limites que possam restringir uma

liberdade excessiva. De um lado, a possibilidade de viver em um ambiente plural e flexível dá ao indivíduo a sensação de liberdade, de ter diversas opções e poder fazer uma escolha individual, a qual visa o próprio bem-estar. De outro, como salienta Eagleton, o indivíduo que transita em um mundo aleatório, contingente e sem alicerces, não pára tempo suficiente para que ele possa se dar conta da sua liberdade e usufruir dela no sentido de construir projetos e ter tempo para levá-los adiante. Como diz o autor, "a liberdade exige limitação, paradoxo este que o pós-modernismo parece relutante em acolher" (p. 49). Na pós-modernidade, contraditoriamente aos seus próprios princípios, que prezam pela pluralidade ou não totalitarismo, tudo que se refere a limite, lei, autoridade, proibição, unidade e supressão do prazer é, de antemão, percebido como algo negativo ou ruim. Muitas vezes é esta a percepção que o jovem tem quando os pais o proibem de sair de casa porque ele deve estudar, ou que o indivíduo sente quando uma norma ou lei limita as suas opções de ganhar dinheiro. No entanto, aqueles são aspectos que podem ser positivos e necessários dependendo das circunstâncias ou de quem os coloque em prática. Podemos dizer que alguns deles são, de fato, essenciais para a sustentação do laço social, a continuidade da vida em grupo, ao menos da forma como estamos acostumados a viver.

A liberdade entendida como viver como bem quiser, livre de limitações externas, com sua ênfase na auto-realização e na auto-satisfação faz crescer desigualdades tal como a possibilidade de alguns exercerem a sua liberdade contrariamente a muitos outros que se vêem privados das condições sociais, culturais e econômicas que propiciam o acesso a ela. As oportunidades desiguais de se viver conforme os próprios interesses, existentes entre os indivíduos, é algo a ser questionado no que diz respeito tanto às desigualdades quanto à ênfase dada aos interesses privados. Mas, para além desta crítica, é preciso ter em vista que esta é uma concepção de liberdade que rechaça qualquer forma de coerção ou de constrangimento vindos de um outro ou de si próprio. Isto é, este indivíduo quer ser e se sentir livre de quaisquer leis que restrinjam as suas possibilidades de buscar a satisfação das próprias necessidades e a felicidade privada. Certamente esta busca deve ser reconhecida e garantida, no entanto ela se torna injusta quando não respeita a autonomia e os direitos do outro, quando desrespeita a dignidade e a inteireza deste e o faz de mero meio ou instrumento para a auto-satisfação. Colocada desta maneira, vemos se configurar uma tensão entre liberdade individual e segurança

no convívio social, um jogo de forças que precisa ser equilibrado. Esta tensão aparece no trabalho de Freud "*O mal-estar na civilização*" e, a partir deste, é discutida por Bauman (1998). Vejamos o que estes autores dizem a este respeito.

De acordo com Freud (1930), para que a civilização<sup>14</sup> possa se constituir enquanto tal e avançar, é necessário que os indivíduos, cada um deles, façam concessões e abram mão de parte das suas felicidades. Segundo o autor, o que se espera da vida é ter felicidade e permanecer feliz. A felicidade pode ser alcançada pela ausência de sofrimento e de desprazer, e pela experiência de intensos sentimentos de prazer. No sentido mais restrito da palavra, felicidade se relaciona a esta última forma, assim sendo, "(...) o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. (...) ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro (...)" (op. cit.: 94). Para o autor, a felicidade é algo essencialmente subjetivo e a melhor maneira de alcançá-la depende muito da constituição psíquica de cada um, de qualquer modo, a civilização é vista, em grande parte, como responsável pela infelicidade do indivíduo por impor sacrifícios à sua sexualidade e agressividade. Nesta concepção, ele poderia ser mais feliz se abandonasse a civilização e voltasse a viver sem restringir suas formas de satisfação da pulsão. Os grupos humanos que constituem a civilização esperam que o indivíduo abra mão do seu poder individual em benefício do poder da comunidade, esta limita as possibilidades de satisfação dos seus membros para que possa haver uma lei comum a todos. Ao mesmo tempo em que as restrições impostas pela civilização fundam a sua existência, elas são a base para a hostilidade do indivíduo contra ela, assim, constitui-se um antagonismo irremediável entre os dois. Porém, segundo Freud, "o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança" (op. cit.: 137). A partir daí entendemos que os indivíduos aceitam fazer algumas concessões, limitar suas oportunidades de satisfação, mesmo que de modo um tanto contrariado, a fim de poderem viver em grupo, "ajustarem os seus relacionamentos" com os demais, terem alguma estabilidade, confiança e amparo no convívio social.

---

<sup>14</sup> Segundo Freud (op. cit.), a palavra civilização "descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de *ajustar os seus relacionamentos mútuos*" (p. 109) (grifo nosso).

Retomando esta idéia de Freud, de que o homem abriu mão de uma parte da sua felicidade, entendida como o resultado da experiência de intensos sentimentos de prazer, em troca de uma cota de segurança propiciada pela existência de uma lei comum a todos, Bauman (1998) afirma que este foi o caminho tomado pelo homem na modernidade e que na pós-modernidade ocorre de modo diverso. Para o autor, vive-se um momento de "desregulamentação" (p. 9), de flexibilização de normas e regras ditadas pela razão. Segundo Bauman, na atualidade a liberdade individual é tomada como referência, valor maior, e, por isso, abre-se mão de parte das possibilidades de obter segurança para se ter felicidade individual, ou seja, para se obter prazer, "sempre mais prazer e sempre mais apazível prazer" (ibidem). Em uma sociedade que valoriza a novidade, a mobilidade e a pluralidade, qualquer coisa (regra, lei ou alguém) que proíba o movimento do indivíduo, que se interponha às suas oportunidades de fruir livremente é vista facilmente como inconveniente e como aprisionamento. A renúncia forçada e a submissão às restrições são percebidas, a primeira vista, como ações injustificadas, pois lesam a liberdade.

Pensamos que na atualidade o que ocorre não é exatamente uma troca de segurança por felicidade individual, mas sim o desejo de manter a liberdade – para fazer o que bem quiser e como quiser – e a segurança. Embora o indivíduo não queira mais abrir mão das suas satisfações, busque sempre mais prazer, ele não quer também abandonar as possibilidades de ter segurança, deixar de lado o amparo e o conforto que o grupo social possa lhe oferecer. O que ele quer é uma liberdade livre de riscos, o desfrute de sua liberdade e um "final feliz" garantido, resultados assegurados (op. cit.: 239). É como acontece com a figura do turista que descrevemos: ele quer viver novas aventuras, ter liberdade para ir-e-vir, satisfazer suas fantasias, usufruir as coisas que um determinado lugar possa lhe propiciar sem se preocupar com este e, ao mesmo tempo, minimizar ou controlar os riscos que daí venham a surgir. Por exemplo, o risco de uma reação hostil de um membro desse lugar que se sinta usado ou discriminado por ele. Existe o desejo de viver como bem quiser, estar em movimento, transitar, o que é entendido como ter liberdade, desligar-se, mas também a necessidade de segurança, alguma condição de vida comunitária, de ajustamento, confiança e estabilidade nos relacionamentos mútuos. Entendemos que a liberdade exige limitação, que é preciso um fundo para se ver uma figura ou o que teremos serão sentimentos e experiências



esmaecidas. O indivíduo pode buscar prazeres acumulando freneticamente diversas aventuras e sensações, mas ele corre o risco de, finalmente, ter tão somente um amontoado de experiências e sensações sem muito sentido.

Na pós-modernidade, além de estar relacionada à idéia de se viver como bem quiser e ser livre para transitar, a liberdade individual significa também ter opções e ser livre para escolher. De acordo com Bauman (1999a), na pós-modernidade os valores da liberdade, da igualdade e da fraternidade foram substituídos pelos da liberdade, da diversidade e da tolerância (pp. 289-290). Para o autor, a diversidade cresce na medida em que ela beneficia o mercado, e a tolerância pode ser traduzida "(...) na fórmula: 'viva e deixe viver'" (p. 291)<sup>15</sup>. Quanto à liberdade, ela hoje está relacionada primordialmente à opção de consumo, assim sendo, é preciso ser um consumidor para poder alcançá-la. De preferência, deve-se consumir abundantemente, pois isto na lógica de mercado é mostrado como marca de sucesso e dá ao consumidor uma sensação de bem-estar e felicidade. Nessa lógica, milhões de indivíduos ficam de fora, são os chamados não-consumidores, ou são percebidos como consumidores falhos porque consomem pouco. Podemos lembrar, mais uma vez, das figuras do turista e do vagabundo: um tem liberdade de escolha e pode se movimentar ao seu bel-prazer, o outro sonha com a liberdade e se movimenta, na maioria das vezes, porque é obrigado e não tem escolha. Apesar das diferenças entre turista e vagabundo, há problemas que são comuns aos dois e que, mesmo sendo um bom consumidor e tendo a possibilidade de fazer uma série de aquisições pessoais, não são possíveis de resolver de modo privado. Estando mais interessado na sua liberdade de escolha, o turista deixa de lado problemas coletivos que dizem respeito tanto a ele quanto ao vagabundo, tais como o buraco na camada de ozônio, os riscos de superpopulação, a contaminação e falta de água, a proliferação de doenças e o crescimento mundial da miséria e das desigualdades sociais. Por mais que o turista faça do êxodo sua segurança, tenha a oportunidade de se deslocar sempre que se sente ameaçado por um problema desses, ele acabará esbarrando em outros problemas coletivos ou nos mesmos, mas em outros lugares. Os contratos temporários e as comunidades abertas implantadas por turistas e vagabundos, por opção ou falta dela, promovem paradoxalmente tanto flexibilidade e liberdade, quanto exploração e

---

<sup>15</sup> Voltaremos a abordar a questão da diversidade e tolerância mais adiante.

insegurança. Nesse sentido, a liberdade que tanto se preserva e valoriza corre o risco de se esvaír, e a liberdade e a justiça na sociedade vão sendo minadas.

Aliás, a cobiçada liberdade de escolha, apoiada na multiplicidade de possibilidades, ou seja, na pluralidade, ela mesma se mostra um engodo produzido pela sociedade de consumo. A liberdade do consumidor diz respeito ao seu "(...) direito de escolher 'por vontade própria' um propósito e um estilo de vida que a mecânica supra-individual do mercado já definiu e determinou para o consumidor" (Bauman, 1999a: 277). Inúmeras vezes o indivíduo acaba por fazer uma escolha que não lhe é própria no sentido de não ser determinada ou governada por ele mesmo, de não estar baseada no exercício do pensamento, o qual torna possível o discernimento e o questionamento daquilo que é imputado de fora, além de restringir as chances de uma repetição irrefletida acontecer. A repetição/reprodução pura e simples é percebida a partir, por exemplo, da indústria cultural que visando ampliar o seu mercado se apropria e domestica o que há de singular, espontâneo e pensante no indivíduo. A racionalidade técnica da indústria cultural é usada de modo tal que ela possa ser sentida como mais palatável e natural. Esta indústria constrói uma série de classificações, acentua distinções entre categorias de filme, de revista, de programa televisivo etc, para que nada fique de fora, isto é, para que acentuando as diferenças possa abarcá-las. Diante desta pluralidade de opções, o indivíduo se sente na obrigação de se inserir, de definir e "escolher" a categoria ou o padrão ao qual ele pertence <sup>16</sup>. A liberdade individual como sinônimo de ter opções, especificamente, como opção de consumo expõe a impossibilidade de uma liberdade crucial, seja, "(...) a de se libertar do mercado, liberdade que significa tudo menos a escolha entre produtos comerciais padronizados" (ibidem). Mais do que isso, pensamos que esta liberdade crucial implica, sobretudo, em um movimento de resistência do indivíduo à repetição pura e simples do já instituído, e em uma consciência de si, um exercício de domínio sobre os próprios desejos e prazeres, que, enfim, possibilita a ele ser autor do próprio destino e gerir a própria vida.

A partir da discussão feita sobre a concepção de liberdade individual valorizada na cultura pós-moderna, pensamos que vinculá-la à opção de consumo, no mínimo, é empobrecer o que se pode esperar do fato de ter liberdade. E, relacioná-la à idéia de viver livre de limitações externas, de buscar a felicidade privada independentemente do

---

<sup>16</sup> A esse respeito, ver Adorno e Horkheimer, 1985.

direito e do respeito à liberdade dos demais ou fazendo-os de meros meios para obter auto-satisfação, é colocar dificuldades para a manutenção da vida social, e, em última instância, para a vida do próprio indivíduo. O ajustamento dos relacionamentos sociais, a estabilidade, a confiança e o amparo que o convívio social propicia se vêem, assim, enfraquecidos. A tentativa de manter a um só tempo liberdade individual – conforme aqui descrita – e neutralizar ou minimizar os perigos que surgem quando se colocam em segundo plano os outros e as suas necessidades parece constituir uma das tensões da atualidade. Esta é apenas uma das tensões, pois, a ambigüidade, a incerteza, a pluralidade, a descontinuidade e a flutuação, características do momento atual, ao mesmo tempo em que podem viabilizar uma forma de vida mais flexível e satisfatória para o indivíduo podem, também, suscitar inúmeros impasses com os quais ele terá que se confrontar. Muitas vezes, sem ter uma rede de apoio minimamente fixa, estável e confiável, e sem ter pontos de referência fidedignos e sólidos. É essa rede de apoio que abordaremos a seguir, ou melhor, iremos discutir as suas qualidades, as afetividades aí possíveis. Veremos que contradições e tensões estão presentes, que existe um deserto social apático no qual o indivíduo se sente solitário e seus afetos se tornam esmaecidos. Do mesmo modo, percebemos também um movimento, um frenético, efervescente e descontraído ir-e-vir; e uma intensidade emocional que é pontual, efêmera e hedonista.

## II - AFETIVIDADES NA PÓS-MODERNIDADE

No ano de 1995 o programa para computador Windows 95 da Microsoft foi lançado e em seus anúncios de divulgação, em diversos jornais e revistas, lia-se: "Assobiando e chupando cana", "Com o Windows 95 a multitarefa no seu PC ficou muito mais fácil". O conceito explorado pela Microsoft foi, e ainda é, o da multitarefa simultânea<sup>17</sup>. Com esse programa o usuário de computador pode escrever um artigo, verificar sua correspondência eletrônica e imprimir um texto ao mesmo tempo; do mesmo modo, é possível navegar na Internet e conversar, simultaneamente, com diferentes indivíduos nas salas de bate-papo. Espera-se que o usuário fazendo várias coisas paralelamente "ganhe tempo" e, assim, tenha mais tempo livre para fazer outras coisas, por exemplo, outros trabalhos ou o consumo de novos bens e serviços. As noções de multiplicidade e simultaneidade são reforçadas constantemente pelo desenvolvimento da sociedade de consumo e das novas tecnologias, e impregnam o cotidiano do indivíduo, principalmente daquele que mora em grandes centros urbanos devido ao seu acelerado ritmo de vida. A idéia transmitida pelo anúncio do Windows 95 é a de que é possível fazer diferentes atividades simultaneamente, mesmo aquelas que parecem difíceis ou impossíveis de serem executadas, como a que é ilustrada no anúncio: assobiar e chupar cana. Além de a viabilidade disto ocorrer ser afirmada, há uma expectativa e estímulo para que se venha a realizar, de fato, as mais diversas atividades ao mesmo tempo. Para tal, devemos supor que o indivíduo seja versátil, aprenda rápida e eficazmente, e esteja sempre pronto e disponível para mudanças, para fazer uma série de *up-grades*.

Assim deve ser aquele que vive sob condições pós-modernas. Alguém versátil e flexível para acompanhar as demandas do mercado, ubíquo e eficiente para realizar as diversas funções para as quais ele é designado nos campos educacional, profissional, social, familiar e amoroso. Ademais, deste indivíduo se espera agilidade e rapidez em suas respostas. É preciso que ele saiba e possa receber, metabolizar e responder prontamente a tudo aquilo que chega até ele. Ter respostas é uma atitude necessária ao indivíduo e para tê-las importa pouco se ele é ou não o seu autor. Isto é, muitas vezes, diante da velocidade com que ele deve responder ao que lhe é perguntado e pedido, ele

---

<sup>17</sup> A esse respeito cf. Nicolaci-da-Costa, 1998.

recorre às idéias, conceitos, pensamentos e projetos já prontos, os quais ele repete sem antes ter refletido sobre eles. Ao priorizar o fato de ter rapidamente respostas – construídas com propriedade ou adquiridas com os manuais de auto-ajuda, a mídia, os formadores de opinião etc – às mais diversas perguntas, sem ter muito tempo para pensar autonomamente sobre aquilo que é demandado, corre-se o risco constante de assumir posições contraditórias, de flutuar entre ideais, crenças, expectativas e práticas conflitantes. Mas, em última instância, o sujeito pós-moderno deve ter porosidade e plasticidade para saber lidar com as contradições e as descontinuidades características de um mundo mais errático, no qual segurança, confiança e estabilidade já não são mais garantidas do modo como o eram durante a modernidade. As relações sociais forjadas por este sujeito neste mundo parecem ser mais temporárias, as comunidades, abertas e frouxamente ligadas. Perguntamo-nos se estas são as relações possíveis na pós-modernidade, quais são os afetos que marcam essas relações e como se sentem aqueles que estão inseridos neste cenário social. É sobre estas questões que nos debruçamos neste capítulo.

Antes de as discutirmos especificamente, refletimos brevemente sobre a noção de ambigüidade porque ela remete a um estado tão comum à pós-modernidade, o da incerteza, da imprecisão e da insegurança. A qualidade ou o estado de ambíguo pode produzir uma série de mal-entendidos, de ações dúbias e, às vezes, conflitantes. Como se acompanhássemos o que é próprio da ambigüidade, em seguida tomamos dois caminhos para discutir sobre os aspectos afetivos das relações sociais: primeiro, o da "desertificação de massa" (Lipovetsky, 1983), segundo, o da circulação do sentimento. Pelo primeiro, pensamos em um indivíduo que flutua por um ambiente composto de indivíduos voltados para a satisfação dos seus próprios prazeres e a resolução dos seus próprios problemas. Durante essa flutuação ele pouco olha para aqueles que o rodeiam, mostra-se indiferente ou apático com relação àquilo que não lhe diz respeito e assim apresenta uma sensibilidade epidérmica, um afeto esmaecido, uma profundidade rasa. Percorrendo o outro caminho, procuramos mostrar a errância como um vetor de socialização (Maffesoli, 2000, 2001); a alegria e o prazer de simplesmente "estar-junto" (Maffesoli, 2000); e o êxtase que há na diversão pura ou nas situações de efervescência. No movimento de ir-e-vir do indivíduo, de entrar e sair ou de estar em diferentes grupos, sem que isto se constitua necessariamente em um problema, o sentimento

circula. Isto é, diversos investimentos afetivos são feitos, ora alternando entre diferentes pessoas ora simultaneamente.

Ao longo desses caminhos assinalamos as contradições e as tensões aí presentes e acompanhamos o pensamento tanto de autores mais críticos e céticos, no que se refere às qualidades e intensidades dos laços forjados, quanto daqueles mais otimistas e defensores das novas formas relacionais. Não pretendemos aqui ser porta-voz do caos, anunciar o apocalipse ou o fim dos tempos nem advogar a favor de um "reencantamento do mundo" (Maffesoli, 2000: 42). Nosso intuito neste capítulo é apresentar e discutir facetas diversas, por vezes contraditórias, de um mesmo cenário social e sentimentos díspares vivenciados pelo indivíduo. Entendemos que, se por um lado, o movimento constante de mostrar uma faceta e outra corre o risco de fazer com que a interpretação perca a força que teria caso fosse apresentada de modo exclusivo ou categórico, por outro, expressa mais apropriadamente o cenário sobre o qual queremos pensar e a complexidade vivida por aqueles aí inseridos. Pensamos que o mesmo sujeito que se sente sozinho ou que é indiferente ao outro pode vir a se sentir pertencente a uma grande rede ou a agir de forma solidária com os demais. Neste sentido, devemos olhar para os dois caminhos que tomamos neste capítulo como duas vias que podem tanto correr sempre como paralelas quanto se cruzar de tempos em tempos, ou, ainda, como dois pontos extremos de uma mesma trajetória sobre a qual o sujeito desliza.

## **II.1 - Ambigüidade: "Sim. Não. Depende"**

No capítulo anterior afirmamos que a existência de inúmeras contradições pode vir a fazer o indivíduo reordenar suas práticas individuais e sociais buscando estratégias para viver melhor com ele mesmo e com os demais. Dissemos que as características dos tempos atuais favorecem o desenvolvimento de práticas sincréticas. De acordo com Maffesoli (2001), o andrógino sexual, o sincretismo ideológico ou religioso, as diversas mestiçagens políticas exemplificam a presença e a força da ambigüidade, daquilo que está no meio do caminho, que não é totalmente uma coisa e nem totalmente outra. Para o autor, num mesmo momento é possível viver, pensar e amar os contrários sem que isso se dê de maneira esquizofrênica (pp. 184-185). Diferentemente do pensamento de

Maffesoli, Jameson (2000), tomando emprestado a definição de esquizofrenia feita por Jacques Lacan, que a descreve como uma ruptura na cadeia de significantes, chama a atenção para a forte possibilidade da produção cultural, na pós-modernidade, ser "um amontoado de fragmentos", uma prática da pura heterogeneidade (pp. 52-53). Embora Jameson, na obra citada, esteja analisando a produção cultural pós-moderna, retomando o que falamos sobre presente perpétuo – perpétua mudança, podemos pensar nas vivências ou experiências do indivíduo e questionar se o que há é uma série de ações não relacionadas no tempo e sem uma lógica que as perpasse. Assim como Jameson, não nos interessa fazer um "diagnóstico do tipo cultura-e-personalidade de nossa sociedade" (op. cit.: 52), mas sim analisar as práticas, no caso de nosso trabalho, práticas amorosas, que são forjadas sob condições pós-modernas. Pretendemos olhar para o campo amoroso da pós-modernidade nos perguntando como o amor é compreendido e vivenciado, e quais são as intensidades que caracterizam os seus relacionamentos amorosos. De todo modo, por ora, pensemos sobre a noção de ambigüidade.

A instalação de uma sociedade flexível com o afrouxamento de leis e de regras faz com que as diferenciações entre, por exemplo, certo e errado, permitido e proibido, bom e ruim se tornem menos rígidas, menos claras e mais provisórias. Esta flexibilização facilita o surgimento de explicações e de categorias ambíguas, ou seja, que podem ser tomadas em mais de um sentido. Ao poder conferir mais de um sentido a alguma coisa ou algum acontecimento, o indivíduo tem a chance de não definir fixamente o que quer que seja; de não assumir uma determinada posição, partido, opção etc ou de assumir uma posição diferente a cada momento. E, mais, de explicar uma mesma situação de diversos modos, dando diferentes sentidos. Visto desta maneira, a ambigüidade pode vir a ser usada pelo indivíduo para eximi-lo das responsabilidades e conseqüências de seus atos, isto é, caso seja necessário, ele pode recorrer a um outro sentido a fim de justificar suas ações, incoerências e mudanças. Mais do que se desobrigar da responsabilidade pelo seu ato, ele pode depositá-la no outro como se este fosse o responsável por não ter compreendido adequadamente a explicação. A ambigüidade produz um relativismo que, em alguns casos, é muito conveniente para si e impreciso para o outro. Este relativismo aponta para a constante necessidade de um complemento – um adjetivo, um substantivo, uma expressão ou uma explicação a mais.

Assim, é possível supor que, ao responder se abriria mão de um projeto individual para permanecer ao lado do parceiro amoroso, uma pessoa diz: "Sim. Não. Depende"; ao dizer o que pensa sobre a prática do sexo casual<sup>18</sup>, uma outra responde: "É bom. Não, é ruim. Depende". Estas situações são bastante plausíveis quando as fronteiras são mais indiscriminadas, quando não existem definições precisas ou quando elas são temporárias, relativas e individualizadas. Isto é, ao flexibilizarem normas e regras, ao responsabilizarem o indivíduo pelo seu próprio bem-estar, a sociedade abre espaço para que ele construa fronteiras individualizadas, próprias, defina individualmente o que é certo e errado, bom e ruim ou positivo e negativo. Certamente este é um fato que dá liberdade ao indivíduo para gerir a própria vida e se tornar autor do próprio destino, porém ele cria um ambiente marcado pela incerteza e insegurança. Estas se tornam marcas freqüentes da vida subjetiva e das relações sociais.

A perda de clareza e de rigidez entre fronteiras é vista, por exemplo, nas categorias família, namorado e amigo. Em uma pesquisa sobre os significados da amizade, Rezende (2002) afirma que jovens cariocas de "segmentos médios", de idades que variam entre 20 e 30 anos, vêm com menor nitidez a distinção entre as categorias mencionadas. Embora haja diferenças nas relações que eles estabelecem com pais, namorados e amigos, há áreas mais ambíguas nas quais o namorado é percebido como "amigo" e o pai é adjetivado como "pai amigo" (op. cit.: 126). Para eles, o fator diferenciador entre as relações amorosas e as de amizade é a atração sexual, o que faz com que alguns considerem problemática a amizade com o gênero oposto (op. cit.: 121). Entendemos que a interseção entre as categorias amor e amizade facilita o deslizamento do jovem de uma posição para a outra fazendo com que, de modo geral, seja fácil para ele se envolver (pontualmente ou esporadicamente) afetiva-sexualmente com um amigo, e, muitas vezes, ver o parceiro amoroso como o melhor amigo. Esta interseção não parece se constituir em um problema, a menos que gere dúvida quanto à definição do amigo e do parceiro, e esta dúvida desencadeie no indivíduo ansiedade por sua imprecisão. Isto acontece em algumas relações de amizade que se tornam ambíguas quando ambos ou um dos amigos questiona ou se sente indeciso em relação ao sentimento amoroso e ao interesse que tem pelo outro. Algumas relações amorosas se esmorecem quando o parceiro começa a ser percebido, sobretudo, como um amigo

---

<sup>18</sup> Sexo casual é a relação sexual sem compromisso que pode ser tida com alguém que já se conhece ou com um desconhecido.



diante do qual o interesse sexual é pequeno ou inexistente. A ambigüidade destas situações pode provocar incômodo, ansiedade e insegurança. De qualquer modo, ela é inevitável quando a separação entre as categorias já não é mais rígida e clara, quando a segregação decorrente de uma previsível e determinada classificação não é bem-aceita, ao menos não abertamente e visivelmente.

Para aquele que se sente ansioso diante da ambigüidade e desejoso de precisão, a ambigüidade deve ser acompanhada de um complemento por causa de seu relativismo. A necessidade de um complemento ressalta a ênfase no "contexto" e na "situação" característica da pós-modernidade. Apesar de tanto o contexto quanto a situação serem idéias pertinentes à noção de presente perpétuo, pensamos que há uma diferença entre elas. O contexto deve ser entendido como as condições de vida mais gerais do indivíduo, tais como se ele está solteiro, namorando ou casado; o meio social e o grupo de amigos ao qual ele pertence; a fase de sua vida que, de modo flexível, está relacionada à idade, às expectativas e aos interesses atuais; a situação financeira, profissional e acadêmica; e as preferências individuais nos mais diversos campos. A situação está contida no contexto, porém ela diz respeito ao agora, ao momento específico que é vivenciado, e aí se inclui, entre outras coisas: o lugar onde está; se está sozinho, com amigos, namorado(a) ou marido/esposa; o modo como está se sentindo (carente, sozinho, triste, feliz, eufórico, autoconfiante etc); e o interesse momentâneo. Assim, nos exemplos supracitados – o das respostas: "Sim. Não. Depende" e "É bom. Não, é ruim. Depende" –, o complemento a ser dado está relacionado ao contexto de vida e à situação específica do indivíduo. Então, se uma pessoa é perguntada se abriria mão de um projeto individual para permanecer ao lado do parceiro amoroso, sua decisão depende, por exemplo, do fato de ela estar ou não iniciando uma carreira promissora, da sua atual situação financeira, das relações familiares e de amizade que mantém. Quando alguém é indagado sobre o que pensa do sexo casual, sua explicação pode ser positiva se ele estiver interessado em praticá-lo, por alguma razão qualquer, ou ser negativa se ele tiver acabado de descobrir que seu parceiro amoroso o traiu.

A ênfase dada ao contexto aparece na análise de Vaitsman (1994) sobre os novos padrões de casamento e de família em condições pós-modernas. Segundo a autora, a redefinição das fronteiras entre papéis masculinos e femininos presente na atualidade faz com que as escolhas e as decisões de homens e mulheres estejam referidas ao

contexto, atreladas às demandas individuais (pp. 134-136). Tendo em vista que estas demandas assim como as ditas fronteiras são plurais e flexíveis, eles deverão se remeter constantemente ao contexto em que estão inseridos. Inúmeras vezes eles se vêem forçados a mudar seus projetos em função de impossibilidades práticas com as quais se deparam. Isto faz com que suas decisões sejam sempre contextuais e não definitivas, e pragmáticas. Mais uma vez, é preciso dizer que se esta situação pode gerar incerteza e insegurança dificilmente se consegue escapar dela. É possível – mais do que possível, é real e visível – que homens e mulheres busquem estratégias para diminuir ou acabar com a instabilidade e, na relação com o outro, para negociar com ele. No entanto, mesmo que brevemente, eles irão se deparar com a instabilidade e com os incômodos que ela possa gerar. Como diz um homem entrevistado por Vaitsman em seu trabalho, "[as pessoas aprendem] a trabalhar com o fantasma da insegurança. A instabilidade não é uma coisa que nos deixa perplexos ou nos assusta. A gente lida com isso..." (op. cit.: 161). No trabalho de lidar com a instabilidade, e a incerteza e a insegurança que venham a decorrer dela, o indivíduo precisará ter em vista o contexto e a situação em que ele está inserido.

A importância do contexto é mostrada também por Rezende (op. cit.) em seu trabalho sobre a amizade. De acordo com a autora, o caráter contextual e relacional da categoria amizade é percebido através da polissemia dos termos referentes a ela (p. 96). Nas entrevistas realizadas com cariocas, Rezende encontrou termos diversos, tais como amigo, colega, amiguinho, amigo mesmo, amigo verdadeiro, conhecido etc, embora a distinção principal seja feita entre "colega" e "amigo". Porém, o próprio termo "amigo" é ambíguo, pois ele tem um sentido mais geral que se aproxima de colega, vizinho, conhecido etc e, um sentido mais específico que significa o amigo próximo, verdadeiro quando comparado à "colega". A polissemia do termo amizade expressa tanto o desejo amplo dos entrevistados de manter relações com algum grau de amizade quanto a distinção nos modos de se envolver com o outro. Esta distinção varia de acordo com o contexto e a situação, o que faz com que alguém possa ser percebido como "amigo" em um dado momento e como "colega" em um outro. Se fazer amizade com todos não é considerado difícil pelos entrevistados, mais complexo é distinguir as amizades "verdadeiras" das "falsas". Para que uma amizade próxima aconteça é necessário tempo em longo prazo, compartilhamento de experiências, troca de confidências, "provas" que

estabeleçam e confirmem a confiança mútua. Também aqui, como nas relações familiares e no casamento, conforme descritas por Vaitsman (op. cit.), a recorrência ao contexto é constante e imperiosa. Também aqui, como lá, não se têm garantias fixas, mas sim certezas provisórias e pragmáticas.

Aqui enfatizamos a importância do contexto e da situação para a leitura e a interpretação das palavras, dos acontecimentos e das vivências por causa da ambigüidade, da necessidade dela vir acompanhada de um complemento para que possa, então, ser compreendida, para que o indivíduo não se sinta desorientado e ansioso com o relativismo e a indeterminação. A referência constante ao contexto e à situação na qual se está inserido mostra como a ambigüidade foi privatizada na pós-modernidade, ou melhor, como "a obtenção de clareza de propósito e sentido é uma tarefa individual e uma responsabilidade pessoal. O esforço é pessoal. E igualmente o fracasso pelo esforço. E a culpa pelo fracasso. E a conseqüente sensação de culpa" (Bauman, 1999a: 207). Na modernidade, em diversos âmbitos se buscou manter uma ordem caracterizada pela clareza e nitidez entre fronteiras, lutou-se por construir um mundo legível no qual as linhas divisórias entre o normal e o anormal, o sadio e o doentio, o permitido e o proibido, o certo e o errado eram estáveis, claras, determinadas. Tentou-se forjar uma sociedade na qual o indivíduo pudesse se orientar e saber como ir adiante, executar um projeto de vida em longo prazo de modo estável e seguro.

Uma síntese harmoniosa, mesmo que um tanto ideal e abstrata, deveria substituir quaisquer incertezas e contradições que surgissem<sup>19</sup>. Assim, o indivíduo foi habituado a ter a esperança de que era possível viver em um mundo no qual a ordem predominasse, ele pudesse escapar da contingência, diante da qual ele foi educado a se sentir infeliz, e satisfazer suas necessidades. Na atualidade, o cenário não é mais este. O que há é uma "harmonia conflituosa", uma "tensão permanente", por exemplo, entre a generalização do bem-estar e a dificuldade de se viver, a riqueza ostentada e a miséria exibida, a securitização crescente e um difuso sentimento de insegurança (Maffesoli, 2001: 21; 143). Nas relações humanas existe, por um lado, formas de amor mais livres e, por

---

<sup>19</sup> A formação e preservação da família tradicional pode ser vista, em muitos casos, como um exemplo desse esforço para a manutenção da síntese harmoniosa, a superação de papéis e expectativas que pudessem ser ambíguos e contraditórios. Isto deveria ser feito em função da continuidade de uma ordem estabelecida, no caso, o casamento. Mesmo que no interior da família houvesse uma série de contradições e conflitos, ela deveria ser mantida, pois era isso que a sociedade disciplinar definia como saudável e correto, e se empenhava para que homens e mulheres acreditassem e vivessem de acordo com essa ordem.

outro, uma certa precariedade dos relacionamentos; um número maior de relações de pessoa a pessoa, mesmo que intermediadas por máquinas tais como telefone e computador, e uma instabilidade também maior destas relações. O que se tem é uma sociedade mais plural e flexível cujas leis e regras flutuam de acordo com o mercado, com objetivos privados e presentes, e um indivíduo que é continuamente estimulado a se ocupar de seus interesses particulares e responsabilizado pelo seu próprio bem-estar. E, aí se inclui a necessidade de metabolizar por conta própria a ambigüidade, seja convivendo com ela seja buscando, de alguma forma, propósito, precisão e clareza.

Existem indivíduos que conseguem viver bem com a ambigüidade, ou melhor, com aquilo que comporta mais de um sentido, que denota incerteza e insegurança, com o que é impreciso. A ambigüidade não os assusta, não lhes provoca mal-estar, desconforto ou ansiedade. Simplesmente convivem com ela de maneira objetiva e pragmática, buscando forjar estratégias que lhes permitam viver bem com as indeterminações e suas conseqüentes instabilidades. Alguns daqueles fazem isto de um modo mais frouxo ou superficial, enfatizam ora um sentido – da palavra, da explicação ou do acontecimento – ora outro, assumem ora uma posição ora outra sem se preocuparem com as implicações e as conseqüências de cada uma delas. Outros tantos ao perceberem ou ao *conseguirem* perceber que uma mesma palavra, um mesmo acontecimento pode ter mais de um sentido fazem disto uma oportunidade para pensarem e repensarem sobre suas próprias escolhas, sobre o próprio destino. Ter consciência da imprecisão, da ausência de uma verdade absoluta, da precariedade das certezas dá margem para que se faça escolhas mais próprias, que não sejam mera reprodução/repetição das definições, significações já existentes. Porém, para isto acontecer é preciso que se saiba e aceite que ao fazer uma escolha se perde algo, mesmo que esta escolha seja temporária, e que se assuma as responsabilidades por ela. É necessário, ainda, que se tenha vontade de permanecer fiel à escolha feita e possa se implicar com aquilo pelo que optou.

Se há indivíduos que vivem bem com a ambigüidade, há também muitos outros que não a suportam e que, conscientes ou não, procuram minimizá-la ou extinguí-la. Como já dito, agora esta é uma tarefa, uma responsabilidade do indivíduo. Este é responsável tanto pelo sucesso quanto pelo fracasso da tentativa de acabar com a ambigüidade. Segundo Bauman (1999a), a carga desta responsabilidade é pesada

demais para alguns (p. 207). Estamos aqui falando da responsabilidade de determinar fronteiras, definir categorias, construir propósitos e sentidos claros e estáveis. De acordo com Bauman (op. cit.), uma série de "suportes artificiais", "competências especializadas" são oferecidas ao indivíduo pela sociedade de mercado para ajudá-lo neste trabalho ou para ocupar o seu lugar nesta busca de determinação. Uma infinidade de especialistas irá fazer as classificações, construir as linhas divisórias, e formular desconfortos e ansiedades individuais como problemas, para os quais serão oferecidas as devidas soluções<sup>20</sup>. O trabalho que o indivíduo terá é o de localizar e ter acesso à resposta e ao sentido que melhor lhe convém, ao meio técnico-instrumental que pode vir a resolver o seu mal-estar, tirar a sua dúvida, acabar com as suas incertezas. A possibilidade de recorrer a uma técnica, um instrumento, uma competência especializada para definir uma escolha, sinalizar os limites, solucionar algum problema, e a sensação de ter a disposição soluções prontas que minimizem ou acabem com o desconforto de viver com incertezas, confusões e problemas são percebidos por muitos como um alívio, um conforto, uma solução. Os "suportes artificiais" e as "competências especializadas" valorizam a satisfação alcançada em curto prazo, enfatizam a sensação de bem-estar permanente e sempre acessível, prometem ao indivíduo uma vida ordeira, sem imprecisão, o alívio e a remoção de qualquer ansiedade e sofrimento sem muito esforço e trabalho psíquico.

---

<sup>20</sup> De maneira geral, ao fazer referência ao comportamento humano, muitos pesquisadores, entre eles neurocientistas e psiquiatras, enfatizam os conceitos de "déficit", "competência" e "aptidão". É dentro destas categorias que se pode pensar sobre o que os psiquiatras chamam, atualmente, de "fobia social" – "(...) medo patológico de comer, beber, tremer, enrubescer, falar, escrever, enfim, de agir de forma ridícula ou inadequada na presença de outras pessoas" (Nardi, 2000: 17). Caracterizada deste modo, a fobia social é reconhecida como um "transtorno altamente incapacitante" que limita carreiras e relacionamentos, e dificulta o desempenho vocacional ou social do indivíduo. Esta "timidez patológica" é explicada por meios biológicos e o tratamento comumente indicado é o uso de medicamentos, junto à psicoterapia cognitiva comportamental. Dentro desta mesma lógica de raciocínio, alguns cientistas afirmam que "déficits de atenção" e "hiperatividade" de crianças são "distúrbios mentais" que devem ser tratados de "forma adequada" para evitar que elas possam se tornar delinquentes juvenis (cf. O Globo, 04/01/2001). A forma adequada mencionada, geralmente, refere-se à utilização de psicofármacos. O que percebemos através destes exemplos é a tentativa de se *regular* o mal-estar através da psicofarmacologia; de determinar e de interpretar o mal-estar corporal, em toda a sua diversidade, pelo viés da funcionalidade e não mais da etiologia (Birman, 2000: 184-185).

## II.2 - Desertificação de massa

Temos enfatizado em nosso trabalho o quanto o indivíduo é responsabilizado pelo seu próprio bem-estar na pós-modernidade. Isto significa ser o único ou o principal responsável pela satisfação de suas necessidades; pela ordenação de sua existência; pela construção de um projeto de vida, e pelo seu planejamento, implementação, sustentação, avaliação e encaminhamento. Em suma, em todos os níveis, o indivíduo deve ser o arquiteto, o construtor, o administrador, o investidor, o mantenedor, o gerente da própria vida. Esta é uma situação que pode ser aproveitada por ele como uma oportunidade para tomar consciência de sua vida, daquilo que a determina, das formas de existência que podem lhe ser dadas (construídas) e dos modos como gerenciá-la. Este é um trabalho que demanda investimento, esforço mental, trabalho psíquico, escolhas e responsabilidade por elas, e ações reflexivas. Por si só, é um trabalho para o qual nem todos estão dispostos ou se sentem capazes e potentes para realizá-lo. De qualquer modo, tendo em vista este quadro e, mais, a ênfase e o estímulo dado pela sociedade de consumo à realização e à supremacia dos desejos e interesses individuais, na atualidade, o que parece prevalecer é um superinvestimento na esfera privada da vida e um desinvestimento emocional no público.

De acordo com Lipovetsky (1983), este desinvestimento faz com que as instituições, os grandes valores e finalidades que outrora orientavam a vida dos indivíduos se esvaziem pouco a pouco perdendo sua substância, levando a uma "desertificação de massa", à transformação de "o corpo social em corpo exangue, em organismo *desafectado*" (p. 34). Para o autor, as instituições continuam a se desenvolver e reproduzir, porém em um "deserto apático", sem o seu poder de mobilização emocional, sob o controle de especialistas, sem a adesão das massas e sem que tudo isso faça muito sentido para os indivíduos (op. cit.: 35). A "desertificação de massa" favorece a construção de um ambiente social no qual cada um está e se sente mais só, apesar dos encontros que possa vir a ter, de um corpo social que é um aglomerado de indivíduos voltados para si próprios. Talvez esta seja uma imagem extrema de nossa sociedade, no entanto, ela representa um de seus pólos e é reforçada quando levamos em

conta o hedonismo enfatizado em alguns trabalhos que tratam do momento contemporâneo<sup>21</sup>.

Segundo Morin (1990), a bipolarização entre interesse individual e interesse público e os conflitos que decorrem daí não são exclusivos à atualidade, porém hoje, na maior parte dos casos, esses conflitos são resolvidos de tal modo que a realização privada não é sacrificada, uma solução feliz individual é buscada (p. 126). Essa felicidade deve ser realizada no presente e, em parte, está relacionada ao hedonismo de bem-estar, de conforto, de consumo. Mais do que se ocupar da conservação de valores passados e do investimento no futuro, o que se deve fazer é fruir o presente. Para o autor, a cultura de massa que incita o consumo e a troca rápida, afirma que tudo deve ser usado e substituído muito depressa, em última instância, produz um incessante sentimento de esvaziamento (op. cit.: 177). É interessante observar isso, por exemplo, na prática do "ficar com"<sup>22</sup>, quando jovens "ficam com" várias pessoas em uma mesma festa e ao final dela voltam para casa se sentindo tão sós e vazios quanto antes. No entanto, durante a ação, aquilo pode fazê-los se sentir bem, desejado e forte, e parece ser esta sensação momentânea que os faz repetir sucessivamente esta prática, mesmo que saibam se tratar de um bem-estar e uma satisfação efêmera, que após a fruição pode vir o vazio, a solidão e o tédio (cf. Chaves, 2001a). Semelhante a este acontecimento é o do indivíduo que deseja ter um objeto qualquer, sente-se feliz e satisfeito quando consegue adquiri-lo, mas pouco tempo depois não vê mais interesse nele, deixa-o de lado e começa a sonhar com um outro.

Em uma pesquisa jornalística sobre o funcionamento da noite paulistana e carioca, especialmente em seu aspecto *underground*, Palomino (1999) deixa clara a alta rotatividade da noite, ou melhor, a efemeridade de clubes noturnos, boates e bares que em pouco tempo, de seis meses a aproximadamente quatro anos, abrem e fecham. Os

---

<sup>21</sup> Alguns destes trabalhos são: Kumar, 1997; Campbell, 2001; Saunders, 1996; Morin, 1990; e Lipovetsky, 1983.

<sup>22</sup> O "ficar com" é um código de relacionamento que surgiu no início da década de 80, comum, sobretudo, entre os jovens, e caracterizado pela falta de compromisso com o outro; ruptura entre prazer e compromisso, ou seja, distanciamento entre prazer e norma/lei; busca de prazer imediato, e sem que haja qualquer tipo de obrigatoriedade ou responsabilidade com o outro; negação da alteridade; e comutatividade do objeto. Embora esta forma de relacionamento possa ser *usada* de diferentes maneiras, por exemplo, como um antidepressivo, uma saída para o indivíduo não se sentir sozinho ou triste, ou uma brincadeira, ou ainda uma ponte para um futuro namoro, ela visa essencialmente a obtenção de algum tipo de satisfação individual, faz crer que é possível viver, quase que exclusivamente, pelo princípio de prazer, sonhar sem limites e sem ameaças (Chaves, 2001a).

freqüentadores desses lugares estão sempre dispostos a uma novidade e se cansam, com muita facilidade, do que lhes é oferecido. Em muitos depoimentos de idealizadores, *promoters*, *staff* e freqüentadores dessas casas, pode-se observar como a noção de tempo, passado ou futuro, é bastante breve; por exemplo, um *promoter*, ao se referir a uma festa, diz: "(...) foi uma coisa que aconteceu naquela época, naquele tempo – e foi bárbaro. Não tem que ficar repetindo. Você faz uma vez e, no máximo, mais uma e chega" (op. cit.: 58). A época a qual se refere o *promoter* é o ano de 1993, o depoimento foi dado à autora em torno de 1998. O cansaço – leia-se, insatisfação – e o interesse em novos modismos acontece muito rápido e isto, de algum modo, é o que alimenta o movimento do mercado, da sociedade de consumo. Segundo a autora, é muito fácil os indivíduos demonstrarem "saturação em relação às noites fixas"<sup>23</sup> (p. 138). Por volta do ano de 1993, e mais largamente após a metade dos anos 90, começaram a aparecer e crescer as *raves* brasileiras que trouxeram o ar de novidade que tanto os freqüentadores da noite queriam. As *raves* são festas pagas, organizadas em lugares diferentes, tais como sítios, hangares, armazéns, áreas descampadas, parques de diversão, cinemas antigos e praticamente fora de operação, estádios etc, e caracterizadas, de maneira geral, pela longa duração – algumas festas duram até às 11:00h ou 12:00h do dia seguinte, outras acontecem por dois dias seguidos –, pela música *techno*<sup>24</sup> e pela ingestão de ecstasy<sup>25</sup>. O fato de a festa acontecer em locais diferentes, não ter uma programação pré-estabelecida, apresentar, ou tentar apresentar, sempre novidades, tais como os DJs (disc-jóqueis) convidados e as novas músicas, é atraente para o público freqüentador.

---

<sup>23</sup> As "noites fixas" as quais a autora se refere são os programas oferecidos por boates, clubes e bares estabelecidos e com horário e modo de funcionamento determinado.

<sup>24</sup> *Techno* é uma música eletrônica que tem batidas (batidas por minuto) aceleradas, é freqüentemente minimalista, possui diversas camadas melódicas que são criadas com o uso de instrumentos análogos e sintetizadores, e não tem ou tem uma presença muito pequena de vocais (Saunders, 1996).

<sup>25</sup> Ecstasy, E, Adão e X são nomes populares para uma droga sintética, psicoativa, cujo nome científico é N – Metil – 3,4 – Metilenedioxianfetamina. O ecstasy é ilegal em todo o mundo, embora seja consumido largamente e, sobretudo, entre grupos mais jovens, os quais o consideram uma droga recreativa, de uso ocasional. Ele tem fama de ser a "droga do amor" por produzir, como um de seus principais efeitos, o aumento do sentimento de empatia que potencializa a capacidade de aproximação e comunicação entre as pessoas. Além da empatia, o E propicia uma abertura mental ou o surgimento de *insights*, e conjuga dois efeitos contrastantes: a excitação e o relaxamento. Como efeitos desagradáveis, pode provocar secura na boca, perda de apetite, reações musculares de diversos tipos, dores de cabeça, náuseas, paranóia e sono. Seu maior perigo é o de superaquecimento do corpo, o qual normalmente não é percebido pelo usuário que deixa de tomar a quantidade de água necessária para o esfriamento. Segundo Saunders (1996), "o ecstasy é amplamente utilizado como droga-dance, e já se disse que freqüentar raves é uma das principais razões de viver para muitas pessoas" (p. 121).



No que concerne a sociedade de consumo é fácil visualizar por que ela está interessada na novidade: é isto o que faz o mercado-consumo acontecer e se expandir. Mas e o indivíduo, por que esta ânsia pelo novo? Certamente a sociedade de consumo cria mecanismos, estímulos para que ele se insira no ciclo comprar-usar-jogar fora, associa determinados valores e prazeres aos produtos e serviços oferecidos, e assim estimula a ilusão de que se o indivíduo consumir aquele bem ou serviço ele obterá o prazer anunciado, se transformará em alguém semelhante ao personagem criado para aquela propaganda, realizará os sonhos prometidos pelo anúncio. Porém, se a sociedade de consumo com suas propagandas tem repercussão é porque ela encontra receptividade nos indivíduos. Se, como mostra Palomino (op. cit.), *clubs*, bares e boates abrem e fecham suas portas em curto espaço de tempo é porque os freqüentadores circulam, anseiam e buscam produtos e serviços novos, mesmo que, no final das contas, o "novo" que é oferecido seja muito parecido com aquilo que já existia... De qualquer forma, o "novo" surge com um nome diferente, uma nova "embalagem" e outro *marketing*. Os freqüentadores que circulam em busca de novidades – e, aqui podemos pensar não somente nos freqüentadores da noite, mas no sujeito – o fazem, muitas vezes, porque o estímulo oferecido, se continua o mesmo, não proporciona mais muito prazer, não produz frenesi ou frisson, mas somente um sentimento de contentamento tênue, uma alegria esmaecida. O prazer deve vir do contraste, do inusitado, do que ainda não foi experimentado. Acostumando-se a viver na busca por prazer e sempre mais prazer, sem que haja coerções e constrangimentos que possam limitar seus anseios, estes indivíduos vão se habituando às satisfações obtidas e desejando outras mais intensas ou contrastantes. O fato de alguns permanecerem neste ciclo sem fim talvez venha da necessidade que eles sentem de fazer frente a sentimentos tais como o tédio, a solidão, o vazio de sentido e de propósito na vida. Ou então, talvez, justamente este seja o sentido e o propósito de suas vidas, isto é, talvez o sentido que dão às suas vidas seja o da fruição, talvez a razão dada às suas existências seja simplesmente a busca da satisfação de seus prazeres.

Há um outro aspecto importante ao se considerar a ânsia do indivíduo pela novidade. O cotidiano é, muitas vezes, descrito como entediante por causa da rotina e das obrigações a serem cumpridas e/ou estressante devido ao ritmo acelerado de vida, às diversas exigências feitas no trabalho e nas relações pessoais, às inseguranças quanto às

perspectivas de sucesso nos estudos, na profissão, nas relações afetivas etc. A fim de fugir desse quadro, busca-se prazer seja se divertindo, seja sonhando com um modo de vida melhor. É na prática da "especulação imaginativa" que Campbell (2001) coloca o essencial do hedonismo atual, o "hedonismo autônomo e imaginativo" (pp. 114-121). O hedonista está sempre usando sua imaginação para construir ilusões – entendida pelo autor como "uma impressão falsa ou enganadora" (op. cit.: 121) – que despertam grandes emoções das quais ele consegue obter prazer. As ilusões produzidas são consumidas pelo hedonista contemporâneo pelo prazer que elas proporcionam. Por este prazer obtido e pelo fato de serem controladas somente por ele, muitas vezes, o hedonista prefere a construção destas ilusões ao trabalho que teria para fazer de sua ilusão uma possibilidade real. Ajudado pelas propagandas da sociedade de consumo, o hedonista vincula valores, expectativas e prazeres a determinados objetos que, quando adquiridos, muito provavelmente, provocarão desilusão, pois os prazeres que haviam sido imaginados não se concretizam ou o prazer que se obtém fica aquém daquele proporcionado pela ilusão. Para Campbell, há um "inevitável hiato entre os perfeitos prazeres do sonho e as imperfeitas alegrias da realidade" (op. cit.: 139). O hedonista permanece em um "ciclo de desejo-aquisição-desilusão-desejo renovado" se esforçando continuamente para aproximar os seus prazeres imaginados daqueles efetivamente experimentados (op. cit.: 132). Desse modo, pode-se entender a busca pela novidade, pelo ainda não vivido, e a insatisfação que se faz presente toda vez que alguma coisa nova é experimentada, mas não alcança a intensidade e a perfeição com as quais se havia sonhado.

A adesão ao "hedonismo do presente" (Morin, 1990) e ao "hedonismo autônomo e imaginativo" (Campbell, op. cit.) gera, por um lado, exaltação da fruição e busca de prazer, por outro, vazio e desilusão. De qualquer modo, ela favorece o desinvestimento emocional no público e, em um movimento de retroalimentação, ela fortalece a desafetação do organismo social fazendo com que o desejo e a fruição individual se tornem os "valores" mais importantes (Lipovetsky, 1983: 41). De acordo com Lipovetsky (op. cit.), "hoje, as questões decisivas da vida coletiva conhecem o mesmo destino que os êxitos dos *tops*, todos os pontos altos se desmoronam, tudo desliza e se

apaga numa indiferença descontráida" (p. 14)<sup>26</sup>. O processo aí em desenvolvimento é o da desertificação de massa. Neste processo, o indivíduo já não se afeta mais com os acontecimentos sociais, ou melhor, os sentimentos de absurdo, de desespero, de indignação que deveriam acompanhar, por exemplo, as injustiças sociais e o desrespeito à integridade e ao bem-estar do outro se esmaecem quando não se perdem. Como diz Lipovetsky, "o sistema convida ao *desanuviamiento*, ao desprendimento emocional" (op. cit.: 36). Entendemos este "desprendimento emocional" como o afastamento do indivíduo daquilo que não concerne à sua vida privada e diante do que ele olha com indiferença e apatia. Em última instância, o desprendimento emocional se refere ao desinvestimento emocional no público.

A indiferença e o desprendimento emocional se dão por saturação, por excesso de opções, de estimulações, de informações, de acontecimentos, de velocidade. Eles vêm da desestabilização de tudo aquilo que regula e orienta a vida, da ênfase na possibilidade de coabitação de todas as formas existenciais, de todos os comportamentos e gostos. E, mais, vêm da sociedade que hiper-solicita o indivíduo, isto é, jovens e adultos, homens e mulheres precisam constantemente responder às demandas da sociedade, prestar contas de seus desempenhos amorosos, sexuais, relacionais, educacionais, profissionais etc. Este indivíduo deve, então, se ocupar com a melhoria de seus níveis de desempenho, com a eficácia, a qualidade e a rapidez das respostas/resultados que produz. Podemos supor que ele, cansado e/ou sobrecarregado com tantas expectativas em relação a ele, sente-se impotente ou desinteressado diante de temas ou problemas sociais mais amplos. Deste modo, ele acaba por não se preocupar ou não poder se preocupar com aquilo que não diz respeito especificamente a si próprio, e se afasta e não investe afetivamente nesses problemas seja porque focaliza em demasia a si, seja porque se vê saturado de cobranças. Quando pensamos sobre indiferença, desprendimento emocional é preciso ter em vista estes dois aspectos. É necessário pensar em um indivíduo que prioriza os próprios interesses, a satisfação dos próprios prazeres e a fruição. E, em um indivíduo que limita a sua ação no campo social

---

<sup>26</sup> Castro (2001), em um trabalho que analisa a percepção, e seus desdobramentos, de crianças e jovens de três cidades brasileiras – Rio de Janeiro/RJ, Fortaleza/CE e São José dos Campos/SP – sobre a convivência coletiva, enfatiza a existência de acentuadas desigualdades sociais no Brasil e, diante da visão que é passada por essas crianças e jovens, o "sentimento de desmoronamento da ordem social" (p. 150).

por se sentir impotente e/ou saturado/sobrecarregado. De qualquer modo, por fim, o produto destas formas de ser/viver é um ambiente social fragmentado, carente de trocas afetivas mais estáveis e duradouras, de comprometimento com o outro. Isto parece fazer com que o indivíduo se sinta mais só e ainda mais impotente para resolver os problemas que possam vir a surgir, posto que não se sente seguro e confiante no recebimento de ajuda, compreensão e amparo de outros. Sentindo-se mais só e impotente, além de assoberbado com as inúmeras e diversas exigências que lhe são feitas, ele parece paradoxalmente fortalecer ainda mais o processo de desertificação de massa.

Esta reflexão nos faz lembrar do trabalho no qual Simmel (1902) analisa o impacto que a vida metropolitana tem sobre o homem moderno. Segundo Simmel, "o homem é uma criatura que procede a diferenciações" entre impressões, estímulos exteriores e interiores, que se sucedem (op. cit.: 14). Comparando o homem metropolitano com aquele que vive em cidade pequena ou no campo, Simmel enfatiza o quanto o primeiro é mais intensamente e rapidamente estimulado desenvolvendo, por isso, defesas que se contraponham ao "poder avassalador da vida metropolitana" (p. 15). O autor, que escreveu este texto no início do século XX, afirma que a atitude *blasé* é a resposta característica daquele que recebe estímulos contrastantes que mudam rapidamente e com frequência, é o modo que o homem metropolitano encontrou para se autopreservar. Além da grande e variada estimulação, segundo Simmel, "uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa *blasé* porque agita os nervos até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir" (p. 18). Permanecendo em um meio que não cessa de estimulá-lo, o homem metropolitano não tem tempo para se recuperar e se torna incapaz de "reagir a novas sensações com a energia apropriada". Este "fenômeno psíquico" chamado de atitude *blasé* consiste em um "embotamento do poder de discriminar" (ibidem). Os objetos são percebidos pelo homem *blasé*, porém ele não consegue diferenciar o significado e o valor deles. Todas as coisas lhe parecem ter um "tom uniformemente plano e fosco; objeto algum merece preferência sobre outro" (ibidem).

A atitude *blasé*, conforme descrita por Simmel (op. cit.), e o desprendimento emocional, entendido como uma maneira de o indivíduo lidar com a diversidade e a quantidade de expectativas que se tem em relação a ele, parecem ter função semelhante: a autopreservação. Seguindo o pensamento simmeliano, se pensarmos que da época em

que o autor escreveu este trabalho até hoje um século de intensas e extensas transformações se passou, que a intensificação de estímulos que o indivíduo recebe na atualidade é incomparavelmente maior do que a anterior e que inúmeras demandas são feitas a ele, imaginamos que o seu esforço para se autopreservar também deve ser extraordinariamente maior. O risco que se corre, e Simmel já apontava para isso, é de que o preço pago pela autopreservação, pela incapacidade de diferenciar os significados e valores das coisas, pode ser o esvaziamento da própria existência, uma sensação de inutilidade.

Ainda segundo Simmel, no que diz respeito à interação social, o homem metropolitano adota uma atitude de reserva diante dos contínuos contatos pessoais que ele têm na cidade grande. Essa reserva exterior faz com que internamente ele se sinta indiferente ou avesso às aproximações feitas de modo indiscriminado (op. cit.: 19-20). Supondo o desenvolvimento de hábitos cada vez mais próximos da atitude *blasé*, do desprendimento emocional, da reserva e da indiferença, imaginamos que o ambiente social que se está a construir é um tanto quanto insosso, inóspito e desértico. Em um ambiente como esse, será preciso muita aventura, novidade e movimento para fazer com que o indivíduo não sucumba à solidão e à depressão que acabam por surgir em tal cenário social. Isto é, na tentativa de evitar o contato com sentimentos negativos tais como os já referidos e, mais, tristeza, angústia e tédio, o indivíduo vai, por exemplo, buscar o consumo de novos bens e serviços, e a vivência de aventuras turísticas, esportivas ou sexuais.

Segundo Lipovetsky (op. cit.), em um ambiente desértico, a socialidade é transformada em um "conglomerado de moléculas personalizadas" (p. 54). Geralmente, o interesse pelo aspecto relacional, quando há, é hiper-especializado, ocorre em redes situacionais, traduz-se na solidariedade de micro-grupos, nos interesses particulares, conforme já descrevemos no primeiro capítulo. O espaço urbano e tecnológico da pós-modernidade propicia a pulverização da socialidade através do entrave que se coloca à fixação, do incentivo para se estar em movimento. No entanto, além da atomização do social, do desprendimento emocional, também há a expectativa de "intensidade emocional de relações privilegiadas" (op. cit.: 73). Para o autor,

Não é verdade que os indivíduos procurem um desprendimento emocional e se protejam contra a irrupção do sentimento; a esse

inferno povoado de mônadas insensíveis e independentes, devemos opor os clubes de encontros, os "pequenos anúncios", a "rede", todos esses milhões e milhões de esperanças de encontros, de ligações, de amor, que precisamente se realizam com cada vez mais dificuldade. (ibidem)

Embora Lipovetsky afirme aqui que "não é verdade que os indivíduos procurem um desprendimento emocional", ele já havia mencionado, conforme citamos acima, que "o sistema convida ao *desanuviamiento*, ao desprendimento emocional" (op. cit.: 36). Isto quer dizer que por um lado o indivíduo espera uma "intensidade emocional" e, por outro, agindo com indiferença e apatia diante dos demais e da vida coletiva, contribui para o crescimento de um processo de "desertificação de massa". Fazendo parte do deserto apático, o que ele desenvolve é uma "sensibilização epidérmica ao mundo" (op. cit.: 50), relações mais superficiais, desafetadas, transitórias. Paralelamente, como contraposição ou reação a este deserto, parece haver uma expectativa de intensidade relacional. Porém, é preciso, primeiro, lembrar que a intensidade relacional esperada é, acima de tudo, privada, diz respeito aos relacionamentos íntimos do indivíduo. Segundo, deve-se pensar sobre a qualidade da intensidade desejada por ele. Vejamos, antes, o que diz Jameson (2000) acerca dos afetos e do modelo de profundidade característico da pós-modernidade.

Segundo o autor, de modo geral, cinco modelos de profundidade são repudiados na cultura pós-moderna, são eles: 1) o modelo hermenêutico do dentro e do fora; 2) o dialético, da essência e da aparência; 3) o freudiano, do latente e do manifesto; 4) o existencialista, da autenticidade e da inautenticidade; e 5) a oposição semiótica entre significante e significado. De acordo com o autor, na pós-modernidade estes modelos são substituídos por "uma concepção de práticas, discursos e jogos textuais" onde no lugar da profundidade há superfície ou superfícies múltiplas (p. 40). Segundo Jameson, a falta de profundidade aparece, por exemplo, na cultura da imagem e do simulacro (op. cit.: 32) que pode ser visto na prática do pastiche caracterizada por sua imitação descarnada, sem substância nem potência. Nesta imitação não há um estilo único e peculiar a ser revelado, manifesto, expresso, tudo já foi dito e exposto. Este novo modelo de profundidade aparece também quando o sintoma em si é tomado como a própria doença (op. cit.: 16). Isto implica dizer que a etiologia desta não é o mais importante, as causas subjacentes que possa haver ao mal-estar físico e mental

importam menos do que a extinção do sintoma. O sintoma-doença está na incapacidade de desempenhar funções ou de não responder a elas adequadamente, tem muito pouco ou nada a ver com o modelo hermenêutico do dentro e do fora ou com o modelo freudiano do latente e do manifesto.

O novo modelo de profundidade descrito por Jameson (2000), ou seja, a falta de profundidade tem, para o autor, como consequência um "enfraquecimento da historicidade tanto em nossas relações com a história pública quanto em nossas novas formas de temporalidade privada", e está articulado a "um novo tipo de matiz emocional básico" (op. cit.: 32). O enfraquecimento da historicidade se relaciona à discussão aqui feita no primeiro capítulo sobre o "presente perpétuo" (Jameson, 1993) ou "presente contínuo" (Bauman, 1998). Diz respeito à "amnésia histórica" (Jameson, op. cit.: 43), ou seja, ao desaparecimento da capacidade de reter o passado, e à impossibilidade do indivíduo de unificar o passado, o presente e o futuro de sua própria experiência biográfica, ou de sua vida psíquica (Jameson, 2000: 53). Se, de fato, assim se passa, por fim o que se tem é "uma série de puros presentes, não relacionados no tempo" (ibidem). Quanto ao novo matiz emocional, ele se caracteriza por um esmaecimento do afeto. Este não sugere o desaparecimento ou apagamento de afetos, mas sim a perda de colorido das coisas, uma frivolidade diante de objetos e indivíduos transformados em mercadorias. Esta idéia nos leva de volta ao trabalho de Lipovetsky (1983) quando ele fala de "sensibilização epidérmica ao mundo" e "desprendimento emocional".

A idéia de um modelo de profundidade que é substituído por superfície ou superfícies múltiplas pode ser localizada naquilo que Lipovetsky (op. cit.) descreve como processo de desertificação de massa. Entendemos que o modelo da superfície ou superfícies múltiplas é pertinente às relações que se constroem em um ambiente social desértico. Neste, as atitudes do indivíduo são marcadas, em grande parte, pela atitude *blasé*, pela reserva e pelo desprendimento emocional, e as suas reações diante da vida social mais ampla são caracterizadas, sobretudo, pela apatia e pela indiferença. Em um ambiente como este se supõe que as relações sejam mais superficiais ou atinjam um grau de envolvimento afetivo cuja profundidade poderíamos chamar de "rasa" <sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> A navegação na Internet, em seu uso recreativo, é um exemplo de "profundidade rasa". É possível fazer da Internet prática de puro prazer hedonista: quando os murais e as conferências são voltados a assuntos de interesse extremamente individual; ou quando se conhece alguém nas salas de bate-papo e o que mais se faz é falar de si, e do mesmo modo casual que a relação pode ter começado, pode vir a acabar. Para Rushkoff (1999), estar *online* (conectado à Internet) é a possibilidade de abrir ao indivíduo uma

Porém, acreditamos que não é possível falar *somente* de superficialidade das relações e de esmaecimento dos afetos, pois, como enfatiza Lipovetsky (op. cit.), há da parte do indivíduo uma expectativa de "intensidade emocional" (p. 73). *Alguma* intensidade é sentida, por exemplo, quando um jovem vai para uma *rave* e lá sente uma forte vibração, emoção junto às pessoas que lá estão, sem que necessariamente elas sejam amigas íntimas e que ele venha a revê-las algum dia. O que propomos é que em um ambiente social percebido como desértico *a intensidade emocional possível talvez seja pontual, efêmera e hedonista*. Ao mesmo tempo em que o indivíduo satisfaz a sua expectativa de intensidade ele se preserva das conseqüências de um envolvimento mais profundo e duradouro com o outro, o que implicaria em manter um compromisso com ele, em se ocupar dele, em se envolver com a sua vida. Este envolvimento poderia significar para o indivíduo uma perda de sua liberdade individual – entendida como viver como bem quiser, livre de limitações externas, e ter opções –, e uma ameaça posto que ele faria um investimento na relação com o outro sem ter garantias de ser correspondido conforme o esperado.

### II.3 - Circulação do sentimento

As idéias de superfície, profundidade rasa, intensidade emocional pontual, efêmera e hedonista nos levam a pensar em uma circulação do sentimento, ou seja, na pulverização das trocas afetivas, nas diversas possibilidades de investimento afetivo e na facilidade com que isto pode ocorrer<sup>28</sup>. Essa circulação do sentimento propicia às relações um dinamismo, dá ao indivíduo a sensação de sempre estar experimentando uma novidade, funciona como um meio de afastar o sentimento de tédio que, inúmeras

---

"sensibilidade mais caótica" (p. 205). Trata-se de um investimento que vagueia, que pode vir a ser expandido e aprofundado, mas que em um primeiro tempo, uma primeira entrada se faz mais ligeiro. A quantidade de informações e opções que a Internet oferece é um convite a uma série de "mergulhos rasos"!

<sup>28</sup> De acordo com Chaves (2001a), o código de relacionamento "ficar com" "(...) possibilita ao sujeito investir em diferentes objetos; investir superficialmente, o suficiente para obter prazer e, se perder o objeto, não sofrer" (p. 91). Para a autora, ao "ficar com" o indivíduo evita o compromisso com um outro e, assim, procura se afastar de um possível sofrimento que viria caso ele fosse abandonado ou rejeitado por seu objeto amoroso. Além disso, ao se afastar do compromisso, ele se sente menos vulnerável e ameaçado por esse outro, por exemplo, devido à ambivalência de sentimento e ao desejo de fusão com ele.



vezes, é percebido como decorrente do cotidiano. Do mesmo modo, a circulação amplia o espaço possível para a promiscuidade no sentido de uma mistura de relacionamentos, de afetos e de indivíduos desordenada e confusa, e, também, no sentido de uma troca de parceiros sem regras, cuidados ou limites. Talvez aí haja algo de impróprio nessa circulação do sentimento, isto é, de falta de autonomia do indivíduo na sua ação e de compreensão sobre o quê e por que ele age de determinado modo. Em um momento dado é como se ele seguisse, circulasse empurrado pelos demais, pela moda ou simplesmente pelo fato de não saber o melhor caminho a tomar nesta hora. Isso é o que vemos acontecer, por exemplo, entre jovens que "ficam com" outros por incentivo ou pressão dos amigos ou porque não querem se sentir excluídos daquilo que todos os demais fazem ou porque se sentem tristes e decidem "ficar com" alguém para aliviar esse sentimento. É interessante notar que, muitas vezes, esses jovens não percebem, ao menos à primeira vista, o por quê agem dessa forma. Quando perguntados sobre a razão que os levaram a "ficar" respondem que não sabem ou dão pouca importância a esta compreensão (cf. Chaves, 2001a).

A adoção de um estilo de vida no qual o desfrute do presente tem papel de grande importância, aspecto pertinente, sobretudo, aos jovens, é condizente com as noções de presente perpétuo e de perpétua mudança. A adesão ao movimento é, praticamente, condição *sine qua non* de sobrevivência e inclusão social em um mundo de transformações econômicas, sociais, culturais e tecnológicas aceleradas. Em grandes centros urbanos, principalmente entre aqueles de classes sociais mais favorecidas – por terem condições financeiras de realizarem as sugestões que lhes são dadas – é fácil ouvir de colegas e amigos comentários tais como: "Você está velho", se o jovem decide, por exemplo, não sair para dançar em um sábado à noite; "Teu computador é pré-histórico", se ele não está entre os últimos modelos, equipado com os mais novos programas; "Você precisa se atualizar, se capacitar, otimizar seu tempo e trabalho", se não se costuma estudar ou fazer cursos de capacitação/atualização nas mais diversas áreas. Observações como estas enfatizam um modo de vida no qual é preciso estar sempre fazendo coisas, ocupando o próprio tempo, buscando as últimas novidades e produzindo algo. O tempo livre deve ser preenchido com cursos, jogos, compras, trabalhos, viagens ou esportes. O lazer é voltado mais para a possibilidade de se ter uma vida consumidora, de realização e satisfação individual do que para o repouso, o

descanso e o convívio com a família (Morin, 1990). Tudo parece empurrar o indivíduo para o movimento, o fazer, mas um fazer que tem por meta, geralmente, um objetivo privado e voltado para o momento presente. Palomino (1999), ao descrever a época da inauguração de um *club* paulistano, escreve:

O início dos anos 90 propicia transitar entre diferentes sexualidades e experimentar novos momentos. Como se cada noite fosse Carnaval, e aquela, a última – ou a grande – oportunidade para fazer de tudo. Trata-se também de recuperar valores dos anos 70, o principal deles o hedonismo, a busca do prazer a qualquer custo. (p. 37)

Conforme a descrição da autora, observamos que os momentos de excesso e êxtase, característicos no período de Carnaval, tornam-se semanais ou diários; ao menos a princípio, não há razão que justifique o adiamento da satisfação de um desejo; as situações são vividas como únicas e por isso com intensidade. A noção do Carnaval como um momento de transgressão, um período de exceção no qual a obediência às regras e normas de conduta, à lei é rompida para depois ser novamente retomada perde o seu sentido se os excessos e os êxtases passam a ser cotidianos. A própria função da lei como interdito, reguladora dos excessos, condição necessária para o pacto social se torna frágil, perde a sua potência. Tornando-se freqüentes, o excesso e o êxtase terão de ser sempre mais intensos para que produzam algum efeito no indivíduo, ou terá de haver sempre algo inusitado e novo para que ele não se sinta vazio ou entediado. Segundo Palomino (op. cit.), a novidade e o frescor são considerados os pontos importantes da noite, ou seja, do lazer noturno. Para ela, "uma nova leva de nômades dançantes segue o espírito dos tempos em direção à renovação, a ventos originais que envolvam cultura, clima, sexo, música" (p. 271). Importante, então, é estar em movimento, como o turista, parar quando a situação propiciar alguma forma de prazer ou ganho privado, quando a cena for "pitoresca" e valer a pena registrá-la.

Em uma pesquisa realizada junto a jovens cariocas de classe média, Almeida e Tracy (2003) afirmam que o perfil do lazer noturno mudou, que a "noite", ou *night* – termo usado pelos jovens para se referirem à programação da noite –, deve ser compreendida como uma categoria fundamentalmente espacial e a mobilidade, o seu traço distintivo (pp. 17-18). Segundo as autoras, os lugares que caracterizam a *night* vão desde locais já tradicionais, tais como festas, boates e cinemas, até "fragmentos

inusitados do espaço urbano como as 'portas' dos lugares ou eventos da moda, bem como escadarias, trechos de ruas e 'ilhas de cimento' estrategicamente situados nas vias de circulação da cidade" (ibidem). Na programação noturna, o deslocamento é transformado em um fim em si mesmo, os jovens transitam de um lugar para o outro muitas vezes sem se fixar em qualquer um deles. Aí o prazer está na circulação que é feita quase sempre junto a amigos. Aliás, a busca de prazer é o que move estes jovens e este prazer associado a *night* se refere à diversão, à fruição, ao estar junto aos amigos, ao ato de beber, de "zoar"<sup>29</sup> e de "ficar". A interrupção da circulação é feita quando se chega a um lugar considerado "legal", isto é, movimentado, animado, com gente bonita. No entanto, a qualquer momento esta parada pode ser suspensa; isto acontece se, através de ligações feitas pelo celular ou de informações dadas por amigos e conhecidos com quem se encontram na noite, os jovens tomam conhecimento de algum outro lugar que esteja melhor. O fato de eles terem a disposição diferentes possibilidades, de poderem transitar de um lugar para o outro é em si motivo de deleite, é, como vimos no capítulo anterior, condição necessária para se sentirem livres. Como afirmam Almeida e Tracy (op. cit.), a oportunidade que os jovens têm de fruir diferentes possibilidades, de modo simultâneo, evita "as perdas inevitáveis que resultariam de uma escolha definitiva" (p. 45). Neste sentido, muitas de suas escolhas permanecem como provisórias e abertas a outras opções que venham a se mostrar mais atraentes.

O movimento, a vivência simultânea de diversas possibilidades, com paradas ocasionais e temporárias, é o que faz, também, grande parte dos usuários da Web<sup>30</sup>: passeiam por inúmeras páginas, explorando diferentes locais como um aventureiro em expedição. Os "surfistas de TV" fazem o mesmo mudando de um canal para outro (Rushkoff, 1999). Segundo Rushkoff (op. cit.), os jovens educados e acostumados com o controle remoto podem se habituar a ter uma atenção de duração mais curta, porém

---

<sup>29</sup> "Zoar" é um aspecto importante da *night* e diz respeito às brincadeiras, "sacanagens" que são realizadas sempre em grupo e que tem como objeto alguém ou alguma coisa. Qualquer fala, gesto, acontecimento, expressão pode ser transformada em motivo para "zoar", o que é vivido como uma forma de diversão e fruição. O importante é conseguir através da brincadeira, da imaginação, do improviso converter qualquer situação em um momento para o riso, o divertimento, o afastamento de sentimentos tais como o tédio, o desânimo e o fracasso (Almeida e Tracy, 2003: 130-131).

<sup>30</sup> Web: "Recurso ou serviço oferecido na *Internet* (rede mundial de computadores), e que consiste num sistema distribuído de acesso a informações, as quais são apresentadas na forma de hipertexto, com elos entre documentos e outros objetos (menus, índices), localizados em pontos diversos da Rede" (Ferreira, 1999).

desenvolverão uma amplitude de atenção maior. Para o autor, esta é a habilidade mais importante na atualidade, a qual viabiliza a "capacidade de multitarefa – fazer muitas coisas ao mesmo tempo, e bem" (p. 62). Estar sempre pronto para algo novo é facilitado por uma atenção mais curta em sua duração. Para Rushkoff, a mudança é uma constante, "a inovação é o novo status quo" (p. 9), e é preciso se adaptar a elas; perceber a mudança como algo natural é a chave para se viver no caos do momento contemporâneo, além de ser a chance de se ter prazeres sem precedentes (p. 14). Recorrendo à idéia de um novo modelo de profundidade, do qual trata Jameson (2000), podemos dizer que estes jovens transitam por superfícies múltiplas, estão mais interessados na extensão das superfícies do que na profundidade de cada um de seus pontos. A relação deles com o que lhes é apresentado é mais fragmentada, guiada por interesses e investimentos mais efêmeros. E, assim deve ser quando colocam a ênfase na possibilidade de aproveitar as oportunidades que surgem, quando estão preocupados em encontrar meios para se adaptarem às mudanças e às instabilidades com as quais se deparam cotidianamente. Então, conseguir acompanhar o fluxo do movimento é, ao mesmo tempo, condição necessária para o contato e a vivência de múltiplas oportunidades, tais como conhecer indivíduos diferentes e outras formas de vida, e para a própria existência. Isto é, não acompanhar o movimento e a mudança é vivido por muitos como sinônimo de morte, de perda, de estagnação, de exclusão, de não-pertencimento.

O deslizamento por superfícies múltiplas é experimentado, ainda, através de outras tecnologias como os videoclipes, a MTV<sup>31</sup>. Com cortes rápidos, sobreposição de telas, mistura de imagens, sons e textos, não linearidade da história, a programação da MTV exemplifica uma linguagem descontínua. Editada de maneira rápida e, às vezes, desconexa, ela exige do espectador atenção mais breve e ampla, rapidez nos processos perceptivos e na apreensão dos elementos que são exibidos. Para isso acontecer é necessário abandonar qualquer apego à história linear, evitar problematizar aquilo que é mostrado, e se deixar levar pelo fluxo. Somente assim será possível para o indivíduo usufruir daquela mistura. Esta narrativa pode deixá-lo confuso se ele não consegue acompanhar o seu ritmo veloz, desorientado, se ele busca dar a ela um sentido que vá para além daquele que pode ser extraído do vivido, da experiência em si. Se assim

---

<sup>31</sup> A MTV é um canal de televisão a cabo que tem uma programação centrada em videoclipes e que é voltada, sobretudo, para o público jovem.

acontece, esta forma narrativa pode ser percebida como negativa para ele, pois não lhe traz benefício algum, mas somente desorientação. De qualquer modo, para aqueles que conseguem acompanhá-la, ela é um meio de acesso a novos tipos de informação, mesmo que fragmentados, e propicia o desenvolvimento de habilidades adaptativas às quebras e mudanças constantes, além de ser experimentada como uma diversão.

O trabalho de Maffesoli (2001) sobre o nomadismo enfatiza a importância da mobilidade, do estar em movimento. A possibilidade de transitar, viajar, vagar, característica do nomadismo, quebra o enclausuramento e o compromisso de residência trazendo para o indivíduo uma grande liberdade, coloca-o diante de diferentes pensamentos, costumes e atitudes. Segundo Maffesoli (op. cit.), o que move o nomadismo é o desejo de evasão, "é uma espécie de 'pulsão migratória' incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade" (p. 51). Desta maneira, a impressão que se tem é a de que a vida se faz em um perpétuo recomeço, a sensação é a de ter uma vida sempre renovada, interessante e diferente. Acreditar que há sempre uma outra faceta a ser realizada, um outro lugar a ser explorado, uma outra oportunidade a ser tentada talvez faça com que o indivíduo se sinta inesgotável em suas potencialidades. Perceber a vida desta maneira pode propiciar um modo de ser criativo já que possibilita a ele acreditar na busca de outros caminhos, de outras formas de existência. Faz com que ele esteja sempre inventando e re-inventando sua própria vida. Porém, como temos assinalado ao longo deste trabalho, há uma outra leitura também possível para o mesmo acontecimento, ou seja, pode-se pensar que por um movimento semelhante a este se esteja sempre a escapar, negar o *confronto* com aquilo que é difícil, doloroso, frustrante. Nesta leitura, diríamos que ao se deparar com o fracasso, a impotência, ao invés de vivenciá-los, refletir sobre eles, procurar em seu interior um sentido para eles, o indivíduo buscaria se esquivar ou passivamente aceitá-los, deixá-los de lado para, então, o mais rápido possível, poder partir para uma nova experiência, uma diferente tentativa.

Diferentemente de Lipovetsky (1983), que vê a sociedade como um deserto apático, composto de um conglomerado de moléculas personalizadas, Maffesoli (2001), imprime positividade ao que ele chama de tribos contemporâneas ou neotribalismo<sup>32</sup>. A

---

<sup>32</sup> De acordo com Maffesoli (2000), o neotribalismo não está ligado a qualquer projeto político, não tem uma finalidade específica e está preocupado somente com "um presente vivido coletivamente" (p. 105). O neotribalismo, característico das megalópoles contemporâneas, é "caracterizado pela fluidez, pelos

imagem de um deserto é usada por ele como algo positivo que permite o indivíduo transitar por territórios diversos em busca de relações afetivas mais intensas. Onde o nomadismo prevalece, como entre muitos usuários da Internet, jovens que circulam por diferentes tribos, consumidores de lazer e diversão ou de aventuras sexuais e esportivas, entre turistas e vagabundos, o ritmo é feito de brevidades, não há necessidade de apego, muito pelo contrário, o desapego se torna vital quando a eternidade é vivida no presente e o importante está na intensidade do momento. O caminhar se faz em uma "sucessão de instantes intensos", sem finalidade a ser atingida, exceto a perseguição do prazer pelo prazer, um prazer que se esgota no ato e que sendo precário e impermanente, como tudo, ou quase tudo, na pós-modernidade, deve ser usufruído ao máximo (Maffesoli, 2001: 121-125).

Segundo Maffesoli (op. cit.), a errância é vetor de socialização pois ela amplia as potencialidades sociais ao enfatizar a mobilidade, o fluxo de indivíduos e sistemas simbólicos, e a efemeridade. Ela produz um ambiente no qual sentimentos tais como alegria, amor, paixão, bem-querer, carinho e empatia circulam, e é por esta circulação do sentimento que diversas comunidades de um território interagem, que uma comunidade pode continuar a existir sem acabar por se consumir a si própria. Isto é, a possibilidade de haver uma pulverização de investimentos afetivos por parte do indivíduo, o seu movimento de ir-e-vir abre espaço para que novas trocas ocorram e entre diferentes pessoas. Quando intensa e ininterrupta, a circulação provoca uma espécie de embriaguez, de êxtase que pode tanto romper com a monotonia e o tédio presentes, muitas vezes, na rotina do dia-a-dia, quanto provocar um sentimento de vazio e de confusão diante das incertezas decorrentes da mudança freqüente. O mesmo se pode pensar do "nomadismo sexual" ou "vagabundagem sexual". Com a relativização da moral sexual que, entre outras conseqüências, desvincula sexo e reprodução, o nomadismo sexual pode se manifestar, por exemplo, nas relações via Internet, na multiplicação de parceiros, no aumento do número de divórcios e nas recomposições familiares (op. cit.: 65). A ambigüidade se faz presente, mais uma vez, pois se por um lado essa errância erótica dá liberdade ao indivíduo, propicia outras fontes de prazer e

---

ajuntamentos pontuais e pela dispersão" (p. 107), é um convite a um eterno *travelling*. Ele possibilita encontros momentâneos, frágeis, mas de grande investimento emocional. Por não haver interesse de agregação a um bando, uma família ou uma comunidade, tratar-se fundamentalmente de ir-e-vir de um grupo a outro, para Maffesoli, equivocadamente fala-se de "individualismo ambiente", "hedonismo egoísta das gerações jovens" e "atomização".

de trocas afetivas, por outro, abre um campo de possibilidades tão vasto que periga ele, confuso ou extenuado com tantas opções, não conseguir escolher ou somente gozar o instante e depois se sentir vazio e entediado. E, ainda, diante da coexistência de todos os gostos e comportamentos, sem conseguir discriminá-los e avaliá-los, mostrar-se indiferente em relação ao outro e ao que se passa em seu redor.

### II.3.1 - "Estar – junto"

Os sentimentos de vazio e de tédio que podem ser conseqüentes à errância não são priorizados na obra de Maffesoli, o seu interesse está em chamar a atenção para os novos e múltiplos ajuntamentos possíveis na atualidade. A frivolidade e a superficialidade da vida cotidiana favorecem diferentes formas de aproximação, a qual pode se dar em função de interesses culturais e intelectuais, preferências sexuais, roupas, guru, seita, territórios etc. Os eixos ao redor dos quais as aproximações ocorrem reúnem os indivíduos e, ao mesmo tempo, os deixam livres para participarem de outros grupos. Deste modo, é possível que um indivíduo participe de inúmeros grupos e invista diferentemente em cada um deles, conforme os seus interesses e afinidades. Os encontros costumam ser mais efêmeros, geralmente, organizam-se de acordo com as ocasiões e se esgotam na ação, no momento em que o objetivo ou desejo é satisfeito. Segundo Maffesoli (2000), na pós-modernidade o vínculo social surge a partir de uma emoção compartilhada, do vivido, da experiência partilhada, por exemplo, nos bares, *shopping centers*, clubes, campos de futebol e festas. São composições cambiantes que se dão no local e formam redes mais preocupadas com o estar-junto do que com qualquer projeto voltado para o futuro. O estar-junto é uma expressão utilizada por Maffesoli para designar uma aproximação que se dá de forma espontânea, determinada pelo compartilhamento de um hábito, uma ideologia ou um ideal (op. cit.: 131).

Conforme os interesses do momento, conforme gostos e ocorrências o investimento passional irá conduzir para tal ou qual grupo, para tal ou qual atividade. A isto chamei de "unicidade" da comunidade, ou de união em pontilhado. O que, naturalmente, induz a adesão e o afastamento, a atração e a repulsa. Tudo isso não ocorre sem dilaceramentos e conflitos de toda ordem. (op. cit.: 176)

A união em pontilhado, formada de aproximações e afastamentos, produz uma "ética do instante" (ibidem) que fará com que o indivíduo se preocupe o tempo todo com a conquista e a fruição do presente, com a circulação do sentimento. Ao transitar entre diferentes comunidades, ele multiplica os encontros que tem, o que facilita a constituição de redes de referências simbólicas e convívio, as quais podem fazer com que ele se sinta amparado, apoiado e pertencente a um grande grupo<sup>33</sup>. Os dilaceramentos e conflitos aos quais Maffesoli se refere parecem ser os que temos assinalado até aqui: constituindo comunidades abertas, contratos temporários nos mais variados domínios – emocional, sexual, profissional, familiar etc –, ele ganha liberdade e abertura para experimentar relacionamentos, trabalhos, identidades diferentes, mas corre o risco de construir um deserto social apático e indiferente. Ao mesmo tempo em que se constitui uma diversidade e ecletismo no campo de relações do indivíduo, tem-se também uma particularização daquilo que faz com que as aproximações se dêem, ou seja, o que faz com que os indivíduos estejam juntos são aspectos muito específicos e particulares. Por exemplo, é o que vemos ocorrer em muitos micro-grupos que se formam e giram ao redor de interesses e objetivos únicos, ou em grupos de discussão na Internet onde há uma infinidade deles e cada qual sobre um tema bastante específico. Por um lado a diversidade é bem-vinda e exaltada, por outro, ela se perde a partir do momento em que se busca características ímpares, condizentes com as próprias necessidades e desejos, em cada um dos grupos pelos quais se transita. Neste sentido, parece haver uma carência de generosidade do indivíduo para abrir espaço e aceitar as reivindicações do outro, quando elas são contrárias às suas ou, de algum modo, atrapalham os seus interesses. Castro (2001), ao estudar as relações sociais que crianças e jovens estabelecem nas cidades, afirma que "(...) a diversidade da grande cidade parece sinalizar hoje mais a guetificação e a animosidade social do que a possibilidade de conhecer pessoas diferentes e conviver com elas" (p. 114). Para a autora, embora crianças e jovens *saibam* da diversidade étnica, etária e social presente em cidades tais

---

<sup>33</sup> Segundo Moraes (2001), a organização de redes, comum dentro da Internet, mas também fora dela, é algo inovador porque "elas facilitam a intercomunicação de indivíduos e agrupamentos heterogêneos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos" (p. 127). Na Internet, as inúmeras páginas da Web formam uma ilimitada rede que propicia relações mais horizontais, menos hierarquizadas, o que permite, potencialmente, que indivíduos, por exemplo, com diferentes formações intelectuais ou pertencentes a grupos e territórios distintos interajam. As relações aí travadas são reguladas mais pelas próprias interações do que por leis, decretos ou portarias externas ao grupo constituído; os códigos informais de conduta "devem ser aceitos por consenso e adaptados às práticas e tradições dos grupos" (op. cit.: 75; 87).



como Rio de Janeiro e Fortaleza, eles costumam conviver com seus pares de "mesma origem social, mesma experiência cultural e mesmo nível sócio-econômico que os seus" (p. 118).

Através da análise do relato que Palomino (1999) faz da noite paulistana e carioca, observamos uma escassez de generosidade ou uma diversidade que se impõe pela falta de opção, isto é, sem condições de deixar de fora o diferente, convive-se com ele. Nos diversos *clubs* e nas festas que a autora descreve o que se nota com mais força é uma segmentação de grupos, os quais ela descreve como uma "panela só para amigos" (p. 19; 72; 189) ou "clãs" (p. 79) ou "famílias" (p. 191). Há momentos de muita polarização devido à droga que se consome, ou se não consome droga, ao estilo musical, enfim, à idéia "nós contra eles" (p. 88). A decadência de algumas casas noturnas começa quando surgem as "briguinhas de ego", ou seja, quando os responsáveis pelo funcionamento da casa começam, cada qual, a querer ficar mais em evidência; ou quando as casas são popularizadas, isto é, quando indivíduos de outros lugares ou com outros hábitos e estilos de vida começam a frequentar o espaço, o qual passa a não se restringir mais aos *habitués* e suas regras; ou quando estes perdem o tratamento privilegiado (VIP). Ao fazer referência a determinado grupo que frequenta a noite, Palomino (op. cit.) escreve:

Eles são jovens, barulhentos, andam em bando. São negros ou mulatos-claros, têm o cabelo tingido ou com mechas coloridas. (...)

De início, chamados pejorativamente de clubbers-favela pelo povo do Hell's, onde o apelido (superincorreto) surgiu num momento de popularização do clube e da conseqüente invasão por parte desses meninos. Com o preconceito em cima, as pessoas preferem tratá-los com indiferença.

Legitimados sob o gosto pelo techno (a partir dos grupos Prodigy e Chemical Brothers), pasteurizados pelas mesmas grifes clubbers usadas pelos tops e hypes da cena, os garotos sentem-se cada vez mais à vontade para entrar, pagar e se jogar. Mas sem agressividade, pressão ou drama: eles apenas vêm, e se divertem. (...)

O Hell's termina em julho, deixando-os praticamente sem lar. Por sua vez, o Lov.e in Paradise (...) seleciona a entrada do povo, cobrando um ingresso de 20 reais – caro para os manos. Termina o mix de públicos, portanto. Ao que parece, ninguém na cena quer se misturar. (p. 244; 246)

Apesar da autora se referir a uma faceta da programação noturna de São Paulo e Rio de Janeiro, de haver lugares onde o convívio entre aqueles que são diferentes é menos estigmatizado, onde a indiferença não é a tônica dominante, por exemplo, nos bares e nas ruas da Lapa, bairro do centro da cidade do Rio de Janeiro, é possível observarmos um distanciamento entre aqueles que são diferentes, seja porque não possuem o mesmo poder aquisitivo seja porque sentem, pensam e agem de maneiras diferentes. Algumas vezes, como mostra Palomino (op. cit.), a aproximação é legitimada pelo gosto musical ou pelo uso de determinadas grifes de roupa, porém estas semelhanças parecem não ser fortes o suficiente para fazer com que a coexistência não seja marcada, sobretudo, por indiferença, isolamento, discriminação ou humilhação, por uma tolerância que se traduz na fórmula – já citada por nós no capítulo anterior – "viva e deixe viver" (Bauman, 1999a: 291). A tolerância entendida dessa maneira traz um perigo que é o de estar mascarando a suposição de inferioridade do outro, e o de ser um meio através do qual aquele que tolera reafirma suas virtudes. Isto significa dizer que a tolerância, vista desse modo, não corresponde necessariamente a aceitação da diferença, do valor do outro, ao respeito do outro em sua alteridade, em suas próprias e legítimas escolhas. A tolerância, então, caminha em direção à indiferença e ao isolamento (op. cit.: 248-250). Pensando a tolerância assim, entendemos que o indivíduo convive ou suporta o outro diferente dele pelo fato de não poder excluí-lo abertamente ou forçá-lo a ser igual a ele. A maneira que ele encontra para conviver com esse outro é deixando-o de lado, isolando-o, não olhando para ele ou agindo de modo indiferente no que diz respeito ao que ele pensa, sente, necessita e deseja. É como se esse indivíduo se mantivesse "tolerante" na expectativa de um dia poder barrar, mandar embora o diferente, ou transformá-lo em um igual. No lugar do respeito à diferença, à integridade, à dignidade do outro, há uma tentativa de manter um convívio suportável, no qual o perigo do confronto, do ataque mútuo fique afastado.

O pensamento maffesoliano caminha em direção oposta a esta compreensão de tolerância. Para ele, ao invés da ênfase que se costuma dar à atomização social, o mais importante é olhar para o surgimento de uma sensibilidade mais coletiva, reciprocidade e convivência, uma tolerância que caminha em direção à solidariedade, o que é possível graças a pouca rigidez existente nos modos de organização e de ajuntamento. Segundo Maffesoli (2001), o ambiente pós-moderno é caracterizado por generosidade de ser,

diversas formas de solidariedade, desenvolvimento de manifestações caritativas e multiplicação das expressões da compaixão (p. 150). Entendemos que Maffesoli não está aqui afirmando que estas características são *exclusivas* à pós-modernidade, mas sim que elas acontecem na atualidade, que são facilitadas pela mobilidade dos indivíduos, por seus interesses e investimentos plurais e flexíveis. Embora o autor, efetivamente, procure deixar de lado, ou melhor, desacredite as questões da atomização e da solidão, não analise os possíveis aspectos negativos concernentes ao estado atual da vida social e afetiva, não podemos deixar de ver que as redes que vão sendo formadas ao longo da vida, de fato, podem servir de contrapeso para a atomização e de refúgio para a solidão que alguns venham a sentir ao terem relações afetivas mais efêmeras e fluidas. Parece-nos que a pós-modernidade é marcada por um jogo, ou melhor, uma oscilação constante entre escassez e excesso, tal como um forte sentimento de solidão e de desamparo e um júbilo e bem-estar vindos da vivência de pertencimento à um grupo de amigos, uma tribo ou uma rede.

De acordo com Rushkoff (1999), os ajuntamentos soltos que são feitos na atualidade acabam por formar uma "metacontinuidade" (p. 40). É o que acontece, por exemplo, com as pichações que parecem borrões descontínuos e sem sentido espalhados pela cidade, mas "(...) quando é entendido como um dentre muitos outros pela cidade, ele ganha uma quase metacontinuidade, de um grafite a outro" (ibidem). Surfistas, skatistas e pichadores são exemplos que o autor dá de grupos urbanos que transitam pela cidade alternando sentimentos e atitudes ora extremamente individualistas ora de coleguismo e de grande fidelidade aos amigos. Surfistas, assim como skatistas percorrendo as descontinuidades da paisagem urbana, procuram ter um estilo de vida no qual mais importante é "(...) seguir a onda e numa atitude espiritual pós-linear" (p. 34). Desse modo, lançando-se no movimento, correndo riscos a fim de se sentirem realizados pessoalmente, e buscando gratificação através do auto-enaltecimento, skatistas, surfistas e pichadores procuram maneiras de se divertir e de se adaptar às incertezas da pós-modernidade (op. cit.: 38-42). Ao oscilarem entre individualismo e companheirismo, afastamento e aproximação, os membros destes grupos exemplificam o que, segundo Maffesoli (2001), torna as novas gerações atraentes, ou seja, o fato delas serem "(...) cheias da preocupação hedonista do gozo do presente, e ao mesmo tempo capazes de generosidades, de formas de solidariedade espantosas, de inegáveis

altruísmos. Em resumo, materialistas e espiritualistas, gozadoras da vida e pudicas, errantes e enraizadas" (p. 190). Entendemos que o autor fala aqui de um sujeito que é múltiplo, que busca experimentar diferentes formas de existência, que está preocupado com a intensidade dos momentos, com a vivência do presente, que convive com a ambigüidade de maneira contextual e pragmática sem que, necessariamente, ela lhe provoque conflito, desconforto ou ansiedade.

A solidariedade enfatizada por Maffesoli (2000, 2001), pode ser encontrada nos grupos de mútua ajuda, tais como aqueles formados por dependentes químicos e portadores de doenças específicas; nos mutirões organizados para resolver problemas do espaço urbano comum a todos ou de indivíduos e famílias específicas com maiores necessidades em um determinado momento; nos trabalhos voluntários feitos com os mais diversos propósitos, por exemplo, organizar uma grande festa coletiva, distribuir alimento para os moradores de rua, ou dedicar horas da própria semana de trabalho para atender, assistir ou ajudar indivíduos menos favorecidos socialmente; na troca de informações propiciada, sobretudo, pela Internet<sup>34</sup> etc. A espiritualidade supracitada pelo autor se expressa na adesão a seitas; na curiosidade pela magia, a qual aparece, dentre outros modos, na procura por livros e filmes que abordam o tema; na crença em fadas, gnomos e afins; no interesse por formas de vida mais "alternativas", voltadas para o contato com a natureza, baseadas em uma alimentação mais natural, menos preocupadas com a produção de bens e serviços, e mais com a qualidade de vida. E, o "enraizamento" do qual fala Maffesoli é a herança que a modernidade deixou através de ideais e valores que, embora abalados em sua certeza, enfocam um modo de vida direcionado para a construção e execução de projetos e de identidade em longo prazo, e a manutenção de relações afetivas mais estáveis e duradouras.

Pensamos que o trabalho de M. Maffesoli é, por vezes, otimista demais, porém acreditamos que algumas de suas idéias sobre as socialidades atuais nos ajudam a refletir sobre a complexidade dos relacionamentos humanos forjados na pós-modernidade. Se por um lado, como temos enfatizado, devemos nos preocupar com os

---

<sup>34</sup> De acordo com Moraes (2001), alguns exemplos de ajudas mútuas e laços de solidariedade por meio da Internet, "ciberativismo" ou "cibermilitância" são: o Centro Feminista de Estudos e Assessoria ([www.cfemea.org.br](http://www.cfemea.org.br)) voltado para os direitos das mulheres e de relações de gênero equitativas; o *The Hunger Site* ([www.thehungersite.com](http://www.thehungersite.com)) que capta recursos financeiros para projetos assistenciais; o Click Fome ([www.clickfome.com.br](http://www.clickfome.com.br)) capta recursos para programas da Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria e pela Vida; o Capacitação Solidária ([www.uol.com.br/umminuto](http://www.uol.com.br/umminuto)) que se preocupa com cursos para atividades de geração de renda etc.

perigos de se construir uma sociedade desértica, constituída por indivíduos hedonistas, solitários, indiferentes e apáticos quanto aos demais, por outro, não podemos ignorar a liberdade de movimento, as possibilidades de encontros, mesmo que mais superficiais e efêmeros, com aqueles que são diferentes, de trocas simbólicas, e as chances de se inventar formas relacionais que tragam mais satisfação e leveza para os indivíduos. O estar-junto talvez seja uma dessas formas. Uma forma cambiante, precária, às vezes promíscua, sim, mas também menos rígida, mais aberta e, quem sabe, equânime.

### **II.3.2 - Efervescência e fruição**

Os ajuntamentos cambiantes do estar-junto apontam para uma mistura, um sincretismo de crenças, ideais e hábitos que caracterizam a pós-modernidade e com o qual o indivíduo parece estar tentando aprender a viver. Esta tentativa se torna mais complexa tendo em vista a quantidade e a diversidade de mudanças e influências a que está sujeita, o que a faz ser mais instável e transitória. O aprendiz de hoje deve ser versátil, veloz e eficaz, e, no que diz respeito ao aprendizado formal, deve se aprofundar em certos conteúdos e ainda se manter aberto e interessado em uma série de outros. Meio trôpego e meio asfíxiado com a pluralidade, as contradições e as transformações constantes, o indivíduo busca estratégias para viver que ora se mostram criativas e funcionais, ora se apresentam como precários paliativos, ora como tentativas vãs e infrutíferas. Sem saber exatamente o que é certo e o que é errado, qual será o seu dia de amanhã e se vale à pena esperar até lá, o que ele parece ouvir com mais entusiasmo e aceitar com mais facilidade é o apelo da fruição do presente, do gozo imediato, da satisfação hedonista e da diversão pura e efervescente. Não há objetivo ou finalidade maior a ser alcançada, há sim um predomínio da diversão pela diversão, do lazer como "um acabamento em si mesmo" (Morin, 1990: 69), do prazer no jogo pelo jogo.

Existe algumas expressões usadas comumente por aqueles que costumam sair para se divertir na noite que são "Vou me acabar" ou "Melhor 'se jogar'" (Palomino, 1999). Estas frases, assim como as "Vou beber" ou "Vou sambar até cair" já foram peculiares ao período do Carnaval, no entanto, hoje elas são ouvidas com mais frequência em qualquer época do ano, sem que seja necessário um acontecimento grandioso que justifique ou "perdoe" os excessos que venham a ser cometidos. É como

se o indivíduo pretendesse viver em um estado de efervescência constante ou sempre esperando por momentos de êxtase. O arrebatamento que ele procura pode vir por meio de aventuras sexuais, afetivas, esportivas ou químicas. Em todas elas talvez o que ele queira é atingir um alto nível de excitação, como se fosse possível, fazer sua adrenalina aumentar a tal ponto que a única coisa que sente e percebe é a experiência do momento e, depois, a sensação de exaustão. Através da vivência do excesso o indivíduo parece buscar a intensidade que o faça gozar, sentir um prazer supremo, experimentar a sensação de estar fora de si, de gravitar em um espaço onde não haja *stress*, cobranças e repressão.

De acordo com Duarte (1999), as feiras, os circos, o teatro, investidos de novos sentidos, as artes e tudo o que se denomina de diversão e de lazer são produzidos como recursos para a excitação dos sentidos e a sensibilização do corpo. Estes meios junto ao que Duarte (op. cit.) chama de "alimentação suntuária" – açúcar, café, chá, chocolate, tabaco etc – e às drogas ilícitas se tornam recursos de prazer, principalmente, corporal e imediato (pp. 27-28). Conforme já mencionado, um exemplo de droga ilícita que está na moda, muitas vezes é vista como glamourosa e é consumida, principalmente entre os jovens, como uma droga recreativa que "abre o coração e permite o fluxo do amor" (Saunders, 1996: 47), é o ecstasy. O sentimento afetivo produzido pelo ecstasy é sentido com mais intensidade na primeira vez que a droga é usada, depois, a cada dose, este sentimento diminui e o que continua sendo mais sentido é a aceleração anfetamínica. É interessante observar que o desempenho sexual é menos importante quando se toma ecstasy já que seus efeitos são mais sensuais, carinhosos, e menos sexuais, pois o E tende a inibir as ereções<sup>35</sup>. Para Saunders (op. cit.), o "apelo mais sensual do que propriamente sexual da droga incentiva o surgimento de orgias não-sexuais em algumas festas, às quais os participantes se referem como 'toca-toca', em alusão ao prazer da comunicação tátil (...)" (p. 60). O ecstasy associado ao cenário *rave* como um todo – a música, a dança, a reunião de um grande número de jovens em locais diferentes – cria, segundo Saunders (op. cit.), novas maneiras de encontrar pessoas, ter com elas contatos mais próximos e afetivos, e atitudes mais tolerantes e cuidadosas.

---

<sup>35</sup> Há relatos de jovens que misturam ecstasy a fim de produzir aceleração e, por exemplo, maior disposição para dançar, com Viagra para aumentar a potência sexual e, assim, compensar a inibição provocada pelo ecstasy.

Para ele, as drogas "(...) dão uma sensação extraordinária de alegria, excitação, energia, capacidade, calma, *insights*, escapismo, alívio e prazer – acima de tudo, prazer. É por isso que tanta gente usa drogas" (p. 38), e é por isso que ele considera o uso de drogas no cenário *dance* não um vício mas sim uma atividade de lazer, recreação (p. 34). De acordo com Palomino (op. cit.),

(...) as pessoas tomam ecstasy simplesmente para se divertir e porque querem. Ninguém parece mesmo visar contestações, protestos ou manifestos. É uma juventude que toma drogas por simples vontade, num escapismo que, na maioria das vezes, não vai mais além do que tentar ter uma grande noite sob a luz estrobo, participar da música, compartilhar experiências com os amigos. Um dos diferenciais, entretanto, é que a partir da disseminação da cultura do techno [tipo de música] o Ecstasy chegou também a um público tradicionalmente "careta", o de patricinhas, modelos e playboys, fora dos redutos do underground. (p. 86)

A mistura de luzes, drogas estimulantes, música muito alta, com poucos vocais e muitas batidas por minuto, e dança produz em muitos indivíduos um estado de transe ou uma catarse coletiva. O que se deseja nesses momentos é fruição, divertimento puro; estimulação dos sentidos tão intensa que faz com que não haja espaço ou consciência para pensar e sentir qualquer outra coisa diferente daquilo que se está vivendo naquela ocasião; esgotamento físico e emocional que dá a sensação de alívio, de estar mais leve, de que "a vida vale a pena"; e, ainda, celebração da paz, da diversão e da vida que leva muitos a se sentirem fazendo parte de um único grupo<sup>36</sup>. Festas, tais como as *raves*, são lugares de excesso, alegria e prazer, onde é feito um ritual ao redor da dança, da música e do DJ. Dança-se durante horas e, muitas vezes, só se termina o programa em outras "festas" chamadas de *chill-out*, *after-hours* ou de resfriamento (cf. Palomino e Saunders, op. cit.). Estas acontecem em alguns bares ou, principalmente, em casas de amigos, depois do funcionamento de bares e boates, e servem para os indivíduos continuarem a beber e dançar ou para que eles possam relaxar, esperar passar o efeito das drogas e continuar mais um tempo junto aos amigos.

---

<sup>36</sup> Para os consumidores de ecstasy, um dos efeitos desagradáveis da droga é a depressão e as oscilações de humor sentidas dois ou três dias depois da droga ter sido ingerida, normalmente durante a semana quando o indivíduo não está sob o efeito da celebração mas sim diante do dia-a-dia percebido, tantas vezes, como estressante e entediante.

O interesse na fruição do presente, no gozo imediato, na diversão pura e efervescente é observado por Coutinho (2002) em sua análise do movimento funk no Rio de Janeiro. Segundo a autora, o funk é percebido por jovens como uma maneira de se divertir, de "curtir", além de ser também um meio de socialização. O que podemos depreender dessas ocasiões festivas é que elas funcionam como lugares e acontecimentos que podem facilitar a aproximação das pessoas, a qual ocorre a partir de um mesmo interesse, seja ele qual for. A experiência vivida é o que atrai e pode vir a ser compartilhado com outros. A qualidade intensiva dominante parece ser a que caracterizamos como pontual, efêmera e hedonista. Não parece haver preocupação, ao menos a princípio, com o fato de as trocas afetivas perdurarem ou não; não há apego, até porque a mistura de luzes, música alta, drogas e dança não cria uma boa ocasião para grandes aprofundamentos. A combinação entre aglomeração, celebração e excesso pode produzir no indivíduo uma sensação crescente de êxtase e favorecer o extravasamento de tristezas, angústias, medos, alegrias, sonhos e desejos.

De acordo com Durkheim (1996), as festas assim como as cerimônias religiosas aproximam os indivíduos e suscitam um estado de efervescência, no qual:

O homem é transportado fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observam-se em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital, etc. Foi assinalado com frequência que as festas populares levam aos excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito (...). (pp. 417-418)

Embora tanto as festas quanto às cerimônias religiosas abram um espaço para combinações diversas de pensamento e de atividades, para a distração do indivíduo, cansado de seu trabalho cotidiano e das exigências que lhe são impostas – no caso da religião, até por ela mesma –, somente a cerimônia religiosa tem um "objetivo grave" (op. cit.: 418). Isto é, as festas produzem, sobretudo, agitação e movimento, os quais se manifestam por puro prazer, apenas fruição e distração. Não há uma finalidade moral a ser alcançada, nem o objetivo de assegurar a união do grupo ali formado. Apesar de encontrarmos festas coletivas que visam a reunião e a permanência dos membros do grupo, que pretendem expressar um determinado movimento ideológico ou cultural, estes parecem ser fins menores ou menos dominantes no conjunto de manifestações



festivas existentes na atualidade. Durkheim (op. cit.) observa que "(...) talvez não haja regozijo no qual a vida séria não tenha algum eco" (p. 418). A diferença está no quanto há de cada um deles e, tendo em vista o que afirmamos até aqui, na pós-modernidade o que parece predominar é o desejo por diversão *full time*, pura fruição, desinteressada em finalidades morais, políticas ou sociais. Estas finalidades que poderiam concernir àquilo que Durkheim chama de "vida séria" não têm importância no momento do vivido, do acontecimento, da "curtição". E, mesmo para além das ocasiões festivas, estas são questões que, como já vimos, de modo geral não interessam a muitos na atualidade. Porém, aquilo que poderíamos chamar de "vida séria" não diz respeito somente a estas questões. De maneira ampla, é possível supor que aí se encaixa também uma série de aspectos da vida privada do indivíduo, tais como compromissos familiares, amorosos, sociais, profissionais e acadêmicos/escolares, afazeres do dia-a-dia e trabalho. Inúmeras vezes, esta "vida séria" é percebida pelos indivíduos como estressante ou entediante e dela eles querem se distrair, afastar e esquecer. Para tal fim, eles podem recorrer às manifestações festivas, às drogas lícitas e ilícitas, às aventuras sexuais e esportivas, aos relacionamentos afetivos errantes e despreziosos. A promessa que está por trás destas possibilidades é a de distração, fruição, êxtase, excitação, alegria e prazer.

### **III - AMORES**

Nos capítulos anteriores traçamos um quadro da atualidade que aponta para a instalação de uma sociedade flexível no que diz respeito à ênfase em uma pluralidade de opções de bens de consumo, de serviços e de estilos de vida; ao desenvolvimento de novas tecnologias da informação; às reestruturações econômicas e geopolíticas; e à porosidade e plasticidade das fronteiras que demarcam diferentes categorias. Paralelamente a este cenário mais geral, salientamos o processo de descentralização do sujeito moderno que resultou nas identidades múltiplas, e que remeteu o indivíduo à experiência constante da incerteza. Acrescente-se a isso a ênfase posta pela sociedade de consumo e pelo indivíduo na novidade, na liberdade individual e no presente (presente perpétuo). Tendo em vista o cenário social e individual aí delineado, podemos dizer que na pós-modernidade o indivíduo se vê obrigado a lidar com os problemas, as insatisfações e as incertezas que surgem ao longo de sua vida de maneira mais individual e precária, no sentido de ter sempre uma estratégia ou saída que é mais provisória. O contato que ele tem com a transitoriedade da vida se faz de modo abrupto e violento, pois as mudanças ou perdas são frequentes sem que haja muito tempo para elaborá-las. Falamos de mudanças e perdas de referências identitárias, de posição social, de trabalho, de valores, de relações afetivas etc.

Perguntamo-nos se é possível ou desejável construir relações afetivas mais duradouras em um contexto de vida que é, predominantemente, instável ou se é do interesse do indivíduo estabelecer vínculos sociais mais intensos, sólidos, compromissados com o outro e com uma permanência (duração) diante da efemeridade e multiplicidade de posições que ele ocupa na vida. O estabelecimento de relações sociais mais temporárias, de comunidades abertas e mais frouxamente ligadas pode fazer com que o indivíduo se sinta mais só e desamparado, e se veja obrigado a uma constante negociação com o outro e com ele mesmo visando à continuidade ou quebra do vínculo forjado. Entretanto, a fluidez dessas relações possibilita a constituição de redes, a vivência de novas e diversas formas relacionais que pode, paradoxalmente, minimizar essa solidão e lhe dar segurança e apoio. Isto acontece, por exemplo, no estar-junto; ao mesmo tempo em que ele é marcado por uma certa superficialidade e fugacidade, também propicia o compartilhamento espontâneo de experiências vividas,

sentimentos, desejos e interesses. Além disso, por se caracterizar como um ajuntamento efêmero, no qual os indivíduos não cobram, por exemplo, fidelidade, profundidade de sentimento ou investimento afetivo, o estar-junto facilita o trânsito e o vínculo com outras pessoas e grupos. No estar-junto é possível haver uma animada troca de idéias, um verborrágico falar de si, uma vivência de acontecimentos ou um silêncio no qual o que importa é simplesmente estar e passar o tempo juntos. Percebe-se aí desde uma alegria esfuziante até um tédio e vazio que são melhores suportados com a presença de outros. O fato de não haver cobranças ou de elas serem menos rígidas faz com que o indivíduo se sinta mais livre, menos pressionado, tendo um espaço onde ele não se sente exigido ou constantemente obrigado a mostrar coerência ou a provar o seu sentimento e os seus níveis de desempenho intelectual ou profissional, por exemplo.

Pensando na pluralidade, flexibilidade e instabilidade da pós-modernidade, nos vínculos sociais transitórios e superficiais, nos afetos aí presentes que vão desde solidão e indiferença até forte alegria e empatia, na intensidade emocional pontual, efêmera e hedonista, perguntamo-nos sobre as expectativas e as práticas amorosas forjadas na atualidade. Interessa-nos saber de que maneira estas características da pós-modernidade estruturam as vivências amorosas e propiciam diferentes intensidades e graus de profundidade. Não estamos supondo que a partir de um determinado momento as formas relacionais amorosas de outrora foram totalmente deixadas para trás a fim de serem substituídas por outras novas e diferentes. No entanto, tendo em vista as transformações culturais e sociais da pós-modernidade, as mudanças qualitativas e quantitativas dos vínculos sociais, pressupomos que no campo amoroso houve reconfigurações de algumas expectativas e práticas tradicionais assim como a construção de outras diversas. Entendemos que não somente as expectativas e as práticas amorosas passam por mudanças, mas também que a própria noção de amor deve ser investigada posto que não acreditamos em um amor unívoco.

Poderia ser dito que na atualidade o diferencial existente diz respeito às maneiras como se vivencia o "amor", que as práticas são diversas, mas não o "amor". Discordamos desta idéia. Acreditamos que ao falarmos de práticas estamos falando também do que se compreende por amor, do seu significado, e que o sentimento amoroso exprime uma concepção de amor específica. As práticas amorosas expressam uma determinada noção de amor ou o desvio desta e a construção de uma outra. Neste

sentido, podemos supor que haja uma discrepância entre a "prática" e a "teoria", ou seja, que o indivíduo experimenta o amor de uma certa maneira que é distinta daquela como ele o define ou idealiza. De qualquer forma, ao vivenciar uma outra prática amorosa se está engendrando uma nova concepção para o amor. Isto significa dizer que o campo amoroso é dinâmico, que práticas e conceitos, ou melhor, conhecimentos se interferem mutuamente, e que por isso é possível discutir sobre configurações e re-configurações amorosas da pós-modernidade. Há inúmeros estudos que mostram como noção e prática amorosas foram sendo transformadas ao longo da História a partir de mudanças históricas, religiosas, sociais, culturais<sup>37</sup>. Assim conhecemos, por exemplo, o amor platônico, o amor cristão, o amor cortês e o amor romântico. Cada uma dessas noções diz respeito a um sentimento que expressa uma determinada crença emocional<sup>38</sup>. Paralelamente ao sentimento amoroso, existe algo que é da ordem do juízo, que, por exemplo, ao fazer uma escolha amorosa há nessa ação um julgamento no qual o indivíduo leva em conta suas experiências passadas e necessidades, seus valores, expectativas e ideais, sua condição contextual de vida<sup>39</sup>.

Colocar em discussão o amor pode parecer estranho para alguns que o vêem como algo que não é para ser pensado ou não é passível de questionamento. O amor parece ser visto por esses como um sentimento inerente ao Homem e que poderá ser vivido e manifesto de diferentes maneiras, no entanto, ele é percebido como o mesmo, como algo dado, com o qual o indivíduo nasce e é capaz ou não de vivenciá-lo, expressá-lo e compartilhá-lo. Deste modo, fala-se em amor como se ele significasse para todos a mesma coisa, como se todos tivessem as mesmas expectativas diante dele e considerassem satisfatória uma mesma prática amorosa. Certamente é possível pensar em tendências, em movimentos dominantes, em um maior ou menor grau de vigilância

---

<sup>37</sup> Ver, entre outros, Ariès & Béjin (1987), Chaves (2001a), Duby (1991), Gay (1990), Giddens (1993), Lipovetsky (2000), Luhmann (1991), Rougemont (2003) e Vaitsman (1994).

<sup>38</sup> Para uma discussão sobre o amor como crença emocional, ver, por exemplo, Costa (1998).

<sup>39</sup> Isso é visto no trabalho de Trigo (1989) quando a autora afirma que a homogamia ainda hoje é uma regra geral para a escolha amorosa. Em muitos grupos sociais o parceiro amoroso é buscado entre aqueles percebidos como iguais, isto é, como tendo nível de instrução, profissão e poder aquisitivo semelhantes (pp. 91-93). Segundo Matos (2000), apesar de o vínculo amoroso ter como base o "domínio das emoções", fatores da vida prática e material, tais como dinheiro, família e trabalho, são importantes para a manutenção ou não da relação (pp. 166-167). Estes trabalhos levam a pensar em como o sentimento amoroso pode estar atrelado a condições da vida bastante reais e práticas, e como estas condições podem vir a determinar a intensificação ou o esmorecimento deste sentimento.

e controle sobre as vivências amorosas e os significados que são construídos e alimentados. Esses movimentos dominantes se caracterizam por determinadas noções, valores, ideais e modelos que são apresentados ao indivíduo como os melhores ou corretos, e com os quais ele pode, ou deve, vir a se identificar. Porém, o fato de existir uma tendência prevalente não exclui a possibilidade de haver variações ou outros modelos que sejam mais atraentes e significativos para o indivíduo. Em alguns períodos da História, como, por exemplo, na era vitoriana, essas variações estiveram presentes de maneira menos legitimada pela sociedade e co-existiram de modo conflituoso com o modelo dominante ou marginal a este. Em outros, como supomos ser na atualidade, elas parecem ser quantitativamente e qualitativamente mais diversas, permanecem de modo relativamente harmonioso lado a lado com a forma dita dominante que, por sua vez, parece deixar de ser percebida como "modelo/forma dominante" para ser colocada na categoria "variação", isto é, mais uma possibilidade dentre outras. Sobre essa co-existência, harmoniosa ou não, entre formas relacionais amorosas diversas, vejamos a discussão que Gay (1990) faz sobre o amor burguês da era vitoriana (século XIX).

De acordo com o autor, o ideal erótico burguês era o amor conjugal. Os ideais burgueses de virgindade, monogamia e pureza ajudavam a sustentar a finalidade última do amor, o casamento. Geralmente, o casamento se dava por razões de família, dinheiro, segurança monetária ou ascensão social. O puritanismo, as preocupações morais, o rigor das convicções religiosas, em suma, a exigente e rígida cultura da burguesia esperava de homens e, sobretudo, de mulheres uma reserva erótica, subordinava a concupiscência ao afeto no casamento legal e eterno. O ardor apaixonado era contrário ao amor burguês, e, ao menos como um ideal regulador, o desejo erótico devia se voltar para a procriação de filhos. Para Gay (op. cit.), apesar da ênfase no ideal de amor conjugal, da extrema vigilância e controle da sociedade burguesa sobre as práticas amorosas havia uma "variedade nos padrões do amor respeitável" (p. 9). Segundo o autor, "as colisões de estilos sociais, as pressões do temperamento, as inibições ou inclinações neuróticas, o encanto anárquico das paixões súbitas (...) deixavam um amplo espaço para motivações amorosas menos calculistas que a vantagem material ou a ascensão social" (p. 9). Deste modo, por um lado havia o modelo dominante do amor burguês que era o padrão amoroso legitimado socialmente e que expressava a cultura de classe média então vigente. Por outro, existiam algumas variações que apontavam para amores impulsivos,

eróticos e românticos que tentavam escapar da reserva, das proibições e do medo de transgredir normas de conduta que, por exemplo, cerceavam a satisfação de desejos sexuais. Através da análise da literatura da época e de registros (cartas) – tal como o fragmento citado abaixo – deixados pelos amantes burgueses, Gay procura mostrar que a satisfação sentimental e os prazeres do relacionamento sexual podem não ter sido tão excepcionais como se costuma pensar quando se olha para a era vitoriana.

"Nunca estive na minha vida numa condição tão excitável. Acho que devíamos voltar a nos escrever de modo reservado, como antes. (...) No entanto, talvez não haja mal, sei que não há pecado(...). Eu já tinha praticamente desmamado a pequena Mamie [um de seus dois filhos], mas agora ela mama dia & noite bastante – Enquanto fico acordada com ela no colo penso em você. Às vezes me lembro das cartas excitantes que você escreveu recentemente – ou imagino como será o nosso prazer quando estivermos de novo lado a lado, e fico tão excitada que às vezes chego a ter medo de que isso possa afetar Mamie de algum modo desfavorável". (op. cit.: 115)

Este fragmento de carta escrito por uma esposa para seu marido que estava temporariamente longe de casa, em função de uma guerra, mostra uma mulher dividida entre as exigências do amor conjugal burguês e um amor mais erótico ou talvez um amor romântico<sup>40</sup>, os quais eram vistos na cultura burguesa como inapropriados. Ainda fazendo referência ao trabalho de Gay (op. cit.), percebemos o quadro amoroso da era vitoriana se tornar mais complexo quando o autor discute a questão dos "amantes problemáticos" (homoeróticos). Após um período de discrição, estes passaram a desafiar e desprezar as regras morais existentes, conseqüentemente, a sofrer as censuras e condenações vigorosas da sociedade, e a aprofundar a distinção feita entre um "amor inocente" (amor burguês) e um "amor corrupto" (amor homoerótico) (p. 177). A complexidade do quadro amoroso aumenta, ainda, quando Gay analisa o "amor selvagem" com sua paixão desenfreada vivida pelas classes camponesa e operária (p. 342).

Mais uma vez, o que o autor defende é que na era vitoriana havia um modelo de amor que deveria ser reproduzido por todos, o amor conjugal burguês, mas que

---

<sup>40</sup> Veremos mais adiante que durante o século XIX o amor romântico ganhou força, sua concepção se opôs aos preceitos do amor burguês e seu ideal serviu de orientação ou de estímulo à geração de fantasias para alguns, poucos, é verdade, mas alguns burgueses (cf. Gay, 1990: 50-56).

paralelamente a este modelo existiam outras noções, expectativas e práticas amorosas. Ao olharmos para este quadro descrito por Gay, acreditamos ser difícil pensar no Amor com letra maiúscula ou em uma única noção para o amor ou na idéia de que o amor é o mesmo e as práticas é que são diversas. Enfatizar isto nos parece importante, pois somente a partir da compreensão de que a noção de amor e as práticas amorosas podem ser variadas, mantidas ou alteradas é que temos a possibilidade de discutir e analisar os relacionamentos amorosos na pós-modernidade. Se colocarmos lado a lado a era vitoriana e a pós-modernidade, tendo em vista que, como afirma Gay, a classe média burguesa tinha diversas maneiras de amar, seus estilos amorosos e sexuais devem ser descritos como policromáticos (op. cit: 335), o que nos parece marcar mais fortemente a atualidade – flexível e plural – é a possibilidade de haver uma maior interseção ou mistura entre as diferentes formas relacionais, as quais são mais plásticas; a ausência de um discurso que pretenda unificar as várias práticas; a grande complacência da sociedade com esta diversidade e plasticidade; e a necessidade constante do indivíduo de encontrar estratégias para lidar com a multiplicidade. Retornaremos a estas idéias mais adiante. Por ora, pensemos um pouco mais sobre a pluralidade dos significados de amor.

Considerar o amor como "uma categoria primordial, não tendo nenhum outro fundamento além de si mesmo" (Simmel, 1993: 124), ou "uma função imanente, (...) formativa da vida psíquica" (op. cit.: 126), ou um sentimento que existe independentemente do mundo empírico, de toda e qualquer ação exterior, não nos ajuda a refletir sobre as características dos relacionamentos amorosos na atualidade. Concordando com Lejarraga (2002), preferimos pensar que "os amores, enquanto experiências subjetivas, não são estruturas fixas nem universais, mas práticas lingüísticas que se transformam no curso da história humana" (p. 13). Lembramos de uma máxima de La Rochefoucauld que diz: "Existem pessoas que nunca teriam estado apaixonadas se não tivessem ouvido falar de amor" (apud: Luhmann, 1991: 21). Afirmar isto implica supor que o amor tem formas diferentes que são próprias a determinadas épocas, culturas e grupos sociais. A maneira como o indivíduo sente, expressa e vivencia o sentimento amor está relacionada a um conjunto de idéias, fantasias, imagens e discursos ao qual ele tem acesso, no qual ele é inserido por intermédio da sua família e do(s) grupo(s) social(ais), com o qual ele se identifica ou

não. Imaginemos, por exemplo, qual será o modelo de relacionamento amoroso construído por uma criança que ouve ora estórias infantis como *Cinderela e Branca de Neve e os Sete Anões*, com seus príncipes e princesas encantadas vivendo estórias de amor eterno, ora músicas que exaltam a relação sensual e a satisfação imediata de prazeres sexuais. Ou que vai a festas cuja temática gira em torno daqueles personagens e a outras, onde o clímax do acontecimento é a performance de uma dança visivelmente erótica. Ou, ainda, que frequenta festas onde essas coisas se misturam. Supomos que um contexto como este propicia a construção de noções, expectativas e práticas múltiplas, que a criança pode se identificar com uma ou outra forma relacional, ou com ambas, ou inventar uma nova. Pode também se sentir desorientada por não ter referenciais claros e estáveis, por não saber ou conseguir discernir o que lhe é apresentado.

Voltemos a olhar para a era vitoriana analisada por Gay (op. cit.) para pensar sobre a maneira como o campo amoroso pode se transformar. Para grande parte da burguesia das primeiras décadas do século XIX, a satisfação emocional era um luxo já que a finalidade do amor era o casamento que tinha por motivação, principalmente, a conveniência familiar, a ascensão social e o dinheiro. Muitos dos jovens, sobretudo das jovens, que se viam, na maioria das vezes, impingidos a casar independentemente de seus desejos sonhavam com um amor que não existia em seus cotidianos e ao qual tinham acesso, por exemplo, através da leitura de romances. De acordo com Gay, o século XIX foi rico na produção literária. Os temas dos romancistas giravam em torno das questões consideradas importantes: o dinheiro, a classe, a política e, preocupação fundamental, o amor (op. cit.: 120). A obra de ficção funcionava tanto como um "reflexo da sociedade" (p. 125) quanto como um "narcótico" (p. 130), um modo de aliviar e escapar de "realidades avassaladoras" (p. 129). Esta última função era possível com romances amenos e agradáveis, estórias de amores previsíveis e melodramas com final feliz.

Embora houvesse uma variedade de gostos da classe média bastante grande, assim como uma demanda voraz por romances, para Gay, "a maioria dos leitores burgueses do século XIX, em suma, não queria saber de obras de ficção que explorassem conflitos psicológicos ou retratassem as vicissitudes desanimadoras de seu mundo emocional" (p. 129). Assim, havia uma infinidade de romances nos quais a experiência erótica da época era distorcida, o amor – diferente do amor burguês –



triunfava, muitas vezes entre pessoas que vinham de classes sociais distintas, e o prazer sexual era explosivo. Percebidas por puritanos e moralistas como encorajadoras de imoralidades e perturbadoras da ordem, estas obras de ficção eram fonte de inúmeros e veementes ataques, e estimulavam desejos que acabariam por ser satisfeitos de forma solitária ou com prostitutas. Paralelamente, elas colocavam em marcha uma série de fantasias, as quais alimentavam um imaginário amoroso que se diferenciava dos amores vividos pela grande maioria dos burgueses e que viria a contribuir para a formação de uma nova ética amorosa. Retratando de forma precisa os acontecimentos; descrevendo e analisando, mais ou menos subjetivamente, as experiências e fantasias da época; expondo tendências de mudança que já se encontravam de algum modo diluídas e dispersas na sociedade, a vasta produção impressa – livros, artigos e guias de comportamento – foi, aos poucos e não sem resistências, ajudando homens e mulheres a construírem outras expectativas e práticas amorosas<sup>41</sup>.

### **III.1 - Legado amoroso**

Procuramos enfatizar até aqui que não existe uma noção de amor única, que os seus significados são construídos, mantidos ou alterados, ao longo dos tempos a partir de influências históricas, religiosas, culturais, sociais. Assim, quando pensamos em transformações de expectativas e práticas amorosas pressupomos que o quê se entende por amor também muda. Muda a maneira como o indivíduo sente, imagina, expressa e vivencia o amor. Em um determinado momento é possível que haja uma pluralidade de formas relacionais que poderão co-existir de modo mais ou menos conflituoso, existindo ou não espaço legitimado para que todas as formas possam ser expressas. Apresentamos algumas idéias sobre o amor burguês e, apoiados no trabalho de Gay (op. cit.), afirmamos que durante o século XIX havia diversas maneiras de amar, por exemplo, além do modelo dominante do amor conjugal, o amor homoerótico e o amor sexual das

---

<sup>41</sup> De acordo com Gay (1990), apesar da importância e influência da produção impressa para a aprendizagem do amor, a experiência, ou melhor, o convívio com pais, irmãos, amigos e empregados mais próximos era a melhor maneira para se aprender sobre o amor (p. 88). Como mencionado mais acima, é bom lembrar que, por exemplo, as classes camponesa e operária amavam de forma diversa a dos burgueses e que na circulação ou troca de experiências/informações, muito possivelmente, a maioria dos burgueses tomava conhecimento da forma de amar diferente da sua.

classes operária e camponesa. Até então, não nos reportamos ao amor romântico que, após aparecer no final do século XVIII, estabeleceu-se como um importante ideal no século seguinte tornando o quadro amoroso mais vasto. É interessante notar como na atualidade, quando pensamos ou nos referimos ao amor, com facilidade nos vem à mente o amor romântico. Inúmeros autores que se propõem a discutir a questão do amor ou dos relacionamentos afetivos no contemporâneo fazem referência ou tomam como ponto de partida o amor romântico<sup>42</sup>. Seguiremos este caminho.

O que pretendemos com este sub-item intitulado "Legado amoroso" é pensar sobre a(s) forma(s) relacional(ais) amorosa(s) que a pós-modernidade recebeu como herança. Iremos acompanhar alguns trabalhos que debatem sobre o amor romântico, até chegarmos à atualidade, perguntando-nos sobre a re-configuração pela qual o amor romântico parece ter passado. Quando falamos que as noções, as expectativas e as práticas amorosas podem se transformar ao longo da História, pensamos que este foi o destino do amor romântico, que o que hoje se entende como amor romântico é algo diferente daquilo que surgiu em fins do século XVIII, início do século XIX. Nosso intuito não é investigar a história do amor romântico mas sim buscar elementos que ajudem a clarear esta noção e discutir a maneira como ela foi apropriada pela sociedade do século XX. Não se trata aqui somente de uma precisão de termos – o quê, em si, já é bastante complexo – mas sim da tentativa de facilitar o mapeamento do campo amoroso da pós-modernidade. Para além deste mapeamento, interessa-nos refletir sobre o modo como os relacionamentos amorosos são regulamentados, legitimados e vivenciados em uma sociedade sob condições pós-modernas.

De acordo com Campbell (2001), a definição do romantismo pode ser entendida como problemática por três razões: primeira, ele compreende desenvolvimentos em diferentes campos, tais como o da vida intelectual e cultural, além de mudanças correlatas nos comportamentos sociais, que ocorreram em diferentes partes da Europa durante quase um século. Segunda, várias e importantes definições dadas ao romantismo foram feitas por antagonistas que muitas vezes estavam mais preocupados em defini-lo do que em defendê-lo. E, terceira, o romantismo dificilmente é visto como um sistema unificado de idéias, pelo contrário, ele é mais facilmente apresentado como

---

<sup>42</sup> Ver, por exemplo, Costa (1998), Giddens (1993), Incao (1989), Lejarraga (2002), Lipovetsky (2000) e Luhmann (1991).

um impulso para o caos no qual a rebelião tem lugar de destaque, por isso qualquer tentativa de dar uma definição fechada do romantismo escapa a sua própria concepção (p. 252). Para o autor, é possível que em todas as sociedades tenha havido indivíduos que demonstraram um "temperamento romântico", embora estas manifestações tivessem se tornado realmente expressivas no final do século XVIII e início do XIX. Segundo Campbell, o movimento romântico europeu se desenvolveu a partir do sentimentalismo do século XVIII (op. cit.: 251). Apesar deste período ser descrito como a Idade da Razão, ele deve também ser visto como a Idade do Sentimento (op. cit.: 196), uma época de culto à sensibilidade, de suscetibilidade a sentimentos virtuosos tais como piedade, simpatia, benevolência e sinceridade, de preocupação com o outro, de superioridade do espiritual sobre o material. A expressão dessas emoções era percebida como um dever moral e vista tanto como um sinal de virtude quanto uma fonte de prazer.

Foi pelo crescente exagero dessa expressão, pela exacerbada ênfase posta sobre a demonstração emotiva que a sensibilidade provocou o ridículo e a sátira, e começou a ser desacreditada. A partir de um determinado momento a sinceridade da emoção que era expressa passou a ser colocada em dúvida. Começou-se a acreditar que esta expressão em si era mais importante para os sentimentalistas do que a situação dos outros, a verdadeira preocupação com as aflições dos outros, e que eles falavam em virtudes que nunca haviam praticado. Ainda segundo Campbell (op. cit.), "desse modo, o sentimentalismo passou a ser visto como uma filosofia suspeita, capaz, como o foi, de servir de pretexto para comportamento essencialmente egoísta e cruel" (p. 244). Para o autor, a mudança da sensibilidade para o romantismo pode ser compreendida, em parte, como a necessidade de se defender a "verdadeira" sensibilidade, a qual se opõe às expectativas convencionais, à hipocrisia e à dissimulação (pp. 248-249). O romantismo se opôs também à cultura racionalista, empirista, universalista e materialista do iluminismo valorizando os sentimentos, a mudança, a diversidade, a individualidade e a imaginação. O individualismo enfatizado foi um "individualismo qualitativo" (Simmel, 1902), o qual acentuava a singularidade dos indivíduos que desejavam se distinguir um do outro e que se tornavam únicos e insubstituíveis. É um individualismo que aponta para a subjetividade, que remete cada um ao seu mundo interior, e que possibilita uma vida sentimental condizente com uma interioridade que é singular. Daí se criou o

caminho para uma vivência amorosa que dizia respeito aos desejos, afetos, sonhos e realidades de cada um, e não mais restrita ou cerceada por normas e regras externas. Neste sentido, o amor romântico se opôs veementemente ao ideal de amor burguês que fazia do amor o meio para um casamento determinado por razões familiares, econômicas e sociais, e que dava pouca ou nenhuma importância à satisfação sentimental.

Enquanto um modo de sentir, o romantismo teve como características: "a insatisfação com o mundo contemporâneo, uma inquieta ansiedade em face da vida, uma preferência pelo estranho e curioso, uma inclinação para o sonho e o devaneio, um pendor para o misticismo, e uma celebração do irracional" (Campbell, 2001: 254). De acordo com Campbell (op. cit.), a insatisfação e a inquietude, assim como a importância dada aos sonhos com coisas melhores, faziam com que o romântico se sentisse impossibilitado de aceitar o mundo como ele era e ansiasse por seu aperfeiçoamento. Os românticos pretendiam abolir todas as leis, convenções e normas que impediam a auto-expressão, e davam grande importância à capacidade de fruição de cada um. Consideravam a sociedade injusta e acreditavam que a perfeição só poderia ser atingida através da arte. A arte "(...) enquanto habilitava o artista a satisfazer a procura de prazer por parte do público, também lhe permitia reivindicar uma finalidade sagrada para sua arte e um papel 'espiritual' para si mesmo" (op. cit.: 292). A busca de prazer dos românticos não tinha um fim em si mesmo, mas servia como meio para uma renovação moral e espiritual. A arte não deveria ter motivos fúteis e sim "(...) o nobre fim de transmitir a verdade ou criar uma sensibilidade moral" (op. cit.: 290).

Percebemos, então, que os românticos ao mesmo tempo em que valorizavam a individualidade, voltavam-se para si próprios enfatizando o aspecto singular e insubstituível de cada um, buscando a auto-expressão e a fruição, também se preocupavam com as injustiças do mundo e com o seu aperfeiçoamento. Assim, conjugavam o amor-de-si com o amor ao outro. Para eles era importante dar liberdade à expressão de emoções e buscar prazer, no entanto, tendo como referência o desfecho do culto à sensibilidade dos sentimentalistas, acreditavam que aqueles não deveriam ser os únicos objetivos das suas ações ou das suas artes. Era necessário alcançar uma mudança maior, isto é, promover uma transformação da sociedade com a qual eles discordavam. Devemos salientar estas características dos românticos que parecem se opor ao

movimento, prioritariamente, autocentrado do indivíduo na atualidade, o qual, como vimos nos capítulos anteriores, valoriza a sua liberdade individual – entendida como viver como bem quiser –, a obtenção de prazer pelo prazer em si e o bem-estar próprio. Enquanto os românticos pensavam ser possível chegar a um mundo melhor de bondade, justiça e beleza através da destruição de uma ordem que era percebida como opressiva, os indivíduos de hoje tendem a desacreditar e/ou desconsiderar, isto é, dar pouca importância, a transformação do contexto social mais amplo e a se concentrar na auto-realização, na satisfação de prazeres imediata. Além disso, lembrando do que discutimos no capítulo II sobre a desertificação de massa, pensamos que o comprometimento do indivíduo com os outros tem uma profundidade rasa. A intensidade emocional possível é mais pontual – diz respeito à situação vivida em um momento específico –, efêmera e hedonista.

Na atualidade, a tentativa do indivíduo de satisfazer os seus prazeres de maneira a mais rápida possível nos faz pensar em uma outra característica do romantismo que se diferencia disto. Segundo Luhmann (1991), "(...) o romantismo pressupõe ascese, protelamento da satisfação" (p. 204). Para o autor, aí reside um paradoxo tipicamente romântico:

(...) a vivência da *intensificação* do olhar, do experimentar, do fruir, *através da distância*. O afastamento permite a unidade entre a auto-reflexão e o compromisso que se perderia na fruição imediata. O acento transfere-se assim da realização para a esperança, para a nostalgia, para o horizonte distante, devendo por isso, tanto procurar-se como temer-se o progresso em pleno processo do amor. (pp. 180-181)

O paradoxo está no movimento de vai-e-vem, no desejo de aproximação e de fruição e no afastamento que alonga o compromisso, na intensificação que se dá através da distância. Entendemos este paradoxo do qual fala Luhmann (op. cit.) também pelo fato de que se por um lado o romantismo pressupunha ascese, adiamento da satisfação, por outro, foi com ele que a interdependência entre sexualidade e amor foi consagrada, que ela passou a ser vista como essencial ao amor (op. cit.: 51). A satisfação esperada era sexual, além de emocional. A inclusão da sexualidade na semântica do amor, a necessidade de pensar na sensualidade quando se fala de amor já estava presente no século XVIII, no entanto foi somente com o amor romântico que se tornou possível uma

integração de ambos, que o componente sexual era percebido como essencial para o código amoroso (op. cit.: 147-151). De acordo com Giddens (1993), ao mesmo tempo em que o amor romântico abarcava a sexualidade ele também rompia com ela, fazia o amor sublime predominar sobre o ardor sexual, e dava um novo significado para a "virtude", a qual passou a compreender qualidades de caráter de uma pessoa, o que a distingue dos demais (p. 51). O relacionamento amoroso passou a se dar, então, não entre um casal formado a partir da decisão familiar, por exemplo, mas sim entre dois indivíduos que se escolhem livremente em função de suas particularidades e que compartilham amor e desejo sexual.

Assim como a proposta de unidade entre amor e sexualidade foi fundamental para o amor romântico – proposta esta que faz com que o casal busque um no outro tanto satisfação amorosa quanto sexual – também o foram as idéias de reciprocidade<sup>43</sup> e de exclusividade. O amor devia ser realizado completamente e simultaneamente com reciprocidade e era a coincidência de sentimentos que dava sentido e sustentação ao relacionamento. A relação amorosa era percebida e vivida como um investimento emocional a dois, mas não "quaisquer dois" e sim dois indivíduos específicos, exclusivos, que com suas próprias "virtudes" (Giddens, op. cit.) despertavam um no outro o amor. As idéias de reciprocidade e de exclusividade nos fazem lembrar do mito de Aristófanes. Trazendo uma versão simplista e reduzida do mito, conta ele que a natureza do homem de outrora era diferente da de agora. Havia três gêneros da humanidade, o feminino constituído de duas partes femininas, o masculino constituído de duas partes masculinas e o andrógino com uma parte masculina e outra feminina. Eles eram extremamente fortes e vigorosos, e também muito presunçosos, o que os fez se voltarem contra os deuses e tentarem uma escalada ao céu para investir contra eles. O castigo dos deuses foi cortá-los ao meio e com isso torná-los mais fracos. A partir desse momento e daí por diante, cada metade ficou em uma ânsia por encontrar a metade partida e unir-se a ela, completando-se e refazendo a unidade perdida. O amor para Aristófanes é, assim, essencialmente, a busca da metade partida, da totalidade, o

---

<sup>43</sup> A reciprocidade característica do amor romântico diz respeito, sobretudo, à troca de afeto, à intensidade com que cada um ama o outro. Essa regra romântica explicita a dificuldade de um amor unilateral ou gratuito. De acordo com Badinter (1986), a continuidade da vida do casal se faz através da avaliação constante de perdas e de ganhos, do que é dado e recebido (p. 328). Para a autora, o "*impératif de la réciprocité*" (ibidem) sempre existiu no casamento, embora a moeda de troca se modifique de acordo com a época ou a classe social. Enquanto no amor romântico o que vale é uma parte igual de amor, no amor burguês, por exemplo, é um dote, um título ou uma ascensão social.

restaurador da antiga natureza humana, a tentativa de fazer um só de dois (Platão, 1999: 124-132).

Pensamos que foi deste mito que surgiu a imagem de senso-comum que homens e mulheres, cada qual, procuram a sua "cara metade" ou "alma gêmea" ou "par perfeito" com quem poderão se satisfazer emocionalmente e sexualmente, sentir-se completo e feliz. Aqui nos lembramos do mito porque nos parece que o amor romântico se apropriou dele e o re-atualizou quando pregou a existência de um indivíduo, e somente ele, que desperta o amor no outro e vice-versa. No entanto, se voltarmos ao mito, diz ele:

Por conseguinte, desde que a nossa natureza se mutilou em duas, *ansiava cada um por sua própria metade* e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. E sempre que morria uma das metades e a outra ficava, *a que ficava procurava outra* e com ela se enlaçava, quer se encontrasse com a metade do todo que era mulher – o que agora chamamos mulher – quer com a de um homem; e assim iam-se destruindo. (Platão, 1999: 128-129)<sup>44</sup>

A partir desta passagem, entendemos que se inicialmente cada metade procura a sua metade partida, quando esta não está mais presente, a parte que ficou procura uma outra com a qual se unir. O próprio mito de Aristófanes, de onde nos parece poder ter saído a expectativa da "busca da cara metade", daquele que completa cada um, aponta para a possibilidade de haver outras metades que podem se unir sem ser, necessariamente, aquela de quem se foi cortado ao meio. Certamente este mito aristofânico apresenta outras questões que também aparecem, de algum modo, no amor romântico, tal como a crença de um amor dotado de poder curativo, a busca da completude, a expectativa de união total, de fazer um só de dois. Porém, para nossa discussão, limitemo-nos à idéia de haver dentre tantos somente um que desperta no outro o amor.

Este pressuposto vai de encontro ao que Gay (1990) descreve como característico do ideal romântico e reafirma o que já foi dito sobre a dificuldade de se definir o romantismo e, conseqüentemente, o amor romântico. Segundo Gay (op. cit.), a

---

<sup>44</sup> Grifos nosso.

experiência e a experimentação no mundo eram aspectos necessários ao ideal romântico. O primeiro amor ou o amor à primeira vista não tinha papel de destaque no programa romântico, pelo contrário, para a maioria dos românticos "o amor era uma expedição conjunta e extensa, que requeria habilidade, maturidade e o tipo de experiência que só anos de amor, e *amor por mais de um parceiro*, podiam trazer. *O amor eterno era transferível.*" (op. cit.: 56)<sup>45</sup>. A importância dada à experimentação e variedade de parceiro parece mais condizente com a valorização da mudança e da diversidade feita pelo romantismo. Além disso, tendo em vista que a escolha amorosa romântica deveria ser realizada livremente e em função do compartilhamento de amor e desejo, e que era a coincidência de sentimentos que dava sentido e sustentação ao relacionamento, é de se supor que este estado pudesse não perdurar para sempre, que ele se esgotasse e deixasse os indivíduos livres para mais uma "expedição conjunta e extensa". Esta leitura do amor romântico o traz para perto das práticas amorosas da pós-modernidade que, como veremos mais adiante, abarcam os elementos de *experimentação, mudança, variedade, continuidade da relação enquanto existir sentimento amoroso de ambas as partes*. Do mesmo modo que é possível encontrar aspectos do amor aristofânico no amor romântico, é possível também ver traços desta noção de amor nos amores da pós-modernidade. Traços estes que parecem priorizar a liberdade do indivíduo e sua satisfação sentimental, e que também o contrapõe mais radicalmente ao amor conjugal burguês.

Enquanto para os românticos o amor era condição *sine qua non* para uma relação e o casamento era questionado, principalmente o casamento para a vida inteira, para a grande maioria dos burgueses de classe média o sentimento amoroso era uma questão menor e a finalidade última do amor era o casamento (ibidem). Entretanto, a partir da segunda metade do século XIX os burgueses começaram a criticar o casamento como um mero arranjo financeiro e a valorizá-lo como uma união de corações. O que se viu a partir de então foi uma convivência de convicções contrárias no âmbito da sociedade, das famílias e, também, dos indivíduos. O campo amoroso da era vitoriana que dizíamos variado com o "amor inocente" (amor burguês), o "amor corrupto" (amor homoerótico) e o "amor selvagem" (amor sexual) se tornou mais complexo com o amor romântico. De qualquer modo, é importante enfatizar que apesar das diversas maneiras de amar do

---

<sup>45</sup> Grifos nosso.



século XIX havia aí uma separação clara e estável entre as formas relacionais e, ao mesmo tempo, um discurso que pretendia unificá-las ou convertê-las ao modelo dominante, o amor burguês. Havia, ainda, um controle e uma vigilância sobre as práticas consideradas inapropriadas. Controle este exercido pelas famílias, pelos puritanos e moralistas, com o objetivo de cercear as possibilidades de movimento ou mudança dos indivíduos, regular suas relações de intimidade, exigir deles autocontrole e impor restrições às satisfações sexuais e sentimentais.

O amor romântico colocou o sentimento amoroso em um outro patamar. Mesmo entre alguns burgueses de classe média cresceu uma ideologia do amor na qual este era visto como destino pessoal e fonte de felicidade. Ao mesmo tempo em que o amor romântico influenciou a forma burguesa de amar podemos perceber também uma interferência inversa ou uma certa domesticação dele. O amor romântico apresentava um aspecto transgressor ao tentar quebrar com as normas e regras da era vitoriana, ao se opor às expectativas convencionais, ao questionar o casamento para a vida inteira, ao dar ênfase à experimentação e ao sentimento amoroso que, até então, tinha pouco ou nenhum valor, ao incluir a sexualidade em sua semântica e assinalar a importância da satisfação sentimental e sexual – mesmo que, paradoxalmente, falasse em proteção da satisfação. Porém, no contexto político, social e cultural em que houve uma interferência entre o amor conjugal burguês e o amor romântico parece ter se perdido algo da potência transgressora e inovadora deste último.

De acordo com Lejarraga (2002), seguindo a teoria rousseuniana do amor romântico, "(...) o modelo do amor romântico conjuga sexo, amor e casamento, propondo um amor recíproco e indissolúvel, cuja finalidade última é a felicidade" (p. 32). Mais precisamente, para a autora, a proposta romântica rousseuniana permite diferenciar duas vertentes para o amor romântico: o amor romântico conjugal que sinaliza a solidez moral do laço conjugal, e o apaixonamento romântico marcado por sentimentos passionais (op. cit.: 38). Entendemos que o amor romântico ao ser levado para dentro do casamento foi domesticado, apaziguado quando colocado como alicerce para o casamento eterno, a manutenção e a coesão da família, e, conseqüentemente, a organização da sociedade<sup>46</sup>. A junção de sexualidade e amor no casamento, para além

---

<sup>46</sup> Doravante, chamaremos de "amor romântico domesticado" aquele que foi levado para o interior do casamento, que passou a ser seu fundamento. Poderíamos utilizar o termo "amor romântico conjugal" apresentado por Lejarraga (2002) a partir de sua leitura da teoria rousseuniana do amor romântico,

de algo esperado e desejado por muitos homens e mulheres, tornou-se fundamento da relação e modo de controle de suas vidas privadas<sup>47</sup>.

A diferenciação entre "amor romântico conjugal" e "apaixonamento romântico" nos leva a pensar em uma outra noção importante para nossa discussão, a de paixão, especificamente, a de amor-paixão (*amour passion*)<sup>48</sup>. O amor-paixão conforme definido na tipologia do amor de Stendhal se opõe à razão, aos interesses exteriores ao indivíduo e dificulta a integração deste na sociedade. O sentido de paixão aí remete ao que é autêntico, genuíno, verdadeiro e interior. A paixão revela uma dimensão secreta que escapa às racionalizações e dominações, diz respeito à vida íntima de cada um (Ribeiro, 1988: 420)<sup>49</sup>. O apaixonamento pensado por Stendhal se dá através de uma série de cristalizações que consistem em atribuições de perfeições à pessoa por quem se ficou impressionado, com quem se começa a sonhar, e de quem se espera retribuição, isto é, ser também amado. Para que o amor apaixonado se prolongue é necessário haver dúvida, frustração. Se a pessoa amada se entrega, ela dá um enorme prazer físico ao apaixonado, porém, a paixão logo termina pelo fato deste se deparar com o que há de real no outro, confrontar-se com as idealizações feitas sobre ele, e não ter mais com o quê imaginar. De acordo com Lejarraga (2002), a descrição do amor-paixão de Stendhal já formula "(...) o impulso ativo do indivíduo que se apaixona e o jogo de contradições

---

porém preferimos nomear este amor de "domesticado" a fim de lembrar e enfatizar que se trata de uma derivação do amor romântico ou de um uso que é feito dele. Além disso, frisamos também que nesta forma relacional domesticada muito se perdeu do que havia de transgressor e inovador.

<sup>47</sup> A junção de sexualidade e amor no casamento articulada a outros fatores tais como a redução das condutas sexuais masculina e feminina às funções paterna e materna, a ênfase posta no amor entre pais e filhos e a importância dada ao cuidado com a educação desses últimos fizeram parte da política higiênica que no Brasil teve início no século XIX e serviu para manter e reproduzir a ordem social burguesa (cf. Costa, 1979).

<sup>48</sup> O significado de paixão remete a um sentimento de forte intensidade que pode ajudar a tornar a vida mais humana, a resgatar o prazer e a sensualidade, mas pode também ser destrutiva e estar na base da tirania (Rouanet, 1988: 465). Conforme nota Ribeiro (1988), é interessante observar como quando se fala em paixão logo se pensa na paixão amorosa quando na verdade esta palavra comporta vários sentidos, tal como "(...) o de afecções da alma (no plural), que podem ser o medo, a esperança, a glória, a inveja, o ciúme, etc" (p. 417). Conscientes de que a paixão pode ser tanto construtiva quanto destrutiva, e que a paixão amorosa não é seu único sentido, é sobre esta concepção que pensaremos já que nosso trabalho discute a questão dos relacionamentos amorosos. Para Ribeiro (op. cit.) foi Stendhal (pseudônimo para Henry Beyle) no livro *Do Amor*, publicado em 1822, quem marcou o sentido de paixão como amor-paixão.

<sup>49</sup> É preciso lembrar que Stendhal escreveu *Do Amor* em um período onde estava se dando a revolução do individualismo qualitativo, o qual buscava enfatizar a singularidade do indivíduo e com isso apontava para a vida subjetiva, o mundo interior de cada um.

(de dúvidas e esperanças, de perfeições imaginadas no objeto amado, que não passam de cristalizações ilusórias) que definem o sentido moderno da paixão amorosa" (p. 36). A definição do amor-paixão de Stendhal põe em relevo o que há de singular e interior em cada um (o que é condizente com o individualismo qualitativo), o papel ativo do apaixonado, a intensidade de um sentimento arrebatador, a importância da imaginação e a necessidade da não entrega imediata, do adiamento da satisfação física para que o apaixonamento possa se prolongar.

Segundo Luhmann (1991), o amor-paixão que começou a surgir na França do século XVII sofreu diversas transformações até chegar aos dias de hoje. Ele se encontra, em parte, na origem do amor romântico, o qual tem aspectos que lhe são concernentes como, por exemplo, a reivindicação à liberdade amorosa, a valorização da imaginação e a protelação da satisfação. Diferentemente do amor romântico, o amor-paixão se caracteriza por ser fortemente erotizado, ter uma qualidade de encantamento, provocar um envolvimento emocional invasivo com o outro, basear-se em um amor único, à primeira vista, intenso e de pequena duração. O amor apaixonado é perturbador, urgente, coloca, ou tenta colocar, em segundo plano a rotina e as tarefas do dia-a-dia, toma o apaixonado de tal modo que, algumas vezes, leva-o a fazer sacrifícios e tomar atitudes radicais. De acordo com Giddens (1993), o amor apaixonado é refratário ao casamento e percebido como perigoso à ordem e dever sociais (p. 48). Assim entendido, o amor-paixão se diferencia do amor conjugal burguês que tem por finalidade o casamento, e do amor romântico no que se refere à intensidade e à urgência, e também quando este último é apaziguado, perde sua característica de experimentação, seu caráter subversivo, é levado para dentro do casamento eterno, e entendido e vivido como o alicerce do casamento e da família.

Para Giddens, "o amor apaixonado é um fenômeno mais ou menos universal" que deve "(...) ser diferenciado do amor romântico muito mais culturalmente específico" (op. cit.: 48-49). Enquanto o amor romântico vincula e valoriza amor e liberdade, o amor-paixão é libertador somente no sentido de quebrar a rotina e o dever, pois, embora ele dê importância à liberdade, acaba sendo vivido como algo aprisionador que transborda e toma a vida do indivíduo, a qual passa a girar em função deste sentimento. É por isso que o amor apaixonado é percebido como uma ameaça e posto à parte das instituições sociais. Já o amor romântico, na interpretação de Giddens (op. cit.), teve

importante papel na organização da sociedade do século XIX<sup>50</sup>. De acordo com o autor, este papel é mais bem compreendido quando essa noção de amor é analisada paralelamente a outros fatores presentes naquele período. Um deles foi a criação do "lar" como um ambiente distinto do trabalho onde, ao menos a princípio, o indivíduo poderia encontrar apoio emocional. Um segundo fator importante foi a modificação nas relações entre pais e filhos. Enfatizou-se a necessidade de forte troca afetiva entre eles, a importância das mulheres na criação de seus filhos, e a vulnerabilidade e fragilidade das crianças que então demandavam cuidados especiais e por um tempo mais prolongado. O terceiro fator que deve ser considerado quando se olha para o amor romântico como elemento importante para a organização da sociedade é "a invenção da maternidade" (op. cit.: 53), ou seja, atribuiu-se um novo status à mulher que foi valorizada a partir da idealização da figura materna. Tendo em vista o propósito deste trabalho, deixamos de lado a análise destes fatores retendo somente o que daí se desprende que é o papel exercido pelas mulheres para as transformações da cultura amorosa<sup>51</sup>.

Vimos anteriormente como a partir de meados do século XIX o sentimento amoroso começou a ter valor, importância, para muitos burgueses da classe média e o casamento foi paulatinamente tendo como motivação o amor. O ideal de amor que passou a sustentar o casamento foi o de amor romântico mas não na sua faceta defensora da experimentação e da mudança, no seu lado subversivo, transgressor, crítico dos valores, normas e regras dos moralistas e puritanos da era vitoriana. O amor romântico que passou a servir de alicerce para o casamento burguês era marcado pela ênfase dada ao amor, eterno, à liberdade de escolha, à unidade entre sexualidade e amor, à exclusividade e reciprocidade dos parceiros. A promessa deste amor era a de acesso à felicidade, uma felicidade proveniente da realização da expectativa de satisfação sentimental e sexual, da possibilidade de se ter maior, ou alguma, liberdade individual. Felicidade que iria re-energizar, fortalecer o homem que se confrontava cotidianamente com as adversidades da vida laboral, pública, e que chegava em seu "lar" necessitando

---

<sup>50</sup> Entendemos que Giddens (1993) se refere aqui ao que chamamos de amor romântico domesticado.

<sup>51</sup> Para uma análise destes fatores, ver, dentre outros, Giddens (1993) e Lipovetsky (2000), e Costa (1979) para o caso brasileiro mais especificamente.

do amparo, da compreensão e do amor de sua esposa<sup>52</sup>. Apesar de o ideal ser o mesmo, homens e mulheres deram ao amor importância, significação e lugar diferentes (Lipovetsky, 2000: 21)<sup>53</sup>. De acordo com Lipovetsky (op. cit.), "há séculos, e cada vez mais depois do século XVIII, a mulher é valorizada como ser *sensível* destinado ao amor (...)" (p. 22). O devotamento, a necessidade de amar, a sensibilidade, a ternura foram, e em alguma medida ainda são, atributos associados principalmente à ela. A mulher que era assim percebida e incentivada a ocupar este lugar se voltou para o amor com lentes de aumento.

A vasta produção literária do século XIX despertava o interesse de homens e, sobretudo, de mulheres. Havia romances de evasão lançados em grandes tiragens, e obras publicadas em folhetim nas revistas para as mulheres que tratavam da vida de casal, de paixões e de adultério. De acordo com Lipovetsky (op. cit.), embora estas leituras fossem censuradas e controladas nas famílias burguesas, as jovens continuavam a ler às escondidas e a alimentar a esperança de vir a ter relações amorosas livres e apaixonadas. Além disso, segundo o autor, as mulheres que se viam subjugadas à autoridade paterna viram no amor uma estratégia para reivindicarem liberdade e igualdade perante os homens. Nada mais compreensível, então, que lutassem por um outro amor, por outras práticas amorosas. Entendemos que as expectativas e os sonhos das jovens se faziam tanto de amor romântico quanto de amor-paixão. O que estava em jogo era a possibilidade de se satisfazer amorosamente, ter acesso a um novo estilo de vida, a uma mudança no rumo de seus destinos.

No curso da história, o que se viu primeiramente, uma vez mais, foi a reprodução de uma ordem que confinava a mulher à esfera privada, reforçava sua dependência do homem e incapacidade de alcançar à plena soberania de si (op. cit.: 24). Ao crescer a ideologia do amor entre os burgueses, mais especificamente o amor romântico domesticado, o valor e o espaço da mulher se ampliaram, mesmo que ainda estivessem presos à vida doméstica, distantes da vida profissional, por exemplo. Ela passou a ser valorizada como esposa e mãe. Era ela quem reconfortava o marido no

---

<sup>52</sup> Estamos nos referindo a uma época na qual os papéis masculinos e femininos eram bastante claros, demarcados, vigiados e, para a maior parte dos burgueses, cumpridos. Prioritariamente, o homem era quem trabalhava fora, exercia papéis públicos, sustentava financeiramente a casa e detinha o poder. Os papéis da mulher se limitavam, geralmente, à esfera privada, aos afazeres domésticos.

<sup>53</sup> A esse respeito, ver também Badinter (1986) e Giddens (1993).

casamento, quem prioritariamente cuidava do desenvolvimento e educação dos filhos, contribuía efetivamente para a organização no interior da família e, conseqüentemente, da sociedade. Através destas funções, da importância que era dada a elas, a mulher teve acesso a possibilidades de auto-realização e reconhecimento. Enaltecendo o amor romântico domesticado como base para o casamento, a sociedade burguesa de meados do século XIX legitimou a necessidade e a importância da satisfação sentimental e sexual, dentro do casamento, começou a abrir o caminho para que a mulher pudesse alcançar alguma liberdade com relação às regras que o poder parental lhe impunha. Ainda assim, ao mesmo tempo, o controle e a vigilância das vidas privadas continuava; mantinha-se e reproduzia-se uma sociedade ordeira.

Para Lipovetsky (op. cit.), as mulheres supervalorizaram o amor,

(...) porque ele implica um reconhecimento de seu direito a exercer certa dominação sobre os homens, porque preconiza comportamentos masculinos que levam mais em consideração a sensibilidade, a inteligência e a livre decisão das mulheres. (...) por meio do amor, a mulher visa a um reconhecimento e a uma valorização de si como pessoa individual, insubstituível. Ei-la enaltecida, distinta das outras, escolhida por si mesma e por suas "qualidades" singulares. (pp. 46-47)

Em seu trabalho Lipovetsky (op. cit.) não deixa claro de qual amor ele está falando, ora faz referência ao amor-paixão ora ao amor romântico. Entendemos aqui que a relação da mulher com ambas as formas de amor torna possível sonhos de intensidades emocionais, auto-valorização e auto-realização, reconhecimento da autonomia feminina e acesso à posse de si, ou seja, à possibilidade de dispor livremente de si. Porém, quando se percebe a continuidade de uma ordem que coloca a mulher dependente do homem provedor, ainda presa à esfera doméstica, destinada a cuidar do marido, dos filhos e da casa, por vezes, renunciando a si, pensamos que o amor em questão é o amor romântico domesticado, apaziguado, levado para dentro do casamento burguês. Quando se supõe o amor romântico como fonte de felicidade é preciso levar em consideração esse processo complexo que ele ajuda a desencadear. Esta prática amorosa não somente viabiliza a satisfação sentimental e sexual, contribui para a construção de um espaço privado acolhedor, protetor, que se contrapõe à objetividade,

dificuldades e frustrações da vida cotidiana pública<sup>54</sup>, como também serve de meio para se buscar e enfatizar a liberdade, a autonomia, as idiosincrasias e o valor de cada um. Depreende-se daí o alto valor e o lugar de destaque que o amor romântico passa a ter a partir da segunda metade do século XIX, e também o quê impulsionou as mulheres a lutarem por transformações na cultura amorosa<sup>55</sup>.

Embora homens e mulheres defendessem o amor romântico, a partir do que foi exposto, é possível entender porque eles deram ao amor importância e significação diferentes. Era mais fácil para os homens burgueses de classe média satisfazerem seus impulsos eróticos, sentirem-se valorizados, poderosos e importantes na cultura patriarcal da era vitoriana, buscarem sua autonomia e auto-realização. Pensemos, por exemplo, no investimento que era feito no casamento e na intimidade afetiva por homens e mulheres. Para estas, o casamento era revestido de grandes expectativas e vivido de modo bastante intenso; a vida afetiva doméstica ocupava um lugar central, enquanto para os homens, ela co-existia paralelamente com a vida social – certamente mais intensa do que a vida social das mulheres –, profissional e política. A satisfação amorosa e sexual das mulheres estava restrita ao casamento eterno e monogâmico. Casos de adultério feminino ocorriam, porém cercados de cuidados para não serem descobertos, pois, caso o fossem, seriam severamente punidos. Quanto à satisfação dos homens, embora daquele modo restrito também devesse ser, poderia vir a ser realizada, por exemplo, com prostitutas.

De acordo com Gay (1990), "vista em conjunto, a prostituição do século XIX era um grande bazar do sexo, atendendo a todos os gostos possíveis por todos os preços possíveis" (p. 305). A diversidade deste bazar refletia a diversidade de seus clientes que iam desde o marinheiro faminto, o colegial inexperiente, o libertino sofisticado até o

---

<sup>54</sup> Isto não significa dizer que a vida se passasse necessariamente assim, ou seja, que o casamento romântico fosse sempre acolhedor, protetor e satisfatório, e a vida pública, fria, frustrante e cheia de empecilhos. No entanto, geralmente, a expectativa que se tinha do casamento romântico era o de uma "ilha de felicidade" (Luhmann, 1991: 205). (Cf. também Costa, 1998)

<sup>55</sup> Pensamos que seria interessante e profícuo fazer uma análise aprofundada sobre o papel exercido pelas mulheres para a transformação das noções, expectativas e práticas amorosas. Algo parecido, embora ainda superficial, o fizeram Giddens (1993) e Lipovetsky (2000). Esses trabalhos assim como, mais especificamente, o de Badinter (1986) exploram mais a questão relacional entre homens e mulheres. Para investigar as mudanças no campo amoroso, acreditamos que futuros trabalhos poderiam tomar como referência a mulher ou, também, embora não tenhamos mencionado em nosso texto, o homossexual. Ambos são figuras que tinham inúmeras razões para buscar tais mudanças, razões como a reivindicação de liberdade de escolha, de satisfação sentimental e sexual, de valorização e reconhecimento de si.

marido insatisfeito com o prazer erótico tido com sua mulher. Segundo o autor, mesmo com todo o moralismo e puritanismo da era vitoriana, a prostituição era aceita ou encarada com resignação pelos burgueses, especialmente na primeira metade do século, mas também depois dela. Alguns a consideravam um mal necessário, uma "válvula de segurança da respeitabilidade", "um corolário necessário e uma salvaguarda do casamento", uma saída encontrada para preservar a castidade das mulheres burguesas virtuosas (op. cit.: 313). Essa tolerância com a prostituição teve seus oponentes, principalmente, na segunda metade do século XIX em diante. Cientistas sociais, reformadores morais, autoridades governamentais e especialistas médicos viam a sorte da prostituta como uma tarefa moral que demandava uma solução. Pretendia-se reabilitar as prostitutas por razões como "(...) preocupação com a saúde pública, indignação moral diante da exploração sexual e da corrupção política e um sentido de obrigação para com os infelizes, de origem tanto religiosa quanto secular" (op. cit.: 327). Para Gay (op. cit.), a prostituição se mostrou ser menos uma salvaguarda para o casamento e a família burgueses do que sinal do fracasso da repressão da era vitoriana (p. 335). Segundo Simmel (1892 [1993]), a prostituição será sempre necessária enquanto a sociedade se prender ao casamento monogâmico (p. 14). Para ele, "é só com o amor plenamente livre, quando caducar a oposição entre legitimidade e ilegitimidade, que não se precisará mais de pessoas especiais dedicadas à satisfação sexual do gênero masculino" (p. 10).

Sendo entendida como salvaguarda para o casamento, como sinal do fracasso da repressão ou como resposta à oposição entre relacionamento legítimo e ilegítimo, a prostituição ampliava as possibilidades de obtenção de prazer dos homens. O intuito de "reabilitar as prostitutas" parece ter sido, antes de qualquer coisa, a tentativa de disciplinar a intimidade dos burgueses. Seguindo este mesmo caminho, pensamos que no âmbito político-social, a elevação do valor do amor e a ênfase no amor romântico domesticado como fundamento para o casamento, realizados pela cultura burguesa, eram propícios à reforma e à organização da vida social em curso, ou seja, aos processos de higienizar as relações familiares e normatizar as condutas e os prazeres afetivo-sexuais. Certamente a ênfase no amor romântico, mesmo que domesticado, e a elevação do valor do amor se tornaram importantes para os indivíduos e trouxeram satisfações para homens e mulheres. Porém, é preciso não esquecer que este movimento



surgiu em um momento histórico, político e social específico, ou seja, que ele não é pura e simplesmente a expressão de desejos, necessidades e modos de sentir do indivíduo.

Podemos supor que, quando comparada à vida amorosa das mulheres, a dos homens não apresentava muitos problemas ou dificuldades ou barreiras a serem transpostas. Habitados à vida pública, econômica, política, objetiva, sem serem culturalmente valorizados como "ser sensível destinado ao amor" – como as mulheres o eram –, ao menos a princípio, os homens não tinham grandes motivações para priorizarem a vida afetiva, íntima. Inicialmente, como vimos, a satisfação sentimental não era privilegiada, e a satisfação e variedade sexual era algo facilmente alcançado pelos homens, além de ser estimulado e, de algum modo, legitimado por razões de "saúde física" (Giddens, 1993: 16). Para as mulheres, o amor conjugal burguês agradava mais prontamente às suas famílias do que a elas próprias, e a satisfação sexual era algo proibido se não ocorresse dentro do casamento. A própria satisfação não era vista como o mais importante e sim a procriação. Quanto à possibilidade de alguma variedade sexual, somente para uma minoria de mulheres isso se tornou realidade; mulheres consideradas "perdidas" que viviam à margem da sociedade respeitável (ibidem). Nesta questão, quando a repressão falhava, os homens tinham a possibilidade de recorrer às prostitutas, por exemplo, e as mulheres? Nada mais justo e compreensível que viessem a se preocupar mais fortemente com as transformações amorosas e sexuais.

Em um primeiro momento a passagem do amor conjugal burguês para o amor romântico domesticado foi percebida, principalmente, pelas mulheres como um grande e satisfatório avanço<sup>56</sup>. É verdade que os interesses familiares não foram totalmente deixados de lado, que ainda nas primeiras décadas do século XX havia casamentos arranjados, ou seja, casamentos realizados tendo em vista, por exemplo, alianças políticas e econômicas. Porém, o aspecto comercial, financeiro e familiar do relacionamento amoroso foi paulatinamente dando espaço para uma prática amorosa que tinha valor em si. No entanto, é preciso enfatizar que muitas vezes aquela prática era legitimada desde que levasse os indivíduos, sobretudo as mulheres, ao casamento.

---

<sup>56</sup> Dizemos "em um primeiro momento" pois posteriormente o amor romântico domesticado será visto como ainda limitado, desigual e cerceador de liberdades e realizações individuais. Apoiadas em outras transformações culturais e sociais, uma vez mais, inúmeras mulheres irão reivindicar e lutar por novas mudanças. Uma vez mais noções, expectativas e práticas amorosas estarão sendo re-vistas, re-organizadas e forjadas.

Isto é, a relação amorosa era valorizada, mas sua finalidade última deveria ser o casamento e a procriação. O relacionamento era vivido e pensado como um projeto em longo prazo, no qual um homem e uma mulher planejavam e construiriam juntos e progressivamente o seu futuro relacional. No desenrolar da história era bem possível que o relacionamento amoroso do casal acabasse por se misturar com a vida da família – recém constituída – como um todo. Assim, algumas vezes, o sentimento amoroso entre o homem e a mulher era obscurecido ou suplantado pelas relações/funções de pai e mãe. A satisfação amorosa convivia ou dava lugar para as satisfações obtidas com a vivência de ser "pai" e "mãe". Retomando, então, ao longo das primeiras décadas do século XX a prática amorosa foi ganhando valor em si, porém ela deveria se inserir em um projeto de longo prazo cuja finalidade era o matrimônio, eterno, e a constituição de uma família – monogâmica e heterossexual. Tomemos como exemplo a situação brasileira para pensar sobre o encadeamento das práticas amorosas e o encaixe destas em um projeto social que determinava o casamento e a família como objetivos maiores a serem atingidos por homens e por mulheres em suas vidas amorosas.

### **III.1.1 - O ordenamento das práticas amorosas**

O namoro no Brasil do início do século XX era entendido e vivido como uma etapa para o casamento, a qual poderia durar meses ou anos<sup>57</sup>. Antes mesmo do namoro havia o flerte, "um conjunto de olhares e gestos, significando interesse por alguém" (Esteves, 1989: 140), período que durava alguns dias ou várias semanas e no qual o rapaz tentava se aproximar da moça por quem estava interessado e ela, avaliar e escolher o pretendente. Após o flerte, começava o namoro propriamente dito. De acordo com Chaves (2001a), entre a elite e a classe média brasileira, "o namoro [tradicional] não tinha um fim em si mesmo e não era considerado passatempo ou gozo de satisfações imediatas da afetividade. Como o namoro era 'para casar', não se concebia namorar mais de uma pessoa ao mesmo tempo" (p. 24). O período do namoro servia para os futuros cônjuges se conhecerem, a família da jovem tomar conhecimento e avaliar as intenções e os atributos do seu amado. O jovem só era aceito na casa dos pais

---

<sup>57</sup> Veremos adiante que essas etapas e seus significados não se colocaram de maneira homogênea para toda a população ou as classes sociais, embora fizessem parte dos padrões e das regras dominantes na época. A esse respeito ver, entre outros, Esteves (1989).

da moça se o compromisso entre os dois inspirasse confiança, isto é, se houvesse um comprometimento e uma promessa de casamento. A partir da aprovação da união pelos pais, os preparativos para o casamento começavam e se estendiam pelo noivado que também durava meses ou anos.

Ao longo de todo esse tempo os namorados, noivos e suas respectivas famílias se empenhavam para tornar possível a união, no sentido de providenciar local de moradia, desenvolver a carreira profissional do jovem, alcançar condições financeiras que permitissem o casamento e viabilizassem a criação dos filhos que nasceriam. Durante o namoro e o noivado havia uma grande vigilância e controle sobre o jovem casal a fim de manter a honra, a reputação e a pureza – em suma, a virgindade – da jovem (op. cit.: 23). Os valores e as regras que regulavam os relacionamentos amorosos faziam parte de uma política higiênica ditada pelas elites citadinas e pelos médicos, e eram definidos de maneira bastante clara. A importância e a extensão das regras e valores são vistas na citação abaixo:

Se o casamento representava uma etapa superior das relações amorosas, se foi proclamado "garantidor da saúde da humanidade", o melhor remédio para o corpo e para a alma, e se constituía uma das maiores fontes de "estabilidade social", era preciso, então, divulgá-lo e transformá-lo numa necessidade para todos. (A.A. Lima, Conduta Sexual, pp. 196-197, apud: Maluf e Mott, 1998: 387)

O casamento definido como "uma etapa superior das relações amorosas" pressupunha a existência de uma hierarquia das práticas amorosas que deveria ser trilhada por todos. Fazer homens e mulheres crerem nisto era uma das metas da política higiênica. Mas não bastava que eles acreditassem e desejassem seguir este caminho, era preciso também manter uma vigilância constante sobre suas ações. Assim, o Código Civil brasileiro de 1916 estabeleceu uma série de normas para "regrar o vínculo conjugal, a fim de assegurar a ordem familiar" (op. cit.: 379). Com o intuito de reforçar a família como uma instituição social, foram elaborados argumentos para apaziguar e justificar as diferenças injustas entre os papéis sexuais e sociais atribuídos a cada sexo. Dentre esses argumentos, reforçados pela Igreja, por médicos e juristas, divulgados pela imprensa, destacam-se a arquitetura do lar feliz e a importância da mulher para a criação dos filhos e a organização doméstica. O papel da mulher como "rainha do lar" se

apoiava no tripé mãe-esposa-dona de casa (op. cit.: 373). O que se viu foi a tentativa de domesticar as paixões e os desejos vistos como pecaminosos, aqueles que escapavam à idéia de uma alegria serena e à supremacia do respeito, da estima e da amizade mútua sobre o prazer.

De acordo com Maluf e Mott (op. cit.), "decididas a institucionalizar o amor com vistas a sustentar uma determinada ordem social, as elites transformaram em ameaça os relacionamentos ajustados por padrões mais flexíveis e simétricos, classificando de imorais as uniões cujo epílogo não coincidia com o casamento" (p. 387). A liberdade individual, a mudança e a experimentação valorizadas pelo amor romântico foram cerceadas no amor romântico domesticado – aqui pensado por Maluf e Mott como uma "institucionalização do amor". A rigidez das normas e regras de conduta amorosa e o encadeamento entre as diversas etapas do relacionamento amoroso eram condizentes com uma sociedade que tinha a ordem como tarefa e a ambigüidade como um inimigo a ser aniquilado (Bauman, 1999), valorizava a razão, o progresso em longo prazo e a moderação. Cada uma das etapas do relacionamento dizia respeito a práticas distintas, mas todas elas remetiam a um mesmo fim, o casamento – compromisso para a vida inteira. Apesar de essas práticas serem condizentes com o amor romântico domesticado, o campo amoroso no Brasil se mostrava variado e complexo.

Durante o século XIX e as primeiras décadas do século XX, havia no Brasil uma grande influência dos valores da burguesia européia, uma importação da forma européia e burguesa de viver. Entre a última década do século XIX e as primeiras do século XX, com a consolidação do mercado capitalista, houve uma forte política expansionista entre os países mais desenvolvidos da Europa e os Estados Unidos. A escalada da produção propiciada pela revolução científica-tecnológica fez com que aqueles países buscassem matérias-primas disponíveis em todas as partes do mundo, e tentassem ampliar o universo de novos mercados de consumo a fim de absorver os seus excedentes (Sevcenko, 1998: 12). Nesse processo, era necessário aos países da Europa e aos Estados Unidos não somente incorporar novas áreas às suas possessões territoriais, mas também, sobretudo, transformar o modo de vida das sociedades tradicionais (ibidem). Do outro lado, no Brasil, as autoridades políticas e econômicas desejavam fazer com que o país se aproximasse dessa nova ordem, que ele se modernizasse. Nessa tentativa, as novas elites cidadinas procuraram se ajustar aos padrões e modelos europeus e norte-

americanos. Novos padrões de comportamento, valores e ideais chegavam ao Brasil, por exemplo, através da literatura, das revistas ilustradas, da criação do mercado fonográfico, da popularização do cinema e da intensa emigração. A cidade do Rio de Janeiro, capital da República, que deveria servir de vitrine do país e que se apresentava como o pólo civilizador da nação, sofreu uma série de intervenções a fim de ser urbanizada e modernizada. No que tange às relações afetivo-sexuais, o parâmetro de modernidade adotado, principalmente, pelas elites foi o do discurso higienista.

Semelhante aos burgueses europeus, as elites cidadinas brasileiras, apoiadas pela política higiênica, tinham como padrão amoroso o amor romântico domesticado. A ênfase maior era posta na associação entre sexualidade, amor e casamento. Era ensinado às mulheres pelos médicos que elas não somente poderiam como deveriam se satisfazer sexualmente, porém dentro do casamento eterno, e sem excessos, os quais se ocorressem seriam prejudiciais à gravidez e à amamentação dos filhos. Embora a satisfação sexual das mulheres não fosse condenada, ela deveria ser dirigida "no sentido do binômio mulher-mãe, não mulher-prazer" (Esteves, 1989: 59). No entanto, os valores, ideais e regras impostos a toda a sociedade brasileira do início do século XX não eram seguidos por todos, e, entre aqueles que os seguiam, nem todos o faziam com a mesma preocupação. A imposição de práticas e comportamentos europeus ou norte-americanos sobre toda a população brasileira não se deu de forma tranqüila e homogênea. Os novos padrões impostos pelas elites cidadinas e pelas classes políticas nem sempre eram bem aceitos e, inúmeras vezes, chocavam-se com outros hábitos, expectativas e valores de homens e mulheres pertencentes às mesmas elites ou provenientes de outras classes sociais. Além disso, é preciso lembrar que a população brasileira era bastante heterogênea, constituída de africanos, índios, portugueses e toda sorte de estrangeiros recém-chegados ao país, a qual criava um ambiente cultural plural e sincrético. Dentre os recém-chegados havia dançarinas e bailarinas que ousavam expor seu corpo, circulavam desacompanhadas em espaços considerados masculinos – como bares e ruas – e se voltavam à produção e obtenção de prazeres interditados às "mulheres de família" (Menezes, 1998). Havia, ainda, o tráfico internacional de mulheres brancas que inseriu o Rio de Janeiro em suas rotas ampliando o mercado nacional da prostituição e fomentando o duplo padrão de moralidade (op. cit.: 251; 259)

que, por exemplo, admitia para os homens relações sexuais fora do casamento mas não para as mulheres<sup>58</sup>.

Através da análise de 99 processos de defloração, estupro e atentados ao pudor cometidos na cidade do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX, Esteves (1989) chega a conclusão de que o comportamento amoroso e sexual das classes populares se dava de modo diferente daquele prescrito pelas elites cidadinas e pela política higiênica. Domésticas, lavadeiras e operárias se divertiam e tinham encontros amorosos em lugares proibidos às moças das elites, tais como nas ruas, no trabalho e nas festas populares. Escolhiam seus companheiros, muitas vezes, independentemente da aceitação de seus pais. No início do século XX, adquiriram uma autonomia de ação que somente em décadas mais recentes as moças de segmentos sociais mais altos conseguiram alcançar (op. cit.: 152). Diferentemente do esperado pelos padrões vigentes, para muitas moças pobres as relações sexuais ocorriam mais cedo, precediam o casamento e não exigiam o aprofundamento do namoro (op. cit.: 164). Segundo Esteves (op. cit.), os valores amorosos importantes para uma operária eram: "estremecimento nas relações amorosas, amor, liberdade para amar e se movimentar, respeito e consideração do companheiro, ânsias atendidas, ser dona de si mesma, até para trocar de companheiro independente das vantagens materiais" (p. 192). Estas parecem ser características próximas ao amor romântico – conforme descrito anteriormente –, apesar de, segundo os valores das operárias, o ardor sexual ser mais ou tão importante quanto o amor sublime, e de não haver protelação da satisfação, pelo contrário, ela se impor como necessária e imperiosa. Com estas variantes, e mais, sem trazer a preocupação com o aperfeiçoamento do mundo – marca do amor romântico –, essa parece ser uma outra forma de apropriação do amor romântico ou uma nova configuração para ele. Aqui não pensamos no amor-paixão porque nos parece haver uma preocupação com o domínio de si, as tarefas do dia-a-dia, e a satisfação física mais imediata, aspectos ausentes no amor-paixão.

---

<sup>58</sup> O padrão duplo de moralidade diz respeito à diferenciação exacerbada entre os papéis sexuais de homens e mulheres. Enquanto os primeiros tinham uma liberdade sexual quase absoluta, sendo permitido a eles terem relações sexuais extraconjugais, as mulheres viam suas atividades sexuais serem rigidamente reguladas e controladas pelo pai e, posteriormente, pelo marido. A vida sexual delas deveria se restringir às relações com seus maridos e sempre que estes assim desejassem. A moralidade sexual dualística estava presente em todos os aspectos da vida cotidiana e ajudou a fortalecer a divisão dos papéis sociais masculinos e femininos (cf. Parker, 1991: 58-59).

Esteves chama a atenção para o fato de que as classes populares com referências outras que não aquelas das elites cidadinas e da medicina higiênica eram construtoras da diversidade (op. cit.: 118). Elas possuíam regras de honestidade, de namoro e de casamento, no entanto as regras eram diferentes, concernentes aos seus próprios valores e expectativas. Para a autora, as dificuldades de sobrevivência, a ausência de propriedades, a instabilidade econômica e a dificuldade em se lidar com referenciais institucionais de outras camadas sociais fizeram com que muitos homens e mulheres de classes menos favorecidas socialmente se afastassem do casamento legal e optassem, por exemplo, pelo amasiamento (op. cit.: 182). O amasiamento era uma opção real de vida conjunta, não tinha como condição fundamental a virgindade e era aceito e legitimado entre seus pares. Porém, conforme Maluf e Mott (1998) afirmam, "em nome de uma ligação de amor que fundisse existências, e não somente sexos, o amor na mancebia foi transformado em objeto de intervenção. Amor degenerado, espectro de amor, imitação de amor: esses eram os termos do discurso que pretendia regular as uniões consensuais" (p. 387). A prática amorosa mais flexível e simétrica do que o casamento definido pelos padrões da política higiênica foi considerada imoral e aqueles que assim viviam sofreram uma série de repressões e intervenções. De qualquer modo, apesar de conviverem, conhecerem e até mesmo assumirem alguns valores higiênicos, muitos populares continuaram vivendo amasiados e amando de maneira mais livre.

O trabalho de Esteves (op. cit.) nos ajuda a ver como o amor e a sexualidade eram vividos de maneiras distintas por indivíduos de classes sociais diferentes, mesmo estando ambos dentro da mesma política médica, jurídica, social. Mais do que isso, percebemos como as noções, expectativas e práticas amorosas de uns chegavam até os outros. A autora afirma que "as moças de elite também cometiam 'deslizes'" (op. cit.: 146) frente às regras higiênicas, que elas "burlavam regras, mas tinham maiores possibilidades de saber como as aparências eram mantidas" (op. cit.: 156), que elas poderiam vir a ter relações sexuais antes do casamento mas, caso fossem descobertas, "(...) seus familiares iriam pressionar a realização do casamento ou puni-las e segregá-las" (op. cit.: 165). Sem dúvida as regras e os costumes das elites cidadinas chegavam até as moças de classes sociais menos favorecidas de modo mais forte e violento. No entanto, acreditamos que houvesse também uma influência contrária, que as jovens das elites tomassem conhecimento do universo amoroso daquelas – assim como o de

bailarinas, dançarinas e/ou estrangeiras – e talvez, em algum momento, o confrontasse com o seu próprio. Do conhecimento ou da imposição de outras práticas amorosas surgia uma mistura de expectativas e de práticas que, todavia, não deixavam de ser vigiadas e reguladas culturalmente, socialmente e politicamente. Embora pudesse haver uma defasagem entre as normas e as práticas afetivo-sexuais, existia um controle sobre estas no sentido de tentar alterá-las ou ordená-las de tal modo que viessem a reproduzir o modelo dominante então vigente.

Neste contexto regulamentado, se o indivíduo transgredisse as regras vigentes, ele saberia que estaria infringindo uma norma e que, muito provavelmente, haveria uma punição por isso. Geralmente isto era o que acontecia tanto com as moças de elite quanto com aquelas de classes menos favorecidas socialmente. A transgressão de uma regra era um tipo de acontecimento que tinha importância, deixava no indivíduo uma marca, um registro que possivelmente não era esquecido com facilidade e influenciava na direção e na reflexão sobre suas ações futuras. Se uma jovem quebrasse o encadeamento entre as diversas etapas do relacionamento amoroso ela provocaria uma ruptura desestabilizadora da ordem vigente, tiraria da prática (namoro, por exemplo) a sua finalidade (casamento). Quando olhamos para os relacionamentos amorosos na pós-modernidade pressupomos uma pluralidade, plasticidade e flexibilidade que nos faz perguntar sobre a possibilidade daquele encadeamento e a regulamentação das práticas amorosas. A mistura de expectativas e de práticas que já era vista na modernidade, na pós-modernidade parece ser ampliada, fazer-se presente tanto no imaginário quanto no cotidiano do indivíduo. Se antes a sua diversidade estava mais limitada, por exemplo, a diferentes classes sociais, era regulada pela política higiênica, agora ela parece se alastrar fazendo com que as interferências no campo amoroso sejam maiores e os efeitos disto sobre o indivíduo distintos.

### **III.2 - Relacionamentos amorosos na pós-modernidade**

A partir do que foi visto até aqui é preciso ter em mente, primeiro, que a noção de amor não é sempre a mesma, que as formas relacionais amorosas são construídas historicamente, socialmente e culturalmente e por isso se transformam, que o



significado, as práticas e as expectativas que a compõe são diversas. Segundo, que o legado amoroso que a pós-modernidade recebeu se caracteriza por uma diversidade e, acima de tudo, que os amores de outrora não necessariamente foram deixados de lado para serem substituídos por outros, ou seja, que não é possível falar em uma *ruptura* entre as práticas da modernidade e as da atualidade. Algumas concepções de amor foram postas de lado, como por exemplo, o amor burguês; outras continuam vivas no imaginário e nas vivências do indivíduo, como o amor-paixão; outras, ainda, como o amor romântico, foram re-configuradas. Por ora podemos dizer que no campo amoroso da pós-modernidade há amor-paixão, amor sexual, amor romântico e amor romântico domesticado. Esta pluralidade já era percebida em alguns períodos da modernidade tais como na segunda metade do século XIX e nos princípios do século seguinte. Entretanto, existia um modelo amoroso dominante e, sobretudo, legitimado socialmente e culturalmente que deveria ser seguido por todos, sem exceção. Havia regras e normas que tinham como objetivo a vigilância, o controle e a ordenação das vivências amorosas, e que limitavam, ou tentavam limitar, a legalidade e a exploração daquela pluralidade. E mais, havia um cenário de segurança, confiança e estabilidade que favorecia a construção de um projeto de vida pelo indivíduo, o qual seria percorrido em longo prazo e com planejamento, e do qual fazia parte o relacionamento amoroso. Ele sabia o lugar que ocupava no mundo social e cultural e isso o ajudava a manter um sentido de si estável, bem como uma maior solidez e segurança em sua relação amorosa.

Acreditamos que na atualidade é difícil pensar em *um* modelo dominante/legitimado no sentido de haver *uma* forma relacional que é imposta a todos como a melhor, a correta e a que deve ser seguida por todos. Que não existem mais regras e normas claras e rígidas que orientem ou restrinjam as práticas amorosas. Que a pluralidade do campo amoroso e a sua exploração são estimuladas, além de não serem limitadas. E, ainda, que a descentralização do sujeito moderno, a existência de identidades múltiplas e abertas, e a ênfase na liberdade individual favorecem a experimentação daquela pluralidade<sup>59</sup>. Pensamos, assim como Vaitsman (1994), que na

---

<sup>59</sup> Pode-se tomar como exemplos um mesmo indivíduo que em um momento "fica com" e, no seguinte, mantém um namoro baseado no compromisso com o outro, na fidelidade, na verdade e na estabilidade, ou que namora e "fica" ao mesmo tempo. E, um outro que nos *chats* (salas de bate-papo virtuais) de sexo (as salas de bate-papo podem ser divididas por idade, regiões do país, ou rotuladas, por exemplo, de "sexo", "amizade" e "GLS" – gay, lésbica e simpaticante) assume as identidades de homem e de mulher, de heterossexual e de homossexual, de solteiro e de casado, de casta e de ninfomaníaca. Em cada uma dessas

pós-modernidade a heterogeneidade ganhou legitimidade social e cultural, e que "se até poucas décadas atrás a única forma aceita de institucionalizar as relações afetivo-sexuais era através do casamento legal e indissolúvel, hoje, neste campo, a heterogeneidade instituiu-se (...)" (p. 13). Entendemos que não se trata somente da institucionalização ou não de uma relação amorosa, mas antes da complacência da sociedade e da abertura de um leque de possibilidades que o indivíduo pode ou não experimentar. Esta é uma decisão que cabe basicamente a ele tomar, que é motivada por razões bastante individuais, e que poderá vir a ser avaliada e revista individualmente por qualquer motivo e em qualquer tempo.

Enquanto práticas amorosas, coexistem o "ficar com", o namoro, o casamento tradicional – romântico apaziguado –, o amasiamento, a união em que cada parceiro mora na própria casa, a relação aberta na qual a monogamia e a fidelidade não são condições *sine qua non* para o relacionamento, o casamento sem filhos, o casamento homossexual etc. A escolha de uma ou de outra prática parece depender, acima de tudo, do desejo do indivíduo, das suas necessidades afetivas e materiais, das suas expectativas, em suma, do seu contexto de vida e da situação específica e imediata em que ele se encontra. Antes de olharmos para o campo amoroso que se apresenta plural, vejamos brevemente o momento em que a heterogeneidade começou a ser vista e vivida com maior liberdade e legitimidade. Esta mudança está relacionada a uma série de transformações políticas, culturais e sociais que desembocaram na maior ênfase sobre o plano individual, isto é, naquele onde a liberdade e o prazer individual têm lugar de destaque. Além disso, a questão da sexualidade, da liberdade sexual, é aqui fundamental para o forjamento de novas práticas afetivo-sexuais.

A clareza e a rigidez de normas e regras de conduta amorosa, o encadeamento entre diferentes práticas amorosas com a finalidade última do casamento – eterno, monogâmico e heterossexual –, a ênfase na associação entre sexualidade, amor e casamento, a forte diferenciação entre os papéis sexuais e sociais masculinos e femininos foram elementos da modernidade que no Brasil perduraram até,

---

situações é possível ao indivíduo tanto desempenhar um papel, no sentido de representar um determinado tipo ou personagem, quanto tomar para si uma nova referência identitária. Sentir-se, perceber-se, agir e pensar, por exemplo, como um Don Juan (o "ficante" conquistador) ou um Romeu (o namorado "romântico").

aproximadamente, meados da década de 60. Segundo Vaitsman (1994), foi até esta época que a família conjugal moderna, entendida como "o grupo de parentesco formado a partir da união fundada na livre escolha e no amor – o casamento moderno – (...) caracterizado pela divisão sexual do trabalho nas esferas pública ou privada atribuída segundo o gênero", serviu de padrão dominante para as classes médias dos grandes centros urbanos (pp. 16-17). Para a autora, a partir de então, mesmo sem ter se firmado entre alguns segmentos da sociedade – vale lembrar o trabalho de Esteves (1989) onde ela mostra como este padrão amoroso sexual não foi encampado, ao menos não totalmente, pelas classes populares –, as bases da família conjugal moderna começaram a ser enfraquecidas pela "(...) expansão das classes médias urbanas e o aumento da participação feminina na esfera pública, em atividades educacionais, profissionais, científicas, políticas e culturais (...)" (p. 17). Vê-se aqui, mais uma vez, o papel da mulher no processo de transformação do campo amoroso, porém ela não estava só e não lutava somente por mudanças nas relações afetivo-sexuais. Juntos estavam também o negro e o homossexual que, assim como a mulher, reivindicavam maior liberdade e igualdade<sup>60</sup>.

Durante a década de 70, principalmente em seu final, com a indicação do fim da ditadura imposta pelo golpe militar de 1964, houve no país uma série de protestos de trabalhadores, empresários, intelectuais e estudantes. Para além de uma revolução ou transformação política-social, buscou-se uma revolução ou transformação individual, a qual se inspirou nos ideais libertários difundidos pelos movimentos da contracultura européia e norte-americana da década de 60, bem como na rebelião estudantil parisiense de maio de 1968. Esta rebelião começou como uma luta por melhor condição de ensino e se expandiu em um movimento que questionou o estilo de vida, o princípio de autoridade, a economia, a sexualidade etc. A idéia que se impunha era a de uma sociedade autogovernável e devotada ao prazer. No Brasil, houve protestos estudantis que reivindicaram uma reforma do ensino e que, após serem reprimidos pelo Ato

---

<sup>60</sup> No mês de julho de 1964 foi aprovada a Lei dos Direitos Civis nos Estados Unidos. Foi com a aprovação desta lei que a luta dos negros americanos contra a discriminação racial ganhou força no sentido de mostrar à nação que eles também tinham direito à igualdade, aos mesmos direitos à vida, à liberdade e à busca de felicidade. O movimento de luta dos negros americanos e as guerras de libertação nas colônias africanas de Portugal fizeram ressurgir, além de estimular, as reivindicações dos negros brasileiros, o que havia sido desarticulado pelo golpe militar de 1964 (MacRae, 1990: 25-26). No final da década de 70, da reunião de interesses e demandas das mulheres e dos homossexuais negros, começou a discussão sobre a sexualidade dentro do movimento negro que havia se constituído recentemente (op. cit.: 27).

Institucional nº 5 (AI 5) <sup>61</sup>, desembocaram em manifestações pelo fim da ditadura. O foco da política, paulatinamente, começou a se mover do geral para o particular, do macro para o micro, para uma micro-política que se voltava para a defesa das demandas de cada novo movimento social, da identidade cultural daqueles pertencentes a grupos marginalizados. A esquerda política perdeu sua unidade e novos movimentos sociais como o feminismo, o negro e o homossexual surgiram com propósitos direcionados para o imediato e a resolução de problemas específicos (MacRae, 1990: 279). O movimento homossexual, por exemplo, que no Brasil teve o seu auge nos anos de 1979 e 1980 (op. cit.: 62), dentre outras mudanças, buscou o respeito e a aceitação de suas escolhas e práticas amorosas e sexuais por parte da sociedade. Apesar da existência de divergências internas, o feminismo que começou a se implantar no país em 1975 enfatizou suas críticas na dupla moral, na repressão sexual, na divisão de papéis sociais e sexuais; expôs questões relacionadas à contracepção, ao aborto, em suma, ao direito de livre disposição do corpo e ao prazer sexual (op. cit.: 30-31). De acordo com MacRae (op. cit.):

Criada para ser mãe dedicada e dona-de-casa submissa ao marido, a mulher brasileira tradicionalmente aceitava a dupla moral, mantendo-se confinada ao lar, longe das "tentações da rua", e sempre permitiu ao homem uma atividade sexual intensa, geralmente com "mulheres da vida". Isso começava agora a ser questionado e grupos feministas (...) fomentavam discussões sobre a natureza das relações sociais e afetivas travadas entre homens e mulheres. (p. 31)

A busca de relações afetivo-sexuais mais satisfatórias e igualitárias por parte das mulheres, nas quais elas tivessem o direito a uma vida sexual mais aberta e livre, foi estimulada pelo advento da pílula anticoncepcional, a qual começou a ser comercializada em 1960 e facilitou a desvinculação entre a sexualidade e a procriação. Essa desvinculação ajudou a enfraquecer a política higiênica, mais especificamente, a domesticação do amor romântico e a constituição da família conjugal moderna como meta fundamental da relação amorosa. A satisfação sexual das mulheres passou a poder,

---

<sup>61</sup> O Ato Institucional nº 5 (AI 5) foi uma tentativa do governo militar de reprimir as manifestações contrárias à ordem vigente realizadas por estudantes, artistas, intelectuais, religiosos, políticos e boa parte da população em geral. O Ato autorizava o presidente da república a fechar o congresso, cassar mandatos e suspender direitos políticos, dentre outras ações.

mais facilmente, desligar-se do binômio esposa-mãe. As manifestações de contestação social e cultural, mais os movimentos feminista e homossexual, elegeram o prazer individual como um grande bem. Entre o corpo estudantil, o "relacionamento sexual descompromissado" era bastante comum (op. cit.: 24), assim como também o era entre os homossexuais, sobretudo os masculinos. Os homossexuais valorizavam a permanente disponibilidade sexual, incentivavam o "caso aberto" (relacionamento não necessariamente fiel e monogâmico), e também a possibilidade da promiscuidade que era vista, principalmente pelos homens, como um importante aspecto da liberdade sexual (op. cit.: 297).

As reivindicações que então eram feitas visaram, de modo geral, o prazer individual, a liberdade de escolha amorosa e sexual de cada um, e o livre trânsito de um relacionamento para outro. É importante assinalar que, diferentemente dos dias de hoje, essas reivindicações ocorreram em um momento político, social e cultural de forte repressão, de cerceamento da liberdade individual e dos direitos civis. Necessário destacar isto porque o caráter transgressor, contestador e político então presente foi pouco a pouco esvaziado. A perda de potência da transgressão, da contestação é propiciada pela constante importância dada na pós-modernidade à flexibilização da sociedade, à exaustiva ênfase na novidade, na mudança, na idéia de poder se viver como bem quiser, e na capacidade do indivíduo de deslizar entre diferentes identidades e de se adaptar às transformações e às diversas demandas feitas a ele. A luta contra a repressão e o controle das práticas afetivo-sexuais equivaleu ao desmonte de tabus, ao rompimento de cerceamentos e proibições, mas também correspondeu à individualização da questão. Mais do que lutar por um projeto coletivo nesta área, enfatizou-se a liberdade e a satisfação individual. As conseqüências daquelas reivindicações afetaram claramente as práticas sexuais, as relações de homens e mulheres, e, de um ponto de vista mais amplo, desestabilizaram e re-configuraram os relacionamentos amorosos. Dentre as muitas conseqüências, destacamos duas: uma mais geral que foi "o afrouxamento das regras sobre os comportamentos referentes à sexualidade, namoro e casamento" (Vaitsman, 1994: 111) e a conseqüente facilidade do desencadeamento entre as diferentes práticas amorosas – o namoro, por exemplo, deixa de ser necessariamente entendido e vivido como uma etapa para o casamento e pode ser experimentado como tendo um fim em si mesmo, como sendo um passatempo, gozo de

satisfações imediatas da afetividade. Articulada à anterior, a outra consequência é a disjunção entre amor e sexualidade, isto é, a quebra na interdependência entre sexualidade e amor que havia sido consagrada no amor romântico.

### III.2.1 - Relações soltas

O afrouxamento de regras e normas referentes à vida afetivo-sexual provocou a falta de clareza e de estabilidade destas, e dificultou a sustentação do discurso de outrora que tentava ordenar as práticas amorosas, dispôs-las em uma determinada hierarquia na qual o casamento ocupava lugar de destaque. As ditas etapas da vida amorosa – o flerte, o namoro, o noivado e o casamento – deixaram de ser impostas como uma seqüência lógica e obrigatória que todos, moças e rapazes, deveriam seguir. O desencadeamento das práticas amorosas fez com que cada uma daquelas "etapas" ganhasse valor em si deixando de ser percebidas e vividas como uma "etapa", uma estação, parada necessária para se ter acesso a um destino final almejado<sup>62</sup>. Naquele percurso o indivíduo deveria cumprir algumas metas e obrigações para que, então, pudesse dar continuidade à sua trajetória amorosa. Assim, por exemplo, níveis crescentes de prazer eram permitidos ao casal de namorados de acordo com o grau de compromisso que houvesse entre ambos. Mesmo que muitos não reproduzissem este modelo ideal, ele os orientava, funcionava como referência, seja positiva, um ideal a ser alcançado, seja negativa, um modelo do qual se pretendia afastar por ser considerado limitador das liberdades individuais e das possibilidades de se experimentar outras relações mais igualitárias e prazerosas. De qualquer modo, além de ser um parâmetro para o indivíduo, aquele modelo fazia parte de um projeto político-social que pretendia organizar e ordenar a vida do indivíduo e da coletividade.

Pensamos que na pós-modernidade o indivíduo é o principal regulador de suas práticas afetivo-sexuais, assim como aquele que confere a elas significados e valores

---

<sup>62</sup> Isto não pode ser afirmado com relação ao noivado que continua, necessariamente, sendo vivido como uma etapa preparatória para o casamento, embora possa ser interrompido com maior facilidade. Quanto ao casamento, ele era tido como condição necessária para a procriação e a constituição da família. Na atualidade, a reprodução não depende da união matrimonial e, a partir da descoberta da inseminação artificial e da fecundação *in vitro*, ela não depende até mesmo da relação sexual propriamente dita. E, ainda, as configurações da família são bastante variadas não se restringindo mais ao modelo tradicional – baseado no casamento heterossexual, monogâmico, eterno, na divisão (pouco igualitária) dos papéis segundo o gênero.

específicos. E mais, é ele quem primeiramente opta por construir, ou não, algum encadeamento entre elas. Neste sentido é que acreditamos poder olhar para as práticas amorosas como "relações soltas". Relações soltas pelo fato de não haver mais a necessidade de se seguir um encadeamento definido *a priori*, de não existir um discurso que pretenda determinar e impor a todos um modelo amoroso específico, unificar as várias práticas e encaixá-las em um projeto político-social mais amplo. Desta maneira, a princípio, as práticas afetivo-sexuais podem ser experimentadas e usufruídas sem maiores conseqüências ou finalidades últimas a serem alcançadas. Isto faz com que a relação possa tanto se esgotar no próprio ato – tal como acontece com um jovem que "fica com" um outro durante minutos ou horas sem dar alguma continuidade a esta ação – quanto ser vivenciada como parte de um projeto individual maior. Em qualquer uma das situações, o que determina o seu encaminhamento é, primeiro, o interesse, a satisfação e a disposição do próprio indivíduo e, segundo, o interesse, a satisfação e a disposição do outro. Isto significa que o delineamento e a manutenção do relacionamento amoroso devem ser constantemente negociados, que o contrato amoroso é flexível, contextual/particularizado, pragmático, e passível de ser rompido a qualquer momento, por qualquer um dos parceiros envolvidos.

A passagem/mudança do "ficar com" para o namoro e do namoro para o casamento, a duração de cada uma dessas relações, as regras e as expectativas que as norteiam, tais como a importância dada à fidelidade e à monogamia, a divisão de tarefas domésticas, o modo de expressar os sentimentos, a finalidade de fecundidade, o grau de intimidade e de compromisso, a intensidade da satisfação sentimental e sexual etc, são alguns dos aspectos que poderão vir a ter de ser negociados e que compõem o contrato flexível. É esse tipo de contrato ao qual ambos os parceiros podem sempre apelar que ajusta o "relacionamento puro" definido por Giddens (1993). O relacionamento puro é um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa (op. cit.: 68), uma forma relacional de igualdade sexual e emocional (op. cit.: 10). Segundo o autor, este relacionamento:

Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações

suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.  
(op. cit.: 68-69)

O relacionamento puro se aproxima daquilo que chamamos de relação solta posto que a sua existência depende do nível de satisfação obtido por cada um dos parceiros. No entanto, diferentemente da relação solta que pode ou não implicar em um compromisso com o outro, o relacionamento puro descrito por Giddens (op. cit.) é centrado no compromisso, na confiança e na intimidade. Estes elementos devem ser desenvolvidos ao longo de uma história compartilhada na qual não há garantias e certezas definidas *a priori*. É através de palavras e, sobretudo, de atitudes – atualizadas e inovadas constantemente – que os parceiros proporcionarão um ao outro alguma segurança e estabilidade no relacionamento. A responsabilidade sobre o sucesso ou a continuidade da relação é principalmente do indivíduo, mas também daquilo que ele faz e constrói juntamente com o seu parceiro, das palavras e das atitudes de cada um deles.

A discussão e a negociação com o outro e com si mesmo – posto que é necessário analisar os próprios desejos e necessidades – sobre o desenrolar do relacionamento afetivo-sexual pressupõem uma permanente capacidade de auto-reflexão, avaliação, julgamento e escolha em vistas de uma determinada ação. Implicam em se poder olhar para a história individual e a compartilhada com o outro, e saber discriminar nelas seus acontecimentos, as razões e as conseqüências destes. Isso possibilita ao indivíduo o conhecimento e a gerência de si, a autonomia e a sensação de ser livre para escolher aquilo que melhor lhe convém, para traçar o próprio destino. Também propicia o conhecimento do outro, a busca conjunta, compartilhada e íntima de estratégias para tornar mais agradável e satisfatório o relacionamento. Apesar de toda essa positividade, a discussão e a negociação podem se transformar, vir a ser percebidas pelo indivíduo como um encargo a mais para ele elaborar, dar conta internamente e responder. Isto em função do esforço e trabalho psíquico que elas demandam; da necessidade de que os parceiros – ambos – se envolvam ativamente naquilo que determina e possibilita as condições para que a relação aconteça e continue; e da falta de garantia ou segurança de que ela, por fim, dará ao indivíduo os resultados que ele espera e deseja ou, ao menos, alguma estabilidade.

O relacionamento amoroso pautado na auto-regulamentação, na constante necessidade de discussão e de negociação entre os parceiros nos faz pensar em uma



outra questão que é a do valor dado ao amor, o lugar que a relação afetivo-sexual ocupa na vida de homens e mulheres. De acordo com Minayo (1999), foi no campo das relações sexuais e conjugais que maiores transformações culturais ocorreram no Brasil. Segundo a autora, apesar das mudanças não terem sido lineares e nem terem se dado na mesma velocidade para todos os grupos sociais e de gênero, "(...) delas toda a juventude está se beneficiando" (p. 73). Na atualidade, no lugar da repressão sexual mais facilmente se encontra a liberação sexual. No entanto, ainda há uma desigualdade entre homens e mulheres, isto é, embora a mulher tenha adquirido o direito à liberdade sexual, e possa, ao menos teoricamente, exercê-la, percebe-se uma valoração distinta das experiências sexuais segundo o gênero. Isto foi encontrado na pesquisa realizada entre jovens cariocas de 14 a 20 anos de idade apresentada por Minayo (op. cit.). De acordo com a pesquisa, "(...) grande parte dos garotos atribui valor negativo às experiências 'mais avançadas' das meninas, sobretudo as de pouca duração" (op. cit.: 73). Percepções como esta também aparecem no trabalho de Chaves (2001a) sobre o "ficar com". Nas entrevistas feitas com jovens de 13 a 27 anos de idade, de ambos os sexos, a autora obteve depoimentos que mostram como a antiga prática do machismo está presente entre homens e também entre mulheres. Um exemplo é a fala de um jovem de classe média, de 18 anos de idade, morador da Zona Sul do Rio de Janeiro: "(...) o homem que fica é o garanhão e a mulher que fica não é, ela é o resto, é o lixo de todo mundo; a que não fica é a que a gente quer" (p. 64).

Apesar de ainda ser possível encontrar no contexto cultural brasileiro aspectos que dizem respeito às distinções de papéis sexuais e sociais masculinos e femininos, valorações machistas, como a supracitada, não há como negar que o campo das relações afetivo-sexuais foi desestruturado e fragmentado, principalmente quando se olha para as classes médias dos grandes centros urbanos. A possibilidade de a mulher aspirar por outras realizações que não somente a amorosa, desejar e buscar ativamente a satisfação sexual, não mais necessariamente colocar a vida afetiva doméstica em um lugar central na sua vida propicia, conforme afirma Vaitsman (1994), "a instabilidade e a volatilidade nas relações íntimas, no casamento e na família. Favorece a reformulação permanente de projetos, vontades e aspirações individuais" (p. 51). Para a autora, na pós-modernidade, o casamento é *uma das* dimensões da vida da mulher, ele não constitui mais um fim em si mesmo (op. cit.: 18). Pensamos que não somente o casamento, mas o

relacionamento amoroso de um modo geral é, hoje, fortemente percebido como *uma das* dimensões da vida tanto da mulher quanto do homem. Para este último, a co-existência de diversas dimensões, tais como a afetiva doméstica, a profissional, a econômica, a política e a social, já é algo há tempos conhecido e vivenciado; para a mulher, isto é mais novo.

Tendo em vista as inúmeras, diferentes e mutantes cobranças que são feitas a homens e mulheres na atualidade, os vários campos por onde eles transitam, a extensão de seus círculos sociais, a variedade de seus interesses e de suas expectativas, em suma, a complexidade de suas vidas sob condições pós-modernas, podemos pressupor que para muitos ocorre um encurtamento do tempo disponível às relações amorosas. A possibilidade de o tempo dedicado às vivências amorosas ser mais curto *não necessariamente* significa que os relacionamentos tenham se tornados menos satisfatórios e que a experiência amorosa tenha tido o seu valor diminuído. No entanto, em um período no qual tempo e espaço foram comprimidos e um complexo conjunto de demandas é feito sobre grande parte dos indivíduos, parece-nos que outras expectativas em relação à experiência afetivo-sexual são criadas e um re-posicionamento das prioridades e dos projetos de vida que cada um pode vir a construir é feito. Por exemplo, entre muitos jovens, a importância dada ao convívio com os amigos e à diversão/fruição, o prazer do simplesmente estar-junto, a preocupação com a formação acadêmica/profissional, o trabalho, a carreira e o sucesso financeiro são constantes.

Alguns destes aspectos aparecem em uma edição especial da revista Veja sobre jovens (agosto, 2003). Segundo as pesquisas consultadas para esta edição, quando perguntados sobre os planos para o futuro, os jovens brasileiros de 15 a 22 anos de idade respondem que seus sonhos "(...) estão relacionados à carreira e aos estudos" (p. 12); "41% deles acham que o dinheiro é a maior medida de sucesso"<sup>63</sup> e, ao dizerem o que "gostariam que acontecesse" [em suas vidas], dentre as várias respostas a que obteve maior porcentagem foi: "42%: arrumar um bom emprego"<sup>64</sup> (p. 14). De acordo com a pesquisa de Chaves (2001a), nos projetos de vida dos jovens entrevistados, os quais são orientados para um futuro relativamente próximo, a realização profissional é

---

<sup>63</sup> Fonte: *Target Group Index Latino* 2002.

<sup>64</sup> Fonte: *CPM Research*.

um objetivo primordial, sobretudo para as mulheres (p. 61). O re-posicionamento das prioridades de vida, bem como a diversidade de interesses e de expectativas, também é mostrado no trabalho de Lipovetsky (2000). Aí especificamente é a questão da mulher que é estudada.

Segundo o autor, as mulheres cada vez menos aceitam sacrificar autonomia individual, estudos, carreira profissional e independência econômica em nome do amor (p. 28; 34). Recusam a identidade constituída exclusivamente pelas funções de mãe e esposa (p. 220), e fazem com que o trabalho seja "uma exigência individual e identitária, uma condição para realizar-se na existência, um meio de auto-afirmação" (p. 221)<sup>65</sup>. No entanto, para Lipovetsky, ainda que se veja a co-existência de diversas dimensões da vida, o que faz com que homens e mulheres tenham de dividir seus horários, interesses, preocupações e disponibilidades internas entre vários campos – muitos deles possíveis fontes de satisfação e realização –, por parte das mulheres ainda existe o sonho com o grande amor, dentro ou fora do casamento (p. 28), o superinvestimento no amor (p. 48). Porém, assinala o autor, o superinvestimento feminino no amor pode ser sustentado *se* a experiência amorosa se ajusta às expectativas de liberdade e de realização íntima, é compatível com projetos de autonomia individual e com possibilidades de compromisso profissional e social. E, ainda, *se* ela favorece o livre desenvolvimento das inclinações e dos desejos individuais, possibilita o vislumbre da felicidade íntima e da intensidade emocional (op. cit.: 49).

A afirmação de que a mulher superinveste no amor remete a uma outra idéia do próprio autor – citada anteriormente –, a de que ela tem sido valorizada como "ser *sensível* destinado ao amor" (op. cit.: 22). A sensibilidade, a ternura, a sentimentalidade são atributos associados, sobretudo, à mulher que aparecem nas pesquisas com jovens realizadas por Minayo (1999) e Chaves (op. cit.). Segundo esta última autora, embora homens e mulheres "fiquem" suas percepções quanto a esta prática são distintas em muitos casos. Os rapazes, principalmente os mais novos (de 13 a 22 anos de idade), falam mais em quantidade, na possibilidade de fazer experiências e "tirar proveito"

---

<sup>65</sup> Certamente o alto valor dado à carreira profissional, o fato de a auto-realização e a auto-afirmação serem vinculadas ao trabalho são questões de importância e significado que podem ser bastante díspares entre, por exemplo, uma alta executiva e uma caixa de supermercado que não se sente gratificada nem profissionalmente nem financeiramente. Para a última, exercer as funções de mãe e de esposa talvez seja mais satisfatório do que o trabalho. Mesmo tendo em mente essa diferença, não é possível desconsiderar a importância crescente do trabalho e tudo que isso implica na vida das mulheres (cf. Lipovetsky, 2000: 225).

(sexual) das mulheres. Apesar de também se inserirem no campo de experimentações e, por exemplo, contabilizarem o número de "ficantes" em uma noite ou um mês, as moças se aproximam mais do sentimento, da corrente afetiva, terna, quando comparadas aos rapazes (op. cit.: 74). Na pesquisa de Minayo se observou que as meninas (de 14 a 20 anos de idade) "reclamam um compromisso mais sério, mais fixo, não querem somente 'ficar' (...)" (op. cit.: 64), buscam tornar mais complexo o significado das relações de gênero, por exemplo, distinguindo a relação superficial do compromisso e introduzindo a necessidade de buscar o conhecimento entre as duas pessoas (op. cit.: 71). Esses trabalhos apontam não necessariamente para um superinvestimento da mulher no amor, mas sim para valorações diversas feitas por homens e mulheres, para interesses, preocupações e prioridades diferentes. E mais, pensamos que não se trata *somente* de uma diferença de gêneros, que a mulher dá ao amor valor e significado distinto daquele dado pelo homem. Tanto entre mulheres quanto entre homens existem expectativas diferentes frente ao relacionamento amoroso, as quais são transitórias, contextuais e situacionais.

### **III.2.2 - Disjunção entre amor e sexualidade**

Quando olhamos para os relacionamentos amorosos da pós-modernidade acreditamos poder falar em uma disjunção entre amor e sexualidade a partir de três aspectos. Primeiro, é preciso lembrar que a inclusão da sexualidade na semântica do amor, a ênfase na unidade entre sexualidade e amor, e a importância dada à satisfação tanto sentimental (amorosa) quanto sexual ocorreram com o amor romântico. Ademais, foi com a domesticação do amor romântico que a associação entre sexualidade e amor no casamento se transformou em um modelo de relação amorosa, uma regra de conduta afetivo-sexual legitimada e controlada politicamente e socialmente. Segundo, o advento da pílula anticoncepcional e, mais recentemente, a difusão das novas tecnologias reprodutivas propiciaram a desvinculação entre a atividade sexual e a procriação, libertaram a sexualidade das necessidades de reprodução, estimularam a luta da mulher pelo direito ao prazer sexual e afastaram o "medo de gestações repetidas" (Giddens,

1993: 38)<sup>66</sup>. O terceiro aspecto, mais geral, que deve ser considerado ao se pensar na disjunção entre sexualidade e amor diz respeito aos movimentos feminista e homossexual, e às manifestações de contestação social e cultural ocorridos no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Como afirmamos mais acima, estes movimentos e manifestações reivindicaram a liberdade de escolha amorosa e sexual de cada um, elegeram o prazer individual como um grande bem e provocaram o afrouxamento das regras que regulamentavam, orientavam e controlavam as práticas amorosas e sexuais. Estas transformações abriram um campo de possibilidades afetivo-sexuais a ser construído e explorado cujos limites, proibições, regras, intensidades, níveis de satisfação são determinados e regulados principalmente pelo próprio indivíduo.

Enquanto no amor romântico a união entre amor e sexualidade é percebida como característica fundamental, configura-se como um dos elementos que o distinguiu, por exemplo, do amor burguês, nos amores da pós-modernidade esta união parece se tornar *preferencial*. Isto significa que ter relação sexual com uma pessoa por quem se está interessado afetivamente é, geralmente, *preferível* à opção de uma relação puramente e estritamente sexual. Esta pluralidade de escolhas aparece em alguns depoimentos colhidos para uma matéria de jornal sobre os "tribalistas" (Lessa e Cezimbra, 2003)<sup>67</sup>:

"Já vou na certa. Acho legal essa vida de ninguém ser de ninguém. Às vezes rola de sentir falta de namorar. Aí eu namoro uma semana direto, depois enjoa e mando o cara passear". (Jovem de 16 anos do sexo feminino) (p. 2)

"Numa noite, beijo umas cinco ou seis pessoas. Mas minha vida não é uma reedição de Sodoma e Gomorra. Pelo contrário, quando estou com alguém, só transo com essa pessoa". (Homem, idade não declarada) (ibidem)

"Lá em Londres não tem esse negócio de ficar com todo mundo. Para ficar com alguém demora, tem que se interessar. Não tem essa de sair beijando. Mas eu, mesmo gostando de um garoto, como agora, não deixo de ficar com outras pessoas. Ah, beijar é ótimo e é sempre bom ter uma companhia legal. Agora transar, só gostando". (Jovem de 23

---

<sup>66</sup> De acordo com Giddens (1993), durante grande parte da história, na maioria das culturas, o prazer sexual da mulher, "quando possível", estava associado ao medo de gestações repetidas e, por causa, principalmente, do parto, do risco que elas traziam para a vida tanto da mulher quanto do bebê (p. 38).

<sup>67</sup> "Tribalistas" é o nome do *compact disc* do trio formado pelos músicos Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte. Pelas características e descrições feitas, entendemos que o termo "tribalista" tem aparecido na mídia e na fala de várias pessoas como um nome para aqueles que "ficam com".

anos do sexo feminino. Brasileira, mora em Londres e passa os verões no Brasil) (ibidem)

A união atual entre sexualidade e amor pode ser entendida como um aspecto do amor romântico que continua sendo valorizado ou como uma resposta à ameaça da Aids – doença que provocou um certo retraimento ou maior cuidado no que se refere às práticas sexuais – ou a uma possível banalização da sexualidade. De acordo com Lipovetsky (2000), após os revolucionários anos 60 e 70, a atualidade é marcada por uma "forte relativização do referencial sexual", um "desencantamento do sexo" (p. 61). Segundo o autor, isto ocorre em função de "(...) o eclipse dos grandes tabus religiosos e morais, a banalização da liberdade sexual, o desmoronamento do imaginário contestador" (ibidem). Pode-se juntar a essas razões o desenvolvimento do mercado e, por parte deste, a transformação da sexualidade em mercadoria, em objeto de consumo. Através da publicidade, dos meios de comunicação, de modo geral, estimula-se a fantasia, o descobrimento e a experimentação de novas práticas sexuais, de novos instrumentos e estratégias que proporcionem prazer máximo e preocupação mínima. Para Lejarraga (1985), esse quadro se constitui como "um modelo ideal do estado de prazer sem restrições" (p. 84), e nos parece apontar para o que a autora denomina de uma "hiperinflação da sexualidade" (Lejarraga, 2002: 176). Essa exacerbação sexual teria na perda de valor social do sentimento amoroso uma de suas conseqüências (ibidem).

A primeira vista "banalização da sexualidade" e "hiperinflação da sexualidade" podem parecer contraditórios. No entanto, é possível supor que pelo próprio hiperinvestimento na sexualidade ocorra a banalização. Isto quer dizer que o constante interesse de muitos pelo tema e pelas experiências (próprias e alheias) relativas ao sexo, a exposição permanente dos indivíduos a uma cultura "sexualizada" e a liberalização sexual fazem com que haja uma perda de potência da sexualidade, e do encontro com o outro. Para muitos homens e mulheres encontrar um parceiro com quem se tenha prazer sexual se torna mais fácil do que conciliar satisfação sentimental e sexual. De qualquer modo, a satisfação sexual é tida como algo positivo e o ideal de prazer sem restrições é buscado, por exemplo, por homens e mulheres no "sexo casual". O sexo casual é tema da matéria da revista Veja intitulada "As mulheres e o sexo casual" (Kostman, 2003). Segundo a reportagem, cada vez mais as mulheres aderem a uma prática que já foi,

quase, exclusiva ao universo masculino, e que tem nos "atributos físicos" e na "perícia amorosa" seus estímulos mais importantes. Para uma jovem paulistana de 24 anos de idade, entrevistada para a matéria, "o legal do sexo sem compromisso é que você não se preocupa tanto com o parceiro. Você pensa mais é no seu próprio prazer" (op. cit.: 96). Concordamos com Giddens (1993) que "a sexualidade episódica pode ser habitualmente um modo de se evitar a intimidade, mas também oferece um meio de promovê-la ou de elaborá-la" (p. 163). Seja uma estratégia para se aproximar do outro seja um subterfúgio para escapar do compromisso com este, a sexualidade episódica – como pode ser visto o sexo casual – favorece a vivência de experiências sexuais, a satisfação sexual independentemente do amor, da satisfação do sentimento amoroso.

Para Bauman (1998), nada resulta desta sexualidade episódica, exceto o sexo em si e as sensações que acompanham o encontro sexual (p. 184). Segundo o autor, na pós-modernidade o sexo serve, antes e acima de tudo, ao processo de atomização em andamento. A sexualidade é transferida para o reino da coleção de experiências; a atividade sexual deixa de ser o parâmetro para se avaliar a adequação do indivíduo às normas sociais e se torna "o critério de adequação individual e aptidão corporal" do "acumulador e colecionador de sensações" (op. cit.: 183-184). Bauman afirma que "(...) a separação atual do sexo das outras relações inter-humanas permite-lhe ser submetido, sem restrição, aos critérios estéticos da experiência forte e da satisfação sensual" (op. cit.: 189). O sexo "purificado" de obrigações referentes ao outro, de laços afetivos, de regras sociais que limite a sua exploração propicia a vivência hedonista da atividade sexual. Entendemos que o trabalho de Bauman remete não somente às idéias de disjunção entre sexualidade e amor, e de hiperinflação da sexualidade, mas, mais do que isso, o autor chama a atenção para o fato de que na pós-modernidade o indivíduo parece se voltar para o acúmulo de sensações, orientar as relações inter-humanas pela possibilidade de obter por meio delas sensações, de preferência, cada vez mais fortes e novas. O interesse do indivíduo pelas sensações, para o qual Bauman (op. cit.) aponta, faz-nos pensar no conceito de sensação e na distinção entre sensação e sentimento. Embora esta distinção não seja consensual, conforme sugerem os trabalhos de Costa (1998) e de Lejarraga (2002), ela nos ajuda a refletir sobre as práticas amorosas e sexuais da pós-modernidade.

De acordo com Bagot (1996), a sensação é um acontecimento físico elementar que resulta de uma modificação no meio ambiente. A partir da estimulação de um órgão sensorial ocorre um tratamento mínimo da informação (estímulo) pelo sistema nervoso central acarretando daí a sensação que pode ou não ser consciente. Diferentemente da percepção que é um processo ativo de organização, resulta de um trabalho de interpretação, no qual várias sensações são integradas e interpretadas tendo em vista conhecimentos anteriores, expectativas, motivações cognitivas e afetivas, a sensação é uma resposta determinada exclusivamente pela estimulação sensorial, não dependendo, assim, da intencionalidade do indivíduo (op. cit.: 14-15). O conceito de sensação remete a uma outra noção, a de sensibilidade:

Qualidade de sensível. Faculdade de sentir; sentimento. Propriedade do organismo vivo de perceber as modificações do meio externo ou interno e de reagir a elas de maneira adequada; excitabilidade. (...) Faculdade de experimentar sentimentos de humanidade, ternura, simpatia, compaixão. (...). (Ferreira, 1999)

Conforme assinala Bagot (op. cit.), "a sensibilidade definida matematicamente como o inverso do valor do limiar<sup>68</sup> varia em sentido oposto a este" (p. 28)<sup>69</sup>. Deste modo, um aumento do limiar equivale a uma diminuição da sensibilidade do indivíduo, inversamente, um limiar baixo significa uma grande sensibilidade (ibidem). Isto quer dizer que quanto mais intenso ou forte é o estímulo necessário para ser sentido menor é a sensibilidade. Analogamente, supomos que quanto maior a quantidade, a intensidade e a frequência das sensações necessárias para produzir algum efeito no indivíduo menor é a sua sensibilidade. Quanto mais o "acumulador e colecionador de sensações" (Bauman, 1998) precisa destas mais indícios se tem de que ele se torna um ser menos sensível – no sentido dado à sensibilidade. Habitando-se a uma certa quantidade, intensidade e frequência de sensações, mais o indivíduo precisará intensificar ou ampliar ou

---

<sup>68</sup> Existem dois tipos de limiar, o limiar absoluto que corresponde ao valor mínimo a partir do qual o estímulo provoca uma sensação, e o limiar diferencial que é a variação mínima do estímulo necessária à produção de uma sensação diferente (Bagot, 1996: 22).

<sup>69</sup> "*Enfin, signalons que la sensibilité, définie mathématiquement comme l'inverse de la valeur seuil, varie en sens opposé à celui du seuil.*" (Bagot, 1996: 28) (Tradução nossa)



diversificar estas para que ele possa sentir algum contraste/novidade e com isto regozijar.

A partir destas definições, aqui alargamos o conceito de sensação a fim de abarcar duas situações que interessam a este trabalho. Na primeira, enquadrámos como sensação tudo aquilo que decorre, por exemplo, das aventuras esportivas e químicas ou das formas de lazer e diversão que pretendem excitar os sentidos e sensibilizar o corpo. Aí se incluem os "esportes irados" como escalada, *mountain bike*, *canyoning*, *rafting* e *jumping* que, segundo reportagem da revista *Veja* (agosto, 2003), são procurados por jovens pelo fato de não terem regras fixas e de fugirem do convencional; fascinam pela liberdade e pela "adrenalina" provocada (p. 61). Encaixam-se aí, também, as drogas lícitas e ilícitas assim como a "alimentação suntuária" (Duarte, 1999) e as festas efervescentes como as *raves*.

A outra situação a qual nos reportamos ao falar de sensação diz respeito àquilo que é produzido pelas aventuras sexuais tal como o sexo casual, e se refere mais especificamente à dita distinção entre sensação e sentimento<sup>70</sup>. De acordo com Costa (1998), essa diferença deve ser feita porque hoje paralelamente ao interesse pelas sensações, por um amor "sensacional", há uma "saudade dos sentimentos" (op. cit.: 21). Segundo ele, a sensação pode ser entendida como uma resposta mental ao estímulo corporal enquanto o sentimento é um hábito afetivo provocado "pela prática da introspecção, da intimidade, da narração autobiográfica, dos relatos minuciosos da vida emocional etc" (op. cit.: 210). Enquanto a sensação tem duração mais curta, o sentimento remete a uma certa duração temporal, parece "(...) ter uma outra forma de construção e apreensão por parte do eu, que implica uma certa permanência temporal" (Lejarraga, 2002: 73). Para Costa, é importante notar que esta distinção acentua o sentido diverso entre satisfação sentimental e satisfação das sensações. Esta última, ao contrário da primeira, é regulada principalmente por dor, prazer e desprazer, e sempre referida a imagens corporais. De acordo com o autor, na atualidade, paulatinamente, o indivíduo aprende a querer dos "sentimentos" o que se espera das "sensações". Busca afastar os sentimentos que provocam sofrimento assim como tenta evitar toda sensação que resulta em dor ou desprazer. O indivíduo faz isso porque está sendo habituado "a

---

<sup>70</sup> A partir da diferenciação entre sensação e sentimento, buscando distinguir amor, apaixonamento e sexualidade na teoria psicanalítica, Lejarraga (2002) propõe fazer corresponder o amor ao sentimento e a sexualidade à sensação.

procurar prazeres mais fáceis de comprar e instrumentalizar", tende a procurar um amor que seja mais "sensacional" do que "sentimental" (op. cit.: 214-215).

Tendo em vista o que discutimos até aqui, supomos ser mais apropriado dizer que na pós-modernidade o indivíduo pode procurar tanto um amor que seja mais "sensacional" – prazeroso, imediato, intenso/forte, pontual – quanto um amor "sentimental" que lhe faça sentir ser querido, desejado, acolhido, cuidado, valorizado em sua inteireza. O que nos parece mais importante é enfatizar a possibilidade e o interesse do indivíduo das/nas sensações. Estas têm como fonte as experiências sexuais e também as experiências químicas, esportivas, turísticas e outras. Ainda que se tenha em vista as diferenças entre estas várias experiências, a atração pelas "sensações" talvez acabe por levar a um nivelamento daquelas. Isto significa que para o indivíduo a satisfação "sensacional" que ele deseja pode vir tanto de uma relação sexual quanto da prática de um "esporte irado" ou "radical", da visita a um lugar exótico, de uma festa efervescente ou de um comprimido de ecstasy. Se o importante é experimentar, acumular e colecionar sensações cabe perguntar até que ponto aquelas experiências são discriminadas e o quão diversas são as respostas do indivíduo a elas. Como a sensação é um acontecimento físico elementar e tem uma duração breve pressupomos a constante necessidade de eventos que produzam novas sensações que satisfaçam o interesse do "coleccionador de sensações". Uma última conjectura, a qual retomaremos no capítulo seguinte, diz respeito ao modo como o outro é visto por aquele que busca a satisfação das sensações. Ele parece ser percebido, antes de tudo, como um organismo fonte de sensações prazerosas.

#### **IV - PESQUISA DE CAMPO**

Antes de analisarmos mais especificamente o discurso dos jovens entrevistados, faremos um exame da pesquisa de campo como um todo explicitando o modo como o trabalho foi realizado e traçando algumas observações mais gerais do ponto de vista do entrevistador/pesquisador. Aqui se faz necessário o uso da primeira pessoa do singular, pois se trata de avaliações bastante pessoais sobre a relação entrevistador – entrevistado e tudo que a envolveu.

Entrevistei doze jovens de classe média, seis moças e seis rapazes, todos moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro, exceto uma moça que mora na Barra da Tijuca, Zona Oeste da cidade. A fim de chegar até os jovens entrei em contato com inúmeras pessoas – familiares, amigos e colegas – que pudessem me indicar alguém, o qual eles supusessem aceitar ser entrevistado. Para todos, a minha fala foi sempre a mesma. Dizia que estava fazendo o trabalho de campo – entrevistas com jovens – para minha Tese de Doutorado, cujo tema era "relacionamentos amorosos nos dias de hoje", e perguntava se eles conheciam algum jovem com quem eu pudesse entrar em contato e que estivesse dentro dos seguintes requisitos: tivesse de 18 a 25 anos de idade, fosse de classe média, trabalhasse e/ou estudasse e morasse na cidade do Rio de Janeiro. Como a maioria das indicações que consegui foi de jovens moradores da Zona Sul, o grupo entrevistado acabou ficando concentrado a esta área da cidade. Poucas pessoas com as quais falei me perguntaram como era a entrevista, quanto tempo durava, quantos encontros eram necessários e onde os realizaria. Se por um lado esse silêncio poderia ser visto como uma falta de interesse pelo meu trabalho ou de preocupação com o que seria realizado junto ao jovem, por outro, o qual me pareceu mais importante, foi entendido como sinal de confiança em mim e desejo de colaborar com o andamento de minha pesquisa. Em todos os casos, aqueles que me indicaram alguém falaram antes com este para saberem se ele aceitava ser entrevistado. Caso aceitasse me era passado o nome, o telefone e, na maioria das vezes, o local onde morava e se estudava (o que e

onde) ou trabalhava. O grupo de jovens entrevistados ficou composto da seguinte maneira<sup>71</sup>:

<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>BAIRRO ONDE MORA</b>	<b>ESTUDA / TRABALHA</b>	<b>NAMORA: SIM / NÃO</b>
ÂNGELA	23	Barra da Tijuca	Odontologia (universidade particular)	Namora há um ano e dez meses
BIANCA	19	Laranjeiras	Música (universidade pública)	Não
CLÁUDIA	20	Gávea	Direito (universidade particular)	Não
DÉBORA	20	Botafogo	Ciências Contábeis (universidade pública)	Namora há dois anos e dez meses
EUNICE	20	Leblon	Vendedora em loja de roupa	Não
FABIANA	23	Laranjeiras	Administradora, trabalha em incubadora cultural	Namora há três anos e três meses
AUGUSTO	20	Botafogo	Direito (universidade particular)	Não
BRUNO	22	Botafogo	Geografia (universidade pública)	Não
CARLOS	25	Jardim Botânico	Consultor em Tecnologia da Informação	Não
DANIEL	19	Copacabana	Economia (universidade particular)	Namora há um mês
ERNESTO	21	Laranjeiras	Percussionista	Não
FÁBIO	20	Gávea	Economia (universidade particular)	Não

<sup>71</sup> Os nomes dos jovens são fictícios. O quadro de identificação dos entrevistados apresenta as informações elementares que permitem se ter noção do grupo pesquisado, as quais foram obtidas no 1º semestre de 2003 quando todas as entrevistas foram realizadas. No final do trabalho há um apêndice com alguns dados complementares dos jovens. Ao longo do capítulo será citado somente o nome (fictício) do jovem sem que as demais informações sejam repetidas.

Aceitei somente uma indicação de jovem de cada pessoa, embora alguns tenham me dado mais de um nome. Quando isto ocorreu, marquei a entrevista com o primeiro que eu consegui falar ou com aquele que tinha um perfil diferente daqueles que eu já havia entrevistado ou entrado em contato. Apesar de nem sempre ter tido sucesso, esta foi uma preocupação constante de minha parte, ou seja, a de formar um grupo de entrevistados com perfis diferentes, isto é, que fossem indicados por pessoas pertencentes a grupos variados, trabalhassem em áreas diversas, estudassem em universidades diferentes fazendo cursos também diferentes, fossem de idades variadas e morassem em bairros distintos. Digo que nem sempre tive sucesso porque em alguns momentos foi difícil encontrar jovens que se dispusessem a ser entrevistados. Tiveram situações em que eu consegui falar com o jovem, pelo telefone, mas ele não podia marcar a entrevista porque estava em época de provas na universidade ou estava sem tempo disponível. Outras situações como, por exemplo, a de três rapazes de 18, 19 anos de idade, os jovens concordaram com a idéia de ser entrevistado até saberem do que se tratava; quando lhes foi dito o tema da entrevista eles "saíram andando", como me contou a pessoa que os indicou. Houve um caso em que o meu pedido de ajuda/colaboração foi repassado pelo correio eletrônico (*e-mail*) para uma lista de conhecidos de uma colega de trabalho. Eram pessoas que trabalhavam ou estudavam em um mesmo lugar – uma universidade particular. Neste caso, cinco pessoas me responderam espontaneamente via *e-mail* afirmando concordar com a entrevista, todas elas eram mulheres e uma delas – a primeira que respondeu – foi entrevistada por mim.

Estas situações merecem algumas observações preliminares. Embora não tenha me causado um espanto, isto é, não tenha sido uma novidade para mim visto o que eu já havia estudado anteriormente, a primeira situação que me chamou a atenção foi a maior facilidade de encontrar moças que se dispusessem a participar da pesquisa. O número de moças indicadas foi maior do que o de rapazes, bem como o contato (resposta ao telefonema e facilidade para marcar a entrevista) com elas, mais fácil. É preciso dizer que *todos*, em níveis diferentes, certamente, mas *todos* os jovens, moças e rapazes, tiveram boa vontade e disponibilidade para serem entrevistados, no entanto, a maioria das moças se mostrou mais preocupada ou cuidadosa – no sentido de refletir um pouco mais – com as perguntas e respostas que eram feitas, com o assunto do qual se tratava, quando comparadas aos rapazes. Exceto em dois casos: Eunice que, apesar da

disponibilidade, por diversas vezes, não pareceu atenta às minhas perguntas e repetiu as mesmas respostas que, geralmente, restringiram-se a situações vividas<sup>72</sup>. E, Ernesto que disse: "Pô achei interessante quando... Quando o (seu amigo) falou dessa entrevista assim sabe por que? Esse momento que eu tô vivendo assim na minha vida agora tá, completamente propício assim, porque eu tô pensando muito sobre essas coisas ultimamente sabe?". A entrevista com este rapaz se destaca no grupo masculino pelo entusiasmo com que ele traz à tona não somente suas experiências amorosas, mas, sobretudo, suas reflexões e seus questionamentos sobre aquilo que vivencia, sente e deseja.

Dentre as entrevistas houve uma situação que me marcou mais profundamente pela variação de qualidade, quantidade e intensidade das experiências contadas. Foi um dia em que fiz duas entrevistas, uma seguida da outra. Tratava-se da segunda e da terceira entrevista que eu realizava e, até aí, um momento em que eu estava sob o forte efeito da excitação e do impacto provocados pelo trabalho de campo. Excitação e impacto me parecem termos apropriados para descrever minha felicidade por estar escutando "ao vivo e a cores" os jovens, e minha surpresa diante dos depoimentos. Muitas das coisas que me foram relatadas eu já havia escutado em outras ocasiões – por exemplo, em outros trabalhos realizados com jovens – ou já havia pensado e estudado sobre elas, porém é como se cada fala reanimasse idéias e impressões adormecidas e desencadeasse uma série de outras, tal como a questão do (des)respeito que surgiu logo de início.

A situação mencionada foi a seguinte: primeiro eu entrevistei Bianca, depois, Augusto. A entrevista com Bianca foi atravessada pela ponderação, reflexão, emoção e por momentos em que ela fez silêncio para conter o choro provocado pela lembrança de uma história amorosa vivida recentemente. Sua fala era carregada de sentimento, de indignação ou incompreensão, por exemplo, com o "medo [das pessoas] de se envolver [amorosamente]", a falta ou falha de comunicação entre as pessoas, a não percepção da falta de respeito com o outro. Quando saí da casa de Bianca – local onde foi realizada a entrevista – me sentia muito emocionada com a intensidade afetiva de seu depoimento, sua sinceridade e sua propriedade diante daquilo que falava. Sentia-me preocupada com

---

<sup>72</sup> Através da análise da entrevista de Eunice é possível dizer que sua repetição não se tratava de uma intenção deliberada, mas sim de uma falta de conteúdo ou dificuldade de pensar sobre as questões para além do plano periférico ou superficial.

as coisas que havia escutado e com seus possíveis significados, ao mesmo tempo me percebi bastante estimulada pelo trabalho que tinha pela frente e por sua pertinência. Com este estado de espírito fui para a casa de Augusto entrevistá-lo. Augusto foi atencioso, respondeu a todas perguntas que fiz, buscou em sua memória lembranças de experiências e acontecimentos que pudessem ajudar em meu trabalho (ou me impressionar?), teve toda boa vontade. Porém, eu estava marcada pelos sentimentos que afloraram na entrevista anterior e o que mais sobressaiu na entrevista com este jovem, e, de fato, o que ele basicamente me relatou, foi uma série de experiências nas quais o importante era o inusitado do acontecimento – por exemplo, o local diferente onde já fez sexo –, o prazer obtido em uma "ficada" – prazer físico e prazer pela conquista –, e a quantidade de mulheres que ele havia "pegado"<sup>73</sup> na noite.

Certamente Augusto esteve disponível para colaborar com minha pesquisa, cedeu seu tempo e me falou de sua vida íntima. Porém, ao final da entrevista, tive a impressão de que para ele tão ou mais importante do que a contribuição para o andamento da pesquisa era a sua necessidade de expor suas experiências, ter alguém que escutasse suas histórias e que, de algum modo, as valorizasse. De certa maneira, opondo-se a uma expectativa minha, não me pareceu haver preocupação em ir para além da narração, em refletir sobre os acontecimentos; a intenção parecia ser a de narrar seus atos, o que talvez ele acreditasse ser do meu interesse e valioso para o meu trabalho. Mais uma vez eu saí estimulada pelas questões que estavam surgindo e pensando na pertinência de meu trabalho, no entanto não consegui deixar de pensar nas grandes diferenças entre uma entrevista e outra e ver um abismo entre elas. Nos depoimentos de Bianca e Augusto, por exemplo, há passagens em que seus discursos se esbarram apontando cada qual para um lado da questão e me fazendo pensar o quão necessária é a aproximação dessas falas, desses indivíduos, no sentido de colocá-los para escutarem o outro e dialogarem. Vejamos o que eles disseram:

---

<sup>73</sup> "Pegar mulher" é "ficar com" mulher(es). Esta é uma expressão bastante comum entre os rapazes principalmente quando eles se referem às saídas noturnas que têm por objetivo último "ficar com" várias mulheres. Aí, então, falam em "pegação", "festa de pegação" ou "lugar de pegação". Um outro termo também muito usado pelos jovens, sobretudo meninos, é "guerra", "fazer guerra" ou "ir à guerra". Aí o sentido dado é o mesmo de "pegação", ou seja, "ficar com" várias mulheres/homens; é "sair 'ficando com' todo mundo". Existem festas, tais como Terê Fantasy e Petro Fantasy, e micaretas como Chiclete com Banana que são "típicas festas de guerra". Nelas um grande número ou a maior parte das pessoas, mais facilmente os rapazes, vai disposta a "ficar com" quantos for possível. Algumas vezes é possível "ficar com" até vinte ou trinta pessoas em uma mesma festa. Nesses casos a "ficada" se resume basicamente a uma troca de beijos e carícias.

**Bianca** – [Ao falar sobre como ela considera desrespeito o fato de as pessoas "sumirem" depois de terem "ficado com" uma outra sem dizer nada para esta] É. "Se ela", tipo, "ainda não entendeu que eu não quero 'ficar com' ela, ela é muito idiota! Porque se eu sumi?!" Sabe? "Tá no...". É isso. Todas as pessoas tá, tem... Todo... Muita gente faz isso. E é lógico que dá pra entender que a pessoa não quer "ficar" mais com você. Isso dá pra entender há quinhentos anos atrás. Isso é óbvio sabe? Mas, mas a questão não é essa, cara! A questão não é que dá pra entender ou não. Eu acho isso desrespeito! Você sumir do nada! Várias coisas assim são desrespeito. Fala pra pessoa, não custa, as pessoas não sabem falar. Não custa nada! Falar sabe? Falar! Mas as pessoas não falam. E as pessoas não acham isso ruim! Tem muita gente que não acha isso errado!

**Augusto** – [Ao dizer como ele lida com os desencontros amorosos, por exemplo, com o fato de ele querer amorosamente uma pessoa e esta não querer ou vice-verso] Ah, eu encaro nor... Normalmente. Acho que acontece. Por exemplo, tem umas garotas aqui que minha mãe, minha mãe, minha mãe acha, engraçado, dá até força pra elas. Que elas ficam ligando tal e... Tinha uma conheci... Nossa! Me deu uma trabalhadeira (risos) essa aí porque ela me ligava... Sempre. Tipo assim, duas três vezes por semana e eu atendia totalmente frio no telefone com ela. Falando "É" "Não é" tal, e ela não desistia sabe? Então porra! Não é possível. Minha mãe: "Ah Augusto! Vai sair com ela. Dá uma chance pra ela". (risos) Falei: "Não. Não quero não". Teve uma outra também, a mesma coisa. Não fiz nada demais pra garota também se apaixonar sei lá e tal. Quando acontece comigo, eu fico triste né cara. Que eu até imagino como é que seja com as outras meninas que eu faço isso também, né? Que dá até, dá pena, mas. Eu tento esquecer. Eu num, num me ligo nesses negócios não. Ah! Vamo pra outra, vamo partir pra outra.

Enquanto Bianca fala de desrespeito, Augusto planifica os acontecimentos caracterizando-os de "normal" ou de "natural". De um lado, Bianca enfatiza a necessidade, e a dificuldade, de as pessoas se comunicarem, falarem com as outras de um modo honesto, direto e claro. De outro, Augusto opta por continuar simplesmente agindo, deixar de lado ou esquecer aquilo que o entristece e incomoda. Da minha parte, ressoa em meus ouvidos as palavras repetidas no discurso de Bianca: "falta de comunicação", "falta de respeito". Além da distância entre estes pontos de vista dos jovens, e suas respectivas conseqüências, uma das diferenças que se depreende daí e que se impôs nas entrevistas, e que será discutida mais adiante, é aquela entre "sentimento" e "sensação". O depoimento de Bianca é marcado principalmente pelo sentimento e o de



Augusto, pela sensação. Não é possível afirmar simplesmente que as mulheres estão para o sentimento assim como os homens estão para a experimentação de sensações. A entrevista de Ernesto, por exemplo, nos mostra que esta associação direta não pode ser feita. Há nuances e misturas entre as vivências sentimentais e "sensacionais" (Costa, 1998) de homens e mulheres. No entanto, a partir deste trabalho reafirmamos o que outros autores<sup>74</sup> vêm mostrando, isto é, que, de modo geral, quando comparadas aos homens, as mulheres valorizam mais o sentimento amoroso do relacionamento, o compromisso, o aprofundamento da relação e a estabilidade.

Cabe lembrar que, embora assinalemos diferenças entre as percepções, expectativas e vivências de homens e mulheres, interessa-nos, sobretudo, analisar o quadro relacional amoroso da pós-modernidade que entendemos não se restringir às tensões ou aproximações entre o que diz respeito ao homem e à mulher. Neste sentido, o foco recai sobre, por exemplo, o desrespeito e a falha na comunicação entre os indivíduos; a separação entre sentimento e sensação, e a forte valorização desta última, algumas vezes em detrimento da primeira; e a opção da adaptação e da flutuação como estratégias para lidar com as dificuldades que possam surgir na relação com o outro.

Retomando as observações preliminares referentes à metodologia da pesquisa, mais especificamente, à seleção e à aceitação, ou não, dos jovens para a entrevista. A primeira destas observações, então, trata da maior facilidade de encontrar moças do que rapazes dispostos a serem entrevistados sobre relacionamentos amorosos. A segunda observação está relacionada ao motivo pelo qual os jovens decidiram participar do trabalho. Embora isto não tenha feito parte do roteiro da entrevista, foi um aspecto que surgiu ao longo do trabalho de campo estimulado, principalmente, pelo fato, supracitado, de cinco pessoas (moças) terem respondido espontaneamente a um pedido de colaboração com a pesquisa que foi enviado por *e-mail*. Depois de ter selecionado todo o grupo de jovens, enviei um *e-mail* para minha colega informando o fato e dizendo que não eram mais necessárias indicações. Digo isto porque talvez mais pessoas vindas deste contato se disponibilizassem a participar da pesquisa. Como já havia mencionado, estas jovens são estudantes ou profissionais recém formadas que trabalham em universidade. Por elas estarem inseridas em um ambiente acadêmico penso que este teria sido o estímulo que as levou a se prontificarem, ou seja, por terem

---

<sup>74</sup> Cf., por exemplo, Minayo (1999), Lipovetsky (2000) e Chaves (2001a).

alguma familiaridade com pesquisa sabem da sua importância e das possíveis dificuldades em sua execução – por exemplo, em encontrar indivíduos disponíveis para entrevistas. Levantei esta hipótese – possível também no caso de outros jovens indicados que se dispuseram a colaborar – porque me despertou curiosidade o fato de pessoas totalmente desconhecidas responderem espontaneamente uma mensagem que foi enviada por *e-mail* para um grupo. Esta é uma situação diferente daquela vivida pelo jovem que foi perguntado diretamente e individualmente, pessoalmente ou por telefone, por alguém próximo a ele e que assim poderia se sentir constrangido diante deste, caso sua resposta fosse negativa.

A outra hipótese para a aceitação do convite/pedido é a necessidade, a vontade ou a curiosidade de falar sobre os relacionamentos amorosos. Esta última razão também é possível tanto para as jovens que responderam por *e-mail* quanto para todos os demais participantes. Efetivamente dois jovens explicitaram o fato de terem concordado com a entrevista por causa de seu tema seja por o acharem interessante seja por estarem em um momento da vida no qual estão se questionando sobre as relações amorosas. Embora não me tenha sido dito, acredito que outros jovens aceitaram participar também por causa do pedido que lhes era feito, ou melhor, da pessoa (parente, amigo, colega, amigo de parente ou professor) que perguntava sobre sua disponibilidade. Resumindo, a concordância com a entrevista parece ter se dado em função das seguintes possibilidades, as quais não são excludentes: interesse ou preocupação com a temática dos relacionamentos amorosos; necessidade ou vontade de falar sobre as próprias vivências amorosas; solidariedade acadêmica; interesse de ajudar ou de concordar com a pessoa que a indicou; e curiosidade em relação a minha pessoa, a pesquisa ou ao tema.

Com relação à hipótese da "*necessidade* ou *vontade* de falar" faço esta distinção entre necessidade e vontade porque existem entrevistas, como a de Cláudia, em que é visível a *necessidade* de falar sobre sua última história amorosa. No início da entrevista Cláudia faz menção ao último rapaz com quem se relacionou – "ficou 'ficando com'" <sup>75</sup> ele durante um mês – contando que ele havia "aprontado" com ela. Perguntei, então, a ela o que era "aprontar", e Cláudia respondeu:

---

<sup>75</sup> "Ficar 'ficando'" é o mesmo que "ficar de rolo": "'ficar com' o mesmo sujeito várias vezes. Não exige fidelidade. Pode-se 'ficar de rolo' com mais de um sujeito ao mesmo tempo. Não inclui necessariamente relação sexual". (Chaves, 2001a: 146)

**Cláudia** – Não. Ele fez assim. É porque é muito longo. Cê quer saber?

**Jacqueline** – (risos)

**Cláudia** – (risos) É. É muito... Eu não sei. É, é importante? Te, te interessa pra tua entrevista?

**Jacqueline** – Não, mas você aí falou de aprontar. O que é aprontar?

**Cláudia** – Ah. Apront... Não. O meu caso com ele foi o seguinte (...).

A partir daí Cláudia, na maior parte do tempo, falou deste rapaz e do que se passou entre eles. As perguntas que eu fiz e os temas que surgiram foram, quase em sua totalidade, abordados tomando como parâmetro ou exemplo esse último relacionamento. A entrevista com Cláudia se assemelhou a uma catarse na qual sua história com "X" foi lembrada e contada, seus afetos afloraram fazendo com que sua indignação diante do vivido pudesse ser significada ou expurgada. Em muitas outras entrevistas histórias amorosas me foram relatadas, entretanto na de Cláudia ela foi central, tema praticamente exclusivo, em seu depoimento. Também a entrevista de Ernesto foi toda ela atravessada por sua última história amorosa, mas ele, quando comparado à Cláudia, conseguiu ampliar sua narrativa se desprendendo desse antigo relacionamento e levantando outras questões. Em ambos os casos, assim como nos demais que trouxeram mais fortemente e explicitamente suas vivências amorosas, senti neles uma necessidade de falar sobre suas histórias íntimas seja para exibí-las para um outro, no caso, eu, seja para compartilhá-las com alguém que se disponha a escutá-los com interesse e atenção. Além de uma possível tentativa de, ao falarem, darem um outro sentido ou rumo às histórias vividas, em qualquer uma daquelas situações eu notei uma necessidade deles de serem olhados, vistos, escutados, compreendidos e respeitados. Quando escutamos a fala de Ângela é bastante plausível supor isto. Vejamos o que ela disse enquanto discorria sobre o quadro amoroso na sociedade dos dias de hoje:

**Ângela** – Então... Eu acho que a sociedade hoje tá um, caos total assim em questão de relacionamento, acho que as pessoas... Eu vejo as pessoas casando e separando dois três anos no máximo. Entendeu? Eu não sei por que. Ou porque *as pessoas não sabem mais lidar com as outras*. Você não consegue ter relacionamento com as outras pessoas. Assim com as pessoas não tem amizade pelas outras pessoas. Entendeu? As pessoas não são mais amigas! Assim, aquelas amigas que você tem de desde pequena e tal que você leva pra vida toda. Que você, são colegas de turma. Que você vai passear depois mais tarde com seus filhos etc. Não existe mais isso! Amigos, cê entendeu? Eu vejo isso pela, pela faculdade entendeu? O quê que eu vou lev... Quem

que eu vou levar de amizade da faculdade entendeu? Ou milhares de coisas que aconteceram. As pessoas não são amigas, *as pessoas não estão preocupadas com as outras pessoas*. Entendeu? Então... E isso acaba refletindo no relacionamento. Quer o homem ou uma mulher ou uma outra pessoa. *Você, você se preocupa com aquela pessoa? Fica se preocupando, você sabe o quê que ela tá sentindo? Se preocupou com ela? Cé sabe quais são os defeitos dela? Você sabe se tem qualidade e defeito? As pessoas não vêem.*<sup>76</sup>

Nessa passagem da entrevista, Ângela fala de um tempo que ela não viveu, mas do qual ela sente falta. Um tempo no qual ela acredita que a sociedade fosse mais organizada, os casamentos fossem mais longos, as amizades, mais verdadeiras, estáveis e duradouras. Mas, acima de tudo, Ângela explicita o seu descontentamento com o modo como os relacionamentos humanos e amorosos estão ocorrendo. Segundo ela, não há preocupação com o outro, as pessoas se relacionam sem saberem quem é ou o que sente o outro. Ela nos fala de um ambiente social árido ou indiferente aos demais. Ângela não é a única entrevistada a apontar para esta aridez, desprendimento emocional ou escassez de trocas afetivas mais estáveis e duradouras. Também este não é um ponto de vista unânime entre os entrevistados, há aqueles que acreditam que o quadro amoroso está "normal", "não tem nenhum distúrbio, nada que afete a sociedade de uma maneira profundamente" (Augusto), "[os relacionamentos amorosos] tão como sempre" (Daniel). Entretanto, ao analisar o conjunto das entrevistas e ao notar a intensidade com que muitos dos jovens me falaram de suas histórias, penso que a atenção com o outro e a disponibilidade para com ele se fazem ainda mais preciosos e importantes quando é levada em conta à idéia de "desertificação de massa" (Lipovetsky, 1983) – discutida no capítulo II. Isto é, o corpo social sendo formado por um aglomerado de indivíduos voltados, primordialmente, para si próprios faz com que estes se sintam mais sós e anseiem por alguém que os dê atenção e escute. Neste sentido, a *minha* disponibilidade e o *meu* cuidado com aquilo que me era dito tomou uma dimensão maior. Por mais que eles soubessem que eu estava ali com eles por causa do meu trabalho, eu era alguém que se dispunha a escutá-los e se preocupava com o que eles tinham para falar, além de estar fazendo uma Tese de Doutorado sobre um tema que alguns deles, tais como Ângela, Bianca e Ernesto, consideravam "difícil" e "complexo".

---

<sup>76</sup> Grifos meus.

Esta minha posição de entrevistadora/pesquisadora preocupada com a postura, abertura e serenidade para escutar o que os jovens tivessem para me contar foi, em parte, a responsável pela maneira aberta, sincera – com mais ou menos reservas – e tranqüila com que transcorreram as entrevistas. A outra parte responsável pelo bom andamento delas diz respeito a cada um dos jovens. Embora eu tivesse um roteiro com questões abertas, procurei acompanhar os discursos dos jovens buscando aprofundar aspectos trazidos por eles e os seguindo em seus próprios ritmos. Apesar de algumas poucas vezes ter precisado intervir diretamente em seus discursos a fim de não perder de vista o propósito da entrevista. Mesmo sabendo do objetivo de escutá-los mais do que impor a eles perguntas já formuladas, somente *a posteriori*, ouvindo as gravações das entrevistas<sup>77</sup>, percebi o quão isso foi feito. Minha linguagem, forma de me expressar, ritmo e foco temático (ênfase em tal ou qual ponto) se aproximaram daqueles do entrevistado. Isto ocorreu desta forma devido à minha tentativa de deixar o jovem à vontade para falar mais livremente e criar um ambiente de confiança.

Assim, por exemplo, em entrevistas como as de Augusto, Carlos e Eunice as falas se concentraram nas vivências afetivo-sexuais propriamente ditas, nas experimentações de sensações, e minhas tentativas de refletir sobre algo que fosse para além da ação em si foram um pouco ou bastante vãs. Ou ainda, nas de Débora e, sobretudo, de Fábio os depoimentos foram marcados por uma reserva maior deles, no sentido de evitarem expor ou entrar em detalhes sobre suas vidas íntimas. E, as entrevistas de Cláudia – como já citado acima –, e de Ernesto – que me disse ter falado sobre coisas que pensa e sente as quais seus amigos não sabem e para quem ele não fala – fizeram-me pensar em como posso vir a ter sido colocada no lugar de psicanalista ou de confidente. Isto reforça um sentimento geral meu de que é preciso criar espaços onde estes jovens possam expor, escutar e debater questões concernentes aos *relacionamentos amorosos*. Muito se tem discutido sobre as práticas sexuais juvenis, enfocando, por exemplo, as doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a Aids, e a gravidez precoce, porém a questão amorosa em si, o *relacionamento* entre as pessoas envolvidas parece ficar em segundo plano. Talvez se criássemos fóruns onde este tema fosse discutido com/pelos jovens algumas das dificuldades, tais como a falta de

---

<sup>77</sup> Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente e integralmente.

comunicação, o desrespeito e o pouco conhecimento do outro, fossem minimizadas ou, ao menos, melhor compreendidas.

Retornando à análise geral das entrevistas... Ao telefonar para cada um dos jovens falei que a entrevista seria feita em um único encontro, o qual teria a duração máxima de uma hora – este tempo foi determinado tendo em vista os procedimentos metodológicos do trabalho, tais como o tempo necessário para as transcrições das gravações e as análises dos discursos, e a experiência vivida nas entrevistas realizadas para minha Dissertação de Mestrado. Embora eu já tivesse anunciado a duração máxima e tomasse cuidado para seguir o ritmo dos entrevistados e preservar territórios que alguns deles mostravam ser mais reservados, em alguns casos, ao longo do encontro percebi um certo cansaço com a extensão da entrevista<sup>78</sup>, um leve rechaço a algumas perguntas, e uma recusa ou impossibilidade de se aprofundarem nas questões ou se esforçarem mentalmente para me responderem. Em várias dessas ocasiões me senti sendo "chata" ou inapropriada, como se o que eu estava a perguntar fosse algo absurdo ou sem fundamento, que demandava deles um grau de atenção e um pensamento excessivo, muito difícil ou o qual eles não estavam dispostos a fazer. Isso foi percebido através de expressões faciais, tom de voz, suspiros, reticências na fala ("Ahhhh", "Hummm", "Ééééé"), extensão das frases, termos utilizados ("Acho que é isso.", "É isso.", "Ham?!", "É isso, é isso. Sei lá.", "Sei lá!", "Pô, sei lá pô!", "É mais ou menos isso." "Por aí.", "Assim.") e conteúdo.

Um exemplo de situação em que o jovem aparentou irritação ou indignação com a minha pergunta foi em um momento da entrevista com Carlos. Foi quando ele falava sobre a insistência das pessoas, amigos e colegas, por exemplo, para que o indivíduo "pule a cerca", isto é, traia o(a) seu(sua) parceiro(a). Ele contava como e por que ele faz isso, insiste, com alguns amigos mais próximos, considerados "parceiros" da noite, ou seja, aqueles com quem ele sai para "pegar mulher". Eu perguntei se ele pensava sobre o que poderia acontecer com o namoro daquele amigo com o qual ele insistia para sair; saída esta que tinha por objetivo final paquerar e, muito possivelmente, "ficar". Ele respondeu, irritado, que o amigo sairia porque ele próprio também queria e que, caso o namoro viesse a terminar, ele não sentiria "peso na consciência". Nesse episódio,

---

<sup>78</sup> Oito entrevistas duraram uma hora, três, de 44 a 52 minutos, e uma, 36 minutos.

certamente a escolha última, sair ou não, seria do amigo de Carlos, no entanto, o que chama a atenção é a reação dele que pareceu se sentir acusado por mim pelo fato dele insistir com um amigo para que traísse a namorada. Na concepção de Carlos, e de outros jovens, fazer isso é algo "normal" já que se trata de um amigo considerado "parceiro da noite". Vive-se em um ambiente onde "a tentação é muito grande" por causa dos "corpos à mostra", das "mulheres de biquíni na praia, de shortinho", dos cuidados que se tem com a beleza física. Além disso, tem-se "sempre alguém te tentando" mesmo que se esteja "namorando sério". Sendo assim, minha pergunta lhe soa inapropriada, desconfortável porque lhe aponta para um outro lado ao questionar a sua ação, ao lhe pedir que pense sobre as possíveis repercussões do seu ato. As entrevistas de alguns jovens, como a de Carlos, fazem-me perguntar sobre o interesse do indivíduo em pensar para além do periférico, em refletir mais profundamente sobre seus atos, em produzir uma ação que seja mais do que reflexo ou resposta imediata a um estímulo.

Discurso semelhante ao de Carlos é o de Eunice. Eunice disse que, no momento, não quer "arrumar nenhum namorado", ela está "muito bem", solteira. Perguntei como era essa vida de solteira. Ela respondeu comparando como é quando está assim e quando está namorando; disse: "são dois divertimentos bons, mas completamente diferentes". Então, perguntei:

**Jacqueline** – E divertimento, como é que é? Divertimento?

**Eunice** – É cê... Eu não sei explicar. É uma coisa que... Cê se diverte.

**Jacqueline** – Ham, ham.

**Eunice** – Divertimento. (riso)

**Jacqueline** – Ham, ham. Ham, ham.

**Eunice** – Não sei explicar, divertimento. Uma coisa que é legal, que é boa. São diferentes.

**Jacqueline** – Hum, hum.

**Eunice** – São programas totalmente diferentes.

**Jacqueline** – Hum, hum.

**Eunice** – Quando você namora... E quando... Quando eu namorava eu até ia, ia pra *night* com, com o meu ex-namorado. Mas é, é diferente. Cê, tá mais ali... Cê tá se divertindo. Mas... De maneira diferente.

**Jacqueline** – Hum, hum.

**Eunice** – Cê num, num vai pra *night* pra zoar, pra poder... Ficar mais com as suas amigas. Cê vai lá pra poder dançar, pra se divertir, pra... Cê tem aq... Aquele com... Aquele companheiro.

Eunice fala do seu vivido, identifica nele acontecimentos diferentes, mas não consegue explicar, para além do superficial, aquilo que fala; repete-se e, mais uma vez, recorre às ações para tentar me responder. Inicialmente pensei que eu não havia sido clara, que poderia ter explicado melhor a minha pergunta para que ela a compreendesse, no entanto, ao analisar a entrevista de Eunice percebi que havia uma dificuldade ou um desinteresse, assim como com Carlos, em refletir mais profundamente sobre as experiências vividas, em se esforçar mentalmente para me responder. Diferentemente de Carlos e Eunice, Débora não teve dificuldade para responder às perguntas, entretanto sua objetividade, seu pragmatismo e uma certa reserva me fizeram sentir, uma vez ou outra, "excessiva" como se me alongasse demais na entrevista e esperasse explicações em demasia. Isso aconteceu, por exemplo, quando perguntei a ela quais eram suas expectativas quanto ao relacionamento amoroso, e ela, inicialmente, respondeu: "Hummm! Ai (falando baixo e respirando fundo). Que perguntinha, hein! (risos) Olha Jacqueline, ah...". Perguntei o porquê do "Que perguntinha!", e ela disse que "isso [a pergunta] é muito amplo!". Penso que talvez a expectativa de Débora quanto à entrevista tenha sido a de que ela fosse mais breve e objetiva, como foi grande parte de suas respostas. Respostas com conteúdo, claras, coerentes e precisas, mas, sobretudo, objetivas e pragmáticas. A análise destes exemplos assim como da maneira como me senti em algumas entrevistas mostra dois aspectos importantes que surgiram nesta pesquisa de campo: uma recorrência entre alguns jovens de ações irreflexivas, e, para a maioria deles, um modo de ser, sentir, pensar e viver mais objetivo e pragmático. Estes aspectos serão analisados ao longo deste capítulo.

Embora eu não tenha tido resposta de muitas pessoas com as quais entrei em contato pedindo ajuda para encontrar jovens que pudesse vir a entrevistar, e também não tenha tido retorno de alguns jovens com quem falei por telefone – lembrando a fala de Bianca e de outros entrevistados, eles "sumiram" sem dar uma palavra, nem que "sim" nem que "não" –, é importante voltar a enfatizar as respostas positivas que obtive e, principalmente, a disponibilidade geral dos jovens que entrevistei. Mesmo que, para alguns, esta disponibilidade tivesse prazo de validade curto e impusesse um nível de esforço reflexivo pequeno ou nulo. Chamou-me a atenção como eles me abriram as suas portas, metaforicamente e literalmente. Das doze entrevistas realizadas, nove foram feitas nas casas dos próprios entrevistados, duas, nos locais de trabalho/estudo, e uma,



na minha casa. Esta última havia sido marcada na residência da jovem (Eunice), porém, quando lá cheguei, ela não estava, havia "esquecido completamente" da marcação e mudado seu horário de trabalho naquele dia, por solicitação de seu gerente. Para me poupar de uma nova ida a sua casa, Eunice me propôs fazer a entrevista em minha residência, o que aceitei. Além deste "esquecimento" de Eunice, houve um outro caso em que eu fiquei aguardando a jovem (Ângela) em sua casa durante uma hora e quinze minutos, pois ela havia tido um imprevisto e precisado sair. Ao retornar me pediu desculpas, explicou-se e realizamos a entrevista sem novos contratemplos. Inicialmente estes acontecimentos me suscitaram irritação pelos incômodos provocados e me fizeram pensar no desrespeito comigo e com o compromisso que tinham agendado. Porém, durante as entrevistas, estes sentimentos se dissiparam diante daquelas pessoas que estavam se propondo a falar de suas vidas íntimas para alguém que elas não conheciam<sup>79</sup>, abrindo-me um horário e uma história que me possibilitava levar adiante meu trabalho.

As entrevistas ocorreram em um clima informal e, na grande maioria das vezes, descontraído. De modo geral, ao responderem às perguntas os jovens falaram sobre aquilo que acreditam, sentem e vivem, contaram alguma(s) vivência(s) amorosa(s) própria(s) ou exemplos de situações vividas por amigos. Não houve grandes hesitações ao longo das entrevistas, assim como não foi necessário transcorrer muito tempo para que me falassem abertamente de suas intimidades, apesar de, como já mencionado, alguns deles tenham mantido uma reserva maior acerca de suas vidas privadas. É interessante notar como se dispuseram a falar sobre suas concepções e vidas amorosas sem se preocuparem, ao menos aparentemente, com os efeitos disso. Não há como avaliar – e em nenhum momento houve esta intenção – se a entrevista que deram teve algum tipo de repercussão neles, por exemplo, de virem a refletir sobre algum ponto específico abordado. Porém, chamou-me a atenção como nenhum deles pediu uma referência minha, tal como número de telefone ou *e-mail*. É certo que eles podem me encontrar por intermédio das pessoas que os indicaram ou saber dos resultados e

---

<sup>79</sup> Entre os jovens entrevistados, dois deles já me "conheciam"; um através de familiares e outro, por morar no mesmo prédio que eu. Todos os demais nunca haviam me visto e nem sabiam da minha existência, o que vieram saber por intermédio daqueles que os indicaram.

conclusões de meu trabalho assistindo à Defesa de Tese<sup>80</sup> ou, posteriormente, lendo-a. Entretanto, é curiosa a facilidade com que falam de si sem outras ou maiores intenções. O interesse aí foi bastante pontual; nasceu e morreu em um momento específico. Faço esta observação porque este fato, embora particular por se tratar de uma entrevista, parece dizer algo do modo como estes jovens vivem, dos seus encontros "íntimos", situacionais e efêmeros.

Uma última observação geral sobre as entrevistas diz respeito a duas breves conversas com um parente de dois jovens. Em uma das vezes que tentei contatar Ernesto eu falei com uma mulher – com quem já havia deixado um recado – que me perguntou sobre a razão do telefonema. Quando relatei o assunto ela riu e falou: "Até parece que eles têm muito relacionamento...". Na entrevista com Carlos, na hora em que cheguei em sua casa, ele estava se arrumando para sair, ir para a noite já que era sábado, final de tarde, disse-me seu pai. Enquanto o aguardava seu pai permaneceu na sala comigo e me indagou, muito superficialmente, sobre meu trabalho. Logo depois começou a me falar sobre Carlos e suas aventuras e conquistas amorosas. Pareceu-me tentar me precaver sobre as coisas que eu poderia vir a ouvir e buscou justificar as atitudes do filho através da convivência deste com um tio que o iniciou cedo, com cerca de 11 anos de idade, na vida afetivo-sexual. Estas duas situações me fizeram pensar em como as práticas amorosas e sexuais parecem ser um tema que mobiliza as famílias dos jovens. Embora isto não seja tratado neste trabalho é algo que mereceria uma pesquisa a parte a fim de investigar a percepção dos pais sobre as relações amorosas e sexuais de seus filhos, a maneira como eles lidam com isso e, sobretudo, os modelos e as expectativas que eles transmitem a seus filhos. Quanto a isso, é notável a quantidade de referências que os jovens entrevistados fizeram de suas famílias e da instituição "família". Com exceção de dois deles, todos os demais, pelo menos uma vez, referiram-se aos pais falando de seus relacionamentos, das atitudes dos pais para com eles, filhos, dos ideais e valores transmitidos por eles ou da importância destes em suas vidas. O que se pressupõe daí é a importância do impacto da vida amorosa e sexual dos pais, assim como de seus valores e ideais concernentes a ela, sobre os filhos, e a preocupação, ou

---

<sup>80</sup> Ao final de todas as entrevistas convidei os jovens para assistirem minha Defesa de Tese. Disse-lhes que esta era a retribuição que eu podia lhes dar pela colaboração deles. Além disso, falei, esta seria uma ocasião para que eles vissem minhas análises sobre as entrevistas e o tema dos relacionamentos amorosos. Alguns deles se mostraram interessados e afirmaram o intuito de assistir à Defesa, outros foram educados em suas respostas, mas não pareceram muito entusiasmados com o convite.

não, daqueles no que diz respeito à vida afetiva e sexual destes. Essa parece ser uma interessante discussão que, no entanto, foi deixada de lado tendo em vista o objetivo e os limites deste trabalho.

Passemos, então, à análise do discurso dos jovens entrevistados pensando sobre os relacionamentos amorosos na pós-modernidade. Iniciamos com uma discussão referente à percepção dos jovens sobre as relações amorosas na atualidade, à noção que eles têm de amor, à re-interpretação de alguns de seus elementos – reciprocidade, eternidade, exclusividade e fidelidade –, à finalidade e ao valor do relacionamento. Em seguida, analisaremos as suas práticas amorosas contrapondo às idéias de superficialidade/sensação/esquecimento e profundidade/sentimento/memória, e veremos o lugar em que o outro é colocado pelos entrevistados. Esta posição oscila entre a onipotência, ou melhor, o outro visto como aquele que tudo pode ou de quem tudo depende, e o desrespeito, isto é, o outro percebido e tratado como um instrumento ou meio de acesso à auto-satisfação. Finalmente, abordaremos algumas estratégias utilizadas pelos jovens para levarem adiante os seus relacionamentos ou as suas práticas e expectativas amorosas. As estratégias que muitas vezes se sobrepõem são: adaptação, condescendência, conversa, mentira/omissão, sumiço e flutuação.

#### **IV.1 - Constelação amorosa**

No conjunto das entrevistas, a percepção dos jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade oscila entre dois extremos: para uns poucos rapazes não existe qualquer "distúrbio" profundo que afete os relacionamentos; eles continuam acontecendo da mesma maneira que os de décadas atrás, das gerações de seus pais e avós. Isto é, há namoros monogâmicos e fiéis, e relações esporádicas pautadas pela procura de prazer físico sem compromisso. As únicas modificações perceptíveis são a maior liberdade da mulher, no sentido dela tomar a iniciativa de se aproximar do outro e buscar ativamente a satisfação amorosa e sexual. E, uma diminuição na troca, "rotatividade" de parceiros, quando comparado às décadas de 70 e início de 80, por causa da ameaça de contaminação do vírus da Aids. Para uma grande maioria há mudanças significativas marcadas, sobretudo, pela instabilidade, incerteza e insegurança

que se tem nos relacionamentos, e pela incompreensão, pelo desrespeito e pelo descompromisso entre os indivíduos. Entre esses dois pontos, uma outra percepção que mais se destaca é a de um adiamento, por exemplo, na consumação de um casamento, ou o prolongamento ou fixação em uma determinada fase da vida amorosa, tal como a da experimentação, ou "ficação", e a do namoro. Este adiamento é entendido como o resultado de um forte processo de individualização no qual o indivíduo prioriza a sua liberdade e o objetivo de realização/satisfação de outras dimensões da sua vida como, por exemplo, a profissional e a financeira. Desse modo, o jovem deseja "aproveitar" mais a vida mantendo a própria liberdade, livre de quaisquer limitações impostas por um parceiro amoroso fixo. Vivendo em busca de mais e maiores prazeres, ou tendo um relacionamento no qual há um compromisso com o outro, mas sem grandes responsabilidades com a sua permanência, extensão e aprofundamento. Paralelamente, o jovem investe em sua formação acadêmica ou profissional na tentativa de alcançar alguma independência econômica.

Entendemos que aqueles rapazes que não vêem a extensão das alterações no campo amoroso da atualidade e que relatam duas mudanças sem dar a elas muita importância minimizam ou ignoram as transformações amorosas ocorridas ao longo da história e os impactos que elas produzem na vida íntima dos indivíduos. Por exemplo, quando afirmam que a mulher tem hoje mais liberdade reduzem o peso desta mudança quando somente ressaltam a possibilidade que eles têm de aumentarem as chances de consumir uma relação sexual e de fazerem menos "esforço" para que isso ocorra. Permanecem assim tendo uma posição machista nas relações afetivo-sexuais, diminuem a oportunidade de virem a ter uma relação mais igualitária baseada no respeito à diferença e ao desejo do outro e não no seu uso como um objeto descartável. Não percebem ou tentam negar o fato de que a maior liberdade da mulher é decorrente de uma longa luta que coloca ambos, homens e mulheres, em posições diversas na relação, obriga-os a uma constante negociação caso queiram se relacionar amorosamente. Quando relatam continuar havendo, como nas gerações de seus pais e avós, relações monogâmicas e fiéis, e relações calcadas na busca de prazer sem compromisso, empobrecem a multiplicidade de formas relacionais existentes. Não percebem o significado da mudança provocada por um código de relacionamento como o "ficar com" que rompeu com qualquer ligação entre prazer e compromisso. Forma relacional

esta através da qual é possível viver na mais pura fruição sem que se saiba o que quer que seja do outro, sem que, por princípio, haja qualquer preocupação com o outro ou com o *a posteriori*. E mais, quando apontam para a diminuição da "rotatividade" de parceiros em decorrência do medo da contaminação do vírus da Aids focalizam a questão sexual e quantitativa – número de parceiros e alternância entre eles –, mas deixam de lado ou dão pouco valor ao sentimento amoroso, a intensidade e a satisfação que se tem na relação. Em suma, entendemos que ver o mesmo é olhar muito superficialmente ou desvalorizar o que há de novo e de diferente no campo amoroso.

Entre aqueles que são mais críticos em suas análises sobre os relacionamentos amorosos na atualidade, principalmente entre as moças há alguns mais alarmados e indignados, e outros mais resignados. Há também, mais uma vez, sobretudo entre as moças, ceticismo em função, por exemplo, da generalização e banalização da infidelidade, e da dificuldade em se encontrar um parceiro amoroso e com este construir uma relação satisfatória para ambas as partes. O ceticismo é pensado, ainda, a partir do aumento e da facilidade com que a separação acontece, do fato de o casamento terminar pouco tempo depois de ter sido consumado. Segundo eles, algumas razões para isto acontecer com tamanha frequência são: a maior liberdade da mulher; a facilidade com que a relação sexual acontece; o enfraquecimento da moral – ou a sua flexibilização –; o aceleração do ritmo de vida; o processo de individualização centrado na valorização do próprio bem-estar, na busca de auto-realização e auto-satisfação; e a menor compreensão e tolerância com o outro.

Estes jovens estão aí falando da profunda flexibilização de normas e regras que regulam os relacionamentos e com ela o sentimento resultante de precariedade, instabilidade e incerteza diante das relações. Apontam para o auto-centramento, a incompreensão e intolerância do indivíduo com o outro. No entanto, talvez não percebam a carga de responsabilidade que é depositada sobre aquele no capitalismo desorganizado da pós-modernidade. Certamente este sistema não justifica por si só as ações do indivíduo, mas há que se pensar que pesa sobre ele uma série de cobranças e exigências com as quais ele tenta lidar. Se, por exemplo, o número de separações aumentou, em parte, talvez seja porque a lógica de mercado estimula e habitua o indivíduo a procurar viver em função da satisfação do próprio desejo, o qual logo que satisfeito perde sua potência e seu encantamento fazendo com que o indivíduo se dirija

para/deseje algo novo e diferente. Parece que o convívio cotidiano com o outro se torna um pouco mais difícil em uma sociedade onde há muita "tentação", "corpos à mostra" são oferecidos em profusão, e a experimentação de uma infinidade de sensações é apresentada como a melhor opção a ser feita.

Embora alguns jovens explicitem o modo como a sociedade, de maneira geral, interfere na construção de práticas e expectativas amorosas – por exemplo, quando falam dos tipos de relação mostrados pelas novelas ou cantados nas músicas da moda ou, ainda, quando assinalam que "hoje em dia tudo virou mercadoria, o prazer é mercadoria" (Bruno) –, o peso, ou melhor, a responsabilidade pelo atual quadro amoroso é posto principalmente sobre o indivíduo. Como diz Daniel, ao explicar por que está mais difícil encontrar um parceiro amoroso hoje, trata-se de "um defeito individual". Entretanto, devemos pensar que se por um lado a participação do indivíduo é inegável, por outro, não pode ser visto como algo único. Isto é, o indivíduo não pode ser o único responsabilizado pelo modo como as relações afetivo-sexuais ocorrem. Fazer isto é culpabilizar cada um dos indivíduos e retirar da sociedade, como um todo, a capacidade de forjar formas relacionais diversas. Ao ser colocado neste lugar, muitas vezes, o indivíduo acaba se sentindo "defeituoso", impotente e incapaz de se relacionar com o outro. Acaba acreditando que a sua relação amorosa é menor quando comparada às histórias de arroubo apaixonado que são veiculadas e vendidas pela sociedade de consumo.

Tendo em vista a discussão teórica anteriormente feita e as percepções dos jovens entrevistados sobre o quadro amoroso da atualidade, vê-se que não há uma homogeneidade de opiniões nem uma clara e forte dominância de alguma delas. A maneira como os jovens vêem, e vivem, os relacionamentos amorosos se alterna ou oscila entre extremos, entre o mesmo, "normal" e a "bagunça", o "caos total", a escassez. A indignação pode ser considerada o pêndulo que se movimenta de uma extremidade a outra, o termômetro que mede a proximidade de um ou outro ponto. Para aqueles que acham que está tudo normal, a indignação é zero. Não há o que mudar, não se tem pelo que lutar no campo amoroso. O que existe são várias e diversas opções, e o trabalho do indivíduo é escolher uma delas, aquela que mais o apraz no momento específico de sua vida. Para aqueles que percebem e nomeiam as transformações ocorridas neste campo, ou melhor, que enxergam nele aspectos negativos e complexos,

a indignação é uma curva ascendente que pode chegar a dez. Embora muitas vezes eles se sintam desorientados e céticos, alguns acreditam que algo possa mudar e que vai mudar. No entanto, a perspectiva de mudança sinalizada por eles é frágil como se, na verdade, eles acreditassem pouco nisso. Nessas horas, o sentimento mais forte é o da impotência. E, ao mesmo tempo, a sensação de que algo deve ser feito, de que ele mesmo, por conta própria, precisa encontrar estratégias para lidar com as dificuldades que surgem nas suas vivências e perspectivas amorosas. Neste sentido, a flexibilização de regras e normas, a pluralidade e a plasticidade das formas relacionais amorosas e a liberdade individual estão a seu favor facilitando o deslizamento deles de uma prática para outra, e a avaliação e re-formulação constantes dos seus relacionamentos.

#### **IV.1.1 - Noção e elementos**

Não é possível definir claramente, demarcar fronteiras rígidas e nítidas, afirmar categoricamente a noção de amor dos jovens na pós-modernidade. Inicialmente, no presente trabalho, esta categoria nem sequer havia sido cogitada de ser investigada. Porém, ao longo da pesquisa ela foi se impondo e se tornou necessário indagar o que os jovens entendem sobre amor, ou melhor, como eles o definem ou o que chamam de amor. O que se segue é uma tentativa de demarcar a compreensão que eles têm de amor *hoje* sabendo que esta não é unívoca, estanque ou dominante. Enfatizamos, sobretudo, aquilo que é comum a todos os entrevistados, a definição e os elementos que são recorrentes, na tentativa de forjar uma noção mesmo que precária. De qualquer modo, antes de tudo, o que se depreende daí é que para estes jovens – e acreditamos que, de maneira geral, para os indivíduos que vivem sob condições pós-modernas – o amor é contextual, ou seja, é um sentimento entendido e vivido de acordo com o momento ou período da vida de cada um. Isto é, ele pode mudar ao longo da vida, tomar formas diversas que variam em função das crenças, necessidades, experiências, práticas e expectativas do indivíduo. Sendo a vida percebida como suscetível a uma série de mudanças – subjetivas e objetivas –, a noção de amor, a forma como ele é vivido, representado e sentido também o é, caso contrário, "se você ficar parado você acaba... Sei lá. Morrendo ou, não representando mais nada assim" (Bruno). Então, o amor pode ser em um período sensacional, em outro, amor-paixão, e ainda, em outro, amor

romântico domesticado. Se, a partir das entrevistas, pode-se delinear uma noção de amor, é preciso ter clareza de que ela não é permanente e imutável nem mesmo para este grupo de jovens entrevistados. Mas, vejamos o que eles disseram quando perguntados sobre "o que é amor".

Amor é um sentimento muito forte e profundo por um outro, que aproxima dois indivíduos, que faz com que eles queiram estar juntos. "Querer estar/ficar junto ao outro" é uma idéia central que se repete nos discursos dos jovens, sobretudo, dos rapazes. Então, amar é querer estar com o outro, é uma noção intimamente articulada, ou melhor, misturada à de relacionamento. Ao falarem de "amor" referem-se necessariamente a "relacionamento amoroso". Amor é "uma relação assim mais madura" (Fabiana), ou seja, não existe em si, pronto e acabado, é um sentimento relativo construído no/pelo relacionamento, "vem muito da amizade, da convivência" (Bruno). Dizer que o amor vem da convivência, antes de tudo, significa afirmar que ele é mais do que pura atração física, e é um sentimento diferente do amor-paixão. Isto é, ele não necessariamente é arrebatador, ele é mais racional no sentido de levar em consideração o exterior para a sua existência e permanência, é menos idealizado e mais pragmático posto que acontece a partir de um conjunto de fatores (na convivência) que o torna possível. Articular amor e amizade/convivência implica em pensar que ele exige de cada um dos indivíduos um esforço para se sentir/manter determinados afetos pelo outro, tais como carinho e bem-querer, e para criar condições concretas a fim de viabilizar o relacionamento. Então, saber ceder, compreender e, fundamentalmente, respeitar o outro são considerados requisitos importantes. O amor assim entendido pressupõe um esforço mútuo e recíproco, uma capacidade de negociação, além de demandar do indivíduo um trabalho psíquico e mental constante. Este deve atentar a todo instante para os seus desejos, as suas ações e expectativas, as suas dificuldades e satisfações com o intuito de avaliar e negociar internamente, com ele mesmo, o encaminhamento da relação. O esforço e trabalho que esta relação com o outro demanda faz com que alguns jovens prefiram relacionamentos mais superficiais e efêmeros.

Além de saber ceder, compreender e respeitar o outro, sentir por ele carinho e bem-querer, quando falam em amor os jovens entrevistados dizem ser necessário haver atenção, confiança, honestidade, cuidado e preocupação com o outro. No conjunto, estas características são mais importantes do que o "tesão" e a "atração física" que é o que,



muitas vezes, movimenta o "ficante" e o "acumulador e colecionador de sensações"<sup>81</sup> (Bauman, 1998: 184). Entendemos que as características ou elementos que compõem a noção de amor são concernentes à realidade experimentada pelos jovens, ganham e perdem importância de acordo com o seu vivido e as suas expectativas, configuram-se de maneiras diversas em função da realidade em que se apresentam. Então quando enfatizam a atenção, o carinho, o cuidado, a preocupação e o respeito com o outro apontam para aquilo que valorizam no presente e que talvez lhes faça falta em um ambiente social inóspito, apático e indiferente. Quando acentuam a necessidade de haver confiança e honestidade expressam o seu desconforto e temor diante das ambigüidades, da instabilidade e da insegurança tão constantes na pós-modernidade. Por este caminho da contextualização dos elementos que caracterizam o amor é interessante pensar no fato de os jovens o definirem como um sentimento profundo que faz com que *se queira estar/ficar junto ao outro*.

Esta definição chama a atenção porque faz lembrar do "ficar com" (Chaves, 2001a). Antes de qualquer coisa, é preciso ter em vista que esta noção de amor se articula a uma determinada prática amorosa que aqui tomaremos como exemplo o namoro, já que os entrevistados falam desta forma relacional. Então, namorar é querer estar/ficar junto ao outro. A ênfase que colocam no "estar com" o contrapõe – o amor e o namoro – ao "ficar com"; prática esta que lhes é absolutamente familiar seja como autores seja como atores/praticantes. Estes jovens viveram as suas adolescências na década de 90, período em que o "ficar com" se tornou uma prática amorosa muito comum entre eles, foi bastante difundido e veiculado pela mídia, e, apesar de nem sempre compreendido por muitos indivíduos, absorvido e aceito pela sociedade como uma nova forma relacional amorosa (Chaves, op. cit.). Quando os jovens definem o amor enfatizando o "querer estar com um outro", e *só com um*, isto fala do desejo deles de terem uma relação diferente do "ficar com" e manifesta a expectativa e a necessidade de terem neste outro um(a) companheiro(a) em quem eles possam confiar e com quem possam contar. Além disso, a idéia de "estar junto ao outro" expressa um certo *estado*, uma condição na qual o indivíduo se encontra em um momento dado. Mais uma vez, esta definição aponta para um amor contextual e também pragmático posto que esta

---

<sup>81</sup> Discutiremos a questão da valorização das "sensações" mais adiante.

*condição* será mantida se, e somente se, for ao encontro daquilo que o indivíduo espera ter em um relacionamento, no caso aqui tratado, um namoro.

Para estes jovens, o amor pressupõe o compartilhamento de "coisas mais assim... Profundas, digamos assim né? A vida mesmo assim (...)" (Bianca). Para se estar com um outro é necessário que haja alguma semelhança nos estilos de vida, nos valores e, para alguns dos entrevistados, nos projetos que se têm, nos planos para o futuro. Como diz esta jovem:

Acho que certas pessoas em determinados momentos, só se amam e só se relacionam porque elas tão num momento assim que elas combinam, sabe? Porque depois acaba... Depois passa assim a, ao, o momento da pessoa muda, tipo, num casa mais, num, tipo não é mais compatível. (Bianca)

A compatibilidade é possível quando há determinadas semelhanças ou quando a diferença do outro supre aquilo que falta ao indivíduo, ou seja, aquilo que lhe dá um certo sentimento de completude no sentido de o outro ter o que ele não tem, e lhe ajudar a "aprimorar sua personalidade" (Débora). Isto é, mudar e crescer, por exemplo, amadurecendo, percebendo e aceitando ou resolvendo os próprios problemas e dificuldades. A noção de amor destes jovens é fortemente marcada pelo elemento da reciprocidade entendida como este compartilhamento ou a troca de sentimento, carinho, atenção, entendimento, confiança, respeito e companheirismo. A partir da necessidade de intercâmbio destes diversos aspectos há que se pensar na complexidade do "*impératif de la réciprocité*" (Badinter, 1986) existente neste amor, a qual é bastante diferente, por exemplo, daquela existente no amor burguês. Esta maior complexidade exige do indivíduo uma maior capacidade de negociação e/ou de disponibilidade interna para lidar com a frustração que pode advir da falta ou carência de qualquer um daqueles aspectos.

A idéia de finitude que aparece no depoimento acima – as pessoas só se amam enquanto combinam, depois acaba – reforça, mais uma vez, o que temos dito a respeito de o amor ser contextual e remete a um outro elemento que caracterizou diferentes noções de amor ao longo da história, como o, supracitado, amor burguês. Trata-se da característica de "eternidade". De modo explícito e enfático somente uma jovem falou do desejo de que o amor fosse "eterno". Os demais jovens entrevistados não

mencionaram a idéia e o desejo de um "amor eterno". Alguns deles, mais moças do que rapazes, falaram sobre uma perspectiva de construir planos junto ao seu parceiro, de ter uma relação mais duradoura, no entanto nada que faça lembrar a regra da eternidade do, por exemplo, amor romântico domesticado. A jovem que mencionou o desejo de um "amor eterno" sabe da finitude do amor por experiência própria ou de amigos(as), no entanto ela "quer que dure para sempre. *Muitas vezes* não vai durar pra sempre, mas você quer que dure pra sempre. E tem muita gente hoje em dia que não quer isso!" (Cláudia)<sup>82</sup>. Mas o que significa esta expectativa de um amor que dure para sempre? Cláudia diz: "Quando eu entro num relacionamento é pra fazer planos". Isto para ela quer dizer, por exemplo, sonhar em casar e ter filhos. Fazer planos é algo de que fala uma outra moça entrevistada que afirma sempre fazer planos, sentir-se bem fazendo isso. Imagina se vai casar, como vai ser, o que tem e não tem que fazer, o que quer na sua casa, onde vai morar, quantos filhos vai ter etc. Enquanto a primeira jovem coloca o outro (namorado) construindo com ela estes planos, a última, fala todo o tempo na primeira pessoa, como se o importante fosse o seu sonho, a realização dele, enquanto o outro fica no lugar do coadjuvante. De qualquer modo, o parceiro tendo papel principal ou não na construção destes planos, o mais importante aqui é entender o que se busca com a expectativa de eternidade. Os discursos destas jovens, e também o de alguns outros entrevistados, expressam o desejo de um tempo mais linear, constante, menos fragmentado, no qual se possa construir projetos para longo prazo que perdurem para além do presente, do presente perpétuo. A construção de planos e com eles uma possibilidade de encadeamento entre passado-presente-futuro, ou melhor, de uma *longue durée* lhes dá alguma sensação de estabilidade, certeza e segurança, e uma direção e razão para as suas ações. Quando ainda sonham com um "amor eterno" esperam na verdade que os seus relacionamentos amorosos sejam mais constantes, duradouros, que a máxima do poeta Vinícius de Moraes, "que seja infinito enquanto dure", dure o maior tempo possível, que os investimentos afetivos que fazem possam ter alguma garantia de retorno em longo prazo.

A exclusividade é outro elemento característico de diversos amores e aparece na noção de amor dos jovens entrevistados. É tema recorrente e se mistura com um outro elemento, o da fidelidade. Como já dito, amar é "querer estar com um outro", só

---

<sup>82</sup> Grifo nosso.

(exclusivamente) com *uma determinada* pessoa. Em primeiro lugar, quando os jovens amam, logo, querem estar com o ser amado, eles identificam e singularizam esta pessoa. Eles amam um indivíduo específico e singular. É possível ou mais provável que o relacionamento com este indivíduo não seja para sempre. Neste caso, se a relação acaba se deve, ao menos teoricamente, estar aberto para encontrar um outro parceiro e viver com este um novo amor. Será, então, uma nova relação de amor com um outro indivíduo específico. Esta é uma compreensão para a idéia de exclusividade (relacionamento entre dois indivíduos singulares), uma exclusividade que é ou pode ser temporária. Uma compreensão que põe em evidência a singularidade e as idiossincrasias do indivíduo. E, que faz pensar na desmitificação do encontro da "cara metade" – este é contingente e pode ser transitório –, e na (im)possibilidade de fazer um só de dois. Isto porque os jovens entrevistados são unânimes quando se trata da importância de manter a própria individualidade, aquilo que diz respeito a sua vida individual, ao seu espaço próprio. É necessário mesmo para o bom andamento da relação que cada um preserve, o tanto quanto possível, as próprias amizades, aquilo que gosta de fazer, dê valor a si e não seja "uma pessoa completamente presa ao seu namorado" (Bruno). Conservar algum nível de independência do outro é algo desejável que protege e estimula o interesse dele pelo seu parceiro, além de ajudar a fazer com que um virtual término da relação seja menos doloroso já que, caso isso se concretize, o indivíduo terá resguardado outras dimensões da sua vida.

Quando os jovens se referem à idéia de exclusividade a compreendem também como impossibilidade de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Neste sentido, exclusividade se mistura com o tema da fidelidade que é *muito* freqüente em seus discursos. Sem exceção, *todos* os jovens entrevistados abordaram o assunto da fidelidade-infidelidade. Ser infiel, trair, "sacanear", "pular a cerca", "chifrar" são variações em torno da mesma questão que se faz presente por toda parte, em qualquer grupo no qual se esteja. Alguns entrevistados, quase que exclusivamente rapazes, contaram suas experiências, outros, rapazes e, sobretudo, moças falaram do desconforto, medo, tristeza, decepção, indignação diante da banalização da infidelidade. Os jovens, quase em sua totalidade, afirmam que amor implica em ser fiel ao outro, namorar é querer estar só com *uma* pessoa. Se não for assim não há razão para namorar, é melhor "ficar" ou "ficar 'ficando'" ("ficar de rolo") – práticas amorosas que têm como princípio

o não compromisso com o outro. Quando se namora e se "fica com" outro é "tá fazendo a outra pessoa [namorado(a)] de palhaça", é motivo para o término da relação, "não tem jeito", pois "aí nunca mais vai se restabelecer a confiança" (Fábio). Como diz Eunice, "seu namorado é a pessoa que você ama, se você, realmente ama, cê não tem vontade de 'ficar com' ninguém. Cê não tem vontade de... Sacanear, de não ter respeito". Ainda a fala de outro jovem, Augusto: "Eu nunca trairia uma pessoa que tivesse junto porque se eu, o dia que eu propor a namorar a ter um relacionamento com uma pessoa, eu num vou trair essa pessoa, que num tem, num tem porque entendeu?".

A partir do que dizem estes jovens, entendemos que trair é quebrar a confiança que se tem no outro, condição tão necessária a qualquer relacionamento, e com isso criar um ambiente de insegurança. É colocar em dúvida a sinceridade e a credibilidade esperada e depositada no parceiro. É dar margem às mentiras e omissões. Trair é priorizar o prazer momentâneo, a satisfação da sensação pondo em risco o investimento afetivo que já foi feito na relação. É menosprezar o sentimento que lhe é oferecido. É magoar o(a) parceiro(a). É fazer com que o outro, namorado(a), deixe de se sentir "especial", de ocupar o lugar de protagonista. Trair é faltar com o respeito; respeito à verdade e à profundidade/intensidade do sentimento existente na relação, respeito ao outro. Esta traição da qual os jovens falam se refere, principalmente, a regra da fidelidade que eles mesmos se impõem no relacionamento, significa enganar o outro. No entanto, entendemos que trair pode ser também um ato de infidelidade com os próprios sentimentos, com aquilo que acreditam, consideram ser verdadeiro, com o amor que dizem sentir pelo outro. Isto é visto em alguns discursos quando o jovem, sobretudo aquele do sexo masculino, relata ter traído o parceiro por insistência dos amigos, pelo fato destes o estimularem a "ficar com" uma outra pessoa, ou, ainda, quando ele trai em função de "ser traído ou me sentir traído de alguma maneira. Entendeu? Eu achar que a pessoa tá me enganando" (Carlos).

Quando o indivíduo trai porque foi incentivado a fazer isto pelos amigos ele pode estar se aproveitando da insistência deles para justificar uma ação com a qual ele já sonhava. Pode estar sendo fiel ao desejo de pertencimento, a sua necessidade de ser aceito, bem visto, valorizado e querido pelos amigos. Mas pode, também, nesse ato ser desonesto com o próprio sentimento amoroso que tem pelo outro, com os elementos que ele valoriza no amor e diz serem importantes. Quando o indivíduo trai porque foi traído

ou supõe ter sido traído – como diz o jovem acima – ele sobrepõe o ressentimento e a vingança ao sentimento amoroso e ao desejo de proximidade do outro. Neste caso, mais do que tudo, o que ele parece fazer é reagir; agir com o outro da mesma forma que ele acredita que o outro tenha agido, embora ele mesmo critique esta ação (ser infiel). Entendemos que ser fiel aos próprios sentimentos implica em uma consciência de si, uma parada necessária ao pensamento, discernimento e reflexão. Exige coragem para ser honesto com aquilo que sente, pensa e deseja, mesmo que isto tenha como conseqüências críticas alheias. Isto não significa necessariamente ser individualista ao extremo, embora corra o risco de vir a ser, mas sim ser Sujeito, dono de seu destino, de valores e ideais que estão para além daqueles oferecidos por uma "cultura *prêt-à-penser*" (Canclini, 2000). Apesar de encontrarmos inúmeras situações relatadas pelos entrevistados nas quais o que eles menos fazem é se esforçarem para pensar para além do superficial há, também, ocasiões onde eles buscam conhecer o que sentem e desejam, e procuram encontrar respostas e saídas para aquilo que tomam consciência. É o que aparece, por exemplo, na fala deste jovem:

Ou seja, a gente se questiona mesmo. Mas aí o, o... A grande questão do amor é a gente se questionar... A atração a gente sente sempre por outras pessoas sabe? Acho que a gente, quando a gente ama mesmo assim e tal, a questão não é, não é não (ênfase) sentir atração, a questão é sentir atração e... Ponto sacou? Cê sentiu uma atração e não... Deu continui... Continuidade aquilo sacou? Não, não fez aquela atração vingar. Atração por outras pessoas a gente sente mesmo sabe? Não tem jeito. (Ernesto)

Este jovem fala da objetividade necessária de se ter, do fato de sua ação ser movida por aquilo que é mais importante para ele naquele momento – no caso, ser fiel ao sentimento que tem pela namorada. Apresenta a atração física, afetivo-sexual, que se sente por outros quando se está namorando como algo inexorável e do qual não se pode escapar nem negar. Esta atração por um outro diferente daquele com quem se está é algo comum na vida destes jovens, principalmente rapazes, e se tornou um ponto de conflito e de muita decepção nos relacionamentos. Para Fabiana que achava que nunca seria fiel porque ela era "braba" (termo aí usado para se referir às suas diversas e abertas experiências amorosas), "agora, a moda é trair namorada, trair namorado", diz ela que "hoje em dia essa questão de traição é uma piada". Mesmo contando uma série de

histórias de *amigas* que foram traídas, ela acredita, hoje, que a fidelidade é uma coisa boa e fala do seu relacionamento atual como uma exceção. Conta que falou para o namorado que ela seria entrevistada para uma tese sobre relacionamento amoroso e "ele até brincou assim: 'É mas a gente é um caso atípico'. (risos) Eu falei assim: 'Não, mas tem que constar na pesquisa isso porque senão ela vai achar que tá tudo acabado né? Que não existe mais fidelidade hoje em dia'".

A ênfase que os jovens dão à questão da fidelidade-infidelidade remete necessariamente a um outro elemento que se torna característico do amor na pós-modernidade. Trata-se do respeito, condição necessária e citada, sobretudo pelas moças entrevistadas. Possivelmente por serem elas as mais traídas, ou seja, apesar de homens e mulheres poderem trair os seus parceiros isto é mais facilmente e muito mais freqüentemente feito pelos primeiros. De qualquer modo, quando os jovens entrevistados abordam o tema do (des)respeito o fazem tendo em vista não somente a questão da fidelidade-infidelidade amorosa, mas também a maneira como as relações humanas se dão nos dias de hoje, como atualmente falta respeito "em qualquer tipo de relação". Esse desrespeito é sentido no não reconhecimento do outro, na ultrapassagem do limite próprio com a conseqüente invasão do espaço daquele. No que concerne ao relacionamento amoroso, entre os rapazes o tema do respeito aparece como uma característica fundamental a ele, um sinônimo para a fidelidade e um termômetro para o sucesso e o aprofundamento da relação. Entre as moças, além destes aspectos citados pelos meninos, elas articulam o (des)respeito a uma série de outras situações e mostram mais indignação com o desrespeito. Falam de como hoje em dia está faltando respeito com o outro e que "as pessoas não têm muito essa noção" (Bianca), isto é, não percebem que "mandaram mal", que ações tais como deixar o outro esperando ou não dar a ele um retorno/resposta é faltar com o respeito, que fazer dele um objeto descartável que é jogado fora após ser usado é desrespeito. Como diz esta jovem:

Aí você 'fica com' o cara. Aí depois ele vira as costas e vai embora? Do nada! Como assim, sabe? Isso não existe! Isso é um absurdo! (...) Que é, é horrível (ênfase) isso. Então é um desrespeito absurdo (ênfase) com uma pessoa! Eu acho um absurdo! Você beija na bo... A pessoa! Você beija (ênfase)! As pessoas não tem essa noção cara! Beija na boca e depois sai assim sabe? Tipo, finge que nada aconteceu. Acho isso um absurdo! (...) Então tem pessoas que sabem respeitar

você, mesmo que seja pra "ficar" uma vez na vida sabe? Mas sabem. Falam com você direito, conversam (...). (Bianca)

Entendemos que agir do modo como esta jovem critica é ferir a dignidade do outro, é fazer dele um meio ou instrumento de acesso a satisfações individuais, o que faz com que ele se sinta "um lixo", provoca nele um sentimento de menor valor. Mas, segundo o depoimento de algumas jovens, atualmente o desrespeito é somente percebido, ou mais facilmente percebido, através dos excessos, ou seja, quando ocorre alguma coisa mais extrema, forte ou intensa. Como relata esta mesma jovem: "[as pessoas] pensam assim que, que sacanear alguém é sacanear muito (ênfase) alguém sabe? É falar uma coisa ruim, ou, ou... Sei lá! Ou pular a cerca. Ou, uma atitude muito assim sabe?" (Bianca). As atitudes mais ordinárias, no sentido de comuns, não são vistas como falta de respeito com o outro, tal como o fato de um garoto "ficar com" uma menina em uma festa e um minuto depois de ter "ficado" não lhe dirigir mais a palavra, não dizer "Tchau" quando vira para o lado e vai embora, talvez para "ficar com" uma outra. Atitudes como estas são consideradas por muitos jovens como "normais", "naturais", "nada de mais", "é assim mesmo". No entanto, vários outros as vêem e sentem como desrespeito, como o não reconhecimento de si na sua totalidade. Para estes últimos, respeito é ser reconhecido em sua singularidade, diferença, é ser mais do que um corpo, organismo fonte de sensações prazerosas. É ser valorizado pelo que se é (subjetividade) e não somente pelo que se tem (corpo).

#### **IV.1.2 - Finalidade e valor**

A questão a ser pensada aqui diz respeito à posição que o relacionamento amoroso ocupa nos projetos de vida dos indivíduos na pós-modernidade. A partir das entrevistas vemos que os jovens estão mais pragmáticos e conscientes das incertezas e das efemeridades da vida sob condições pós-modernas. Percebem e sentem a aceleração do ritmo de vida e a diversidade de demandas que é feita sobre eles. Como diz esta jovem: "E hoje em dia tem essa coisa que você tem que ser muitas coisas. (...) bom é você tipo jogar em vários, vários campos assim sabe?" (Bianca). Eles sabem da quantidade de metas que precisam cumprir para, por exemplo, realizarem-se profissionalmente e financeiramente, e da necessidade de organizarem o seu tempo a



fim de darem conta de tudo aquilo a que se propõem ou são cobrados. Para alguns a velocidade com que a vida transcorre é perturbadora, sentem-se atropelados e não conseguem ou não querem acompanhá-la. É o que expressa a jovem já citada: "Sabe quando você vê todo, que todo mundo tá, que todo mundo não, mas que um monte de gente tá sendo assim, aí você fala: 'Caraca! Será que eu tenho que ser assim também, tipo pra acompanhar tudo?' Sabe?". O sentimento aí é de opressão e, ao mesmo tempo, de impotência por se ver dentro de um sistema com o qual não se identifica e do qual tem dúvidas da possibilidade de sair. Há outros jovens que se comprazem com uma vida repleta de coisas para fazer, que "se não tivesse [um ritmo de vida acelerado], daria um jeito de, de ser acelerado" (Débora). De qualquer modo, quer lhes agrade ou não, a velocidade, as mudanças e as diversas demandas feitas são bastante perceptíveis pelos jovens e fazem com que, de maneira geral, eles busquem relacionamentos condizentes com as suas realidades, carências e expectativas atuais.

É isto que revelam suas respostas quando perguntados sobre a finalidade da relação amorosa. Todavia, primeiramente, é preciso dizer que esta pergunta soa estranha ou sem sentido para alguns: "Finalidade de um relacionamento amoroso!? Num... Pô! Me pegou. Deixa eu vê... (pausa). Pô! Essa pergunta (risos), num sei. Pô! Sei lá pô!" (Carlos). Parece que para estes indagar sobre uma causa final, o fim a que se destina alguma coisa é inconveniente ou difícil de ser respondido porque lhes exige articular ação e propósito, consequência, obriga a ir além da constatação da fruição imediata. Aqueles que discorrem sobre a finalidade da relação apontam para o desejo de se ter um relacionamento; ter uma companhia; ter alguém (para conversar e trocar idéias); vivenciar uma experiência com uma pessoa; interagir; questionar-se, aprender e se aprimorar com a ajuda/presença do outro; apoiar o outro; sentir-se amado(a), querido(a) e especial; suprir carência afetiva e sexual; buscar a felicidade; sentir-se bem. A finalidade do relacionamento amoroso expressa por eles está intimamente ligada à noção de amor que eles têm. Diz respeito à presença/proximidade de alguém com quem eles irão compartilhar o cotidiano, se sentirão amados e protegidos, e que lhes trará felicidade e bem-estar. Não uma felicidade absoluta e eterna, posto que eles estão bastante conscientes das dificuldades que se têm na relação com um outro. Mas, uma felicidade mais realista, possível, e se assim não o for eles estão prontos, ou ao menos mais dispostos, para ir buscá-la em outros territórios.

A objetividade e a nitidez com que os jovens vêem os relacionamentos amorosos na atualidade e a consciência que eles têm das condições sobre as quais vivem – por exemplo, da flexibilização e instabilidade provocadas pelo neoliberalismo, e da extrema competitividade que acompanha o princípio de mercado – contribuem para que eles posicionem o amor em um lugar pouco idealizado, mais realista. Além disso, por valorizarem a liberdade individual e a manutenção da própria individualidade olham para o relacionamento de um outro prisma, com uma perspectiva mais pragmática. Vejamos o que disse uma das entrevistadas:

(...) é muito bom assim que você tenha, que você saiba exatamente o que que é a sua vida, o que que é a vida dele, que se respeite a individualidade de cada um e que se tenha uma terceira coisa que é a vida em conjunto. Né? E a relação dos dois. Mas, *que nunca se esqueça que um é um e o outro é outro, entendeu? São dois indivíduos que se juntam pra uma terceira coisa, que é a relação.* (Fabiana)<sup>83</sup>

A relação amorosa é uma "terceira coisa", algo importante, desejado e valorizado pelos jovens, mas não único ou inexorável em suas vidas. É um "complemento à vida", mas "não deve ser uma coisa obrigatória" (Fábio). A partir da análise dos discursos dos entrevistados se vê que o relacionamento amoroso é *uma das* dimensões da vida importante. Ela convive e divide espaço, muitas vezes ficando em desvantagem, com outras esferas e ideais. Muitas vezes, se o parceiro não compartilha dos valores, conceitos e planos do indivíduo isto se transforma em uma razão para o término da relação. Os outros domínios com os quais a vida amorosa convive incluem diferentes atividades e projetos, os quais podem ser prioritários e fazer com que a relação com o outro fique condicionada a eles, como mostra a fala desta jovem:

Se o namorado quisesse que eu fosse, enfim, morar com ele, que fosse mudar de estado pra... Viver esse romance, eu diria que não. (...) Né? Porque isso é importante pra mim! É a... Eu gosto de estudar, eu, eu adoro (ênfase) a faculdade. Aqui é a minha vida. Inclusive eu trabalho aqui. Eu faço natação aqui. (risos) Eu moro em frente da faculdade. Quer dizer, *eu realmente não abriria mão disso aqui não.* Não abriria porque é isso que eu gosto de fazer. (Débora)<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> Grifos nossos.

<sup>84</sup> Grifo nosso.

Para esta jovem manter os seus estudos, investir na sua profissão, permanecer em um ambiente que ela "adora" são coisas mais importantes do que acompanhar o namorado, dar continuidade ao relacionamento amoroso quando isto implica em ser obrigada a abandonar projetos que lhe são caros. O discurso desta jovem e das outras entrevistadas se contrapõe à idéia defendida por Lipovetsky em seu livro A Terceira Mulher onde afirma existir um sonho com o grande amor, um superinvestimento no amor da parte das mulheres. Nos depoimentos daquelas jovens isto não aparece e nem pode ser inferido. Como já dissemos, a relação amorosa é uma dimensão importante em suas vidas, mas ela convive lado a lado, dividindo tempo e relevância, com outras tais como a formação acadêmica/profissional, a carreira, a realização e o reconhecimento no/pelo trabalho, e o sucesso financeiro. O que percebemos, confirmando outras idéias de Lipovetsky (op. cit.), é o fato destas dimensões se tornarem medidas para as jovens serem e se sentirem autônomas/independentes, (auto)valorizadas e realizadas. Além disso, pressupomos que elas, assim como os rapazes, esperam através do trabalho e da carreira alguma garantia ou possibilidade de estabilidade. É o que diz esta outra entrevistada:

Que relacionamento... Nunca, ninguém sabe se vai ser pra vida inteira... Ou não. Todo mundo casa querendo que... Dure a vida inteira. Mas profissionalmente não. É aquela coisa que você... Cê pode casar com a... Mulher que cê diz que ama. Mas depois de dois anos, três anos, quatro anos, você separar dela. Profissionalmente não. Você... Vai passar sua vida inteira dependendo... Do seu, trabalho, pra poder, viver. (Eunice)

Também enfatizando o valor dado pelas jovens, e pelos jovens, à formação acadêmica, à carreira, à profissão, ao trabalho e ao sucesso financeiro, assim como à própria individualidade, à manutenção das amizades e do próprio cotidiano durante o relacionamento amoroso, discordamos, em parte, de Costa (1998) quando este afirma que o valor do amor foi hiper-inflacionado na atualidade. É verdade que o relacionamento amoroso pode vir a ser colocado pelo indivíduo em uma posição privilegiada quando percebido como uma possibilidade de refúgio diante de um ambiente social desértico, apático ou indiferente. Um lugar estável frente às inseguranças e mudanças constantes na vida política, econômica e social. Um porto

seguro em contraponto às inúmeras demandas externas feitas a ele. Uma fonte de felicidade individual, de intensidade emocional e de auto-realização. Neste sentido, a vivência amorosa pode até co-existir com outras dimensões da vida, com outros projetos, mas ainda assim ocupar um lugar de destaque para alguns. Porque eles se sentem solitários e inseguros, vêem-se assoberbados e impotentes sem conseguirem responder apropriadamente a tudo que lhes é cobrado na vida social cotidiana ou porque perderam interesse pela vida pública – talvez, entre outras razões, em função mesmo dessas cobranças – e se voltaram prioritariamente para a vida privada amorosa, a qual eles sonham poder lhes propiciar maiores satisfações e realizações.

Pensamos que o mesmo poderia ser dito com relação ao trabalho; ao valor dado à carreira, à produção, ao desempenho, ao sucesso profissional e financeiro. Cansado, desiludido e cético com o amor, o indivíduo se voltaria, então, para a satisfação, o reconhecimento e a auto-realização possíveis através do trabalho. Diríamos, neste caso, que na atualidade o valor do trabalho é hiper-inflacionado. É possível imaginar que haja uma hiperinflação do valor dado ao amor, no entanto, se assim entendemos, devemos dizer que há também uma "hiperinflação da sexualidade" (Lejarraga, 2002: 176) e uma hiperinflação do trabalho. Assim sendo, caracterizamos a pós-modernidade como um período de excessos, o mesmo valendo para a contrapartida da escassez. Então, o indivíduo hiperinveste no amor em detrimento, por exemplo, da vida pública; hiperinveste na satisfação sexual, na busca de novas sensações através de aventuras sexuais em detrimento do compromisso e do respeito com o outro; ou, ainda, hiperinveste no sucesso profissional e financeiro em detrimento das relações humanas. Excesso e escassez são aspectos que ocupam lugar de destaque na pós-modernidade. Aspectos que, quando referidos aos relacionamentos amorosos, alternam-se em função do contexto e da situação, das práticas experimentadas, como veremos a seguir.

#### **IV.2 - Práticas amorosas: superficialidade e profundidade**

Entre os jovens entrevistados encontramos exemplos de valorações diferentes. Alguns priorizam a busca de sensações, outros se preocupam principalmente com a formação acadêmica e o mercado de trabalho, outros estão mais voltados para o

desenrolar de suas vivências amorosas e, ainda, em maior número, há aqueles que tentam conciliar as diversas dimensões da vida. A ênfase que é dada a uma ou outra dimensão depende do contexto, ou melhor, da fase em que o jovem se encontra e das expectativas que ele têm para o presente ou o futuro próximo. No campo amoroso, os entrevistados contam sobre as fases em que estão mais dispostos aos excessos da (sens)ação – aí a voz masculina é mais audível –, e, em outras, "cansados desta vida", desejosos de "estar com uma só pessoa", buscam um "relacionamento sério" onde haja um sentimento mais profundo, mais forte, haja respeito, confiança, atenção e carinho.

Neste universo plural e cambiante, práticas amorosas diversas são forjadas e equacionadas em um jogo criado entre sensação/superficialidade e sentimento/profundidade e executado com um ou mais de um parceiro. Neste jogo não há regras claras, nítidas, rígidas e universais, ainda, mais do que isso, nem sempre aqueles que jogam compartilham das mesmas regras ou nem sequer conhecem os princípios vigentes para o outro com quem se joga. Não existe um discurso que pretenda unificar as várias leis, uma instância, instituição ou política dominante que ordene todos os jogos/jogadores em ação. As etapas dele não são, necessariamente, organizadas espacialmente e temporalmente. Elas podem estar desvinculadas (desencaixadas) umas das outras, podem ocorrer a qualquer tempo, em qualquer lugar, com qualquer duração. Este é um jogo que não tem, obrigatoriamente, um grande objetivo, uma finalidade última a ser alcançada e a qual faz com que tudo se movimente. Os atores deste jogo, além de serem os participantes que o põem em marcha, são também os juizes, os seus reguladores. Estas afirmações não implicam dizer que estamos diante de um jogo – campo amoroso – no qual tudo pode, tudo é permitido, mas sim que qualquer aspecto que diga respeito a ele é contextual, flexível, poroso e cambiante. Isto significa que *sob determinadas condições* qualquer coisa é possível.

As práticas amorosas descritas pelos jovens entrevistados nos levam a fazer a aproximação entre sensação e superficialidade e entre sentimento e profundidade. São duas extremidades no meio das quais os jovens transitam forjando composições múltiplas e sincréticas. A noção de sincretismo aqui aparece verticalmente e horizontalmente, em um tempo ora sincrônico ora diacrônico. Isto é, algumas vezes os jovens experimentam práticas afetivo-sexuais diferentes ao mesmo tempo, por exemplo, namorar e "ficar", outras vezes, seqüencialmente, alternando fases tais como a de

"namoro sério" e a de "curtir". O que determina a superficialidade e a profundidade destas relações é o grau de envolvimento amoroso, de compromisso com o outro, de conhecimento, cumplicidade, confiança e respeito mútuo. Assim, as práticas mais superficiais são epidérmicas, voltadas para a obtenção e coleção de sensações, para a busca de prazer; as mais profundas implicam em um nível de entrega ao outro maior, uma entrega que está para além da corporeidade e que se baseia no sentimento amoroso, na satisfação do sentimento. A lembrança que se tem das primeiras é fugidia, uma memória sensorial que mais facilmente tende a se perder com rapidez, quando não instantaneamente. Quanto às vivências amorosas que trazem a marca da profundidade, estas costumam fazer história, deixar traços duradouros e afetivamente significativos, ser dignas de memória.

A distinção entre sensação e sentimento é um aspecto da psicologia humana que ocupa lugar de destaque na pós-modernidade e que é radicalizada em algumas práticas afetivo-sexuais forjadas pelos jovens tal como o beijar bocas em série ou "ficar com" várias pessoas em uma mesma noite ou programa. Nos discursos dos jovens esta distinção bem como a articulação com superfície e profundidade aparece quando eles descrevem as suas vidas amorosa e sexual ou a de amigos. A noção de profundidade e a sua ligação com o sentimento amoroso são mais explícitas. Aparecem quando eles definem o amor como um sentimento profundo, mais forte; quando diferenciam o namorar do "ficar" através do grau de envolvimento com o outro, da intimidade que se tem em uma e em outra prática. Aprofundar-se em um relacionamento é querer saber do outro, conhecer o outro, ou seja, o que e como ele pensa, sente e vive; quais são os seus planos para a vida, os seus problemas e as suas dificuldades, e como as resolve; o que lhe dá alegria e aquilo que lhe faz sofrer. Em suma, é olhar para o outro em sua totalidade. É desejar uma satisfação que não se esgota no ato, na ação, no corpo, uma satisfação que implica em alguma temperança. A idéia de aprofundamento significa compreender e aceitar que a construção de um relacionamento demanda um tempo diacrônico, necessário para o conhecimento e o reconhecimento do outro e de si. Embora os jovens se refiram à noção de profundidade articulando-a ao envolvimento amoroso com o outro, é preciso perceber que ela também remete ao próprio indivíduo, à sua interioridade. Então, quando se pensa sobre o aprofundamento de uma relação é necessário ter em vista que isto demanda do indivíduo um mergulho em si, no seu

interior, naquilo que possa haver de sombrio e estranho nele próprio. A partir da análise das entrevistas e da pesquisa bibliográfica levada a cabo, entendemos que nem todos estão dispostos a fazer este mergulho, a empreender um esforço em algo que vá para além das aparências, da (sens)ação, da efervescência, da pura fruição.

Para estes prevalecem os mergulhos rasos, as superfícies e a intensidade pontual, efêmera e hedonista. É isso que encontramos nas associações relacionadas à idéia de sensação. Nos discursos dos jovens a sensação se expressa nas ações voltadas para a busca de prazer, relacionadas ao corpo, àquilo que é "sexual", "carnal", "material", "físico". "Fazer sexo", "'ficar' por 'ficar'" <sup>85</sup>, "curtir" são atos cujo objetivo é a fruição, é algo "momentâneo", "superficial", "aleatório" que não visa ir além do gozo daquele instante. No campo das experiências sensoriais, a intensidade dos estímulos precisa ser cada vez maior, mais forte e freqüente para que algum efeito sobre o indivíduo seja produzido. O risco que aí se corre é o de a intensidade dos estímulos ter de ser continuamente mais e mais intensa fazendo com que o indivíduo vá se habituando a ela enquanto a sua sensibilidade vai se tornando gradualmente menor. Na superficialidade da satisfação da sensação o outro importa menos, quando importa. Assim, por princípio, não se deve considerar um problema quando um jovem "fica com" alguém e nem sequer sabe o nome deste. Isso "faz parte", "dentro desse quadro [amoroso da atualidade] você pode se comportar como quiser. Você pode ter um relacionamento estável ou instável" (Fábio), entenda-se, mais profundo ou mais superficial. A questão recai sobre como cada um dará ou não sentido e direção às suas vivências, em que lugar colocará o outro e como negociará com ele e com si próprio, com o que há de ambivalente, ambíguo e contraditório em si.

---

<sup>85</sup> De acordo com Chaves (2001a), dentre os diversos usos do "ficar com" dois deles são servir de ponte/etapa para um futuro possível relacionamento e viabilizar a aproximação ou conhecimento de um outro por quem se tem algum tipo de interesse; usos estes distintos do "ficar" por "ficar". Segundo a autora, "ficar" por "ficar", "ficar de bobeira" é buscar satisfazer um prazer próprio sem qualquer tipo de consequência ou responsabilidade, é "(...) converter esse código de relacionamento em um passatempo, divertimento, brincadeira" (p. 69). "Ficar" por "ficar" e ficar "ficando" são expressões muito usadas pelos jovens entrevistados, categorias diferentes que exprimem graus variáveis de envolvimento emocional com o outro. Assim, ficar "ficando" implica em *alguma* estabilidade e comprometimento, ausentes no "ficar" por "ficar", embora ambos sejam marcados pelo não compromisso, logo, pela possibilidade de se "ficar com" outras pessoas e pela não obrigatoriedade com o que quer que seja. Estas práticas são bastante diferentes do namorar.

#### IV.2.1 - "Ficar com", ficar "ficando" e namorar

As práticas amorosas das quais os entrevistados falam se concentram no "ficar com", ficar "ficando" e namorar. São práticas definidas por eles como bastante diferentes, sabidamente distintas, no entanto nem sempre eles conseguem se localizar, ou seja, afirmar e ter certeza sobre em qual delas se incluir. Algumas vezes o jovem acredita que está namorando quando surpreendentemente descobre que não está – por exemplo, tomando conhecimento de um caso paralelo que o seu parceiro esteja tendo. Nestas situações, normalmente, aquele que acreditava estar namorando se sente traído, perdido, decepcionado, frustrado e ferido devido ao investimento afetivo que vinha fazendo no relacionamento e as expectativas que poderiam estar sendo construídas por ele. Outras vezes os parceiros vivem a mesma prática, porém cada qual de seu lado se sente temeroso diante da dúvida se o outro está ou não tendo a mesma percepção e expectativa. Há ocasiões em que estas idéias e expectativas são expostas, conversadas pelo casal, mas em muitas outras, não o são e a realidade vivida é que mostrará em qual forma relacional eles estão. Este não-saber não necessariamente é entendido pelo jovem como um problema ou uma dificuldade, algo que precisa ser modificado. Todavia há que se pensar que o não-saber pode se transformar em fonte de sofrimento caso ocorra, por exemplo, a situação descrita acima, e de insegurança posto que o indivíduo não consegue se orientar na relação com o outro. Mas para que venha a existir tanto sofrimento quanto insegurança, é preciso pressupor que para ele a definição/orientação é algo necessário e importante, que a pura fruição, o "deixar rolar" não lhe convém nem faz bem.

"Ficar com", ficar "ficando" e namorar são práticas amorosas que podem ou não estar vinculadas, ou seja, encadearem-se em uma seqüência contínua. Caso haja um encadeamento entre estas práticas os jovens percorrem em ordem crescente aquilo que, então, poderia ser considerado como diferentes etapas de um relacionamento amoroso. Assim, primeiro eles "ficam", depois vão "ficando" (ficar "ficando") e, por fim, namoram. Porém, geralmente não é deste modo que os entrevistados olham para estas práticas. Mais facilmente elas são percebidas como desvinculadas, cada uma delas tendo um fim em si mesma. Certamente há diferenças entre as percepções de moças e rapazes; estes últimos costumam não ter dificuldades, temores ou dúvidas quanto à separação e o



não encadeamento das práticas. Por exemplo, mais facilmente eles usufruem os prazeres imediatos e efêmeros do "ficar com" sem esperarem que ele venha a ter algum prolongamento. Quando olhamos para as expectativas e práticas amorosas da modernidade, mais proximamente, para aquelas de cinco ou seis décadas atrás vemos o quão diversas são as da atualidade naquilo que diz respeito ao encadeamento, à finalidade, à regulamentação e à estabilidade. Como viemos enfatizando, o que determina a continuidade de uma relação/experiência afetivo-sexual, a transformação em algo diverso daquilo que se tem, o seu aprofundamento é o desejo do indivíduo, são as necessidades, crenças e expectativas que ele tem naquele dado momento, contexto. Deste modo, não é cogitado o desdobramento de uma prática amorosa se o que se deseja é a pura fruição. Não faz sentido prolongar um relacionamento se não se está bem e feliz nele. Não há razão para continuar próximo a um determinado parceiro se os seus interesses e as suas prioridades não são mais condizentes com as suas próprias. Em suma, prioritariamente, a continuidade do relacionamento é pensada em decorrência dos resultados que ele oferece e estes são avaliados e reavaliados – mesmo que superficialmente – constantemente. Quando se trata do "ficar com",  *muito* mais facilmente e freqüentemente o que acontece é a ação se esgotar no ato, o "ficar" se restringir ao "ficar", o indivíduo priorizar a (sens)ação, como diz este jovem entrevistado: "Às vezes cê liga. Até ligo de vez em quando e tal. Mais umas duas ou três vezes no telefone. Acaba morrendo. Mesmo por... Sei lá. Acabando aí, né?" (Augusto).

Para aqueles que não gostam de "ficar" por "ficar", e quase todas as moças disseram não gostar deste uso feito do "ficar", as opções são o retraimento, a abstinência de trocas afetivo-sexuais e a tentativa de fazer do "ficar com" algo bom, prazeroso sem ser agressivo. Para as moças, esta última opção significa "ficar" e não se sentir "usada", "um lixo", "mais uma". Na fala de uma jovem: "Tipo você é qualquer uma assim sabe? Ele podia ter beijado qualquer outra pessoa. Tipo ele num, ele num tá tendo a noção de que ele tá com você (ênfase)" (Bianca). Segundo os relatos das jovens entrevistadas, o que normalmente faz com que elas não se sintam "usadas" na prática do "ficar" é a atitude do outro com quem se "fica", é o fato dele, por exemplo, tratá-las com respeito, carinho e não indiferença. Algumas vezes o simples fato de perguntar o nome delas, de se interessar *minimamente* em saber quem elas são, de conversar, ou seja, de *minimamente* identificá-las faz com que elas se sintam um indivíduo singular e não um

objeto descartável. Embora as entrevistadas não tenham discorrido sobre a questão dos usos do "ficar com" – e este, realmente, não era um dos objetivos deste trabalho – e tenham enfatizado as atitudes do outro com quem se "fica", sem refletir sobre a própria participação e o próprio desejo, é preciso ter em mente que muitas jovens "ficam" por "ficar" de modo bastante semelhante ao dos meninos<sup>86</sup>. De maneira menos contundente que as meninas e, também, sem a marca da desigualdade que frequentemente acompanha as práticas afetivo-sexuais femininas – já que, socialmente e culturalmente, o fato de os rapazes tomarem a iniciativa de uma "ficada" e "ficarem com" várias meninas é visto como positivo, sinônimo de virilidade, e, com isso, mais fácil de acontecer sem ser criticado –, alguns jovens do sexo masculino só vêem sentido no "ficar com" quando ele tem um "propósito", "não é uma coisa solta" (Daniel). Normalmente este "propósito" implica em um envolvimento afetivo maior, a tentativa de não fazer desta prática algo solto, pontual, restrito ao prazer do aqui e agora, mas sim de construir alguma coisa, seja isto um relacionamento amoroso que vá para além do instante seja uma amizade seja algum vínculo marcado pela cumplicidade.

É o grau de envolvimento afetivo-amoroso, o nível de compromisso com o outro que serve como fronteira, cambiante e porosa, entre as diversas práticas. De acordo com alguns entrevistados, sobretudo moças, este envolvimento provoca medo no indivíduo, "as pessoas têm medo... De se entregar uma pra outra. (...) as pessoas têm muito medo de se magoar. Ai ultimamente tem tão... As pessoas se magoam tanto..." (Cláudia). Segundo uma entrevistada, hoje está na moda não se envolver, há um número grande de "pessoas traumatizadas assim! Homens travados e mulheres com trauminhas" (Bianca). Para ela, e também outros entrevistados, isto significa ter passado por experiências ruins de desprazer e tristeza, tais como ter sido traído, abandonado e desrespeitado de diversas formas. Deste modo, para eles não se envolver é uma maneira de evitar o sofrimento, além de ser uma estratégia para não ter de se confrontar com tudo aquilo que diz respeito ao comprometimento com o outro.

Alguns jovens contaram histórias vividas por eles mesmos ou por amigos de relações que terminaram antes de "dar em alguma coisa" mais séria, no sentido de vir a ter um compromisso maior. Por exemplo, uma jovem contou que namorava um rapaz há oito meses e o namoro "tava dando tão certo que nós iríamos... Mais longe... (pausa) Do

---

<sup>86</sup> A esse respeito, ver, por exemplo, Chaves (2001a) e Almeida & Tracy (2003).

que ele gostaria. Ele preferiu terminar o namoro pra, curtir a juventude dele, enfim, sair com outras pessoas" (Débora). O não aprofundamento de um relacionamento amoroso ou o seu abrupto e, a princípio, injustificado término é explicado por vários jovens pelo, já dito, medo de se magoar, pelo medo de não saber lidar com o envolvimento "e com os seus respectivos problemas" (Bianca). Além disso, há um aspecto considerado *muito* importante por alguns, a liberdade individual entendida como a possibilidade de viver livre de limitações externas. Isto faz com que muitos se afastem do namoro ou de qualquer outra prática afetivo-sexual que a cerceie. Nas palavras de um rapaz que procura explicar porque alguns preferem "ficar" cada hora com uma pessoa diferente:

Eu acho que... Eu acho que o namorar tem vários pontos negativos assim de, de você ter que entender a pessoa... São pontos positivos e, podem ser encarados como negativos. De você ter que ficar com a pessoa, de você ter que ficar entendendo, de você ter que... Sei lá. Consolar assim. E o "ficar" não, "ficar" é só, vai lá beija e acabou. Pode ir. (Fábio)

Então, entender a pessoa, manter-se próximo a ela, consolá-la, enfim (pre)ocupar-se com/do outro pode ser visto como algo negativo que limita a liberdade do indivíduo de ir-e-vir como e quando bem quiser, fere aquilo que ele entende como liberdade individual, ou seja, a possibilidade de viver por e somente por si. Como diz o jovem acima, no namoro não é possível usufruir o outro e "ir", sem se importar com as conseqüências da sua ação. Isso faz com que muitos jovens, principalmente aqueles que preferem a (sens)ação ao sentimento, vejam o namoro como uma prisão, sintam-se "presos" quando estão mantendo um vínculo exclusivo e estável.

Ao falarem da perda de liberdade que ocorre no namoro, alguns jovens ressaltam como nesta prática é preciso "dar satisfação" ao outro. Nos discursos dos entrevistados, a articulação feita entre "dar satisfação" e namorar é bastante comum, e é vista como uma das razões para não se querer namorar e preferir "ficar" ou "ficar 'ficando'". Chama a atenção o fato de utilizarem a expressão "dar satisfação" para se referirem à expectativa que se tem no namoro de ambos os parceiros darem ao outro "explicação" sobre, por exemplo, aonde, com quem e à que horas vão sair. A palavra "satisfação" significa tanto "explicação, justificativa, justificação" quanto "contentamento, alegria, deleite" (Ferreira, 1999). Quando os jovens dizem preferir "ficar" ou "ficar 'ficando'"

porque assim não precisam "dar satisfação" ao outro entendemos que eles estão expressando a vontade de não precisar dizer para o outro o que quer que seja, de poder fazer o que quiser mantendo a liberdade individual. E, também, pensamos que quando falam sobre não ter de "dar satisfação" ao outro manifestam a preocupação com o *próprio* contentamento e deleite, com uma intensidade que é pontual, efêmera e hedonista. Como diz uma entrevistada, no namoro é preciso *dar* satisfação, vive-se "por você e pelo outro"; no "ficar com" não tem obrigação, "cê não vive por você e pelo outro. Você vive por você. *O outro é uma consequência*" (Eunice)<sup>87</sup>. Entendemos que dizer "o outro é uma consequência" significa colocá-lo no lugar de meio, instrumento de acesso à auto-satisfação e auto-realização. O que importa é o prazer próprio, tudo aquilo que diz respeito ao próprio indivíduo. O outro só interessa a ele enquanto fonte de deleite, para além disso corre o risco de ser visto como um estorvo, um a mais desnecessário e descartável, um alguém já esquecido. Pois, mais facilmente o outro é apagado da memória ou nem sequer registrado quando se prioriza a (sens)ação ao sentimento, a superficialidade à profundidade. A vivência amorosa tida se perde em uma seqüência sem fim na qual as experiências vão sendo sobrepostas umas às outras, e o indivíduo permanece em movimento esperando obter sensações cada vez mais intensas.

Nos relacionamentos amorosos, quando os jovens se referem à liberdade apontam para a idéia de se viver como bem quiser, livre de cobranças, de limites, de demandas, de recusas, de reclamações vindas de um parceiro fixo. Mas a noção de liberdade a qual muitos deles se remetem aponta, também, para o desejo de ter/manter sempre várias opções. A possibilidade de ter opções lhes dá a sensação de serem livres para escolher quem melhor lhes convier, quem responder mais satisfatoriamente àquilo que esperam e desejam.

Porque o quê que acontece é o cara ficar cozinhando a mulher. A mulher fica cozinhando o cara. Vai encontrar outra pessoa que acha (ênfase) que. Porque conheceu um dia, ou duas noites e que acha aquele cara melhor do que o atual namoro, e aí vai, trai. E aí vai ficando com os dois, até ver qual dos dois é melhor, e aí quando sabe, larga um. Se esse um não descobrir antes, né? (Fabiana)

---

<sup>87</sup> Grifo nosso.

"Cozinhar" o outro é uma ação que muitos jovens praticam, mais facilmente os meninos. Significa adiar uma decisão que possa ter como resultado a perda do que se tem sem ter algo em troca, sem ter uma garantia de retorno visto como mais positivo. "Cozinhar" o outro é fazer de tudo para não se ficar só, para afastar os riscos de ter de se confrontar com a própria solidão, e apostar que em algum lugar existe sempre alguém melhor do que aquele com quem se está/tem. A crença de que sempre existe algo (qualquer outro indivíduo, objeto, estilo de vida, maneira de pensar, sentir e agir) diferente, novo, melhor do que o que se tem é afirmada e estimulada na pós-modernidade. Esta é a mensagem transmitida pela sociedade de consumo junto à idéia de que é sempre bom ter opções, como diz este jovem entrevistado: "as pessoas querem ter sempre... (pausa) Opções assim sabe? Escolhas assim demais assim, em vez de, de se contentar com o que tem" (Ernesto). Trata-se, então, de ter opções e de se acreditar que o que está fora, o que não se tem é melhor, mais eficiente, mais veloz, mais interessante, mais bonito. É o que diz este outro jovem: "nas relações, a pessoa tá se relacionando, mas tá insatisfeita ou... Ou porque acha que com outra que ela viu ali vai ser melhor entendeu?" (Carlos).

Relacionar-se com um indivíduo olhando, desejando, movimentando-se em direção a um outro diferente deste com quem se está é algo bastante fácil de acontecer em um contexto de desencanaie e de desregulamentação das práticas amorosas. Isto é, não há lei, regra, norma clara, fixa ou estável que dê algum limite ao desejo de fruição do indivíduo. Não há uma finalidade maior ou um projeto de vida em longo prazo que faça com que ele restrinja os seus prazeres imediatos para poder alcançá-lo. E mais, tendo a total responsabilidade sobre o seu bem-estar, em todas as dimensões da vida, o que o indivíduo faz é constantemente buscar aquilo que ele acredita ser melhor para ele, mesmo que isto signifique, por exemplo, deixar o outro em "*stand by*", "ter sempre aquele *stand by* ali esperando você" (Ernesto). O outro colocado no lugar de *stand by* é qualquer um com quem o indivíduo mantém algum interesse ou vínculo, tal como um ex-namorado, um ex-"ficante" ou um paquera. Este deve estar interessado afetivamente e/ou sexualmente nele, se não, ao menos é preciso haver uma possibilidade de aproximação, mesmo que remota. Em resumo, "o *stand by*" é alguém a quem o indivíduo pode recorrer caso precise. Em muitos casos, ter um *stand by* decorre do sentimento de carência – tem-se sempre alguém a postos para o caso de vir a se sentir

carente ou sozinho. Caso se esteja namorando, ter um *stand by* é uma garantia para não ficar sozinho se o namoro vier a terminar. Manter um *stand by* é "não ficar sozinha, então cê, cê guarda aquela outra pessoa ali. Cê tá procurando outra que seja melhor do que aquela, mas qualquer coisa cê tem aquela" (Fabiana). Há jovens que insatisfeitos no namoro vão viver alguma outra experiência afetivo-sexual para se sentirem melhor. Por exemplo, moças que se sentem desvalorizadas pelos namorados e procuram ter alguma outra experiência, paralela, que as faça se sentirem melhor. Porém, ao agir desta maneira "você não tenta resolver o quê que tá te fazendo falta no namoro. Cê tenta resolver fora e, quando você volta é pior ainda" (Fabiana).

Nesta situação descrita por esta jovem, pensamos que "resolver fora" não é resolver no sentido de solucionar um problema, localizar a dificuldade, compreendê-la e confrontá-la. No exemplo mencionado, o quê as moças fazem é buscar um paliativo, qualquer coisa que amenize a insatisfação e o desconforto presente na relação. Priorizam o apaziguamento da dor, a evitação do confronto com o outro e com si mesmo. Parece ser mais fácil reagir do que ter de encarar aquilo que incomoda tal como o descontentamento existente na relação, as razões para a desvalorização feita pelo outro e o seu desamor. Ao menos a princípio, é mais fácil "ficar com" um outro, tentar obter nesta experiência sensações prazerosas e intensas que possibilitem ao indivíduo se sentir ocupando um lugar melhor, sendo valorizado, mesmo que temporariamente. "Resolver dentro" em vez de "resolver fora" pressupõe acreditar que o indivíduo esteja disposto a negociar com o outro assim como a se remeter à própria interioridade. Isto significa olhar, identificar e nomear quais são os próprios desejos e as próprias dificuldades, o que tem em si que acredita ser bom e admirável e aquilo que considera ser ruim e desprezível. Fazer isso exige tempo, coragem, paciência e esforço; demanda um trabalho que nem sempre o indivíduo quer ter ou se sente capaz de fazer. Nestas ocasiões, às vezes, mais fácil e conveniente é encontrar uma saída rápida, menos trabalhosa e dolorosa.

#### **IV.2.2 - Experiência afetivo-sexual como divertimento**

Já sei namorar / Já sei beijar de língua / Agora, só me resta sonhar / Já sei onde ir / Já sei onde ficar / Agora, só me falta sair / Não tenho paciência pra televisão / Eu não sou audiência para a solidão / Eu sou

de ninguém / Eu sou de todo mundo / E todo mundo me quer bem / Eu sou de ninguém / Eu sou de todo mundo / E todo mundo é meu também (...) (Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte)<sup>88</sup>.

A música *Já sei namorar* é considerada por alguns jovens como o hino daqueles que saem para a *night* com o intuito de se divertir, entre outras coisas, isto significa "ficar com" alguém ou "ficar com" vários, com quantos for possível. Beijar de língua, querer distância da solidão e proximidade de todo mundo é o que esperam os jovens que preferem a sensação e o não comprometimento com o outro. Para estes, o refrão "eu sou de ninguém / eu sou de todo mundo / e todo mundo é meu também" é entendido como um grito de liberdade, um passaporte para a experimentação, um louvor ao descompromisso e à descontinuidade. Quando interpretado como não ter um parceiro fixo, "ser de ninguém", "ser de todo mundo" é visto como uma possibilidade de manter a liberdade nos dois sentidos vistos mais acima: viver como bem quiser e ter opções. Alguns entrevistados afirmam querer "ser de todo mundo quero... 'Ficar com' todo mundo" (Carlos). No momento em que o jovem coloca o "ficar com" no mesmo lugar em que põe a ação de sair para a *night*, dançar, encontrar com os amigos e beber, ele faz do "ficar com" uma forma de divertimento na qual o que interessa a ele é o prazer do momento. Nesta hora, o importante desta prática é a atração física que se tem pelo outro, se ele é belo, se tem um corpo "gostoso", se beija bem e, sobretudo para os rapazes, se há chances de se ter uma relação sexual. A aproximação de um outro se dá pela via corporal. O conhecimento dele se inicia pelo corpo. Primeiro se "fica", depois, caso isto seja do interesse, busca-se saber "quem é" este outro. Durante a diversão é preciso "deixar rolar", se "acontecer aconteceu" a "ficada". Não há espaço para se pensar ou questionar o que quer que seja, o que vale é a pura fruição e, em muitos casos, a quantidade.

A quantidade é o que vale e mede o sucesso da noite quando os jovens saem com o intuito de se divertir fazendo "guerra" ("ficar com" quantos for possível). O programa será tanto melhor quanto maior for o número de "ficantes" ou de bocas beijadas. Algumas vezes esse contato físico com o outro não dura mais do que minutos, o suficiente para um beijo, se possível, performático, e para aumentar o *score*. Posto

---

<sup>88</sup> Música *Já sei namorar* cantada por Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte, e gravada em *Tribalistas*, 2002.

que, normalmente, quando os jovens vão para a "guerra" estão juntos a amigos e com estes fazem competição para ver quem "pega" mais – isto é muito mais frequente entre os rapazes. Segundo os entrevistados, nesta prática afetivo-sexual não existe sentimento, o que há é prazer físico. Porém, há satisfações que podem ser tão ou mais importantes do que este prazer, tal como a satisfação obtida quando se ganha a competição travada com os amigos. Há ocasiões nas quais, depois de terminada a noite, os amigos se reúnem para narrar as experiências vividas, ou seja, para contarem com quem, como, onde e o que fizeram com a(s) menina(s) – como já dito, isto também acontece entre as moças, embora em menor número. Por vezes o deleite, a alegria é maior aí, neste encontro com os amigos e nesta troca de histórias transformada em brincadeira, do que na prática afetivo-sexual propriamente dita.

A outra satisfação que pode vir a ser mais importante do que o próprio prazer físico alcançado na "ficada" é a da conquista, o bem-estar que o jovem sente ao conquistar uma menina – ou vice-verso. É o que diz, por exemplo, este entrevistado: "O prazer, principalmente pra mim é o, a conquista. Acho que você chegar e conversar, trocar uma, uma idéia tal e conseguir" (Augusto). Nesta situação, quanto mais a menina for bonita e "gostosa", maior for o número de rapazes que a desejam melhor será, pois isso faz com que a disputa/conquista seja mais intensa. Aí, dizem eles, mais do que a "quantidade" vale a "qualidade". A "qualidade" aqui é avaliada em função das sensações, isto é, da beleza física da moça com quem se "ficou" e das ações realizadas durante a "ficada", ou seja, quais as carícias físicas feitas, se houve relação sexual e, se sim, como e onde ela aconteceu. Entendemos que essa qualidade da qual os jovens falam não deixa de ser uma outra maneira de valorizar a quantidade, pois, assim como eles contabilizam os "ficantes", eles quantificam a qualidade das sensações. Como se para cada variação dos tipos de toque, carícia, beijo e relação sexual houvesse uma nota e, por fim, a qualidade recebesse um grau final obtido através da média dos "itens" alcançados. Percebemos nessas contabilidades uma matemática afetiva que faz do outro instrumento de prazer. Não é por menos que todos os entrevistados abordem a questão do (des)respeito. O que eles dizem, ou melhor, reclamam em última instância é o desejo de serem mais do que objeto, instrumento, meio de acesso ao prazer e realização do outro.



Estas outras satisfações enfatizadas pelos jovens, as quais muitas vezes são mais importantes e mais valorizadas do que a própria satisfação sexual, dizem respeito ao convívio com os amigos, ao sentimento de pertencer a um grupo, e ao engrandecimento de si, à possibilidade de se aumentar a auto-estima por meio de aventuras afetivo-sexuais. Como diz este jovem: "faz bem pro ego, pra... Pra auto-estima, né?" (Augusto). Além destas outras satisfações, quando os jovens falam sobre as suas práticas eles deixam claro que a relação sexual é mais prazerosa quando tida com alguém que se ama ou se gosta muito. Essa afirmação aponta para a valoração dada à união entre sexualidade e amor, para a *preferência* de uma relação na qual se tenha tanto satisfação sexual quanto sentimental. No entanto, é preciso ter em mente que isto não significa que, inúmeras vezes, eles possam optar pelo sexo casual e sentir prazer nele. De qualquer modo, tendo em vista esta *preferência*, a importância dada às satisfações citadas acima, e a matemática afetiva forjada por eles, pensamos haver na atualidade uma banalização das práticas afetivo-sexuais, mais precisamente, um "desencantamento do sexo" (Lipovetsky, 2000). A facilidade da experimentação sexual, a transformação da sexualidade em mercadoria e a sua contabilização, e a superexposição e a liberalização na sociedade de tudo aquilo que concerne às relações sexuais faz com que elas percam a sua potência de transformação, de produção de mudanças tal como a luta por relações onde haja mais igualdade e respeito. Perde-se uma oportunidade de no convívio amoroso íntimo se aprender a lidar com o outro, com as diferenças que há nele e com os sentimentos que isto desperta em si. Barra-se uma via de autoconhecimento e um campo propício para o confronto com que há de mais obscuro em si e que pode aflorar na relação com o outro.

Por fim, havendo um desencantamento do sexo, o que resta é uma prática afetivo-sexual indiscriminada e esvaziada de qualquer sentimento amoroso pelo outro. Resta sexo pelo sexo, repetição de uma ação que não remete à outra coisa distinta da pura fruição, da obtenção e acúmulo de sensações. São ações que se sucedem sem que necessariamente os jovens se sintam satisfeitos, muitas vezes quando se sentem é de modo pontual e efêmero. E, mais, sem que eles possam ou se interessem em registrar mentalmente o acontecimento, ou melhor, o encontro com o outro. Pensamos que quando os jovens não registram ou se esquecem continuamente das suas vivências os sentimentos que permanecem neles são de vazio e de tédio, assim como o impulso para

a abertura de um novo *score*, novas disputas e conquistas. Além disso, muitos jovens parecem se manter em um movimento contínuo que impede ou dificulta qualquer parada necessária para o enfrentamento daqueles sentimentos. É isso que aparece, por exemplo, no discurso deste jovem quando ele fala sobre a música *Já sei namorar*:

Eu sou muito também impulsivo, não procuro pensar muito essas coisas. Acontecer aconteceu. Deixa rolar entendeu? Vamos ver o que que acontece. Não procuro pensar nessa parte... Pô! Desagradável, sabe? Pô "eu não sou de ninguém"? Sabe? Meio estranho isso né? Mas... Prefiro pensar que "eu sou de todo mundo", entendeu? (risos) Não que "eu sou de ninguém". (Augusto)

Melhor é olhar para a satisfação, seja ela qual for, para o prazer de ter liberdade, de ser de todo mundo e poder "ficar com" todo mundo. Quanto ao perigo de sendo de todo mundo não ser de ninguém e em decorrência disso vir a se sentir sozinho, melhor é não pensar, não pensar sobre o que é "desagradável" e ameaçador. Embora alguns entrevistados pareçam priorizar a ação imediata e evitar o confronto com o que existe de desagradável e doloroso nas suas práticas, há outros que apontam para este lado mais sombrio. Para estes, a mensagem expressa no refrão da música *Já sei namorar* ("eu sou de ninguém / eu sou de todo mundo / e todo mundo é meu também") é "uma coisa muito ilusória. Você tem todo mundo e não tem ninguém ao mesmo tempo!" (Débora). Além de chamarem a atenção para o risco de o indivíduo ficar só e se sentir sozinho, desamparado e carente por isso, estes entrevistados expressam a idéia de que "(...) todo mundo no, no fundo quer... Ser de alguém, só. Entendeu? Acho que todo mundo tem essa vontade" (Daniel). Se muitos jovens falam dessa "vontade" de ter/estar só com uma pessoa, vontade vista como universal, ao analisarmos as entrevistas de alguns outros não podemos corroborar esta idéia, não como algo comum a todos. Ao afirmar que "todo mundo no fundo quer ser de alguém só", ou seja, quer exclusividade, estes jovens homogeneizam as práticas e expectativas amorosas existentes desconsiderando a diversidade que há neste campo. Pressupõem que todos devem ter um relacionamento amoroso – como se, por exemplo, o celibato não fosse uma escolha válida –, e que a forma relacional amorosa é idêntica para todos. Porém, como já dito, há jovens que declaradamente falam da sua preferência pela fruição, dizem que não querem "(...)

ninguém assim que comprometa" (Eunice), desejam "curtir" e "aproveitar" a vida de solteiro, o que é entendido como não ter parceiro fixo e estável.

Nesta discussão há duas questões distintas. Primeiro, é preciso ter em mente que não existe uma única forma relacional amorosa, e não vemos porque deveria haver se os indivíduos são diferentes uns dos outros, têm desejos, crenças, expectativas e experiências diversas, estão inseridos em contexto social, cultural, político e econômico também diverso. Neste sentido, há que se aceitar a pluralidade do campo amoroso e a subjetividade de cada indivíduo. Segundo, quando vemos muitos jovens fazerem da prática afetivo-sexual um divertimento, somos levados a nos perguntar a que estão se habituando os jovens que simplesmente optam pela "curtição", pela idéia de se "aproveitar a vida". De acordo com eles, isto diz respeito a uma determinada "fase", "momento" da vida, tem a ver com a "idade". Então, por exemplo, existe fase para "curtir" "ficando com" todo mundo, tendo relacionamentos flexíveis, não exclusivos e efêmeros, e fase para "namorar sério". Para estes jovens, a mudança de uma fase para a outra pode ocorrer várias vezes e de maneira tranqüila, sem conflito.

A passagem feita por entre as várias "fases" parece se dar através de rupturas e saltos sem maiores conseqüências ou contradições. Isto é compreensível se lembramos das idéias de "presente perpétuo" (Jameson, 1993) e múltiplas identidades tão caras à pós-modernidade. Nas diferentes fases assim vividas pelos jovens não existe ligação, conexão, ou seja, são "idades", "momentos" da vida dissociados, os quais não se encadeiam em uma seqüência. O passado não necessariamente funciona de referência, assim como o futuro não obrigatoriamente é parâmetro para a ação presente deles. Se em um momento se identificam como um jovem que ama e namora "sério", em outro, identificam-se com a figura do conquistador, do indivíduo livre e disponível para as aventuras afetivo-sexuais. Por esse caminho, a colocação da prática afetivo-sexual no lugar de um divertimento faz supor que estes jovens mais do que se habituarem à pura fruição, à satisfação da sensação, ao não compromisso com o outro estão se acostumando ou já se acostumaram a viver na instabilidade, na descontinuidade, no presente perpétuo – perpétua mudança. Como diz este jovem ao responder como se sente vivendo em um ambiente onde os relacionamentos são mais instáveis: "Não sei. Não sei. Eu acho que faz, faz parte. Acho que faz parte. Eu num, num... Num, num

consi... Só vivi esse quadro né? Eu não sei como seria estável, mas acho que faz parte. Dentro desse quadro você pode se comportar como quiser" (Fábio).

### **IV.3 - Estratégias de negociação**

A fim de viver e de lidar com a instabilidade é preciso ter acesso e forjar estratégias que possibilitem isso. Diante da incerteza característica da pós-modernidade, da pluralidade de práticas afetivo-sexuais, da flexibilização de suas regras, normas e princípios, e da imprevisibilidade do desenrolar do relacionamento amoroso se faz imprescindível aprender a negociar. Negociar com o outro a fim de viabilizar o encontro com ele, a continuidade da relação, o ajustamento entre as partes envolvidas e as trocas que se façam necessárias. E, negociar com si mesmo no sentido de encontrar maneiras para satisfazer os próprios desejos, de responder às próprias e diversas expectativas e necessidades. As estratégias de negociação podem se tornar um subterfúgio que possibilita ao indivíduo se manter em um estado de pura fruição; de proximidade e, ao mesmo tempo, de descompromisso com o outro. O fato de os jovens mostrarem ter consciência da contingência da vida, das incertezas da vida sob condições pós-modernas e das constantes mudanças a que estão/são submetidos faz com que muitos deles avaliem e re-avaliem continuamente seu(s) relacionamento(s). No momento desta avaliação é levada em conta a satisfação que eles estão tendo na relação bem como a confluência de sua vivência com suas expectativas. A partir da avaliação, o relacionamento pode ser modificado, terminar e não ser mais retomado ou, depois do passar de um tempo, ser re-atado. No caso de uma "ficada", os jovens podem se decidir a dar algum tipo de continuidade a este encontro ou nunca mais se ver.

Nas entrevistas realizadas, as estratégias de negociação com o outro aparecem principalmente quando os jovens falam sobre o que fazem quando seu relacionamento tem algum problema ou do que e de quem depende o bom andamento da relação. Algumas estratégias são claramente explicitadas, tais como a adaptação e a conversa. Além das mencionadas por eles, é possível inferir outras como a flutuação. Muitas das estratégias se misturam, sobrepõem-se e, algumas vezes, é difícil separá-las. Porém, tentaremos aqui fazer esta distinção que passa despercebida por vários jovens. Antes,

conforme já mencionamos, é preciso lembrar de como o indivíduo é responsabilizado pelo seu próprio bem-estar na pós-modernidade e o quanto isto, inúmeras vezes, é sentido e vivido como uma sobrecarga pela qual ele não se interessa ou a qual ele não consegue suportar, dar conta, metabolizar, resolver por conta própria. Na pós-modernidade, os relacionamentos amorosos são mais um aspecto da vida que o indivíduo deverá regular, legislar, dar conta individualmente. Embora na relação existam, no mínimo, dois indivíduos, cada qual se coloca diante do outro a partir de posições e referências que podem ser bastante estranhas para o parceiro. Em função das diferenças, dos estranhamentos possíveis e do objetivo de se chegar a um acordo é que a negociação se faz tão necessária. E, por vezes, temerária, pois é uma ocasião tanto para o cuidado e a atenção com a relação, produzindo a transformação daquilo que não está sendo visto como positivo, quanto para o rompimento. Em última instância, é possível dizer que a negociação se realiza, sobretudo, em cima de resultados. O que se coloca em jogo é o quão satisfeito o indivíduo está no relacionamento, se o desempenho de ambos os parceiros corresponde àquilo que até então era esperado.

Para muitos entrevistados uma estratégia para se relacionar afetivamente e também se viver bem é ter sempre em mente, e tentar aceitar, que a vida e tudo que concerne a ela é transitório. Como fala este jovem entrevistado: "Deixa rolar que vai dá certo sabe? O que tiver que sê, será. (...) Tem que ser mais relaxado mesmo. Tem que deixar fluir assim. (pausa) Até onde for" (Ernesto). Isto significa, por exemplo, aceitar que o amor não é eterno, que é preciso aprender a viver no presente sem criar muitas e grandes expectativas quanto ao futuro. Certamente isto não é bem aceito ou compreendido por todos, inclusive por este jovem entrevistado que apesar de inúmeras vezes, ao longo da entrevista, falar da necessidade de se "deixar fluir", deixar "as coisas mais soltas, mais fluídas, mais aleatórias", fala da ansiedade diante das indefinições, da impaciência e da depressão frente às respostas que não vêm no tempo imediato que ele gostaria. De qualquer modo, é visível na entrevista de inúmeros jovens a tentativa que é feita por eles no sentido de *se adaptarem* à maneira de ser do outro e às mais diversas situações com as quais se deparam na vida, tal como as contradições à que estão expostos no cotidiano. Por exemplo, diz um jovem: "mas é a contradição assim. Tem que viver. Na cidade não dá pra você não viver com contradições" (Bruno). No caso, ele se referia ao fato de "cada vez tem [ter] menos relações com as pessoas né? Cada vez

você olha menos nos olhos, você... Toca menos as pessoas. Você... Cumprimenta menos as pessoas", e isto ser sentido como algo ruim, um esfriamento dos contatos inter-humanos. Porém, é algo inevitável já que se vive em uma cidade onde os indivíduos "não param", devem estar sempre produzindo e estão sempre "nervosos". Neste contexto se entende que é preciso aprender a viver com a contradição e, se possível, mudar aquilo que está ao alcance como, na situação descrita pelo jovem, "tentar falar com as pessoas que estão um pouco mais próximas, né? Que eu vejo todo, todo dia assim" (Bruno).

Aqui a adaptação é entendida como uma estratégia necessária e positiva. Representa uma capacidade de *aceitação*, uma maneira *ativa e pragmática* de lidar com os mais diversos e, muitas vezes, contraditórios acontecimentos, e com as idiossincrasias do indivíduo. Condição *sine qua non* para isto ocorrer na relação amorosa é o indivíduo estar disposto, querer e achar que vale a pena o esforço e as concessões que forem necessárias de ser feitas para estarem com o outro, namorarem. Como expõe este entrevistado:

[Ao falar sobre a decisão de terminar um namoro] Éé (parecendo pesaroso), acho que foi muito o momento assim. A gente não tava com disposição de, de, de, de, de correr atrás pra dá certo assim sabe? Enquanto a gente teve essa disposição de correr atrás, de, de ceder mesmo assim, de conseguir, de conseguir se adaptar, tava fluindo. Depois a gente... Pessoas são diferentes né? Normal. Graças a Deus assim. Mas aí tipo... A gente tem que se adaptar né? E quando a gente num tá disposto a... A se adaptar aí... (Ernesto)

Ter a capacidade de aceitar às diferenças do outro não é percebido como algo fácil de acontecer. Muitas vezes as diferenças não são compreensíveis ou suportáveis e se tornam pontos de divergência e conflito levando ao término do relacionamento. Aceitar o que há de diferente no outro é um trabalho que demanda do indivíduo "muita vontade de tá junto", é preciso muito companheirismo, e muita compreensão (Fábio). É necessário que a paixão, a amizade e a compaixão sejam muito fortes (Débora). Mas, acima de tudo, a adaptação transformada em estratégia para se lidar com as diferenças é contextual, ela depende do momento de vida do indivíduo, das suas condições reais de vida, das suas atuais necessidades, prioridades, crenças e expectativas. Além, certamente, de implicar em um trabalho psíquico que está para além da "vontade" dele.

Como aqueles aspectos estão vulneráveis a constantes revisões e mudanças, assim também está a "disposição" para se adaptar. Neste sentido, o que se vê diante deste quadro é uma enorme flexibilidade, fluidez de "regras" e comportamentos. Isso pode fazer com que o indivíduo se perceba mais livre em suas decisões e ações e, ao mesmo tempo, sintam-se mais só em um mundo onde há pouco, ou nenhum, respeito e preocupação com o outro. É isso que nos faz pensar, por exemplo, o discurso desta jovem:

Ela tá, tá, ela tá se preocupando em se satisfazer. Fazer a sua necessidade ou na amizade, em ter alguma pessoa pra sair, na hora, no dia ou pra arrumar um não sei o que. Entendeu? Ou num relacionamento pra ter sexo, pra fazer sexo, entendeu? Que é o, é a vontade que ela tem. E o que a pessoa [o outro] pensa? O que a pessoa sente? (Ângela)

O discurso desta entrevistada junto ao de outros nos leva a pensar em um sentido diverso para a estratégia da adaptação, e o limite tênue e poroso que existe entre os dois significados. De um lado, adaptar-se representa a capacidade de *aceitação*, a maneira *ativa e pragmática* que muitos jovens encontraram para lidar com a diferença e viabilizar o relacionamento amoroso. Como afirma uma jovem entrevistada: "Aí existe assim uma expectativa de que algumas coisas mudam e outras coisas não mudam. Né? E aí as coisas que não mudam a gente se adapta ou então a gente, cai fora (...)" (Fabiana). De outro lado, a adaptação expressa a *passividade*, a *impotência* e/ou a *indiferença* deles diante daquilo que não conseguem ou não têm interesse em mudar. De um lado, tem-se, então, a adaptação como compreensão e aceitação da diferença; de outro, "embotamento do poder de discriminar" – atitude *blasè* – (Simmel, 1902), indiferença e "tolerância" traduzida na fórmula "viva e deixe viver" (Bauman, 1999a) e expressa na frase deste entrevistado: "Ah cada um faz o que quer" (Fábio). A adaptação sendo contextual torna possível o movimento do indivíduo entre estas duas formas de ação. Mesmo que se saiba dos riscos desta dubiedade, em última instância, como diz este outro jovem entrevistado, "a fila anda" (Ernesto). Isto quer dizer que é preciso acompanhar o seu movimento, adaptando-se àquilo que for de maior interesse ou importância no contexto dado. Caso contrário, corre-se o risco de ser atropelado pelos demais, deixado para trás e esquecido. Acompanhar a fila implica em aprender a se

desprender do passado, das histórias amorosas já vividas, em se estar aberto ao novo, apostar e investir em novas oportunidades e diferentes indivíduos.

Assim como a adaptação é percebida como uma estratégia de negociação com o outro necessária e eficaz, pois possibilita o ajustamento entre os parceiros e o andamento do relacionamento, também o é a condescendência que é expressa nas atitudes de "ceder" e "abrir mão". Para se construir um relacionamento amoroso satisfatório para ambos os parceiros é preciso "(...) abrir mão das suas coisas também. A outra [pessoa] abre mão. Tem que saber ter uma vida juntos assim. Cê tem que respeitar [as diferenças]" (Cláudia). Porém, "essa questão do abrir mão, é, é uma coisa assim, que às vezes a gente não tá acostumado, mas que às vezes a gente se pergunta assim: 'Ah por quê que eu tô abrindo mão de tanta coisa que eu gosto de fazer, de tantos prazeres que eu tenho, pra tá com essa pessoa?'" (Fabiana). A resposta a esta pergunta aparece em todas as entrevistas; isso é feito quando o sentimento amoroso que se tem pelo outro é forte, quando se tem interesse em dar continuidade ao relacionamento e, também, quando "a pessoa vale a pena" (Fábio). Antes de olharmos para esta questão da "pessoa [que] vale a pena", queremos chamar atenção para a afirmação da jovem citada acima, quando esta diz que "às vezes a gente não tá acostumado [a abrir mão]". Atentamos para esta fala porque ela aponta para o fato de muitos jovens, ou melhor, indivíduos de modo geral, viverem centrados em seus mundos particulares. São indivíduos que não têm por hábito ceder ao outro, ser complacente com ele, deixar de ter/fazer alguma coisa para si próprio em benefício do outro. Indivíduos que, embora obrigados constantemente a negociar nas mais diversas áreas, inúmeras vezes se mostram pouco disponíveis a abrir mão de um prazer próprio, a sacrificar alguma oportunidade de auto-satisfação e auto-realização mais imediata em prol do outro e de um projeto em longo prazo. Assim percebemos como "abrir mão" é uma estratégia de negociação que, por vezes, torna-se difícil demais para o indivíduo, demanda dele um esforço para o qual ele não tem sido ensinado e habituado.

Esta parece ser uma das razões pela qual os jovens depositam tanto no outro a responsabilidade pelas suas ações. Se, por exemplo, não abrem mão da pura fruição é por causa do outro, da "pessoa" que não é a "pessoa certa", como diz este jovem: "Enquanto eu não achar essa pessoa... Eu... Eu gosto mesmo de sair pra noite, gosto de, como a gente fala, 'pegar mulher' tal, com os amigos, se divertir" (Augusto). O que este



jovem e muitos outros dizem é que eles não abandonam o puro prazer, o "ficar com" como divertimento porque eles ainda não encontraram a "pessoa certa". Quando esta aparecer, como um todo poderoso, onipotente, os fará deixar de lado os prazeres imediatos, a liberdade entendida como ter opções e viver como bem quiser, para então assumir um compromisso com o outro, investir afetivamente nele e com ele construir uma relação mais profunda e estável. Isto significa que para estes jovens a mudança de uma prática amorosa para outra, tal como a passagem do "ficar com" para o namoro, depende, entre outras coisas, da pessoa. Se "aquela pessoa vai... Vai ser bom com ela. Então... Então vale mais a pena [namorar]... É, assim, mais do que 'ficar com' ela" (Fábio). Do mesmo modo, a longevidade de uma relação também depende da pessoa. O relacionamento será mais duradouro se o jovem estiver ao lado da pessoa "ideal" ou "mais próximo do ideal". O que é considerado "ideal" é absolutamente relativo, não somente varia de um jovem para o outro como também depende do contexto de vida e da situação em que ele se encontra.

Além destas responsabilidades depositadas sobre o outro, se o jovem não constrói planos é porque ainda não encontrou alguém que "mexesse" com ele. Se hoje está "na moda não se envolver" é porque "as pessoas tem problemas de se relacionar" (Bianca). Se o relacionamento amoroso dá ou não dá certo é porque "essas paradas são meio mágicas assim mesmo", é o "destino [que] reservou isso pra gente" (Ernesto). Entendemos que nestas e em outras situações os jovens colocam a responsabilidade pelo fracasso e, sem que o percebam também pelo sucesso, no outro e em um destino diante do qual eles não se sentem donos, tendo controle e autonomia sobre ele. Assim justificam o que quer que seja. Por exemplo, a opção pela pura fruição, o desinteresse pela satisfação e pelo bem-estar do outro, a incapacidade de lidar com a diferença, a dificuldade de fazer concessões e de trocar a superficialidade pela profundidade. Se por um lado estes jovens procuram se isentar do peso e das conseqüências que têm uma tomada de posição/decisão, por outro, perdem a oportunidade de se apropriarem do próprio destino amoroso, de construírem uma liberdade individual que está para além da noção de ter opções e viver como bem quiser, que diz respeito a sair do domínio do outro e ter autonomia. Autonomia para se confrontar com o que lhe é imposto de fora, com os discursos dominantes, sem necessariamente e cegamente ter de se submeter e

reproduzir o já dito. Esta reprodução do instituído aparece, muitas vezes, na fal(a)ção, variante de outra estratégia de negociação, a conversa.

A conversa é uma estratégia muito enfatizada pelo jovens entrevistados, ela é imprescindível para se poder negociar, lidar com os problemas ou as dificuldades da relação. É tida como a maneira de expor os próprios conceitos, valores, sentimentos, desejos e necessidades e, reciprocamente, escutar o parceiro e, com isso, viabilizar a continuidade do relacionamento de modo satisfatório para o casal. A conversa permite o conhecimento do outro e a discussão sobre a relação. Apesar dela ser entendida por todos como necessária à negociação, alguns entrevistados apontam para a falta/falha de comunicação que há nas relações humanas. Como expressa este jovem: "As pessoas não conversam muito sabe? Num. Parece que todos são inimigos dela! Esse esquema né? A dominação do homem pelo homem, parece que todo mundo quer dominar todo mundo" (Bruno). Não conversar com o outro percebido como um "inimigo" é uma maneira de o indivíduo não se expor, de se proteger daquele que pode a qualquer instante atacá-lo, submetê-lo ao seu desejo. Assim o silêncio é transformado em uma das formas de reserva necessária à vida em uma sociedade vista como ameaçadora. No que concerne às relações amorosas, a falta/falha de comunicação é sentida principalmente pelas moças e são elas quem mais se queixam da não-resposta ou do silêncio do outro. É o que aparece no discurso desta jovem:

Acho que é por isso também que os casamentos tão acabando tão cedo. É, você... É, não tando num... Num tem essa capacidade de aceitar, de tentar compreender, não é? De pensar sobre o assunto. Essas pessoas tão muito imediatistas, intolerantes. Não aceitam muito as coisas. Não param pra dialogar, conversar. As pessoas tão muito voltadas pra si. Eu acho isso. (Débora)

Mas quem são essas pessoas de quem fala esta jovem? São jovens como ela, são indivíduos, jovens ou não, da ação, que respondem ao outro prioritariamente através da ação irreflexiva, indiferente ao outro, voltada para o prazer e a satisfação própria. No que concerne à indiferença, ao desrespeito, à impossibilidade de intermediar a ação pelo pensamento, à ausência ou falha na comunicação, mais contundente é o depoimento de outra jovem entrevistada (Bianca):

**Bianca** – Mas, sei lá, *eu acho que falta também muita comunicação* assim entre as pessoas. Acho que tem muita gente que não sabe... Falar, sabe? Inda mais sobre isso, sobre isso assim [os próprios problemas e dificuldades quanto ao envolvimento afetivo]. Tá muito, isso tá muito acontecendo com muitas pessoas assim da minha idade. *Aí ninguém conversa, aí fica uma coisa meio mal resolvida. As pessoas somem.* *Aí ninguém te dá, te dá, sei lá...* Retorno, sabe? Satisfação. Liga e fala: "Oh. Acabou. Fim". Uma coisa assim sabe? Quer dizer, isso também nunca aconteceu comigo, mas isso acontece assim com as pessoas. Eu vejo sabe? Com as minhas amigas assim.

**Jacqueline** – O que? Do outro sumir?

**Bianca** – É. Não resolver direito, sabe? Não resolve. Não resolve, não vai, não fala, não conversa, não põe um ponto final. (pausa maior) Nem... Eu acho que tem tanta, tanta gente agora assim com... Com... Sem, *sem saber assim como lidar com o outro que nem, nem dar tchau a pessoa consegue* sabe? Sei lá.<sup>89</sup>

É curioso lembrar que estes jovens dos quais fala, por exemplo, esta entrevistada, nasceram em uma sociedade onde é posta uma grande ênfase na expansão, na rapidez e na eficiência dos meios de comunicação. Tiveram, muito possivelmente desde pequenos, acesso a telefone, fax, *pager*, telefone celular e internet. Cresceram em um ambiente no qual as possibilidades de entrar em contato com o outro são bastante grandes. No entanto, se levarmos em consideração o que vários entrevistados disseram perceberemos um hiato entre os meios/instrumentos e a comunicação propriamente dita. Mais do que isso, não se trata somente de a comunicação ou a conversa se estabelecer ou não, mas também o que é ou não dito quando ela ocorre. Sumir, não atender ou não retornar o telefonema ou a mensagem enviada por meio do telefone celular, fax, *pager* ou *e-mail* é impedir que a comunicação se estabeleça, é recusar qualquer contato com o outro. Mas e o que acontece quando este contato é feito? A partir do que foi vivido na experiência entre pesquisador/entrevistador e jovem entrevistado, e da análise do discurso feita com o material obtido nas entrevistas, percebemos, sobretudo entre os rapazes, uma forte presença de falas entrecortadas; frases e expressões que respondem pouco, quando respondem, àquilo que foi perguntado; frases vazias de conteúdo ou de pouca "densidade introspectiva" (Almeida, 1996: 102). Isto é, são discursos que permanecem na superfície, dos quais talvez possamos depreender a dificuldade ou o desinteresse do jovem de refletir para além do plano periférico, da objetividade dos

---

<sup>89</sup> Grifos nossos.

acontecimentos, da materialidade dos fatos. É uma fal(a)ção sem propriedade e sem autenticidade, desapegada, como se o enunciado não lhes dissesse respeito, não produzisse alguma reverberação, não expressasse algo de si e não tivesse conseqüências.

No decorrer de algumas entrevistas os jovens deixam claro o próprio desconhecimento ou a dúvida sobre determinadas questões discutidas e, em alguns casos, apesar de dizerem que vão "parar pra pensar nisso" (Carlos), não demonstram uma vontade sincera de vir a fazer isto. Supomos que estes jovens, prioritariamente, vivem na/pela ação não intermediada pela reflexão. Nas atitudes e nas falas de muitos deles aparece a dificuldade de ir para além do exposto pela "cultura *prêt-à-penser*", de não reproduzir meramente o já instituído, de pensar autonomamente, de refletir profundamente, de perceber e compreender as próprias idéias, os próprios sentimentos, decisões e ações. Então, quando a comunicação não é recusada e o contato com o outro é estabelecido, inúmeras vezes, o que se tem é uma fal(a)ção, a fala não tem densidade, profundidade, conteúdo ou sinceridade. Quando a jovem supracitada conta da falta de conversa e da ausência (sumiço) do outro, ela afirma que as pessoas não sabem lidar com o outro e por isso agem deste modo, deixando as coisas mal resolvidas, inacabadas e soltas. E em que implicaria falar, resolver alguma situação, colocar um ponto final, nomear? Ao fazer referência ao atual relacionamento um entrevistado diz: "eu *acho* que eu tô namorando. Tem que vê da parte dela. *Acho* que ela também *acha* que tá namorando" (Daniel)<sup>90</sup>. Quando perguntado sobre como é essa história de "achar", ele responde que "vive o momento", que o nome dado não é importante, não influencia no relacionamento.

Ao agir deste modo, como tantos outros que fazem da mesma maneira, este jovem não percebe o quão desorientado ele pode deixar o outro, como esta situação pode ser interpretada de maneira diversa pelo outro. Por exemplo, no caso mencionado, sua "namorada" pode acreditar que eles estão "ficando de rolo", que não há compromisso, que o interesse dele por ela é mais superficial e passageiro. Entendemos que quando estes jovens não nomeiam a experiência vivida, não explicitam os seus sentimentos, as suas idéias e expectativas eles dão razão e reforçam aquilo de que tantos outros se queixam, de que "as pessoas não sabem falar" (Bianca). Falar com

---

<sup>90</sup> Grifos nossos.

propriedade, diferentemente da fal(a)ção, implica em se comprometer com o que é dito, em assumir uma determinada posição e as conseqüências que advêm daí. Falar supõe que o indivíduo aceite a responsabilidade pelo que é comunicado e que não a deposite no outro. Falar possibilita a própria exposição e o conhecimento do outro, cria um espaço comum onde as interações podem ocorrer de maneira clara. Mas a fala reclamada por muitos jovens é de mão dupla, é diálogo e não monólogo. E, quando um diálogo é esperado se pretende que haja abertura para escutar o que o outro tem a dizer sobre alegria e tristeza, satisfação e sofrimento, prazer e mal-estar. Talvez o indivíduo na atualidade não queira muito isto, não esteja muito disposto a saber e se envolver com a dor do outro. Talvez ele pense que é melhor saber pouco do outro, pois assim será mais fácil de deixá-lo, como o fazem inúmeros jovens na noite quando beijam bocas em série sem, muitas vezes, saberem o nome de quem está por trás delas.

Saber pouco do outro ou não saber são ações que, embora não obrigatórias, facilitam a prática da mentira, da omissão e do sumiço. Estas são práticas usadas por muitos jovens, principalmente rapazes, como estratégias para alcançarem aquilo que desejam, recursos aos quais recorrem para satisfazerem as próprias expectativas e necessidades. Assim, por exemplo, um rapaz que deseja "ficar com" uma menina na *night* pode contar a ela qualquer coisa que lhe pareça ser um bom motivo para a menina se decidir a "ficar com" ele. É preciso "se mostrar interessado também né? Fazer... A propa... Propaganda né? (risos) Digamos assim" (Augusto). Fazer a propaganda é fazer um marketing pessoal que dê chances ao negociador de promover aquilo que deseja. Se para ter sucesso, alcançar o resultado esperado ele mente ou omite algumas informações, idéias e experiências, isto é secundário. Mais importante é atingir a meta estabelecida, no exemplo dado, conquistar a menina. Há situações contadas por alguns rapazes entrevistados em que eles são "forçados a mentir [para a namorada], pra poder sair [com os amigos ou sozinho]" (Carlos). Para estes jovens, seria melhor se eles não precisassem mentir e omitir para a namorada, se elas não se incomodassem por eles saírem para se divertir sem elas. Porém, como já visto, nesta diversão se inclui o "ficar com" e, inúmeras vezes, é disto que suas namoradas têm medo, de que eles saiam e as traíam.

Segundo alguns jovens, o fato de saírem sozinhos ou com amigos não significa *necessariamente* que eles venham a "ficar com" outras meninas, mas isto pode vir a

acontecer. A fim de darem continuidade ao namoro e poderem fruir livremente o que eles fazem é mentir e omitir para suas namoradas. Quando fazem da mentira e da omissão estratégias para satisfazerem os próprios desejos, não vêem nelas um problema, estes jovens contribuem para que características tais como honestidade/sinceridade, confiança e respeito sejam considerados tão importantes às relações amorosas. Mais do que isso, eles dão razão a tantos jovens que se queixam do desrespeito que marca o campo amoroso e das dificuldades de se envolver afetivamente com o outro. O que estes jovens fazem é colocar no outro a responsabilidade por um ato que eles cometem, um ato que, muitas vezes, pode ser considerado, no mínimo, desleal. Transformam a mentira e a omissão em um subterfúgio necessário diante da dita incompreensão, intransigência e ciúme do outro. Agindo deste modo eles encontram meios para satisfazer os seus prazeres, gozar de todos os lados e se eximir de constrangimento – aqui entendido como descontentamento, embaraço e limite à própria liberdade. O mesmo se pretende conseguir quando a estratégia utilizada é o sumiço. Entre os entrevistados, algumas moças contaram experiências vividas por elas ou por amigas nas quais o paquera, o "ficante" ou o namorado "sumia" de uma hora para outra. Isto é, não olhava e nem procurava mais, não telefonava mais, não retornava as ligações ou as mensagens recebidas, não aparecia ou não abria a porta de casa quando procurado. Sumia sem dizer uma palavra, sem dar qualquer explicação. De acordo com o depoimento destas moças, sumir pode ser uma forma de o outro dar por encerrada uma relação, é o que diz esta entrevistada:

Eu fiz o que eu tinha que ter feito, sabe? Eu procurei no dia, falei. Sei lá sabe? A pessoa tá comigo há um mês sabe?! Vem falar pra mim que... Falar que tá com saudade, fala que isso, fala daquilo... Marca comigo e some?! Que é isso! O que que ele tá achando que eu sou? (...) porque eu achei um absurdo o que ele fez comigo! Porque eu nunca dei razão (ênfase), motivo pra ele fazer o que ele fez. (Cláudia)

E qual seria a razão ou o motivo para um indivíduo deixar o outro esperando sem lhe dar alguma explicação, sem lhe falar uma palavra sequer, sem, ao menos, dizer-lhe algo depois da situação? A partir do discurso desta jovem e de outros entrevistados, moças e rapazes, é possível dizer que o indivíduo que assim age está fazendo um jogo de sedução com o outro, isto é, some com o intuito de provocar, despertar, estimular o

interesse, a curiosidade, o desejo daquele que espera. Talvez seu objetivo seja "se fazer de difícil" e com isso aumentar a própria auto-estima, introduzir algum grau de dificuldade, algum elemento novo em um jogo afetivo-sexual banal e fácil demais para que venha a satisfazer. Talvez, ainda, o que este indivíduo esteja fazendo seja tão e somente levando ao extremo seu hedonismo ou ignorando o outro, fazendo-o de anexo, "(...) dependente, subordinado; aquilo que está ligado como *acessório* (...)" <sup>91</sup> (Ferreira, 1999). Assim como ocorre na falta de comunicação/conversa, sumir é impedir que a comunicação se estabeleça, recusar contato, negar-se a negociar com *o outro*. É uma estratégia que possibilita ao indivíduo se manter em um estado de pura fruição e, também, que pode criar situações "inusitadas" e, por isso, estimulantes e prazerosas para ele. Algumas vezes, sumir de alguém é o meio ao qual o indivíduo recorre para colocar em ação a flutuação que lhe permite manter proximidade e, ao mesmo tempo, descompromisso com o outro.

A flutuação é uma estratégia da qual os jovens entrevistados não falam, ou melhor, eles não a nomeiam desta maneira e nem a circunscrevem claramente. No entanto, quando olhamos para as práticas afetivo-sexuais descritas por eles percebemos um movimento, uma troca, uma alternância de relações, uma oscilação entre aproximação e afastamento do outro que nos fazem pensar em flutuação. Flutuar é o que faz o jovem que sai para fazer "guerra", que "fica 'ficando com'" mais de um paralelamente, que "fica" com diferentes indivíduos sucessivamente. Flutuar é o que faz aquele que vagueia por diferentes ambientes sem se fixar em qualquer um deles, mantém-se na superfície de múltiplos territórios em busca de satisfação das sensações, de fruição, de prazer sem compromisso com o outro e com algum projeto de longo prazo. Flutuar é uma maneira de o indivíduo entrar e sair de relações sem o risco de se aprofundar em um relacionamento e com isto perder a sua liberdade, e ter de se (pre)ocupar com/do outro. A flutuação, em suma, pode ser entendida como uma estratégia que o indivíduo encontrou para lidar com alguns elementos que a vida sob condições pós-modernas apresenta: a flexibilidade, a pluralidade, a incerteza, a instabilidade e a insegurança decorrente delas.

---

<sup>91</sup> Grifo nosso.

## CONCLUSÕES

O objetivo central deste trabalho era analisar a maneira como certas características da pós-modernidade estruturam as vivências amorosas. Para levá-lo adiante percorremos um longo caminho iniciado por discussões mais amplas referentes à ênfase posta na flexibilidade e na pluralidade; à descentralização do sujeito moderno e às identidades múltiplas, abertas e inacabadas; à importância dada ao tempo presente e à mudança; e, à liberdade individual compreendida como viver como bem quiser e ter opções. Buscamos estreitar este caminho ao tratar dos vínculos sociais forjados sob condições pós-modernas e das afetividades que caracterizam estes vínculos. Tentamos discutir também como o indivíduo se sente neste ambiente social que é marcado pela oscilação entre escassez e excesso, solidão e pertencimento, tédio e êxtase, indiferença e solidariedade. Entre cada uma destas pontas há uma série de composições cambiantes passíveis de serem sentidas e vividas. Em seguida, chegamos ao tema de nossa tese propriamente dito.

Delineamos o legado amoroso que a pós-modernidade recebeu salientando que o campo amoroso de outrora era, assim como o da atualidade, plural, no entanto, diferentemente de hoje, ele era vigiado e controlado por religiosos e moralistas, pelas autoridades governamentais e elites, por médicos e juristas. Era regulado por regras sociais claras, fixas e rígidas que regulamentavam e orientavam a vida afetivo-sexual, restringiam a liberdade individual e as possibilidades de satisfação sentimental e sexual. Na atualidade, não existe um modelo amoroso dominante que seja imposto sobre todos ou um discurso que pretenda unificar as várias práticas afetivo-sexuais. Não há um projeto social amplo, a ser construído em longo prazo, e no qual as práticas amorosas se encaixem. O que há são projetos ou perspectivas mais individuais orientados, sobretudo, para o bem-estar e o prazer próprios alcançados, preferencialmente, em curto prazo. Assim sendo, o indivíduo se torna o único ou o principal regulador de suas práticas afetivo-sexuais, o que dá a ele uma grande liberdade para experimentá-las e gerenciá-las. No entanto, sendo o indivíduo o legislador da relação amorosa, ele precisará negociar constantemente com o outro se o objetivo de ambos for prolongar o relacionamento.



Se de um lado o fato de o relacionamento amoroso ser auto-regulamentado, contextual e pragmático, ter um contrato flexível possibilita ao indivíduo ter mais liberdade e oportunidades de obtenção de prazer, de realização das próprias expectativas, de outro, ele cria um campo amoroso instável. Neste, as certezas são sempre provisórias e precisam ser re-afirmadas e comprovadas constantemente com palavras e, principalmente, com atitudes. Para alguns, a instabilidade e a incerteza – ou certezas provisórias e frágeis – não se constituem em um problema, inclusive porque muitos destes, como os jovens entrevistados, não viveram em contexto diferente, no qual a estabilidade das relações amorosas fosse freqüente e mais fácil de acontecer. Para outros, elas provocam insegurança e fazem com que eles se sintam mais vulneráveis. De qualquer modo, todos eles precisam aprender a lidar com este quadro. E, eles o fazem seja se abstendo de encontros amorosos, seja flutuando por relações superficiais e descomprometidas com o outro, seja buscando manter um relacionamento mais fixo e estável, e nele praticando a "arte" da discussão e da negociação com o outro. Porém, para que eles possam colocar em prática esta "arte" eles precisam incrementar a "comunicação".

Na pesquisa, foi surpreendente saber dos problemas que giram em torno da questão do "falar". E aí, talvez, constitua-se um paradoxo da vida sob condições pós-modernas. De um lado há uma forte ênfase na necessidade da "conversa" para o bom andamento do relacionamento, para que os parceiros consigam ajustá-lo ou encaminhá-lo de algum modo. Por outro, vê-se vários jovens se queixarem da falta de comunicação, do silêncio e do sumiço do outro, da dificuldade em se falar daquilo que está sentindo, pensando e querendo, da conversa truncada. Pensamos que a questão do "falar" remete a uma outra que é a do "escutar", querer saber do outro, ocupar-se e preocupar-se com o outro. Aí cabe perguntar o lugar em que o outro é colocado pelo indivíduo. A partir da análise das entrevistas, conforme procuramos mostrar, este lugar oscila entre a onipotência e o desrespeito. Muitas vezes o outro é responsabilizado, é percebido como aquele de quem depende a manutenção da relação, a fidelidade do indivíduo, o seu interesse por aprofundar o relacionamento e se comprometer mais intensamente. Tantas outras vezes o outro é visto como um instrumento, meio de acesso à auto-realização, à auto-satisfação, ao prazer próprio.

Esta discussão coloca em cena um elemento fundamental e onipresente nos discursos dos jovens, o respeito. Respeito à diferença, às escolhas de cada um, à dignidade e à integridade/totalidade do outro. Tendo em vista o que os jovens narraram e as análises relacionadas à indiferença e à (in)tolerância acreditamos ser necessário aprofundar este debate e expandi-lo. Como alguns entrevistados disseram, a questão do (des)respeito permeia não somente as práticas afetivo-sexuais, mas, de modo mais amplo, as relações humanas forjadas na atualidade. Geralmente estamos habituados a ouvir falar de injustiça, indiferença e desrespeito entre aqueles pertencentes a raças, credos religiosos, classes sociais e grupos distintos. O que surpreende aqui é verificar que inúmeras vezes estes são elementos presentes entre os pares, os amigos, os amantes, os parceiros amorosos. Não que isto seja algo totalmente novo, mas as suas frequência, extensão e intensidade são inquietantes. Talvez uma via de transformação deste quadro seja colocar em debate o amor, os relacionamentos amorosos. Conforme afirmamos anteriormente, muito se tem discutido sobre as práticas sexuais, as doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez precoce, mas e a relação amorosa propriamente dita (cf. p. 146)? Talvez se fossem criados fóruns onde este tema fosse debatido algumas das dificuldades do convívio com o outro poderiam ser minimizadas ou, ao menos, melhor compreendidas. Mas, para isso acontecer, é necessário que o indivíduo se disponha a falar, a escutar e a pensar de modo reflexivo e autônomo.

Na construção desta tese algumas questões que até então não haviam sido priorizadas tomaram uma outra dimensão em função do material estudado, das idéias e sugestões tidas. A noção de amor é uma delas. Inicialmente pretendíamos analisar os relacionamentos amorosos nos concentrando em suas práticas e expectativas. Porém, tornou-se difícil pensar sobre elas sem antes nos perguntarmos de qual amor falávamos, qual era a concepção de amor que estava por trás destas práticas e expectativas, que era expressa por elas. Procuramos responder a esta questão, primeiro, percorrendo a história recente do amor e, segundo, perguntando aos jovens entrevistados. A partir da primeira fonte, pode-se dizer que hoje há diferentes amores – tais como o amor-paixão, o amor sexual, o amor romântico e o amor romântico domesticado – que muitas vezes se alternam, se alteram e se misturam formando um campo amoroso sincrético.

Da segunda fonte se extrai uma concepção de amor pragmático e contextual. O amor acontece a partir de um conjunto de fatores (na convivência) que o torna possível.

A sua manutenção depende fundamentalmente do grau de satisfação individual, das palavras e atitudes que são ditas e tomadas cotidianamente pelos parceiros amorosos. É um amor mais racional no sentido de levar em consideração o exterior para a sua existência e permanência. A imagem de um amor que tudo resiste, tudo supera, a tudo sobrevive está bastante distante da vida destes jovens, dificilmente aparece em seus discursos, mesmo que seja na forma de um mito ou de um sonho. Segundo eles, amor é um sentimento muito forte, profundo, construído *no e pelo* relacionamento com o outro. Ele aproxima duas pessoas e faz com que elas queiram estar juntas, o que será feito enquanto ambos tiverem suas expectativas e necessidades satisfeitas. Isto não significa que todas elas precisem ser realizadas e nem de uma única e exclusiva maneira. Da parte de cada um, se o objetivo é permanecer junto ao outro, há uma certa plasticidade e flexibilidade que viabiliza mudanças necessárias ao ajuste da relação. Para que isso aconteça serão necessárias discussões e negociações, porém é de extrema importância que os indivíduos não permaneçam somente no discurso, é necessário que eles se voltem para a ação, que eles tomem atitudes concretas a fim de fazer acontecer o que foi ajustado.

Além da noção de amor, a questão do gênero também surgiu ao longo do trabalho sem que a tivéssemos priorizado anteriormente. Conforme enfatizamos na tese, nossa intenção em momento algum foi a de fazer uma análise a partir do gênero, embora tenhamos consciência da importância desta e das diferenças referentes à vida afetivo-sexual de homens e mulheres. Procuramos apontar para algumas destas diferenças, contudo, queríamos ressaltar e pensar sobre aspectos do relacionamento amoroso que não podem ser restringidos a elas. Há um ponto que nos chamou mais atenção, que discutimos brevemente, mas que acreditamos ser um tema para trabalhos futuros. Trata-se do papel da mulher nas transformações do campo amoroso e sexual. Até onde pudemos chegar, a atuação da mulher se mostrou ser fundamental para que outras práticas amorosas e sexuais fossem forjadas, que o sentimento amoroso fosse valorizado, que as relações amorosas se tornassem mais igualitárias. E, também, que elas ganhassem maior instabilidade posto que hoje mais dificilmente as mulheres aceitam abrir mão de seus projetos individuais, de suas possibilidades de auto-satisfação e auto-realização, as quais comportam outras dimensões da vida para além da amorosa. Paralelamente ao papel da mulher, o papel do homossexual também foi importante para

as transformações do campo amoroso e sexual. Apesar de não termos investigado esta atuação – em função dos limites do presente trabalho –, ao lado da mulher, o homossexual lutou pelo direito de ter a sua liberdade de escolha amorosa e sexual garantida e respeitada, e forjou outras práticas afetivo-sexuais.

Ainda uma outra sugestão de tema para trabalhos futuros que citamos – e que surgiu especificamente da pesquisa de campo – se refere ao impacto da vida amorosa e sexual parental sobre os filhos assim como a destes sobre os pais. Como mencionamos no texto, muitos jovens falaram de valores, ideais ou comportamentos dos pais no que se refere à vida familiar e conjugal. Alguns citaram atitudes do pai e/ou da mãe afirmando serem – ou não – exemplos a seguir. A duração do casamento, a capacidade de viver junto por um longo tempo, o amor existente entre os pais, a transformação do amor em amizade, as tentativas do casal de manter o interesse sexual recíproco, o cuidado com a gerência da vida familiar e o desgaste do casamento por causa de problemas relacionados aos filhos e às finanças foram aspectos referidos por alguns entrevistados. Estes aspectos expressam alguns dos inúmeros fatores que interferem na vida afetivo-sexual e algumas das questões com as quais os jovens se deparam em suas relações, tais como a estabilidade/instabilidade, a *longue durée*, o tempo presente e as satisfações sentimental e sexual. Acreditamos que as interseções e as diferenças entre as expectativas e as práticas amorosas e sexuais de pais e filhos podem ser outro campo de investigação profícuo que ajude a entender a complexidade das relações amorosas da pós-modernidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max (1985). A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; pp. 113-156.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (1996). Masculino/Feminino: Tensão Insolúvel – Sociedade Brasileira e Organização da Subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & TRACY, Kátia Maria de Almeida (2003). Noites Nômades: Espaço e Subjetividade nas Culturas Jovens Contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco.
- ARAÚJO, Maria de Fátima (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. Psicologia: Ciência e Profissão, Conselho Federal de Psicologia, nº 2, pp. 70-77.
- ARIÈS, Philippe (1987). O amor no casamento. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (orgs.). Sexualidades Ocidentais. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense; pp. 153-162.
- ARREGUY, Marília Etienne & GARCIA, Claudia Amorim (2001). A ausência de ciúme: notas sobre consumo de amor. Trabalho apresentado no VI Fórum Brasileiro de Psicanálise, São Leopoldo, Rio Grande do Sul; Julho. [Original cedido pelas autoras].
- BADINTER, Elisabeth (1986). L'Un Est L'Autre – Des Relations entre Hommes et Femmes. Le Livre de Poche.
- BAGOT, Jean-Didier (1996). Information, Sensation et Perception. Paris: Armand Colin.
- BAUMAN, Zygmunt (1998). O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_ (1999a). Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_ (1999b). Globalização: As Conseqüências Humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BARBOSA, Livia (1992). O Jeitinho Brasileiro: A Arte de Ser mais Igual que os Outros. Rio de Janeiro: Campus.

- BÉJIN, André (1987). O casamento extraconjugal dos dias de hoje. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (orgs.). Sexualidades Ocidentais. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense; pp. 183-193.
- BIRMAN, Joel (2000). Mal-estar na Atualidade: A Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BOFF, Clodovis (1995). Maria na Cultura Brasileira: Aparecida, Iemanjá e Nossa Senhora da Libertação. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BRUNO, Fernanda (1997). Do Sexual ao Virtual. São Paulo: Unimarco Ed.
- CAMPBELL, Colin (2001). A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno. Rio de Janeiro: Rocco.
- CANCLINI, Néstor García (2000). Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 3ª ed. São Paulo: EDUSP.
- CARDOSO, Sérgio (1988). Paixão da igualdade, paixão da liberdade: a amizade em Montaigne. In: CARDOSO, Sérgio et al. Os Sentidos da Paixão. São Paulo: Companhia das Letras; pp. 159-194.
- CARNEIRO, Cristiana (2002). Tempo e Destino no Contemporâneo: Uma Leitura do Sujeito através da Adolescência. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, UFRJ. Orientadora: Lucia Rabello de Castro.
- CASTRO, Lucia Rabello de (1998) (org.). Infância e Adolescência na Cultura do Consumo. Rio de Janeiro: NAU.
- \_\_\_\_\_ (2001). Crianças, jovens e cidades: vicissitudes da convivência, destinos da cidadania. In: CASTRO, Lucia Rabello de (org.). Subjetividade e Cidadania: Um Estudo com Crianças e Jovens em Três Cidades Brasileiras. Rio de Janeiro: 7Letras; FAPERJ; pp. 113-156.
- CHAVES, Jacqueline Cavalcanti (1995). Algumas considerações sobre o amor nos anos 90. Cadernos de Psicanálise, Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, nº 9, pp. 89-100.
- \_\_\_\_\_ (2001a). "Ficar Com" - Um Novo Código entre Jovens. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revan.
- \_\_\_\_\_ (2001b). Amor e ódio nos relacionamentos afetivos da contemporaneidade. In: CARDOSO, Marta Rezende (org.). Adolescência: Reflexões Psicanalíticas. Rio de Janeiro: NAU; FAPERJ; pp. 125-140.

- \_\_\_\_\_ (2001c). Da violência à busca de maior equanimidade – Relato de uma experiência de trabalho. In: CASTRO, Lucia Rabello de (org.). Subjetividade e Cidadania: Um Estudo com Crianças e Jovens em Três Cidades Brasileiras. Rio de Janeiro: 7Letras; FAPERJ; pp. 157-177.
- CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal & PEREIRA, Ray (2002). Pulsações contemporâneas do desejo: paixão e libido nas salas de bate-papo virtual. Psicologia: Ciência e Profissão, Conselho Federal de Psicologia, nº 1, pp. 38-49.
- COMTE-SPONVILLE, André (2000). L'Amour La Solitude. Paris: Albin Michel.
- COSTA, Jurandir Freire (1979). Ordem Médica e Norma Familiar. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_ (1997). A felicidade de dois tostões. Democracia Viva, ano I, nº 1, pp. 94-99, Novembro.
- \_\_\_\_\_ (1998). Sem Fraude Nem Favor: Estudos sobre o Amor Romântico. Rio de Janeiro: Rocco.
- \_\_\_\_\_ (1999). Razões Públicas, Emoções Privadas. Rio de Janeiro: Rocco.
- COUTINHO, Luciana Gageiro (2002). Ilusão e Errância: Adolescência e Laço Social Contemporâneo na Interface entre a Psicanálise e as Ciências Sociais. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, PUC-Rio. Orientadora: Claudia Amorim Garcia.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias (1999). O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). Sexualidade: O Olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; pp. 21-30.
- DUBY, Georges et al. (1991). Amour et Sexualité en Occident. Paris: Le Seuil, col. "Points Histoire".
- DURKHEIM, Émile (1996). As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Martins Fontes.
- EAGLETON, Terry (1998). As Ilusões do Pós-Modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ESTEVEZ, Martha de Abreu (1989). Meninas Perdidas: Os Populares e o Cotidiano do Amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda (1999). Novo Aurélio Século XXI. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FIGUEIRA, Sérvulo A. (1987). O "moderno e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, Sérvulo A. (org.). Uma Nova Família? O Moderno e o Arcaico na Família de Classe Média Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; pp.11-30.
- FREUD, Sigmund (1930 [1980]). O mal-estar na civilização. E.S.B., 21.
- GAY, Peter (1990). A Paixão Terna. São Paulo: Companhia das Letras.
- GIANNETTI, Eduardo (2002). Felicidade: Diálogos sobre o Bem-Estar na Civilização. São Paulo: Companhia das Letras.
- GIDDENS, Anthony (1991). As Conseqüências da Modernidade. São Paulo: UNESP.
- \_\_\_\_\_ (1993). A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor & Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo: UNESP.
- GUATTARI, Félix (1985). Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. Espaço e Debates, ano V, nº 16, pp. 109-120.
- HALL, Stuart (2001). A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- HELLER, Agnes & FEHÉR, Ferenc (1998). A Condição Política Pós-Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- INCAO, Maria Angela D' (1989). O amor romântico e a família burguesa. In: INCAO, Maria Angela D' (org.). Amor e Família no Brasil. São Paulo: Contexto; pp.57-71.
- JAMESON, Fredric (1993). O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. Ann (org.). O Mal-Estar no Pós-Modernismo: Teorias e Práticas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; pp. 25-44.
- \_\_\_\_\_ (2000). Pós-Modernismo – A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. 2ª ed. São Paulo: Ática.
- KUMAR, Krishan (1997). Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: Novas Teorias sobre o Mundo Contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LAFONT, Hubert (1987). As turmas de jovens. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (orgs.). Sexualidades Ocidentais. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense; pp. 194-209.



- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1983). Vocabulário de Psicanálise. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- LEJARRAGA, Ana Lila (1995). Paixão e amor em nossa cultura. Cadernos de Psicanálise, Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, nº 9, pp. 75-87.
- \_\_\_\_\_ (2002). Paixão e Ternura: Um Estudo sobre a Noção do Amor na Obra Freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ.
- LIPOVETSKY, Gilles (1983). A Era do Vazio – Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água.
- \_\_\_\_\_ (2000). A Terceira Mulher: Permanência e Revolução do Feminino. São Paulo: Companhia das Letras.
- LUHMANN, Niklas (1991). O Amor como Paixão – Para a Codificação da Intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MACRAE, Edward (1990). A Construção da Igualdade: Identidade Sexual e Política no Brasil da Abertura. Campinas, SP: UNICAMP.
- MAFFESOLI, Michel (2000). O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_ (2001). Sobre o Nomadismo: Vagabundagens Pós-Modernas. Rio de Janeiro: Record.
- MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia (1998). Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). História da Vida Privada no Brasil; 3. São Paulo: Companhia das Letras; pp. 367-421.
- MANCEBO, Deise (2002). Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. Psicologia: Ciência e Profissão, Conselho Federal de Psicologia, nº 1, pp. 100-111.
- MATOS, Marlise (2000). Reinvenções do Vínculo Amoroso: Cultura e Identidade de Gênero na Modernidade Tardia. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.
- MENEZES, Lená Medeiros de (1998). *Dancings* e cabarés: trabalho e disciplina na noite carioca (1937-1950). In: BRUSCHINI, Cristina e BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (orgs.). Horizontes Plurais: Novos Estudos de Gênero no Brasil. São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Ed. 34; pp. 249-280.
- MILAN, Betty (1999). E o que é o Amor? Rio de Janeiro: Record.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (1999). Fala, Galera: Juventude, Violência e Cidadania na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond.
- MORAES, Dênis de (2001). O Concreto e o Virtual: Mídia, Cultura e Tecnologia. Rio de Janeiro: DP&A.
- MORIN, Edgar (1990). Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MULLER, Elizabeth Cruz (1993). Sexualidade em crise? Anuário Brasileiro de Psicanálise/92.93. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, pp. 26-28.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (1998). Na Malha da Rede: Os Impactos Íntimos da Internet. Rio de Janeiro: Campus.
- PALOMINO, Erika (1999). Babado Forte: Moda, Música e Noite na Virada do Século 21. São Paulo: Mandarin.
- PARKER, Richard G. (1991). Corpos, Prazeres e Paixões – A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo. São Paulo: Best Seller.
- PESSANHA, José Américo Motta (1988). Platão: as várias faces do amor. In: CARDOSO, Sérgio et al. Os Sentidos da Paixão. São Paulo: Companhia das Letras; pp. 77-103.
- PLATÃO (1999). O Banquete. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- PORTO, Sérgio Dayrell (1999) (org.). Sexo, Afeto e Era Tecnológica: Um estudo de Chats na Internet. Brasília: UnB.
- REZENDE, Claudia Barcellos (2002). Os Significados da Amizade: Duas Visões de Pessoa e Sociedade. Rio de Janeiro: FGV.
- RIBEIRO, Renato Janine (1988). A paixão revolucionária e a paixão amorosa em Stendhal. In: CARDOSO, Sérgio et al. Os Sentidos da Paixão. São Paulo: Companhia das Letras; pp. 417-434.
- ROLNIK, Suely (1997a). Toxicômanos de identidade – Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel S. (org.). Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades. Campinas/SP: Papirus; pp. 19-24.
- \_\_\_\_\_ (1997b). Uma insólita viagem à subjetividade – Fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel S. (org.). Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades. Campinas/SP: Papirus; pp. 25-34.

- ROUANET, Sérgio Paulo (1988). Razão e paixão. In: CARDOSO, Sérgio et al. Os Sentidos da Paixão. São Paulo: Companhia das Letras; pp. 437-467.
- ROUDINESCO, Elisabeth (2000). Por Que a Psicanálise? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ROUGEMONT, Denis de (2003). A História do Amor no Ocidente. 2ª ed. São Paulo: Ediouro.
- RUSHKOFF, Douglas (1999). Um Jogo Chamado Futuro: Como a Cultura dos Garotos Pode nos Ensinar a Sobreviver na Era do Caos. Rio de Janeiro: Revan.
- SAUNDERS, Nicholas (1996). Ecstasy e a Cultura Dance. São Paulo: Publisher Brasil.
- SEVCENKO, Nicolau (1998). O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). História da Vida Privada no Brasil: 3. São Paulo: Companhia das Letras; pp. 7-48.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn (2000). Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes.
- SIMMEL, Georg (1902 [1967]). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). O Fenômeno Urbano. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; pp. 13-28.
- \_\_\_\_\_ (1993). Filosofia do Amor. São Paulo: Martins Fontes.
- SOUZA, Neusa Santos (1998). O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAI, Caterina (org.). O Estrangeiro. São Paulo: Escuta/FAPESP; pp. 155-163.
- TRIGO, Maria Helena Bueno (1989). Amor e casamento no século XX. In: INCAO, Maria Angela D' (org.). Amor e Família no Brasil. São Paulo: Contexto; pp.88-94.
- VAITSMAN, Jeni (1994). Flexíveis e Plurais: Identidade, Casamento e Família em Circunstâncias Pós-Modernas. Rio de Janeiro: Rocco.
- VELHO, Gilberto (org.) (1999). Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- VIDAL, Diana Gonçalves (1998). Sexualidade e docência feminina no ensino primário do Rio de Janeiro (1930-1940). In: BRUSCHINI, Cristina e BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (orgs.). Horizontes Plurais: Novos Estudos de Gênero no Brasil. São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Ed. 34; pp. 281-313.

WEINRICH, Harald (2001). Lete: Arte e Crítica do Esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

### **Jornal e Revista**

Capricho – Especial (s/d). Livro do namoro – Do começo ao fim: Tudo o que você precisa saber; Edição nº 2 – 914-A.

CEZIMBRA, Marcia (2003). Prontidão afetiva. O Globo – Jornal da Família. 06 de Abril, pp. 1-2.

KOSTMAN, Ariel (2003). As mulheres e o sexo casual. Veja, ano 36, nº 10, pp. 96-97; 12 de Março.

LESSA, Jefferson & CEZIMBRA, Marcia (2003). Os tribalistas. O Globo – Jornal da Família. 23 de Fevereiro, pp. 1-2.

NARDI, Antonio Egidio (2000). Fobia social – a timidez patológica. Ciência Hoje, 160, pp. 16-20, Maio.

O Globo (2001). Uma em cada dez crianças sofre de distúrbios mentais nos EUA; 04 de Janeiro, p. 28.

Veja – Edição Especial (2003). Jovens; Edição Especial nº 24, Agosto.

## APÊNDICE

### Os Jovens Entrevistados

**ÂNGELA** – 23 anos; mora na Barra da Tijuca; está se formando em Odontologia por uma universidade particular; namora há um ano e dez meses. Há seis meses o namorado está morando em outro Estado e eles se encontram em fins-de-semana e feriados. Antes da atual relação teve um outro namoro de seis anos que começou quando ela tinha aproximadamente 14 anos de idade. Foi "um namoro de longe" já que o namorado morava em outro Estado e eles se viam somente em feriados e férias. Após o término deste, ficou solteira durante, mais ou menos, dois anos. Neste tempo teve alguns namoros que duraram semanas ou meses – "nada substancial" –, e costumava sair para se divertir, "ficava", e não queria muito compromisso. Pensou em casar tanto com o primeiro namorado quanto com o atual.

**BIANCA** – 19 anos; mora em Laranjeiras; estuda Música em uma universidade pública; não está namorando embora "queira se envolver" (amorosamente). Já "ficou", ficou "ficando", mas nunca namorou, apesar de já ter tido vontade. Queria ter namorado algumas pessoas com quem ficou "ficando", e, segundo ela, isto não aconteceu por causa do outro – um porque não morava no Rio, outro porque ainda estava muito envolvido afetivamente com a ex-namorada.

**CLÁUDIA** – 20 anos; mora na Gávea; estuda Direito em uma universidade particular; trabalha como gerente de apoio em uma loja de roupa feminina; não está namorando, mas gostaria de estar. Seu último relacionamento aconteceu no começo do ano (2003). Foi um "rolo" (ficar "ficando") que durou um mês.

**DÉBORA** – 20 anos; mora em Botafogo; estuda Ciências Contábeis em uma universidade pública e faz estágio na própria universidade; namora há dois anos e dez meses. Além do atual, já teve dois outros namorados. O primeiro namoro durou três meses mais um ano por correspondência e telefone, o segundo, nove meses. Um ano se passou entre o primeiro e o segundo namoro e, aproximadamente, três meses entre o segundo e o atual.

**EUNICE** – 20 anos; mora no Leblon; trabalha como vendedora em uma loja de roupa feminina; pretende começar um curso universitário em Moda no próximo semestre; não

está namorando. Já teve um namoro que durou dez meses. Separou-se, ficou solteira durante um mês, voltou para o ex-namorado, ficou por mais seis meses, terminou, depois "ficou com" ele algumas vezes, e terminou definitivamente, ao menos, a princípio, há uns cinco meses. Por enquanto não quer namorar.

**FABIANA** – 23 anos; mora em Laranjeiras; formada em Administração por uma universidade pública, faz pós-graduação em Marketing nesta mesma universidade; trabalha nas áreas de marketing e projetos em uma incubadora cultural; namora há três anos e três meses. Já teve três outros namorados. Durante uma época de sua vida procurou viver "aventuras", ter relações que fossem consideradas proibidas. Diferentemente de hoje, não costumava ser fiel.

**AUGUSTO** – 20 anos; mora em Botafogo; estuda Direito em uma universidade particular; não está namorando. Teve somente uma namorada quando estava com 14, 15 anos de idade. Este namoro durou aproximadamente quatro meses. Não namorou outras vezes porque não quis, porque queria manter sua liberdade. Nunca amou ou se apaixonou por alguém.

**BRUNO** – 22 anos; mora em Botafogo; estuda Geografia em uma universidade pública; não está namorando. Há mais ou menos um mês e meio terminou um namoro de um ano e três meses. Atualmente está "ficando" com duas pessoas. Está em um "momento de transição" (solteiro depois de namorar por mais de um ano) no qual não quer "criar nada sólido" (assumir um compromisso).

**CARLOS** – 25 anos; mora no Jardim Botânico; trabalha como consultor em tecnologia da informação; não está namorando. Há dois anos está solteiro. Teve aproximadamente umas cinco namoradas cujas relações duraram, cada uma delas, mais ou menos um ano.

**DANIEL** – 19 anos; mora em Copacabana; estuda Economia em uma universidade particular; trabalha na empresa do pai em uma parte administrativa; namora há um mês. Já teve uma outra namorada durante quatro ou cinco meses.

**ERNESTO** – 21 anos; mora em Laranjeiras; trabalha como percussionista em uma Oficina de Repercussão; fazia um curso técnico em Desenho Gráfico, mas parou; não está namorando. Terminou há três ou quatro meses um namoro de três meses. Teve um "namoro infantil" que durou dos 9 aos 14 anos de idade. Dos 16 aos 19 anos ficou

"meio que isolado", "sem 'ficar com' ninguém", "sem dá um beijo na boca". Deseja ter uma relação mais "profunda".

**FÁBIO** – 20 anos; mora na Gávea; estuda Economia em uma universidade particular; não está namorando. Nunca namorou. Não costuma "ficar" muito.

---